



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Yasmin do Nascimento Viana

**Inspirações e autorias nas criações das *fanfics* na Cibercultura**

Duque de Caxias

2024

Yasmin do Nascimento Viana

**Inspirações e autorias nas criações das *fanfics* na Cibercultura**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosemary dos Santos

Duque de Caxias

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

V614  
Tese

Viana, Yasmin do Nascimento  
Inspirações e autorias nas criações das fanfics na cibercultura. /  
Yasmin do Nascimento Viana - 2024.  
219 f.

Orientador(a): Rosemary dos Santos.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada  
Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Fanfiction - Teses. 2. Cibercultura - Teses. 3. Ciberpesquisa-  
formação – Teses. 4. Cotidianos – Teses. I. Viana, Yasmin de  
Nascimento. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 007:008

Bibliotecária: Ana Paola Araujo – CRB7/6387

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Yasmin do Nascimento Viana

**Inspirações e autorias nas criações das *fanfics* na Cibercultura**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação.

Aprovada em 19 de março de 2024.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosemary dos Santos (Orientadora)  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciana Velloso  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Carmen Pimentel  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Aristóteles Berino  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2024

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos estudantes da Turma CN 1001 do ano de  
2022 do Colégio Estadual Arruda Negreiros.

## AGRADECIMENTOS

A Deus e aos orixás que me protegem. Em especial a Oxum, que não deixou a minha *coroa cair*, a Omulu, que aliviou minhas dores durante esse processo e a Seu Zé Pilintra, que me deu a malandragem de fazer essa pesquisa acontecer.

A minha mãe, Verinha, por tanto me apoiar durante a minha formação, emocionalmente, espiritualmente e de tantas outras formas que se possa imaginar. Ao meu pai, Wanderley, por me acompanhar nas aulas presenciais quando eu ainda não tinha segurança em sair sozinha, após um longo período de isolamento, entre outras formas de apoio. Ao meu namorado, Diego, pelo companheirismo, por sempre me apoiar em todos os meus sonhos e projetos e por fazer a tradução profissional do resumo desta dissertação. A minha gata Heloá, que cuida tanto de mim, mais do que cuido dela. Todos vocês, citados acima, constituem minha rede de apoio.

A Rosemary dos Santos, que, além de orientadora desta pesquisa, se mostrou uma grande amiga. Assim como me guiou a fazer uma bela pesquisa, com diversos ensinamentos epistemológicos e de vida, me estendeu a mão em tantos momentos difíceis que passei, mesmo quando o assunto fugia de sua *tarefa* como orientadora. Obrigada por acreditar na minha potência e ter visto em mim, mesmo com as minhas limitações, a pesquisadora que eu sou.

A Carmen Pimentel, Aristóteles Berino e Luciana Velloso, que constituíram uma banca com tantos significados para mim. São educadores que tanto me inspiram a também sermos implicados com as nossas práticas, a tornar belas as nossas ações para além dos escritos acadêmicos. Nessa pesquisa, há um pouquinho de cada um de vocês.

Ao Grupo de Pesquisa Educação e Cibercultura (EduCiber), pela união e cumplicidade em cada passo dado ao lado de vocês. É tão gratificante estar em um lugar em que não há competição interna, apenas pessoas dispostas a colaborar com as pesquisas em Educação em um contexto *ciber*.

Aos professores, estudantes e gestão do PPGECC/UERJ, pelos momentos juntos, seja presencialmente ou através das janelas do remoto, por tornarem possível a existência de um programa de Pós-Graduação com o qual tanto me identifico.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pelo financiamento e confiança em minha pesquisa.

Aos estudantes do Colégio Estadual Arruda Negreiros (CEAN), sua equipe pedagógica e a Professora Maria de Fátima (Fatinha), pelo acolhimento e pela recepção tão calorosa com a nossa pesquisa. Por alguns meses, pude voltar a ser estudante deste colégio, mas de uma forma diferente: agora como '*professorapesquisadora*'.

A todos os fãs que escrevem e leem *fanfics* nas redes, que colaboraram indiretamente com essa pesquisa, que constituíram o atual significado das *fanfics* que trago aqui.

## RESUMO

VIANA, Yasmin do Nascimento. **Inspirações e autorias nas criações das *fanfics* na Cibercultura**. 2024. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2024.

Esta dissertação de mestrado, chamada *Inspirações e autorias nas criações das fanfics na Cibercultura*, tem como objetivo compreender o gênero literário *fanfic* como práticas de autorias entre fãs no contexto da Cibercultura. Para isso, trazemos as seguintes questões de pesquisa: Como os fãs estão produzindo *fanfics* atualmente? Quais práticas metodológicas são apropriadas para quem pesquisa *fanfics*? Como as *fanfics* podem criar redes de autorias entre os estudantes? É na busca de dessas compreensões que optamos como metodologia a bricolagem da ciberpesquisa-formação com os cotidianos. Buscamos estudar *sobre os cotidianos* desses fãs e os ‘*conhecimentossignificações*’ criados por eles. O nosso campo de pesquisa foi uma escola da Rede Pública Estadual do Rio de Janeiro, situada em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Temos como ‘*praticantespensantes*’ desta pesquisa jovens estudantes do primeiro ano do Curso Normal (Formação de Professores) e a professora que lecionava a disciplina Língua Portuguesa e Literatura. Como dispositivos de pesquisa, optamos por criar o *site/aplicativo* Wattpad para a publicação das narrativas e suas respectivas leituras e comentários, assim como as rodas de conversa em que contamos sobre as nossas experiências nesta atividade. Para este estudo, trazemos um pouco do universo das *fanfics*, com detalhes sobre esses espaços de leitura entre fãs, os dialetos próprios desses ambientes, assim como um apanhado histórico do surgimento das *fanfics* no Brasil e no mundo. Nesta dissertação, compreendemos a necessidade do reconhecimento da leitura e da escrita de *fanfics* como um meio de aprendizagens diversas. Percebemos, aqui, que o significado de autoria se modifica constantemente nos ciberespaços frequentados pelos fãs e o quanto os fãs se inspiram através de seus ídolos e obras admiradas, mas também como se inspiram em si mesmos para suas criações. Nossa pesquisa nos revela como as juventudes escrevem, mas em espaços ainda desconhecidos por muitos educadores e escolas que ainda seguem um modelo hegemônico de leitura e escrita. É na compreensão das práticas culturais das juventudes que encontramos meios de criarmos uma *educação outra*, que seja interessante, também, para as novas gerações que ocupam os espaços escolares na atualidade.

Palavras-chave: *Fanfiction*, Cibercultura, Ciberpesquisa-formação, Cotidianos.



## ABSTRACT

VIANA, Yasmin do Nascimento. **Inspiration and authorship at fanfiction creation in Cyberculture**. 2024. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2024.

This master's degree thesis, called *Inspiration and authorship at fanfiction creation in Cyberculture*, has the goal of understanding the fanfiction literary genre as authorship practices among fans in the context of Cyberculture. For that we bring up the following questions in this research: how are fans making fanfictions nowadays? What methodological practices are appropriate for fanfiction researchers? How can *fanfictions* create authorship networks among students? It is seeking these understandings in which we opted for the bricolage of cyber-research-formation with everyday lives as a methodology. We seek to study the everyday lives of these fans and the '*knowledgessignifications*' created by them. Our case study was public Rio de Janeiro state school, located in Nova Iguaçu, in Baixada Fluminense. We have, as this research's '*practitionerthinkers*', young students of the first year of the Normal Course (teachers' formation) and the teacher who lectures Portuguese language studies and literature. As means of research, we opted to create the Wattpad site/*app* for posting the narratives and its respective readings and comments, as such as the discussion tables in which we discuss our experiences in this activity. For this study, we bring up a bit of the fanfiction universe, in details about these reading spaces among fans, the own dialects running in these places, as well as a little of the history behind the fanfiction scene in Brazil and the world. In this thesis, we understand the need of recognizing fanfiction reading and writing as a diverse learning way. We realize here, that, the meaning of authorship constantly changes in cyberspaces visited by fans and how they inspire themselves in their idols and favorite works, but how they also get inspired by themselves for their creations. Our research reveals how the youth writes, although in unknown spaces for a lot of educators and how schools still follow a hegemonic model of reading and writing. It is by comprehending the youth's cultural practices in which we find out new means of creating a *new education*, that can be interesting as well for the new generations attending school spaces nowadays.

Keywords: *Fanfiction*, Cyberculture, Cyber-research-formation, Everyday life.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Gêneros literários próprios das <i>fanfics</i> .....	57
Tabela 2 - ‘ <i>Praticantespensantes</i> ’ e suas autorias.....	81

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desfile que liderei representando a escola, que ocorreu no Centro do município de Nova Iguaçu.....	16
Figura 2 - Carteirinha de estudante do CEAN.....	17
Figura 3 - Registro feito ao final da realização da I Jornada de Língua Portuguesa, primeiro evento organizado pelo GEEDAI. ....	19
Figura 4 - Registro da banca da defesa da minha monografia para o curso de Pedagogia, com a orientadora Profa. Carmen Pimentel e os professores Aristóteles Berino e Fernando Vieira Peixoto Filho, em 2019.....	21
Figura 5 - Encontro presencial com o EduCiber durante o qual planejamos o I Seminário Educação na Ciberultura.....	23
Figura 6 - Captura de tela que traz um exemplo de trocas formativas entre os EduCibers através do aplicativo WhatsApp. ....	25
Figura 7 - Da esquerda para a direita, os cinco rapazes que compõem a banda: Nikolai Fraiture, Albert Hammond Jr, Nicholas “Nick” Valensi, Fabrizio Moretti e Julian Casablancas. ....	32
Figura 8 - Meme sobre a leitura de <i>fanfics</i> . ....	34
Figura 9 - Captura de tela de um vídeo na rede social TikTok onde a cantora Pabllo Vittar fala do seu <i>fandom</i> , os VittarLovers, em sua participação no programa Saia Justa, da GNT. ....	36
Figura 10 - Proposta publicada no Moodle para uma das aulas da disciplina. ....	41
Figura 11 - Espectadores do reality show Big Brother Brasil comentam sobre a expulsão de dois assediadores que participavam do programa após cobrança dos fãs em rede.....	46
Figura 12 - À esquerda, um exemplo de <i>fanart</i> , de autoria de Kisearu. À direita, está o personagem Bennett, do jogo Genshin Impact, que inspirou a criação de Kisearu. ....	48
Figura 13 - Página inicial do <i>site</i> Nyah! Fanfiction. ....	52
Figura 14 - Seção com aulas de Português no <i>site</i> Nyah! Fanfiction. ....	53
Figura 15 - Comentários na <i>fanfic</i> Sem Você, de tmjmylove. ....	54
Figura 16 - Lista de leitura com as histórias do Spirit Fanfics. ....	55
Figura 17 - As temáticas das <i>fanfics</i> mais populares no <i>site</i> Spirit Fanfics. ....	56
Figura 18 - As temáticas das <i>fanfics</i> mais populares no <i>site</i> Wattpad.....	57
Figura 19 - <i>Meme</i> que mostra alguém caracterizado de demônio tentando convencer alguém inocente a ler <i>fanfic</i> .....	62

Figura 20 - <i>Meme</i> que usa a imagem dos personagens do desenho animado Kim Possible para ironizar as temáticas das <i>fanfics</i> . .....	63
Figura 21 - Um dos trechos da <i>fanfic</i> Into The Time em que há conflito no linguajar dos personagens, por serem de épocas distantes. ....	65
Figura 22 - Simulação do espaço físico do Colégio Estadual Arruda Negreiros. ....	70
Figura 23 - Um dos quatro corredores de salas de aula da escola. ....	71
Figura 24 - Sala de informática da escola, com sua porta trancada. ....	72
Figura 25 - Primeira conversa com a direção da escola a respeito da nossa pesquisa, via mensagens do aplicativo WhatsApp. ....	73
Figura 26 - Lista de leitura intitulada <i>fanfic</i> criada no aplicativo do <i>site</i> Wattpad para <i>smartphones</i> como um teste para as nossas próximas andanças. ....	76
Figura 27 - Perfil no aplicativo Wattpad criado com a turma CN 1001. ....	78
Figura 28 - Fotografia que tiramos após realizamos uma roda de conversa juntos. Estão presentes na fotografia: Rhavi Dion, S4njiGay, Eniol e Yasmin. ....	80
Figura 29 - Representação do tipo de livro que descrevemos anteriormente. ....	88
Figura 30 - Representação do que é o leitor movente, inspirada na caracterização feita por Santaella (2004). ....	91
Figura 31 - Moça lendo em seu <i>smartphone</i> em uma área externa. ....	93
Figura 32 - Mapa mental dos perfis de leitores, segundo Santaella. ....	94
Figura 33 - Um dos desenhos de idealização da personagem Jessica Johnmother. ....	96
Figura 34 - Idealização dos álbuns da carreira fictícia de Jessica Johnmother. ....	97
Figura 35 - Cena de violência sexual no enredo da história de <i>tmjmylove</i> com mensagem de conscientização. ....	100
Figura 36 - Reação das leitoras após lerem a cena de estupro. ....	101
Figura 37 - Captura de tela do <i>site</i> Hits e Beats. ....	103
Figura 38 - Duas pessoas questionam, incrédulos, se a história que foi contada em um tópico no fórum Reddit é verdadeira. ....	111
Figura 39 - Um dia qualquer nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura. ....	116
Figura 40 - Publicação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro em reação ao Relatório da UNESCO. ....	122
Figura 41 - Exposição dos poemas. ....	124
Figura 42 - Poema exposto na Feira das Profissões. ....	125
Figura 43 - Levantamento das obras a serem escolhidas para criarmos as <i>fanfics</i> . ....	126

Figura 44 - Comunicado publicado por um professor na página oficial da escola na rede social Facebook.....	128
Figura 45 - Primeira página da <i>fanfic</i> Mulher Aranha, escrita por Rayssa. ....	130
Figura 46 - Segunda página da <i>fanfic</i> Mulher Aranha, escrita por Rayssa. ....	131
Figura 47 - Terceira página da <i>fanfic</i> Mulher Aranha, escrita por Rayssa.....	132
Figura 48 - Quarta página da <i>fanfic</i> Mulher Aranha, escrita por Rayssa. ....	133
Figura 49 - Quinta página da <i>fanfic</i> Mulher Aranha, escrita por Rayssa. ....	134
Figura 50 - Captura de tela do grupo da turma CN 1001 no WhatsApp. ....	135
Figura 51 - Orientações para a digitação das <i>fanfics</i> . ....	136
Figura 52 - Registro da Festa Junina realizada pela escola. ....	137
Figura 53 - Uma fotografia minha durante a organização da Festa Junina. ....	138
Figura 54 - Orientações para a publicação da <i>fanfic</i> no site Wattpad. ....	139
Figura 55 - Captura de tela do <i>site</i> Wattpad, exibindo o perfil da turma. ....	146
Figura 56 - <i>Fanfics</i> manuscritas que foram entregues nesta etapa da atividade.....	147
Figura 57 - Trecho inicial da <i>fanfic</i> O Mistério da Garota Russa, de TT_Loverr. ....	149
Figura 58 - Trecho final da <i>fanfic</i> O Mistério da Garota Russa, de TT_Loverr.....	150
Figura 59 - Comentário de S4njiGay.....	151
Figura 60 - Primeira página da versão manuscrita da <i>fanfic</i> Eu Gosto de Você, de S4njiGay. .....	152
Figura 61 - Segunda página da versão manuscrita da <i>fanfic</i> Eu Gosto de Você, de S4njiGay. .....	153
Figura 62 - Primeira parte da <i>fanfic</i> escrita por S4njiGay. ....	154
Figura 63 - Segunda parte da <i>fanfic</i> escrita por S4njiGay.....	156
Figura 64 - Terceira e última parte da <i>fanfic</i> escrita por S4njiGay. ....	157
Figura 65 - Versão manuscrita da <i>fanfic</i> Avenida 505, de Rhavi Dion.....	160
Figura 66 - Avenida 505, de Rhavi Dion, em sua versão para o Wattpad. ....	161
Figura 67 - Trecho inicial da <i>fanfic</i> de Elisa, intitulada Mulher Aranha - Um Crime No Tempo.....	162
Figura 68 - Trecho final da <i>fanfic</i> de Elisa, intitulada Mulher Aranha - Um Crime No Tempo.....	164
Figura 69 - Primeira página da versão manuscrita da <i>fanfic</i> de Sofia. ....	166
Figura 70 - Segunda e última página da versão manuscrita da <i>fanfic</i> de Sofia. ....	167
Figura 71 - Primeira parte da <i>fanfic</i> de Sofia publicada no Wattpad. ....	168

Figura 72 - Segunda parte da <i>fanfic</i> de Sofia publicada no Wattpad. ....	169
Figura 73 - Terceira parte da <i>fanfic</i> de Sofia publicada no Wattpad. ....	170
Figura 74 - Anotação feita no livro Vence-demanda: Educação e Descolonização, de Luiz Rufino. ....	171
Figura 75 - Comentário escrito por Lua na <i>fanfic</i> de Sofia no Wattpad. ....	172
Figura 76 - Primeira página da versão manuscrita da <i>fanfic</i> de Analu. ....	174
Figura 77 - Segunda página da versão manuscrita da <i>fanfic</i> de Analu. ....	175
Figura 78 - Trecho inicial da <i>fanfic</i> De Vilão Para Herói, de Analu. ....	177
Figura 79 - Trecho final da <i>fanfic</i> De Vilão Para Herói, de Analu. ....	178
Figura 80 - Primeira página da versão manuscrita da <i>fanfic</i> escrita pela estudante Lua. ....	179
Figura 81 - Segunda página da versão manuscrita da <i>fanfic</i> escrita pela estudante Lua. ....	180
Figura 82 - Trecho inicial da <i>fanfic</i> da estudante Lua, que foi publicada no Wattpad. ....	181
Figura 83 - Trecho final da <i>fanfic</i> da estudante Lua, que foi publicada no Wattpad. ....	182
Figura 84 - Comentário feito por Sofia na <i>fanfic</i> Cadê o Cascão?. ....	183
Figura 85 - Texto manuscrito de Edward Kenway. ....	185
Figura 86 - Publicação de Rayssa no <i>site</i> Wattpad. ....	187

## SUMÁRIO

	UMA <i>FANFIC</i> QUE VIROU <i>CANON</i> : TORNANDO REAL .....	15
	COMPREENDENDO AS CRIAÇÕES DE <i>FANFICS</i> NO BRASIL E NO MUNDO .....	26
1	SER MEMBRO NO CIBERESPAÇO: CONHECENDO AS <i>FANFICS</i> E OS FÃS .....	30
1.1	Os <i>fandoms</i> : onde nasce a escrita.....	34
1.1.2	O que mudou no <i>fandom</i> com a Cibercultura? .....	38
1.2	Onde as <i>fanfics</i> estão? Caminhando nos espaços de leitura e escrita criados pelos fãs.....	49
2	UMA <i>FANFIC</i> DE OUTRAS DISSERTAÇÕES TENDO OS <i>EDUCIBERS</i> COMO CÂNONES .....	60
2.1	Pesquisando com os cotidianos dos fãs em rede e nos formando com eles: uma ciberpesquisa-formação multirreferencial .....	65
2.2	Ser membro da escola: minha participação como ‘professorapesquisadora’ ..	69
3	CONHECENDO O PERFIL DOS LEITORES E ESCRITORES DAS <i>FANFICS</i> .....	85
3.1	Como eu me torno leitora? A postura cognitiva dos diferentes tipos de leitores .....	89
3.2	Como eu me torno autora? Os novos papéis de autoria na Cibercultura .....	95
4	LITERATURIZANDO A CIÊNCIA COM AS <i>FANFICS</i> NA ESCOLA .....	106
4.1	<i>Fanfics</i> do gênero <i>hot</i> : devemos nos envergonhar? .....	110
4.2	As máscaras caíram, e agora? Como recomeçar depois do isolamento?.....	114
4.3	Entre cópia e inspiração: o desenvolvimento da atividade .....	119
4.4	Alcançar a própria escrita: as escritas de <i>fanfics</i> possíveis .....	146
	APRENDER COM O <i>FANDOM</i> E DESAPRENDER DO CÂNONE: NOSSAS ÚLTIMAS PERCEPÇÕES (POR ENQUANTO...)	192
	REFERÊNCIAS .....	199
	ANEXO A – Carta de Anuência .....	206

<b>ANEXO B – Declaração de isenção de custos.....</b>	<b>207</b>
<b>ANEXO C – Termo de assentimento livre e esclarecido .....</b>	<b>208</b>
<b>ANEXO D – Termo de confidencialidade.....</b>	<b>210</b>
<b>ANEXO E – Termo de Consentimento de Livre Esclarecido (Para Maiores de Idade) .....</b>	<b>211</b>
<b>ANEXO F – Termo de Consentimento de Livre Esclarecido (Para Menores de Idade) .....</b>	<b>214</b>



## UMA *FANFIC* QUE VIROU *CANON*: TORNANDO REAL

*Tornando real  
Desatando nós que a distância fez  
Que confundem  
Fazem disso tudo um drama  
Pra nós dois como um  
Amor pixelado*

*Céu – Amor pixelado*

O título dessa seção faz referência a dois termos populares entre os fãs: *fanfic*, que é um tipo de texto criado por fãs a partir de obras que admiram e, por si, é a abreviação do termo *fanfiction*, que pode ser abreviada novamente por *fics*; e *canon*, ou cânone, que é um termo usado para simbolizar a história original que foi replicada. Quando se diz que uma teoria de fã se tornou *canon*, quer dizer que aquela especulação se tornou verdadeira com o decorrer do enredo original. Os fãs preferem usar esse termo em sua versão inglesa, apesar de haver uma tradução que também é popular no meio acadêmico. Irei contar como definimos essa pesquisa como um sonho a ser realizado e quais caminhos percorri para torná-lo real.

A curiosidade pelos usos das tecnologias já existia em mim desde criança, assim como temos percebido as crianças da atualidade cada vez mais interessadas nestes artefatos. Apesar disso, meu primeiro contato com um computador aconteceu quando eu tinha onze anos de idade, através de uma *LAN house*<sup>1</sup>. Nesse primeiro acesso, eu não sabia o que fazer na frente daquela tela. Acessei alguns sites que havia visto em propagandas de televisão, mas sentia que não estava usando o meu tempo com algo apropriado, o que ressalta a importância de não haver simplesmente uma inclusão digital na qual se saiba utilizar suas possibilidades e sim uma inclusão cibercultural (Santos, 2019, p.44-45), cuja qual é empregado sentido social em seu uso. Retornei à *LAN house* aos quatorze anos de idade, já decidida do que queria acessar: os famosos MSN e Orkut, que meus colegas tanto falavam, assim como *sites* de revistas adolescentes que eu gostaria de acompanhar.

A escola escolhida como meu campo de pesquisa também fez parte da minha formação: foi onde estudei desde a segunda série primária (Figura 1 e 2) ao primeiro ano do Ensino Médio na modalidade Normal (Formação de Professores) nesta escola situada em

---

<sup>1</sup> Espaços que disponibilizam acesso de acordo com o tempo pago para uso, muito populares nas periferias entre as décadas de 2000 e 2010, tendo sido usado como principal forma de acesso à Internet para aqueles que não possuíam condições financeiras de ter um computador pessoal conectado à rede.

Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Como uma criança/adolescente/jovem baixa visão, enfrentei diversos momentos de exclusão perante os meus colegas, que me viam como diferente e não entendiam a minha condição. Quando comecei a usar efetivamente a Internet e tive acesso às redes sociais, percebi essas redes, entre outras coisas, como um meio de ser vista pelos meus colegas como uma adolescente como eles: com gostos, costumes, paixões, motivações e fantasias semelhantes às deles. Com o intermédio das redes sociais, finalmente pude me aproximar dos meus colegas como gostaria e pude ser legitimada como parte deles.

Figura 1 - Desfile que liderei representando a escola, que ocorreu no Centro do município de Nova Iguaçu.



Fonte: Arquivo pessoal, 2003, cedido pela escola em 2008 após exposição comemorativa.

Figura 2 - Carteirinha de estudante do CEAN.



Fonte: Arquivo pessoal, 2008.

Deixei o Curso Normal ainda no primeiro ano por conta de outros conflitos misóginos com colegas, fato que me desmotivou a continuar os estudos. Com incentivo da minha mãe, estudei durante um tempo na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), no período noturno, como uma forma de continuar os estudos e mudar a situação que eu estava passando. Foi nessa época que ganhei meu primeiro computador, aos 16 anos de idade. Mesmo sendo antigo, com especificações inferiores para aquela época e com acesso à Internet de baixa qualidade<sup>2</sup>, esses recursos precários me permitiram conhecer o ciberespaço de forma mais profunda. Com melhor oportunidade de explorar *sites* e redes sociais utilizados entre fãs, encontrei as *fanfics* e, ainda como uma jovem leitora desse tipo de texto, eu já percebia a importância literária para o pequeno grupo que o consumia, o que me despertou maior interesse em pesquisá-lo academicamente também como educadora posteriormente.

Apesar de quase tropeçar em minha caminhada, eu mantive minha vontade de seguir na área da Educação. Com isso, prometi a mim mesma que voltaria para a área através do curso de Pedagogia. Ao concluir o Ensino Médio, comecei a trabalhar como auxiliar administrativo e recepcionista de eventos em um salão de festas próximo à minha casa, o que me motivou a iniciar uma graduação em Administração em uma instituição privada. Não demorou muito tempo para eu perceber que não me identificava com o ensino voltado para o viés capitalista, o que me motivou a trancar o curso e me preparar, de forma independente,

<sup>2</sup> Minha primeira conexão residencial à Internet foi através de um serviço paralelo prestado ao meu bairro naquele tempo, conhecido popularmente como “Gato Velox”, fazendo alusão a uma operadora de Internet oficialmente regulamentada naquela época, a Oi Velox. Apesar de a minha família não gostar de consumir serviços clandestinos, este era o único serviço de Internet disponível no meu bairro naquele tempo.

para a minha primeira prova do Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem, que é porta de entrada para boa parte das instituições públicas de ensino superior do nosso país.

Como estudante de baixa renda e de periferia, não tive acesso aos recursos que outros estudantes tiveram para a preparação para esta prova. Foi a minha escrita para a redação do Enem que impulsionou minha avaliação para o ingresso no curso de Pedagogia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto Multidisciplinar (UFRRJ/IM). Ao conversar com professores e colegas sobre isso, fui incentivada a ser pesquisadora na área da Educação. Naquele momento, eu já tinha em meu coração que queria pesquisar sobre a Educação no contexto da Cibercultura, mas ainda não sabia qual seria a minha proposta. Ingressei no curso motivada a atuar na educação básica, preferencialmente, na escola pública, considerando que fui estudante do ensino público durante toda a minha formação básica e durante toda a minha formação na área da Educação. O incentivo à produção científica se reforçou com o decorrer do curso, através dos diálogos com os professores, que também buscavam trazer uma estrutura acadêmica mais avançada na criação das nossas atividades.

No final do primeiro período do curso, soube da pesquisa da professora Carmen Pimentel sobre produção textual em rede e da sua vontade de relacionar a leitura e escrita de *fanfictions* à leitura dos clássicos da literatura brasileira no Ensino Médio. Assim foi criado o Grupo de Estudos sobre Escrita Digital em Ambientes Interativos (GEEDAI), Figura 3, junto com outros estudantes dos cursos de Pedagogia, História e Letras. Com o GEEDAI, pude conhecer melhor como funcionam as pesquisas acadêmicas e pude reafirmar meu desejo de pesquisar sobre a Cibercultura.

Figura 3 - Registro feito ao final da realização da I Jornada de Língua Portuguesa, primeiro evento organizado pelo GEEDAI.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Enquanto isso, quando iniciava o segundo semestre do curso, ingressei na disciplina optativa Paulo Freire na Contemporaneidade, ministrada pelo professor Aristóteles Berino no curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC/UFRRJ). Passei a relacionar a teoria freireana com as práticas literárias envolvendo as *fanfictions*, apesar de não termos utilizado a teoria de Freire nos estudos com o GEEDAI, o que motivou minha participação na disciplina como ouvinte por mais dois semestres letivos. Freire se tornou uma forte inspiração para a minha pesquisa, o que foi refletido na minha monografia, defendida em dezembro de 2019, e nas minhas produções seguintes. Também dialoguei com Aristóteles em um artigo que relacionamos um escrito de uma aluna da Baixada Fluminense com uma obra do pintor Henri Matisse (Berino; Viana, 2020), aproximando autorias femininas à obra de Paulo Freire.

Durante a graduação, fui monitora da disciplina Ensino de Matemática, lecionada pela Profa. Dra. Soraia Kindel, durante quatro semestres, período máximo permitido pelo edital de monitoria da UFRRJ. A defesa da minha monografia, Figura 4, demorou mais tempo do que o esperado: naquela época, minha acuidade visual havia se agravado, o que me fez passar por algumas cirurgias para impedir a perda total da visão. Na mesma semana da defesa, fiz uma outra cirurgia. Precisei recorrer às opções de acessibilidade do computador e celular, além de

ter contado com o leitor de livros digitais Kindle para melhorar minhas experiências de leitura, que são meus grandes aliados ainda hoje. Assim me organizei, com a ajuda de Carmen, para concorrer ao mestrado.

Cogitei concorrer ao processo seletivo do PPGECC, incentivada pela minha amiga Natacha Barbosa, que também pretendia concorrer à seleção, mas, por conta das incertezas sobre o cumprimento dos meus prazos para a formação, decidi concorrer apenas ao PPGEDUC, no qual fui aprovada, mas não fui classificada para o número de vagas disponível naquela seleção. Por ter chegado tão perto de ingressar, mas ainda precisar melhorar em algumas questões, Berino me convidou para integrar o seu grupo de pesquisa, que, posteriormente, se tornou o FRECON (Grupo de Pesquisa Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo), e eu pude dar continuidade à minha pesquisa relacionando-a à obra freireana.

Figura 4 - Registro da banca da defesa da minha monografia para o curso de Pedagogia, com a orientadora Profa. Carmen Pimentel e os professores Aristóteles Berino e Fernando Vieira Peixoto Filho, em 2019.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Ainda enquanto pesquisava com o GEEDAI, eu e o grupo tivemos vontade de trazer a pesquisa para a escola, mas, naquele momento, apenas conseguimos realizar a pesquisa entre os estudantes da UFRRJ/IM, seja através de questionário *online* ou de oficinas realizadas no campus. Naquele momento, eu já idealizava como seria essa pesquisa em uma determinada escola pública da qual fui aluna, já mentalizando qual seria o objetivo da minha pesquisa. Cerca de 5 anos após dar início a esse sonho de me tornar uma pesquisadora sobre Cibercultura, tive a oportunidade de concretizá-lo através do PPGECC, mas não imaginava que, nesse intervalo entre a conclusão do meu trabalho monográfico para o curso de Pedagogia e o ingresso na Pós-Graduação, aconteceria um evento digno de uma história de ficção científica: a pandemia de COVID-19.

No início do ano de 2020, ainda na véspera da chegada da pandemia da COVID-19 no Brasil, recém-formada no curso de Pedagogia, comecei a trabalhar na coordenação de uma escola técnica situada na Zona Norte do Rio de Janeiro, onde também atuei como professora de Língua Portuguesa em um dos cursos e como coordenadora do polo EAD de uma universidade particular vinculada à escola técnica, estando à frente de todos os processos educativos do polo, desde aplicação de provas a realização de matrículas, experiências que duraram poucos meses por conta da chegada da pandemia: a escola e a universidade tiveram que interromper suas atividades presenciais e, com isso, fui demitida do cargo.

O surgimento da pandemia, que assolou o nosso país em março de 2020, dizimando milhões de pessoas, e atualmente se encontra em situação menos crítica, conforme o avanço da vacinação contra o vírus, também prejudicou pessoas que não foram vítimas fatais ou não sofreram sequelas da doença: com a necessidade de isolamento físico<sup>3</sup>, muitas atividades presenciais tiveram de ser exercidas de forma remota, entre elas, o ensino. Com uma estrutura precária e com profissionais e estudantes despreparados para este uso naquele momento, muitas dificuldades foram enfrentadas. A escola com a qual esta pesquisa se desenvolveu exerceu o ensino remoto entre o primeiro trimestre de 2020 ao quarto trimestre de 2021, sendo opcional a participação presencial no final do ano de 2021, informação da qual eu já estava ciente antes de entrar no campo por conta de um familiar que se formava nessa escola naquele ano. A pesquisa se deu no contexto do retorno ao formato completamente presencial após quase dois anos letivos em formato remoto, fatores que nos atravessaram e não pudemos deixar de citar neste texto.

Com as implicações da pandemia, eram raras as vagas de emprego para educadores, assim como os concursos públicos entraram em suspensão. Foi um momento complicado e de pouca esperança para os educadores, em especial os que possuíam pouca experiência, como eu. Minha participação no FRECON serviu como inspiração para continuar a minha pesquisa, sendo até, de certo modo, reconfortante em muitos momentos. Outras questões foram surgindo em relação ao ensino remoto, que permaneceu como via única para a Educação durante muito tempo, trazendo outras questões para a Educação no contexto da Cibercultura.

---

<sup>3</sup> Optamos pelo uso deste termo em consideração a que, segundo Couto, Couto e Cruz (2020, p.206), “Em experiências de pandemias passadas ficar em casa era um se resguardar rigoroso e penoso. O nosso isolamento social em andamento na Pandemia da Covid-19 tem uma natureza distinta. Nossas casas já não nos isolam do mundo. Ao contrário, com os muitos recursos e meios de comunicação em rede, nossas casas se tornaram encruzilhadas eletrônicas [...]. Então, estar em casa, agora, significa circular aceleradamente pelos ambientes do ciberespaço. Desse modo, quando usamos a expressão isolamento social, na verdade, estamos nos referindo a isolamento físico”



Em 2021, começamos a criação do livro do FRECON, que conta com dois artigos nos quais eu participo: no primeiro, trago as vivências de jovens leitores e escritores de *fanfics* durante os primeiros meses da pandemia, além de algumas relações com a teoria de Paulo Freire; no segundo, os membros do FRECON conversaram, através do aplicativo WhatsApp, sobre a obra *Educar com a mídia: novos diálogos sobre Educação*, de Paulo Freire, e a contemporaneidade da obra.

Incentivada por Berino a investir em outros programas de pós-graduação, concorri à seleção de mestrado do PPGCECC, assim como outros dois processos seletivos para cursos *lato sensu*. Felizmente, tive aprovação nos três processos seletivos, mas optei pelo mestrado no PPGCECC: além da minha motivação em cursar o mestrado, as propostas do Grupo de Pesquisa Educação e Cibercultura (EduCiber), Figura 5, e da orientadora Rosemary dos Santos, líder do grupo, combinam mais com o modo de pesquisar que gostaria de trazer para essa pesquisa.

Figura 5 - Encontro presencial com o EduCiber durante o qual planejamos o I Seminário Educação na Cibercultura.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Em busca de um olhar mais sensível para as pesquisas em Educação, o EduCiber investiga como a Educação, a Cultura e a Comunicação podem agregar novas possibilidades docentes no contexto cultural atual: o contexto da Cibercultura. O grupo conta com

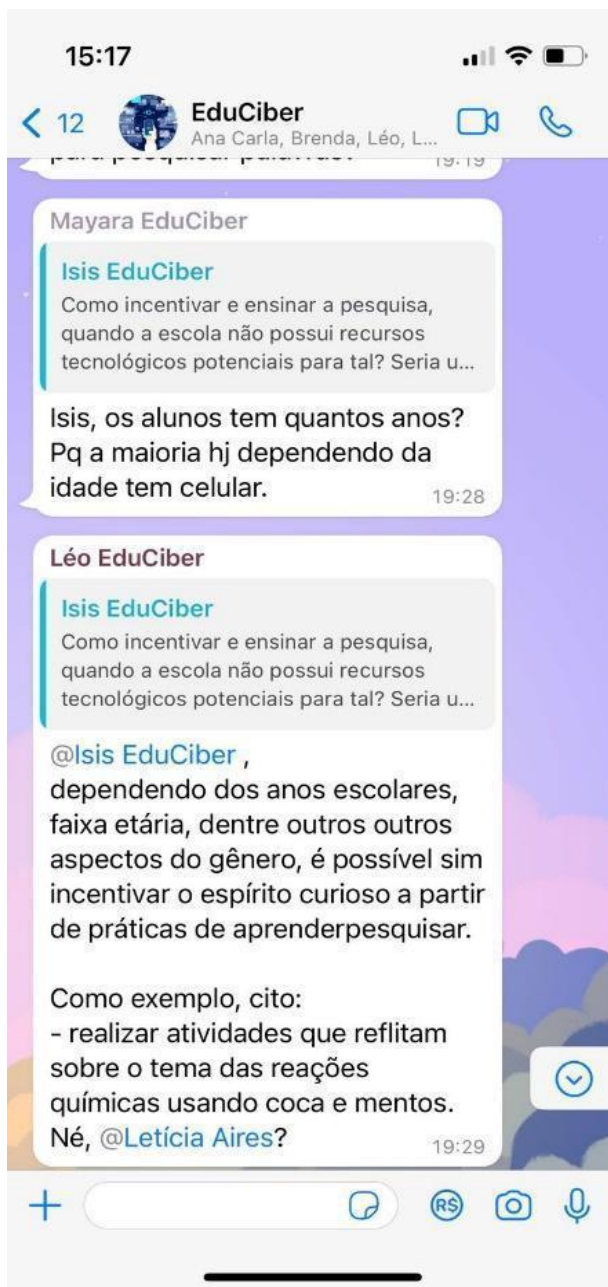
‘*professoresestudantes*’<sup>4</sup> da graduação, mestrado e doutorado, além dos professores pesquisadores. Nossas reuniões são semanais, em formato híbrido: através do serviço digital de chamadas de vídeo Zoom, o serviço ConferênciaWeb da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), ou presencialmente, dependendo das possibilidades do momento.

O apoio e a colaboração entre os colegas, carinhosamente chamados de *EduCibers*, está sendo essencial para a construção desta pesquisa. Aqui formamos uns aos outros e a nós mesmos. Fora dos encontros, nossas conversas são infinitas através do grupo de WhatsApp, como podemos ver na Figura 6. Grupos como este são uma possibilidade potente de diálogos docentes que contribuem para a formação no contexto da Cibercultura, conforme apresenta a pesquisa da *EduCiber* Rosana Sales de Jesus (2019).

---

<sup>4</sup> Por conta de implicações do ato de fazer ciência na Modernidade, algumas palavras são estilizadas desse modo, para evitar conflitos entre suas concepções. Palavras como ‘conhecimentossignificações’, ‘praticantespensantes’ e ‘espaçotempos’, entre outras, são a bricolagem de dois termos que não são mais ou menos importantes um que o outro, e sim possuem importância igual, ou seja, a ordem de escrita das palavras não determina sua importância.

Figura 6 - Captura de tela que traz um exemplo de trocas formativas entre os *EduCibers* através do aplicativo WhatsApp.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Considerando essas diversas autorias coletivas que constituí junto dos meus professores, colegas de *'dentrofora'* da academia, nunca feitas apenas por mim, mas sempre em diálogo com estes, apresento a seção a seguir, na qual trago para esta conversa as intenções desta pesquisa, seu contexto, o objetivo geral, questões motivadoras, entre outras implicações para fazer esta pesquisa acontecer. Nossa conversa, apesar da finalização dessa

dissertação, não acaba ao final deste texto, assim como a prática das *fanfics* e da autoria no ciberespaço se tornam escritas infundáveis. Essa conversa continuará através das apresentações em eventos, como a nossa participação na 41ª Reunião Nacional da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação); através de publicações, como o artigo que publicamos na Revista EmRede (2023), intitulado *As fanfics e suas práticas de autorias entre fãs na cibercultura*; a oficina que organizamos no I Seminário LÊTECE/EduCiber, intitulada *Ciberliteratura na escola: o que as fanfics têm a nos dizer*, ministrada junto à colega EduCiber Luana Coelho; entre outras oportunidades que tivemos e teremos, que possam gerar conversas e novos conhecimentos sobre esse gênero textual que cada vez tem ganhado mais destaque entre as diferentes juventudes.

### COMPREENDENDO AS CRIAÇÕES DE *FANFICS* NO BRASIL E NO MUNDO

Antes de contarmos com as tecnologias digitais disponíveis hoje em dia, os *fandoms*<sup>5</sup> se comunicavam através de *fanzines*, que são revistas impressas feitas por fãs para outros fãs e distribuídas gratuitamente ou a preço de custo, além de os fãs também se encontrarem em reuniões temáticas. As primeiras publicações de *fanfics* surgiram nessas revistas, por volta da década de 1960, e elas eram inspiradas em obras de ficção científica, como a obra *Star Trek*, sob autorias majoritariamente femininas.

Reescrever uma história da qual gostamos soa tão natural que parece impossível que isso só tenha acontecido nos anos 1960, não é mesmo? Pois bem, Magnóni e Miranda (2013) nos contam que já existiam escritos semelhantes à *fanfic* no século XVII, quando “era comum que escritores utilizassem personagens criados por outros autores e produzissem uma sequência diferente da história original” (Magnóni; Miranda, 2013, p.109). Os autores afirmam que essa prática foi descontinuada por conta das leis de direitos autorais e que voltaram a ser divulgadas nos anos 1960, através das *fanzines*, já organizadas dentro dos *fandoms* as quais pertenciam as *fanfics*.

Félix (2008) também nos traz a informação de que a tragédia grega, que é o primeiro gênero teatral que surgiu na Grécia<sup>6</sup>, pode ser comparada à criação de *fanfics*, porque se trata de uma literatura baseada num universo mitológico: quem as escrevia também adicionava

<sup>5</sup> Grupos de fãs de uma determinada obra de arte.

<sup>6</sup> Diana, Daniela. Tragédia Grega. Toda Matéria, [S.I]. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/tragedia-grega/>>. Acesso em 16 mar. 2023

novas características e essa nova versão de um mito também influenciava outros tragediógrafos. Mesmo com essas obras semelhantes às *fanfics* em um tempo distante, nós reafirmamos, junto à Félix (2008), que as *fanfics* são muito mais do que textos inspirados por outras histórias: esses novos escritos só fazem sentido dentro do *fandom* do cânone no qual a *fanfic* foi baseada.

A Cibercultura é a atual cultura que vivenciamos com a presença das tecnologias digitais em rede (Santos, 2019, não paginado). Este conceito foi idealizado por Pierre Lévy (1999, p.123), que narra a Cibercultura como resultado de um movimento social, apesar do viés tecnológico, já que é uma cultura que se deu como fruto de grandes mobilizações ocorridas em décadas. Foi no contexto dessa cultura contemporânea que diversos fãs geograficamente dispersos puderam se conectar a outras pessoas que compartilham da mesma paixão pela obra ou ídolo, independentemente de onde estivessem, desde que conectadas à rede. Foi assim que as *fanfics* se tornaram ainda mais conhecidas entre os fãs, popularidade essa que abrange todo o mundo e isso que democratizou o seu acesso, o que faz delas um *fenômeno* da Cibercultura.

No nosso país, Vargas (2005) foi a primeira pessoa a pesquisar sobre *fanfics* em território brasileiro. Ela nos conta que foi através da Internet que os fãs brasileiros, especificamente da saga de livros Harry Potter, conheceram as *fanfics* em *sites* estrangeiros, sendo o Fanfiction.net o mais popular na época. Em uma cuidadosa averiguação entre aqueles que possivelmente foram os mais antigos escritores de *fanfics* no Brasil, Vargas descobriu que as primeiras *fanfics* brasileiras provavelmente foram criadas por volta do ano 2000 ou 2001, mas não há certeza exata. A autora conta que os fãs brasileiros republicavam *fanfics* traduzidas do idioma Inglês para o Português nesse *site* e, posteriormente, passaram a publicar seus próprios escritos já no nosso idioma, além de criarem *sites* próprios para a publicação de *fanfics* em Português.

Hoje, com a expansão da Cibercultura, as *fanfics* podem alcançar diferentes tipos de fãs, até mesmo aqueles que não possuem muitos recursos de acesso às tecnologias digitais, já que hoje também contamos com os *smartphones* para intermediar a conexão à Internet. As criações de *fanfics* possuem diferentes tipos de narrativas e contextos, que podem ou não refletir a realidade de quem as produz, mas que podem contar com a arte como uma aliada na busca e no compartilhamento de saberes entre seus pares, além de possivelmente incentivar a construção de laços afetivos. Pensando nesses entrelaçamentos, construímos essa pesquisa com o seguinte objetivo geral:

- ✓ Compreender o gênero literário *fanfic* como prática de autorias entre os fãs no contexto da Cibercultura.

E, para começarmos essa conversa, trazemos as questões que motivaram essa pesquisa:

- i. Como os fãs estão produzindo *fanfics* atualmente?
- ii. Quais práticas metodológicas são apropriadas para quem pesquisa *fanfics*?
- iii. Como as *fanfics* podem criar redes de autorias docentes/discentes entre os estudantes?

O desenvolvimento desta pesquisa será organizado através das seguintes seções: começando por **UMA FANFIC QUE VIROU CANON: TORNANDO REAL**, conto quais caminhos percorri até realizar o sonho de me tornar uma ‘*professorapesquisadora*’ sobre a Cibercultura no contexto de uma estudante na periferia. Passando pela primeira seção, intitulada **SER MEMBRO NO CIBERESPAÇO: CONHECENDO AS FANFICS E OS FÃS**, introduzimos os leitores ao universo das *fanfics*, com detalhes sobre esses espaços de leitura entre fãs, os dialetos próprios desses ambientes, assim como um apanhado histórico do surgimento das *fanfics* no Brasil e no mundo. Em cada seção a partir desta, iremos trazer um capítulo de uma *fanfic* que escrevi em 2012, mas que nunca havia sido publicada em nenhum *site* de *fanfics* antes, até chegarmos à última seção desta dissertação, que, assim como traz a (in)conclusão dessa pesquisa, trazemos também o último capítulo dessa *fanfic*.

A princípio, essa história era como um *spin-off*<sup>7</sup> de outra história que eu havia escrito em 2007 sobre uma jovem estrela do rock, que carregava consigo uma revolta inexplicável, ou não: ela não sabia a origem de sua mãe. Como eu não havia pensado em nomes para os personagens, escrevi essa história usando os nomes dos integrantes da banda The Strokes apenas para identificar os personagens e, na minha concepção, isso não se caracterizava como uma *fanfic*: eu pensava que *fanfic* se tratava apenas de continuações das histórias originais, ou uma criação que tivesse apenas pequenas alterações no enredo. Conforme eu pesquisava sobre as *fanfics* na graduação, eu entendi que o universo *fanfiqueiro* é muito mais complexo, o que me fez perceber que esse texto também se tratava de uma *fanfic*. Relendo o texto nos dias de hoje, vejo que me inspirei em muito mais do que apenas os nomes dos personagens.

---

<sup>7</sup> Uma história derivada de uma outra história, que também é criada por seus produtores oficiais.

Já na segunda seção, chamada de **UMA FANFIC DE OUTRAS DISSERTAÇÕES: OS EDUCIBERS COMO CÂNONES**, trazemos as nossas metodologias de pesquisa, apresentamos o nosso campo de pesquisa e o seu contexto, assim como os ‘*praticantespensantes*’<sup>8</sup> que construíram essa pesquisa conosco.

Na terceira seção, que se chama **QUEM SÃO OS LEITORES E AUTORES NOS NOVOS TEMPOS COM A CIBERCULTURA? CONHECENDO O PERFIL DOS LEITORES E ESCRITORES DAS FANFICS**, trazemos uma crítica à defesa do livro impresso e trazemos as diferentes posturas cognitivas dos tipos de leitores que temos, assim como a mudança nos papéis de autoria com a chegada da Cibercultura. Com isso, procuramos entender melhor os meios como os leitores e escritores de *fanfics* constroem saberes na Cibercultura.

A quarta seção do nosso texto, que leva o título **LITERATURIZANDO A CIÊNCIA COM AS FANFICS NA ESCOLA**, que, por sua vez, é inspirado no quarto movimento das pesquisas com os cotidianos apresentados por Andrade, Caldas e Alves (2019). Nele, faremos uso das *fanfics* para literaturizar a ciência que é estudada por eles na disciplina Língua Portuguesa e Literatura, enquanto nos apropriamos de referenciais outros, trazidos pelos estudantes. Através de escritas e conversas, emergem as nossas noções subsunçoras, que nos guiam a um melhor entendimento sobre o processo de criação dos estudantes que pesquisaram conosco.

Em nossa seção de conclusão, chamada **APRENDER COM O FANDOM E DESAPRENDER DO CÂNONE: NOSSAS ÚLTIMAS PERCEPÇÕES (POR ENQUANTO...)**, encerramos a nossa pesquisa com os nossos principais achados e reflexões sobre a nossa estadia no campo de pesquisa, a atividade que desenvolvemos com a presença das *fanfics*, as narrativas dos jovens professores em formação que pesquisaram conosco e os conhecimentos outros que podem ser gerados através da leitura e escrita de *fanfic*.

---

<sup>8</sup> O termo ‘praticantespensantes’ é trazido por Oliveira (2023), com inspiração no termo “praticante” de Certeau (1998), que são as pessoas que vivem as práticas do cotidiano. Os ‘praticantespensantes’ são pessoas que trazem conhecimento, emoções, valores, história de vida, entre outros, para nossa pesquisa. Os ‘praticantespensantes’ podem ser professores e/ou estudantes presentes no cotidiano que estudamos. Por fim, “os praticantes da vida cotidiana – que a gente chama de ‘praticantespensantes’ exatamente porque a gente não aceita a ideia de que existe prática sem pensamento” (Oliveira, 2023, p.108)

## 1 SER MEMBRO NO CIBERESPAÇO: CONHECENDO AS FANFICS E OS FÃS

*O ano era 1982. Cinco rapazes passavam em frente a um bar em Nova York, após ensaiarem por exaustivas horas as novas músicas da banda que tinham juntos: The Strokes. O que chamou a atenção deles foi a presença de um fliperama logo na porta. Como a noite já ia embora e dava lugar à madrugada, os rapazes decidiram parar para tomar uma cerveja e arriscar um pouco. Na máquina, indicava o recordista de pontos naquele estranho jogo chamado Pacman. Jules ficou impressionado: o recordista era um tal de LOU. Será que seu ídolo, Lou Reed, havia passado por ali?! Talvez sim, mas ele não teria parado pra jogar naquela máquina... Jules se inspirava tanto em Lou Reed que até mesmo sua voz se parecia com a dele.*

- Meninos, vocês não podem ficar aqui. Já são quase duas da manhã. - disse a garçonete.
- Não esquentam... vamos só conhecer um pouco dessa máquina - disse Albert, o guitarrista da banda.
- E tomar umas brejas (risos) - disse Nick, o outro guitarrista.
- Nada disso! Quando começam a beber, começam as conversas e as horas perdem o controle - retrucou a garçonete.
- Qual é... precisamos de um descanso. Ensaíamos até agora! - reclamou Fabrizio, com os braços doloridos de tanto se dedicar à bateria.
- Sério, caras. Não vamos beber. Vamos só explorar esse jogo. Assim fica tudo bem para nós e também para Louise - disse Jules, apontando para o crachá da garçonete.
- Bem... então vou guardando as coisas do bar enquanto vocês mexem na máquina um pouco. Mas só um pouco! - disse Louise, envergonhada por perceber que Jules havia reparado nela.
- Também vamos nos apresentar! Eu sou Julian, mas pode me chamar de Jules. Este é Fabrizio, um baterista que você pode chamar de Fab. Estes são Albert e Nick, nossos guitarristas. E esse caladão aqui é o Nikolai, nosso baixista.
- Que legal! Vocês fazem música... - disse Louise, quase deixando escapar algo.
- Bom, quem faz as músicas sou eu, mas sem eles pra reproduzir, não fica a mesma coisa - disse Jules.

*Louise se afastou para terminar o seu serviço, enquanto Jules e seus amigos quebravam a cabeça pra entenderem sozinhos como o jogo funcionava. A moça se divertia vendo o sofrimento dos caras enquanto ela organizava o bar. Ao terminar, ela pediu que eles se retirassem e eles cumpriram o combinado, embora Albert e Nick estivessem de má vontade. Já Jules ficou encucado com o nome daquele recordista.*

- Quem seria o brilhante LOU? Será que são as iniciais do nome dele? ... Seja quem for, quero ser amigo desse cara. Pra ter ido tão longe, ele pode me dar umas dicas.

*De volta ao bar, mas, dessa vez, um pouco mais cedo. Jules viu que LOU continuava como recordista, mas com uma pontuação ainda maior. Havia marcado com os seus amigos de ensaiarem um pouco antes da madrugada chegar, para que pudesse aproveitar um tempo a mais no fliperama.*



- O nome do bar é Fliperama?! Quanta criatividade... - expressou Jules, irônico, em forma de pensamento.

Jules passou horas na frente daquela tela. Quem o via, dizia que estava fissurado. Ele sentia que precisava ultrapassar aquele recorde, mas não sabia o porquê. Já se sentia um especialista no assunto, havia lido algumas revistas sobre o jogo, até mesmo em busca de tentar decifrar quem era LOU. Como o bar ainda era recente e a máquina também era nova, não havia uma lista muito extensa de recordistas, e os nomes que tinha ali não eram com recordes muito altos. No fim do seu “expediente” como jogador, a tela de recordes já mostrava o seu nome no topo, mas não em primeiro lugar.

LOU .....	3,333,360
JLS .....	1,251,979
GUY .....	10.142
NIK .....	5,356
ALB .....	1,467
FAB .....	44
NIC .....	12

Inconformado, Jules se juntou aos amigos e foi para o ensaio da banda. Levaram algumas cervejas consigo, para não ter que voltar lá mais naquele dia. Com o pensamento fixo em derrotar LOU, que, apesar da admiração, aos poucos se tornava seu inimigo imaginário, compôs as canções *Trying My Luck*, *I Can't Win* e *The End Has No End*. No dia seguinte, decidiu passar em frente ao bar Fliperama pra ver como era o ambiente durante o dia. Encontrou a porta meio aberta e se aventurou a olhar o que escondia o bar... Louise, a garçonete, estava tão concentrada que não viu o rapaz entrar, então ele permaneceu observando. Viu que Louise estava conseguindo ultrapassar o recorde de LOU, cuja pontuação ele já tinha decorado.

- Como pode Louise ter derrotado LOU? Opa, espera aí... então era isso o tempo todo?!

Yasmin Viana – *Quem foi a mãe de Jessica John Mother*<sup>9</sup>, Capítulo 1

Na vida real, fora da literatura, Julian, Nick, Albert, Nikolai e Fabrizio são membros da banda estadunidense The Strokes (Figura 7), que estreou no cenário musical em 2001 com o álbum *Is This It*, que reaqueceu o cenário do rock naquela época como mais um grupo de salvadores do rock<sup>10</sup>. Já no texto *Quem foi a mãe de Jessica John Mother*, escrito por mim,

<sup>9</sup> A trilha sonora com as músicas que aparecem nessa fanfic possui uma playlist no Spotify. Recomendamos que o leitor ouça a playlist enquanto lê a fanfic. A playlist pode ser encontrada no link <<https://open.spotify.com/playlist/0OYzEaAudHLYqLG3YP45rq?si=4a0e20b7067e443f>>. Acesso em 09 mai. 2023.

<sup>10</sup> Com certo exagero, algumas pessoas ainda continuam os considerando salvadores do rock, como mostra a matéria disponível no link <<https://mundodemusicas.com/the-strokes/>>. Acesso em 16 mar. 2023.

em 2012, os músicos vivem num cenário bem diferente, quase duas décadas anteriores à que eles viveram sua estreia.

Figura 7 - Da esquerda para a direita, os cinco rapazes que compõem a banda: Nikolai Fraiture, Albert Hammond Jr, Nicholas “Nick” Valensi, Fabrizio Moretti e Julian Casablancas.



Fonte: União FM<sup>11</sup>, 2021.

Diante desse exemplo, podemos entender melhor o que é uma *fanfic*, considerando que esses textos se caracterizam como releituras de outros enredos, como os de filmes, séries, livros, jogos, biografias de pessoas públicas, entre outras manifestações culturais (Neves, 2011). Com isso, entendemos que as *fanfics* se baseiam nas múltiplas linguagens: por exemplo, um filme ou uma música podem se transformar em um texto escrito, ou até mesmo mais de uma dessas mídias podem se transformar em um texto, mas, tanto para escrever quanto para entender essa nova história, é preciso conhecer o enredo no qual a *fanfic* se baseou, o que chamamos de cânone ou *canon*. Para entender o sentido dessas releituras, que são resultados das interpretações e anseios pessoais de quem o escreve, convidamos, para integrar o nosso texto, o diálogo de Chartier com Bourdieu (2011):

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.uniaofm.com.br/ha-20-anos-chegava-o-primeiro-ep-do-the-strokes/>>. Acesso em: 14 fev. 2023.

[...] as leituras são sempre plurais, são elas que constroem de maneira diferente o sentido dos textos, mesmo se esses textos inscrevem no interior de si mesmos o sentido de que desejariam ver-se atribuídos. [...] É preciso, portanto, insistir-se sobre o que há de criador e de distintivo na leitura. (Bourdieu; Chartier, 2011, p.242)

A leitura de uma *fanfic* requer uma escuta sensível (Barbier, 2002) ao que os autores trazem para os seus textos: estar aberto à visão do outro, suas modificações trazidas pelo texto, à realidade apresentada pelo autor, à sua marca deixada no texto, suas particularidades de escrita. Os enredos podem ser fortemente modificados em comparação aos seus cânones, ou até mesmo haja pouquíssima presença dos cânones no texto, então é necessário que quem a lê esteja consciente de que:

Algumas vezes lê  
palavras de ninguém,  
tão de ninguém que  
poderiam ser suas,  
de qualquer um. (Larrosa, 2003, p.65)

Como opção estética, trazemos no texto algumas imagens com *memes* e outras gírias comuns de se encontrar no ciberespaço. Consideramos coerente que uma pesquisa em contexto *ciber* seja registrada de modo semelhante ao que encontramos ao navegar no ciberespaço. Ao falar do perfil do leitor imersivo, que conheceremos mais à frente, Santaella (2004) nos traz o conceito de navegação:

Sem começo, meio e fim claramente definidos, a navegação é uma aventura. Tomado por um espírito livre e lúdico [...], esse internauta não tem alvos determinados. É um viajante para o qual o caminho nele mesmo vale mais do que a chegada. É a navegação em si mesma que lhe dá prazer, muito mais do que a chegada a um alvo pretendido. (Santaella, 2004, p.102)

O *meme* da Figura 8, cuja tradução significa *mantenha a calma e leia fanfiction*, surge nesse texto como um momento de descontração, dedicado àqueles que estão conhecendo o assunto e estejam se deparando com muitas informações novas, o que pode causar certa inquietação.

Figura 8 - Meme sobre a leitura de *fanfics*.



Fonte: Keep Calm and Posters<sup>12</sup>, 2023.

Almeida, Santos e Santos (2019) nos ajudam a entender melhor o significado de *meme*: “os memes criados na internet podem ser entendidos como aspectos da realidade imagética e trazem com humor, elementos para a imaginação que recria e interpreta a realidade por ele representada” (Almeida, Santos e Santos, 2019, p.61). Portanto, vamos manter a calma e ler mais sobre as *fanfics*. Para isso, a seguir, vamos compreender melhor sobre os *fandoms*, que deram origem às *fanfics*.

### 1.1 Os *fandoms*: onde nasce a escrita

Acreditamos que, por a *fanfic* que eu escrevi não ter sido publicada em nenhum *site* ou grupo nas redes sociais dedicados às *fanfics*, esse texto acabou perdendo sua essência como *fanfic*, que costuma ser um tipo de escrito que é compartilhado, comentado, reescrito por outros fãs daquele *fandom* e faria mais sentido para os leitores se eles também fossem fãs da banda que referenciei no texto. Foi dentro do *fandom* que as *fanfics* surgiram com a

---

<sup>12</sup> Disponível em: <[https://www.keepcalmandposters.com/poster/417677\\_keep\\_calm\\_and\\_read\\_fanfiction](https://www.keepcalmandposters.com/poster/417677_keep_calm_and_read_fanfiction)>. Acesso em: 14 fev. 2023.

organização que atualmente conhecemos. Para entendermos melhor como as *fanfics* se estruturam, iremos conversar sobre o que é o *fandom*.

*Fandom*, em inglês, é a junção de duas palavras: *fan* e *kingdom*. Com isso, se traduzirmos ao pé da letra, *fandom* significaria algo como uma espécie de *reino dos fãs*. Os *fandoms* são grupos de fãs que se reúnem para trocar informações e experiências sobre o objeto cultural pelo qual foram cativados, seja um filme, livro, série, música ou até mesmo uma figura pública.

Temos por exemplo a cantora *drag queen* Pabllo Vittar, cujo *fandom* se chama *VittarLovers*, e é usando esse adjetivo que ela se direciona a seus fãs, assim como em nosso grupo de pesquisa, o EduCiber: nós, os membros, tratamos uns aos outros por *EduCibers*, exatamente por o termo fazer alusão aos apelidos dos *fandoms*. Em sua participação no programa Saia Justa, da GNT (Figura 9), a cantora fala da importância do seu *fandom*: “Costumo dizer que *VittarLover* não é gente, é anjo. [...] Eles cuidam de mim, eles têm um carinho tão grande por mim, muitos estão comigo desde o começo da minha carreira, trilham todo esse caminho até aqui” (MPV Pabllo Vittar, 2023).

Figura 9 - Captura de tela de um vídeo na rede social TikTok onde a cantora Pablo Vittar fala do seu *fandom*, os VittarLovers, em sua participação no programa Saia Justa, da GNT.



Fonte: Página do fã clube MPV Pablo Vittar no TikTok<sup>13</sup>, 2022.

Trazemos como curiosidade o fato de a tradução desse termo fazer alusão a esse *reino* como sendo *dos fãs*, e não *do ídolo*. Ou seja, o que protagoniza na relação entre os fãs são eles próprios, tem como centralidade na experiência deles mesmos, as suas interatividades, opiniões e os compartilhamentos de saberes, não apenas o seu objeto de admiração.

As páginas da web exprimem ideias, desejos, saberes, ofertas de transação de pessoas e grupos humanos. Por trás do grande hipertexto fervilham a multiplicidade e suas relações. No ciberespaço, o saber não pode mais ser concebido como algo abstrato ou transcendente. Ele se torna ainda mais visível - e mesmo tangível em tempo real - por exprimir uma população. As páginas da web não apenas são assinadas, como as páginas de papel, mas frequentemente desembocam em uma comunicação direta, por correio digital, fórum eletrônico ou outras formas de comunicação. (Lévy, 1999, p.162)

Assim como Silva (2021), entendemos que o conceito de interatividade se origina da teoria da comunicação, não da informática, o que nos ajuda a entender que, ainda que não houvesse conexão à rede e às tecnologias digitais, foi possível que os fãs promovessem os

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@mpvpablovittar/video/7177206191217577221>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

*fandoms* como ‘*espaçotempo*’ coletivo de troca de saberes, porque, para que a interatividade aconteça, “basta promover a articulação da emissão e da recepção na cocriação da comunicação, do conhecimento e da formação humana” (Silva, 2021, não paginado).

Para entendermos melhor esse conceito, o autor elaborou três fundamentos da interatividade. No primeiro, chamado de participação-intervenção, Silva (2021) é certo em dizer que participar vai muito além do que dizer apenas *sim* ou *não*: é necessário modificar a mensagem, interferir nela. Os *fandoms* incentivam que um fã dedicado, participativo de sua cultura, não deve apenas dizer *sim* ou *não* diante de uma obra dada, mas deve acrescentar o que tem a contribuir. Dentro desse meio, identificamos o segundo fundamento trazido por Silva (2021): o princípio da bidirecionalidade-hibridação. Se “comunicar pressupõe recursão da emissão e recepção” (Silva, 2021, não paginado), temos o emissor como receptor em potencial e vice-versa. Os fãs que mediavam a comunicação através da publicação das *fanzines* recebiam contribuições de outros fãs, que se comunicavam com os editores através de cartas ou telefonemas, e essas contribuições retornavam para outros fãs através das publicações, gerando a genuína interatividade, onde “dois polos codificam e decodificam” (Silva, 2021, não paginado).

Nesse processo, também percebemos o fundamento da permutabilidade-potencialidade, em que múltiplas redes articulatórias são possíveis: não é proposta uma mensagem fechada e definitiva, mas que abre espaço para que haja “ampla liberdade de associação e significações” (Silva, 2021, não paginado). Ao interferir na mensagem e associá-la a outros conhecimentos que já possui, o fã consegue reimaginar os cenários que conheceu através da obra que inicialmente o conquistou. Por isso, cada leitor é capaz de ler o mesmo texto com um significado diferente, porque são suas significações e conhecimentos que irão enriquecer o significado inicialmente proposto. Ao criar um novo texto que traga esses diferentes ‘*conhecimentossignificações*’, surge algo novo e interessante para outros fãs, que reconhecem em seus colegas a importância de suas interpretações, que podem ser similares ou simplesmente cativantes para si.

Algumas coisas que eram censuradas, que não podiam ser publicadas, se tornassem publicáveis, tem um efeito simbólico enorme. Publicar é tornar público, é fazer passar do oficioso ao oficial. A publicação é a ruptura de uma censura. [...] O fato de que uma coisa que era oculta, secreta, íntima ou simplesmente indizível, mesmo que não recalcada, ignorada, impensada, impensável, o fato de que essa coisa se torne dita, e dita por alguém que tem autoridade, que é reconhecido por todo mundo, não somente por um indivíduo singular, privado, tem um efeito formidável. Evidentemente, esse efeito só se exerce se houver predisposição. (Bourdieu; Chartier, 2011, p.244)

Esse alguém com autoridade, na nossa interpretação em nossa pesquisa, se trata do ‘*autorfã*’<sup>14</sup>, como preferimos chamar os escritores de *fanfics* ao longo do texto. Mas, se antes da Cibercultura já existiam essas práticas entre os fãs, o que muda agora? Convidamos vocês a descobrirem junto conosco a seguir...

### 1.1.2 O que mudou no *fandom* com a Cibercultura?

Foi no ciberespaço que a comunicação dos fãs se estreitou, tanto uns com os outros quanto com os seus ídolos ou criadores das expressões artísticas pelas quais são apaixonados. O ciberespaço é, para Santaella (2004, p.45), “o espaço que se abre quando o usuário conecta-se com a rede”. Ao usar um aparelho conectado, como um *smartphone* ou um computador, navegamos entre textos, imagens, animações, vídeos e áudios. Essa hibridização de linguagens é chamada por Santaella (2004, p.48) de linguagem hipermídia, que vem sendo chamada de convergência de mídias, por unir diferentes mídias em uma única mídia: se antes precisávamos de um aparelho de som para reproduzir programas de rádio ou músicas registradas em um CD, de um aparelho reproduzidor de VHS conectado a uma televisão para reproduzir fitas de vídeo, ou até mesmo do jornal impresso para nos informar ou procurarmos vagas de emprego, hoje podemos contar com todas essas funcionalidades apenas em um computador, em um *tablet* ou *smartphone*, desde que devidamente conectados à Internet. É dentro desse tipo de conexão que se encontra o ciberespaço.

Até mesmo os meios de interação no ciberespaço têm se modificado, como podemos ver nos últimos anos, com a popularização dos *smartphones* que facilitam a comunicação: se antes o celular só servia para se comunicar por voz, hoje ele é capaz de criar e transmitir conteúdos hipermidiáticos para além da comunicação individual, se afirmando como um artefato cultural.

Com a popularização desses dispositivos móveis, que também se incluem os *tablets* e *notebooks* ou *laptops* e, com a chegada das conexões Wi-Fi, 4G e 5G, contamos com a cultura conectada, dessa vez, de forma móvel e ubíqua, como nos diz Santos (2019, não paginado). Essa cultura conectada chamamos de Cibercultura. Já não há mais a necessidade de estarmos parados em frente ao computador em um determinado espaço físico para vivenciarmos o ciberespaço.

---

<sup>14</sup> Partimos do princípio de que os autores de *fanfic* também são fãs, por isso, fazemos a junção dos termos “autor” e “fã”, já que, ao revelar-se como autor, este não deixa de ser fã, dentro do contexto em que se situam as *fanfics*. Estes, antes mesmo de serem fãs, se constituem como autores, seja na escrita desses textos ou em seu cotidiano (Oliveira, 2023). Por isso, a disposição das palavras aglutinadas segue essa ordem, e não o contrário.



Assim o ciberespaço passou a integrar, ainda mais, grande parte dos ambientes físicos que frequentamos: pode estar em casa, no supermercado, na praia, na condução, em parques naturais, entre outros lugares. Inclusive, uma pequena parte dessa escrita que trazemos foi feita através de um *smartphone*, nas longas viagens de ônibus enfrentadas para chegar até a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), campus da UERJ, que intermedia minha formação e minha pesquisa, ou em outras situações do dia a dia, como a espera em filas para atendimento ou em qualquer lugar onde a inspiração para escrever possa surgir inesperadamente. Essas vivências podem ser relacionadas ao conceito de capital de rede, de Urry (2007, apud Freire-Medeiros; Lages, 2020), que representa o laço de confiança e co-presença que são percebidas nas relações à distância, o que pressupõe um novo tipo de mobilidade social, não havendo mais a necessidade de que essas relações sejam exclusivamente presenciais, fisicamente próximas, para que as relações se efetuem nas mais diferentes esferas, sejam emocionais, profissionais, financeiras, de aprendizagem, entre outras. Com isso, o ciberespaço se distancia cada vez mais daquela imagem que o associa a uma realidade paralela. Na verdade, o ciberespaço é uma extensão da realidade que vivemos. Dependendo das condições, pode estar conosco aonde formos.

Diversas soluções emergiram e emergem a partir da necessidade das pessoas que frequentam o ciberespaço, em especial, no momento em que vivemos após o surgimento da pandemia de COVID-19 e a necessidade de isolamento físico, momento em que a Cibercultura mostrou a sua importância de forma ainda mais intensa. Mesmo com a retomada das interações presenciais e proximamente físicas, e ainda que essas soluções já existissem antes da pandemia, seus usos se tornaram mais presentes nos nossos cotidianos.

Temos como um exemplo dessas soluções, no contexto educativo, os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) que permitem diálogos síncronos e assíncronos através de bate-papos entre estudantes e professores, fóruns de discussão, disponibilização de materiais, entre outros. Para ilustrar o conceito de AVA, trazemos o Moodle da disciplina Redes Sociotécnicas e Práticas Curriculares Online, ministrada pela Professora Rosemary dos Santos no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd/UERJ), onde vivenciei meu estágio docente do curso de mestrado. Criei o AVA que pode ser visto na Figura 10<sup>15</sup>, sob orientação de Rosemary e também com sugestões dos colegas estudantes da turma. Entre as atividades

---

<sup>15</sup> Para que o tamanho do texto contido nas figuras não fique pequeno para quem o lê, o que pode dificultar a leitura dos textos das figuras, optamos por trazer as figuras que incluem texto formatadas do tamanho da página, para que a leitura seja possível.

dessa disciplina, foi criado um *podcast*<sup>16</sup>, intitulado *Autorias em Rede*, em colaboração com a mestra Marcelle Medeiros<sup>17</sup>. Através do *podcast*, fizemos um diálogo com o escrito das autoras Amaral, Veloso e Rossini (2019), que é trazido como referência para esta pesquisa. O *podcast* pode ser ouvido no serviço de áudio Spotify<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Podcasts são como programas de rádio, só que disponibilizados online serem reproduzidos em qualquer ‘espaçotempo’. Existem diversas formas de se ouvir podcast, sendo uma das mais populares por meio do aplicativo de áudio Spotify, que, apesar de possuir assinatura mensal, também possui sua versão gratuita com propagandas entre a reprodução dos áudios.

<sup>17</sup> Marcelle Medeiros atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). É possível conhecer mais sobre ela em <<http://lattes.cnpq.br/8812901921538722>>. Acesso em 21 mar. 2023.

<sup>18</sup> Disponível em <<https://open.spotify.com/show/5x3pNJ2DrP2r5bW5QhP78c>>. Acesso em 21 mar. 2023.

Figura 10 - Proposta publicada no Moodle para uma das aulas da disciplina.

## ✓ Nos aprofundando no pensamento de Nelson Pretto



Nelson usando seu notebook. Reprodução: [Muita Informação](#)

Assistiremos à live abaixo com Nelson Pretto, que é Professor Titular (e ativista) da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e membro titular da Academia de Ciências da Bahia. Também leremos o texto *Tecnologias e educações: um caminho em aberto*, de autoria dele com a Maria Helena Silveira Bonilla. Boa leitura!



ARQUIVO

Tecnologias e educações - um caminho em aberto - Nelson Pretto e Maria Helena Silveira Bonilla

Marcar como feito



URL

Entrevista com Nelson Pretto

Marcar como feito



URL

Blog do Nelson Pretto

Marcar como feito

Fonte: Moodle da disciplina Redes Sociotécnicas e Práticas Curriculares Online<sup>19</sup>, 2022.

Entendemos que, com o acesso ao ciberespaço, também se tornou mais fácil conhecer produtos culturais da mídia produzidos nas mais distantes localidades. Com poucos cliques ou toques, podemos assistir a um filme japonês legendado em idioma português brasileiro, por exemplo, mesmo que este produto não possua tradução oficial para o nosso país: existem fãs que são fluentes ou aprendentes do idioma japonês que estão dispostos a traduzir as obras e torná-las mais conhecidas. Essa iniciativa é chamada de *fansubbing*, ou simplesmente *fansub* (Cintas; Sánchez, 2022). Em estilo semelhante, também temos com o *fandubbing*, ou *fandub* (Miquel-Vergés, 2015), que consiste na dublagem amadora desses produtos, e o *scanlation* (Aragão, 2016), que é a prática de editar imagens e textos de histórias em quadrinhos (HQs) com o objetivo de traduzir o seu conteúdo em texto. Percebemos maior frequência nessa prática de tradução para os mangás, que consistem no gênero de histórias em quadrinhos “herdeiro das gravuras japonesas clássicas” (Asano, 2011, não paginado), que muitas vezes não são exportadas para o Brasil oficialmente com a mesma frequência que os HQs ocidentais.

Temos por exemplo atual a música *pop* sul-coreana, mais conhecida como *K-Pop* (*Korean Pop*): mesmo que a cultura da Coreia do Sul tenha pouca influência na cultura brasileira, suas canções são populares entre os jovens do Brasil e do mundo. Sem a forte disseminação cultural presente no ciberespaço, essas músicas provavelmente seriam desconhecidas e pouco se saberia da cultura sul-coreana fora do continente asiático.

As interfaces em rede possuem características pedagógicas e comunicacionais, enquanto emergem grupos/pessoas que ‘*aprendem ensinam pesquisam*’ simultaneamente (Santos, 2011), fora dos espaços escolares e acadêmicos. Através dos *fandoms*, os fãs podem potencializar suas autorias e seus sentidos de colaboração uns com os outros e com a sociedade em que vivem, o que pode favorecer as práticas pedagógicas que valorizem a autonomia, a diversidade e a democracia, assim como Santos (2019) nos conta sobre o ato de aprender em rede. Por isso, consideramos que os espaços digitais ocupados pelos fãs se mostram como espaços formativos.

Na rede, muitas pessoas viram a oportunidade de interagir com os seus pares e, com isso, divulgar as suas criações, já que podem contar com o acesso a um público mais interessado. Santaella (2013) nos conta que:

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://www.educiber.pro.br/moodle/course/view.php?id=14>>. Acesso em: 21 dez. 2022

[...] uma vez que as redes se constituem em ambientes em que cada um tem visibilidade no seu entorno, dependendo do uso que decide fazer dele, é uma constante a intenção de dar-se a conhecer, e gerar tráfego comunicativo por meio de conteúdos profissionais ou amadores. (Santaella, 2013, p.43-44)

Para nós, é perceptível que modificações como essa são refletidas no comportamento das pessoas presencialmente, fora dos ciberespaços, “num sistema de trocas e complementaridades em tempo real que os jovens praticam com desenvoltura” (Santaella, 2013, p.34). Como consequência das vivências no ciberespaço, há a elaboração de uma identidade digital na qual é possível assumir papéis diferentes, assim como no ambiente presencial, e aqui destacamos a identificação como escritor. Santaella (2013, p.43) nos conta que “é normal que os usuários passem a conviver com a presença digital das pessoas com base nesses contextos”, mas o problema está na separação entre duas realidades, a digital e a presencial, como se as pessoas possuíssem identidades diferentes nos dois espaços.

Quando se critica a multiplicação das bolhas identitárias, na realidade, o que fica falsamente presumido é a separação nítida entre uma realidade, fora do ciberespaço, habitada por sujeitos unos e a realidade simulada do ciberespaço, na qual proliferam identidades múltiplas. Ora, uma tal separação só pode ser sustentada sobre a ignorância de rupturas das tradicionais noções de sujeito, subjetividade e identidade, que datam mais de um século. (Santaella, 2013, p.40)

A interatividade toma maior centralidade com o desenvolvimento do ciberespaço. Essa nova cultura que vivemos, a Cibercultura, é “marcada, antes de tudo, pela comunicação” (Santos, 2011, p.36), que se torna uma produção conjunta entre o emissor e o receptor, cujos papéis se misturam: “o emissor muda de papel, a mensagem muda de natureza e o receptor muda de status” (Santos, 2019, não paginado). Se antes estávamos em maior posicionamento como espectadores das mídias analógicas, nas mídias digitais foi possível nos apropriarmos das funcionalidades de autoria e participação disponíveis nos ciberespaços. Num cenário em que a emergência de diferentes meios de comunicação abriu brechas para novos mecanismos, passamos por mudanças nos modos de se comunicar e de produzir conhecimento.

Nesse mesmo momento, enquanto eu escrevo esse trecho, fiz uma pausa rápida para dar uma olhada na TL<sup>20</sup> do meu perfil no X e me atualizar das novidades. Acabei encontrando um exemplo para o que estou querendo dizer. No dia anterior, 15 de março de 2023, durante a

---

<sup>20</sup> TL é uma abreviação para o termo “timeline”, ou “linha do tempo”, muito usada na rede social X, anteriormente conhecida como Twitter. Trata-se do que costuma ser a página inicial de redes sociais, como o próprio X ou o Facebook, onde são apresentadas as publicações de nossos amigos ou de outras pessoas que seguimos, numa cronologia ou ordem de relevância determinadas pelas redes sociais.

exibição ao vivo de uma festa que aconteceu no *reality show* Big Brother Brasil (BBB), dois participantes da casa, o cantor MC Guimê e o lutador de *jiu-jítsu* Antônio “Cara de Sapato”, sem se importarem com as câmeras que os vigiavam, importunaram sexualmente uma participante da edição mexicana do *reality show*, que, naquele dia, visitava a casa em que o *reality* é gravado. Os espectadores do programa não aceitaram a atitude dos participantes com a moça e usaram as redes sociais para exigir que a direção do programa de televisão tomasse alguma atitude quanto a essa situação. Com isso, os dois participantes foram eliminados da disputa.

Na Figura 11, a seguir, mostramos um *tweet*<sup>21</sup> em que um telespectador do programa se surpreende com a eliminação dos participantes e uma telespectadora o responde, afirmando que essa atitude foi tomada por conta da intervenção dos fãs em rede. Se não houvesse essa intervenção, talvez essa atitude tão radical não teria sido tomada, ainda mais se considerarmos que, no passado, diversas mulheres sofreram violências semelhantes a essa em rede nacional, enquanto os abusadores seguiram impunes.

---

<sup>21</sup> Tweet é como se chama uma publicação na rede social X, anteriormente conhecida como Twitter. Seu significado é “pio” e faz referência ao antigo logotipo do site, que era um pássaro azul.

Figura 11 - Espectadores do reality show Big Brother Brasil comentam sobre a expulsão de dois assediadores que participavam do programa após cobrança dos fãs em rede.



Fonte: X<sup>22</sup>, 2023.

A figura do telespectador passivo, que não opinava, se torna cada vez mais apagada, apesar de Freire e Guimarães (2021), mesmo no tempo do qual eles falavam, a década de 1980, em que a televisão e o rádio eram os veículos de comunicação em massa mais populares, nos informarem que:

Não é por estarem diante de um aparelho de televisão, ou por estarem abertas aos meios de comunicação de massa, que as crianças deglutiam exatamente aquilo que se pretendia. Uma coisa é se tentar estabelecer o controle emitindo comunicados; outra é poder garantir que esse controle seja efetivo. Na realidade, nem sempre as crianças eram condicionadas aos meios de comunicação de massa. Com sua pequena dose de sabedoria de vida,

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/Paulinh76826902/status/1636552415930458113>>. Acesso em: 16 mar. 2023.



compatível com a fase de idade, elas criticavam também esses meios, ironizavam, dramatizavam. Enfim, reagiam. (Freire e Guimarães (2021, p.38).

Apesar de os autores se referirem a crianças nesse trecho, podemos associá-lo a adultos do mesmo jeito. Com a Cibercultura, vemos pessoas de diversas fases da vida expressarem suas opiniões e emoções em rede, através de postagens nas redes sociais, como o TikTok, Instagram, X, Facebook, entre outras, por meio das múltiplas linguagens: escrita, áudio, fotografia ou vídeo. Essas manifestações já não ficam tão guardadas para si ou para seu círculo social presencial, mas podem se expandir para outros indivíduos geograficamente dispersos, se as pessoas quiserem e puderem compartilhar dessa informação umas com as outras. Associamos a Cibercultura ao conceito de carnavalização de Bakhtin, trazido por Fiorin (2006, p.92): “Não tem palco, não tem ribalta, não tem atores, não tem espectadores. Todos participam dele ativamente. Por isso, não é uma festa que se presencia, mas que se vive”.

A fronteira entre os fãs e as produtoras dos seus objetos culturais diminui conforme a Cibercultura se torna mais popular: os fãs podem entrar em contato com o diretor do filme que gostam, pedirem uma sequência, criticarem algum trecho da obra que não gostaram ou até mesmo darem ideias para uma continuação, seja diretamente ou indiretamente, através das releituras, como as *fanfics*, as *fanarts* (Figura 12), os *fansubs*, os *fandubs* e as *scanlations*, como dito anteriormente.

Figura 12 - À esquerda, um exemplo de fanart, de autoria de Kisearu. À direita, está o personagem Bennett, do jogo Genshin Impact, que inspirou a criação de Kisearu.



Fonte: Instagram<sup>23</sup>, 2023.

Na Figura 12, que vimos anteriormente, temos, à esquerda, uma *fanart* criada pelo artista periférico Kisearu, que possui obras voltadas para o público adulto e LGBTQIAPN+. À direita, temos a imagem do personagem Bennett como foi oficialmente criada para o jogo Genshin Impact. Como jogador de Genshin, como é popularmente chamado, Kisearu recriou a figura de Bennett de uma forma erotizada. Publicamos, nesse texto, a mesma versão que o artista publicou em suas redes sociais, mas sua versão explícita pode ser adquirida em seu portfólio *online* disponível no *site* Gumroad<sup>24</sup>. Com isso, temos um exemplo do que são as *fanarts*: imagens criadas por fãs, em que obras já conhecidas são reimaginadas em diferentes contextos, seja através de desenhos ou de montagens de imagens, e compartilhadas na rede para que outros fãs as apreciem, sob uma lógica semelhante à das *fanfics*.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cp4bcS2usy-/>>. Acesso em 17 mar. 2023.

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://kisearu.gumroad.com/>>. Acesso em 17 mar. 2023.

Agora que conhecemos melhor sobre o contexto das criações feitas pelos *fãs* em rede, na próxima subseção iremos conversar mais a fundo sobre as *fanfics* e onde podemos encontrá-las.

## 1.2 Onde as *fanfics* estão? Caminhando nos espaços de leitura e escrita criados pelos fãs

**Rhavi:** Muita gente acaba criticando, apontando muito o dedo, tipo “ai, escreve *fanfic*... olha lá, fica fazendo essas coisas aí”, tipo degradando. Não lembro se é “degradando” ou “degradando”.

**Yasmin:** Degradando.

**Rhavi:** Isso. Degradando a imagem do escritor da *fanfic*. Desmerecendo o trabalho. Poxa, se você não gosta daquilo, não consuma. Não existe a possibilidade de você não... Assim, bloqueia. Simplesmente coloca que você não tem interesse naquele tópico. Se não, nem comenta, não faz nada, só passa, arrasta para cima. Pronto, viu? Não mudou nada na sua vida e não tá causando alguma coisa ruim pra aquela pessoa que tá se esforçando para escrever e pra outra pessoa que gosta daquele conteúdo, que abre os comentários e fica vendo o povo falando bosta.

**S4njiGay:** Tem muita gente que acaba parando de ler um negócio só porque alguém comentou que não gostou... o que é que tem? Tipo, essa *fanfic* tem tal tipo de conteúdo, não é legal e a pessoa que lê aquilo acaba falando “nossa, eu acho que eu não vou ler, então” e acaba perdendo uma coisa que ela poderia ter gostado.

**Eniol:** É uma coisa horrível, obviamente, ficar desmerecendo o trabalho do outro porque você não gostou. Tipo, *ok*, se você leu uma *fanfic* e ela não foi do seu agrado, é só você passar. Não foi ideal para você, procura outra. Só que tem muita gente que fica tipo assim “ai, mas isso aqui seu foi horrível. a sua escrita é péssima, faltou pontuação”. Eu acho que isso não tem necessidade. Porque, tipo, se você for fazer um comentário construtivo de uma coisa, tipo “ah, eu gostei disso, disso e disso na sua *fanfic*, só que eu percebi que isso aqui não combinou tanto, não ficou tão legal, se melhorasse isso aqui, ia ficar muito melhor, muito”, sabe? Ia te ajudar bastante. Tem diferença daquela pessoa que comenta, única e especificamente, só pra te deixar mal, pra julgar o seu trabalho só porque a pessoa não gostou dele, não se identificou com ele. Eu acho isso horrível. Tem que saber diferenciar.

Na epígrafe desta subseção, adentramos na conversa entre alguns dos ‘*praticantespensantes*’ desta pesquisa, que discorrem sobre os efeitos de comentários negativos em textos publicados nos *sites* dedicados a publicação das *fanfics*, que podem ser lidas por outros fãs que, independentemente de serem escritores ou não, exercem sua autoria através dos comentários que fazem nos textos, através dos quais elogiam, criticam, deixam sugestões de uma possível continuação ou questionamentos a respeito da narrativa, como nos trazem Amaral, Veloso e Rossini (2019):

[...] devido ao desaparecimento das características individuais de um sujeito que inventa e escreve, o autor perde seu espaço tradicional e dá lugar ao leitor, que é quem faz circular o sentido, aquele que pode observar o plural de que o texto é feito, e ainda, adicionar seu próprio plural. (Amaral, Veloso e Rossini, 2019, não paginado)

Antes da forte presença da Cibercultura no nosso cotidiano, as *fanfics* eram publicadas em *fanzines*, conforme já visto neste texto. Ao participarem do ciberespaço, os ‘*autoresfãs*’ perceberam uma melhor oportunidade de se fazerem vistos por outros fãs que poderiam apreciar a reinvenção das histórias que amam. Reunidos em *sites* dedicados a essas histórias tão amadas, grupos de fãs anônimos tomaram a iniciativa de criar espaços especializados para essas reinvenções.

Uma das primeiras publicações de *fanfics* brasileiras de que se tem conhecimento (Magnoní, Miranda; 2013) foi feita no *site* Exodus FanFics, em 1997, *site* esse que, atualmente, não está mais no ar. Vargas (2005) nos conta que as primeiras publicações de *fanfics* foram feitas em *sites* estrangeiros e conforme os *sites* brasileiros foram criados, os ‘*autoresfãs*’ também traziam *fanfics* estrangeiras que elegiam como interessantes para esses *sites* nacionais e as traduziam para o nosso idioma.

Mundialmente, o *site* Fanfiction.net é um dos *sites* de *fanfics* mais famosos, mesmo tendo sido criado por volta de 1998. Ele possui publicações de *fanfics* em mais de trinta idiomas diferentes. Impressionante, né? Isso nos mostra o quanto a Cibercultura tem possibilitado que os *fandoms* rompam barreiras geográficas e culturais. Além do Fanfiction.net, entre os mais conhecidos *sites* de *fanfics* no mundo, também temos o *site* Archive of Our Own (AO3), o Fanfic Obsession e o Wattpad, sendo este último o mais apreciado pelos *fanfiqueros* na atualidade, por possuir uma melhor dinâmica de acesso e

também contar com um aplicativo (*app*) dedicado. Vemos que não é à toa que o Wattpad foi escolhido pelos ‘*praticantespensantes*’ como o dispositivo<sup>25</sup> da nossa pesquisa.

Nisso, também percebemos que, apesar de a prática de ler e escrever *fanfics* já existir há tantos anos, ela se modifica com o passar do tempo, seja por conta das contribuições de novas gerações que surgem e se juntam ao meio *fanficcional*, seja pelo constante avanço da Cibercultura e das novas tecnologias digitais que vão sendo disponibilizadas à população. Como nos diz Berino (2010, p.152): “Como um rio longo, os jovens mudam de cenários, ainda que os fotógrafos de sempre mirem repetidamente o mesmo lugar. Mas esta fotografia está saturada”. Para que a imagem das *fanfics* não se sature através de inúmeras pesquisas que já existem sobre o assunto, procuramos retratar suas peculiaridades contemporâneas frente às que existiram no passado.

Entre as opções de *sites* nacionais, as mais conhecidas são os *sites* Spirit Fanfics, que, assim como o Wattpad, também possui um *app* para acesso por *smarphones* e *tablets*, e o Nyah! Fanfiction, que é um dos *sites* pioneiros sobre esse gênero literário no Brasil. Na Figura 13, a seguir, podemos conferir a página inicial do Nyah!.

---

<sup>25</sup> O conceito de dispositivo, para Ardoíno (2003, p.80), consiste em meios intelectuais e materiais estrategicamente usados para se conhecer melhor o objeto que pesquisamos.

Figura 13 - Página inicial do site Nyah! Fanfiction.

**Nyah! Fanfiction** ENTRE CADASTRE-SE

Torne-se herói Categorias Português Liga dos Betas Recentes Pesquisar Ajuda

As histórias postadas no site são criações originais ou ficções criadas por fãs — fanfiction — de animes, seriados, filmes, livros e muito mais. Este site foi criado com o intuito de divulgar as séries originais, reunir seus fãs e proporcionar momentos de lazer através da leitura, assim como incentivar as pessoas a trabalharem seu lado criativo escrevendo suas próprias histórias.

Você não paga nada para ler ou postar no site, o uso é gratuito!

(1) HAJA / (2) AJA

(1) Do verbo “haver” → Ex.: Espero que ainda haja de tempo de consertar as coisas.  
(2) Do verbo “agir” → Ex.: Espero que ele aja com sabedoria.

Visite a seção de português.

**Melhores leitores da semana**

 **MaryDuda2000** teve 1 comentário marcado como o melhor do capítulo

 **Matt Wagner Marques MWU 27** teve 1 comentário marcado como o melhor do capítulo

**Notícias**

**Vocês já podem usar o novo site (mas ainda não está pronto)**

Este é um resumo do que falei nas últimas notícias e nas redes sociais: • Há algum tempo estou trabalhando na atualização do Nyah. A atualização é tão grande que acabou se tornando um site novo, batizado de +Fiction—. [Leia Mais](#)

**Procurando algo para ler?**

**Talhos de Papel** escrita por **Arisusagi**

 Quando se tratava de notas e de desempenho escolar, Le-

Fonte: Nyah! Fanfiction<sup>26</sup>, 2023.

Uma das coisas que difere o Nyah! de outros espaços de publicação de *fanfics* é o fato de o *site* oferecer aulas de Português para os jovens escritores, como vemos na Figura 14. Antigamente, também podíamos encontrar uma seção como esta no *site* Spirit Fanfics, mas, atualmente, não está mais disponível.

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 16 mar. 2023.

Figura 14 - Seção com aulas de Português no site Nyah! Fanfiction.

**Nyah! Fanfiction** ENTRE CADASTRE-S

Torne-se herói Categorias Português Liga dos Betas Recentes Pesquisar Ajuda

### Aulas de Português

Feitas especialmente para você, amante do mundo das fanfics, que não se sente atraído pela Gramática e tem dúvidas em Redação. A língua pode ser muito bonita e fácil de lidar, e aqui vamos te mostrar como.

**Título**

Português: nova seção

Caminho do Ninja Amador: missão 01. Meta 01: acentuação (Aspectos gerais)

Caminho do Ninja Amador: missão 01. Meta 02: acentuação de oxítonas

Caminho do Ninja Amador: missão 01. Meta 03: acentuação das paroxítonas e proparoxítonas

Caminho do Ninja Amador: missão especial. Meta 01: crase (parte I)

Caminho do Ninja Amador: missão especial. Meta 01: crase (parte II)

Caminho do Ninja Amador: missão especial. Meta 01: crase (parte III)

Caminho do Ninja Amador: missão especial. Meta 01: crase (FIM!)

Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 01: pontuação (I): ponto final e ponto e vírgula

Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 02: pontuação (II): vírgula

Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 02 (Parte II): pontuação (II): vírgula

Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 02 (Parte III): pontuação (II): vírgula.

Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 03: pontuação (III): dois pontos

Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 04: pontuação (IV): aspas e reticências

Caminho do Ninja Amador: missão 02. Meta 05: pontuação (V): travessão

**ISSO IMPLICOU "NA" SUA MORTE**

Quando o verbo significa "ACARRETAR", não se deve utilizar a preposição "EM" (no caso do título, "NA" é a junção de "EM + A"). Assim, se implica algo, não se implica em algo.  
 → Ex. certo: As leis implicam acidentes.  
 → Ex. errado: As leis implicam em acidentes. <- ISSO NON ECZISTE!

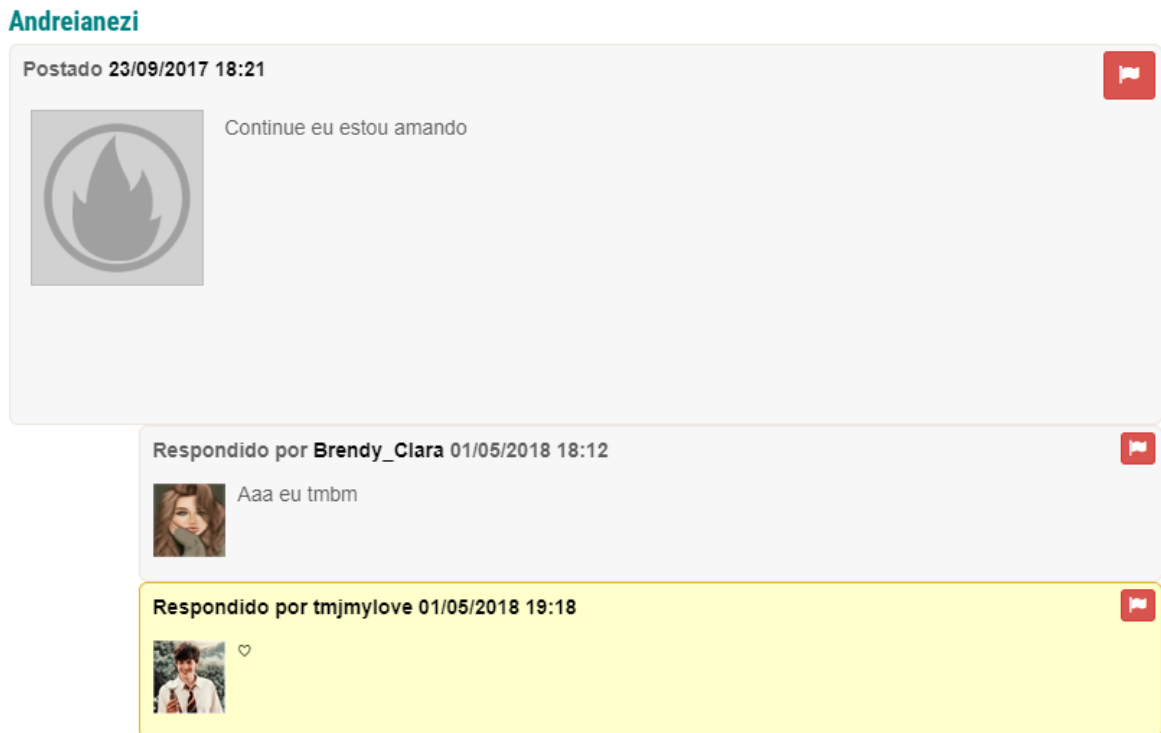
Visite a seção de português.

Fonte: Nyah! Fanfiction<sup>27</sup>, 2023.

Tais *sites* se mostram como verdadeiras bibliotecas digitais interativas porque permitem a criação de comentários, que podem ser respondidos, o que possibilita uma conversa entre diferentes pessoas, como podemos ver na Figura 15:

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 16 mar. 2023.

Figura 15 - Comentários na *fanfic* Sem Você, de tmjmylove.



Fonte: Spirit Fanfics<sup>28</sup>, 2023.

Também é possível a criação de listas de leitura personalizadas, que podem ser definidas com diferentes temáticas, de acordo com a preferência dos leitores. Pudemos encontrar essa opção nos *sites* Wattpad e Spirit Fanfics. Trazemos como exemplo a lista de leitura que criamos com algumas histórias disponíveis no *site* Spirit Fanfics para ilustrar essa pesquisa, na Figura 16:

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/sem-voce--turma-da-monica-jovem-9713377/capitulo11>>. Acesso em: 18 mar. 2023.



Figura 16 - Lista de leitura com as histórias do Spirit Fanfics.

The screenshot shows the Spirit Fanfics website interface. At the top, there's a navigation bar with a search icon, a user profile icon, and a notification bell. The main heading is "Lista de leitura Fanfics para a pesquisa". Below this, it indicates the list was created by "yayakim" and contains 2 stories. The first story, "Sem você - Turma da Mônica Jovem" by "tmjmylove", is marked as "Concluído" (Completed) with 41 chapters and 19,968 words. The second story, "Into The Time (Long-fic Jeon Jungkook)" by "snakeoflaw", is marked as "Em andamento" (In progress) with 5 chapters and 16,908 words. A sidebar on the right titled "Categorias populares" (Popular Categories) lists various genres with their respective story counts, such as "Histórias Originais" (297,832), "Bangtan Boys (BTS)" (174,076), "Naruto" (89,912), "EXO" (49,550), "One Direction" (42,123), "Justin Bieber" (31,093), "Boku no Hero Academia (My Hero Academia)" (28,531), and "Blackpink".

Fonte: Spirit Fanfics<sup>29</sup>, 2023.

As temáticas mais populares de *fanfics* no momento são as que se inspiram na biografia dos integrantes dos grupos de música *pop* sul-coreana (*K-Pop*) BTS, EXO, BLACKPINK, Neo Culture, Got7 e Stray Kids, assim como o grupo britânico One Direction e o cantor canadense Justin Bieber. Entre as criações mais populares, há também as inspiradas nos *animes*<sup>30</sup> Naruto e Boku No Hero. Também encontramos a saga de livros e filmes Harry Potter entre os mais populares, sendo que, segundo Vargas (2005), possivelmente essa saga foi o *canon* das primeiras *fanfics* criadas no Brasil, ou seja, a história consegue manter sua popularidade até os dias atuais, como indica a página inicial do *site* Spirit Fanfics (Figura 17). Também nos impressiona que a maior parte dessas inspirações são elementos da cultura asiática, em especial, grupos de *K-Pop*.

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/listas/fanfics-para-a-pesquisa-8941128>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

<sup>30</sup> Animes são animações de origem japonesa, que possuem traços próprios desse gênero.

Figura 17 - As temáticas das *fanfics* mais populares no *site* Spirit Fanfics.

### Categorias populares

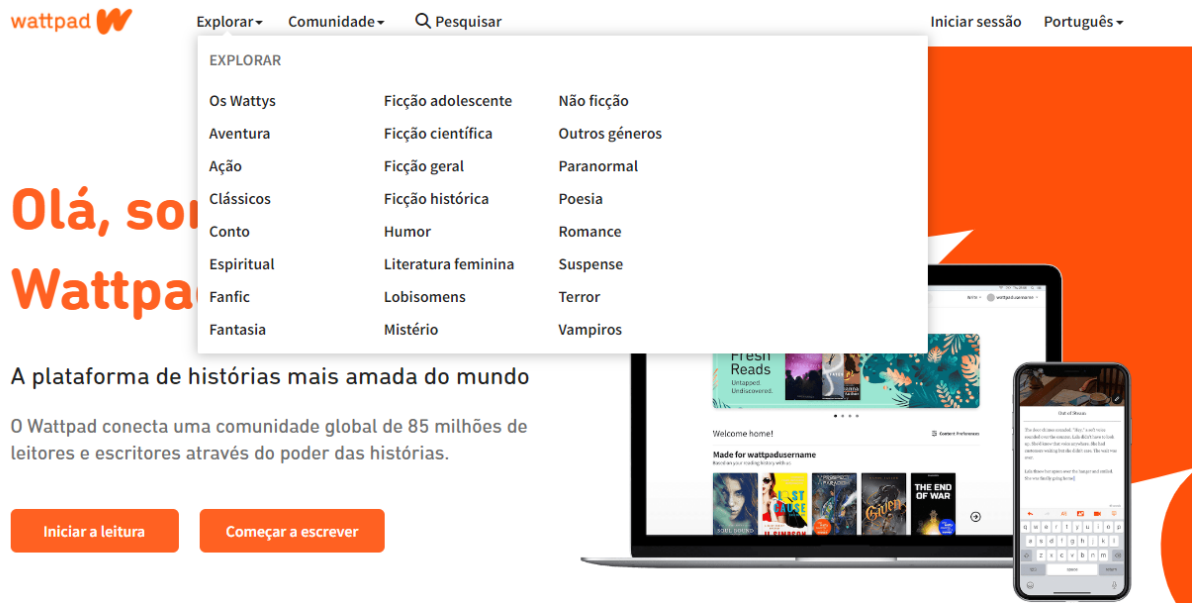


Fonte: Spirit Fanfics<sup>31</sup>, 2023.

Já o *site* Wattpad, nosso dispositivo de pesquisa, foi idealizado inicialmente para disponibilizar livros digitais com licenças gratuitas, publicados pelos próprios autores (Wikipedia, 2023), mas muitos ‘*autoresfãs*’ se apropriaram desse espaço para publicar histórias que foram inspiradas em outras, ou seja, as *fanfics*. A popularização do Wattpad também se dá pela linguagem cotidianista das histórias, que foge da linguagem rebuscada dos livros que costumamos encontrar em livrarias físicas. Veremos, na Figura 18, quais as categorias de escritos mais populares no Wattpad:

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com>>. Acesso em 10 maio 2023.

Figura 18 - As temáticas das *fanfics* mais populares no *site* Wattpad.



Fonte: Wattpad<sup>32</sup>, 2023.

Independentemente de onde sejam publicadas ou quais obras as inspiram, as *fanfics* são classificadas por gêneros textuais próprios a esse meio (Love, 2018), assim como também faz uso dos gêneros literários conhecidos no meio literário formal. Mesmo que alguns desses gêneros literários tenham sido apropriados de forma incorreta pelos fãs, vamos trazê-los na forma como foram adotados pelas comunidades de *fanfics* na Tabela 1:

Tabela 1 - Gêneros literários próprios das *fanfics*.

Gênero literário	Significado
<i>Bishoujo</i>	Adolescentes do sexo feminino com idade entre 14 e 17 anos
<i>Bishounen</i>	Adolescentes do sexo masculino com idades entre 14 e 17 anos
<i>Colegial</i>	Quando a história se passa em um ambiente escolar
<i>Crossover</i>	Uma mistura de universos ou diferentes categorias em um mesmo enredo. Exemplo: uma <i>fanfic</i> em que os integrantes do grupo musical sul-coreano EXO interagem com os do grupo BTS
<i>Drabble</i>	<i>One-shot</i> ou <i>fanfic</i> com capítulos contendo exatamente 100 palavras
<i>Drabs</i>	<i>One-shot</i> ou <i>fanfic</i> com capítulos contendo menos de 1.000 palavras

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

<i>Drama</i>	Situações comoventes e tristes
<i>Droubble</i>	<i>One-shot</i> ou <i>fanfic</i> com capítulos contendo exatamente 200 palavras
<i>Ecchi</i>	Conteúdo sensual ou de conotação sexual (explícito ou não)
<i>Femme Slash</i>	Enredo focado em relacionamentos entre mulheres
<i>Fluffy</i>	Cenas fofas e açucaradas entre os personagens
<i>Harem</i>	Geralmente é interpretado na conotação sexual, ou seja, relações poligâmicas com dois ou mais parceiros
<i>Hentai</i>	Cenas explícitas de relações sexuais entre personagens heterossexuais
<i>Hot</i>	Cenas quentes, com conteúdo sexual
<i>Lemon</i>	Cenas explícitas de relações sexuais entre personagens do sexo masculino
<i>One-shot</i>	<i>Fanfic</i> com apenas um capítulo
<i>Orange</i>	Relações sexuais explícitas entre personagens do gênero feminino
<i>Seinen</i>	Destinadas ao público masculino
<i>Shounen-Ai</i>	Cenas românticas leves envolvendo personagens homens
<i>Shoujo-Ai</i>	Cenas românticas leves envolvendo personagens mulheres
<i>Shoujo</i>	Relacionamentos amorosos
<i>Shounen</i>	Contém ação e luta
<i>Slash</i>	Enredo focado em relações amorosas entre homens
<i>Songfic</i>	Inspirada em uma música ou conter cenas musicais nos capítulos
<i>Steampunk</i>	<i>Fanfics</i> retratadas no passado, no qual paradigmas tecnológicos ocorreram mais cedo do que na vida real
<i>Survival</i>	Situações em que os personagens precisam passar por desafios ou problemas para sobreviver
<i>Universo Alternativo (UA)</i>	Um universo diferente do nosso. Pode ter sido, ou não, criado pelo autor
<i>Yaoi</i>	Relações entre homens
<i>Yuri</i>	Relações entre mulheres

Fonte: Amino<sup>33</sup>.

<sup>33</sup> Disponível em: <[https://aminoapps.com/c/fanficworld0/page/blog/generos-de-fanfics-e-seus-significados/GzRa\\_25cnuzw55EYPpBZb601D0W54wMD26](https://aminoapps.com/c/fanficworld0/page/blog/generos-de-fanfics-e-seus-significados/GzRa_25cnuzw55EYPpBZb601D0W54wMD26)>. Acesso em: 10 mai. 2023.

Agora que compreendemos um pouco sobre como funciona a dinâmica dos espaços em que as *fanfics* são publicadas e como elas são organizadas, iremos ler juntos, na seção seguinte, mais um trecho da *fanfic Quem foi a mãe de Jessica John Mother*, de criação nossa, assim como iremos narrar a nossa metodologia e caminharemos pelo nosso campo de pesquisa para conhecer um pouco sobre os ‘*praticantespensantes*’ que tornaram essa pesquisa possível.

## 2 UMA FANFIC DE OUTRAS DISSERTAÇÕES TENDO OS EDUCIBERS COMO CÂNONES

*Era 1982, mas setembro. Mais precisamente, dia 7 de setembro, o Dia da Independência do Brasil. Luísa completava 18 anos nesse dia. Que data mais simbólica, não é mesmo?*

*Ela decidiu que iria embora. Não suportava mais a agressividade do pai, que nunca a agrediu fisicamente, mas com palavras foram diversas vezes. Ela queria ser livre e libertar a sua mãe, que sofria por ter que criá-la. O pai a oferecia uma boa condição financeira, mas não oferecia o que ela mais valorizava, que era a liberdade. Assim, ela juntou todo o dinheiro que conseguiu e viajou ilegalmente para os EUA pra viver o seu sonho americano que as revistas e programas de TV ofereciam. Não contou a ninguém, apenas desapareceu. Preferiu desaparecer assim do que de outra forma.*

*Nos EUA, ela não era ninguém. E bem que ela gostava disso. Nos seus documentos falsos, ela era Louise. Ainda não aproveitava o melhor que Nova York poderia a oferecer, porque morava em uma kitnet e apenas ganhava um salário de garçonne, além de não ter amigos e por ter medo de ser descoberta como ilegal. Ela tinha um inglês bom, apesar de ser nítido que ela era uma imigrante.*

*Foi numa pacata noite no recém-inaugurado bar em que trabalhava, o Bar Fliperama, que ela teve a chance de jogar na máquina que tanto a encantava através das revistas, mas que nunca havia visto pessoalmente até começar a trabalhar ali. Enquanto os clientes ainda não começavam a chegar, ela treinava na máquina, até que passou a chegar um pouco mais cedo no bar para poder aproveitar mais. Seu chefe já havia dito que não se importava, porque ter mais jogadores registrados na máquina atrairia mais gente pra jogar. Só não podia usar a máquina quando tinha cliente no estabelecimento. E assim nasceu a recordista LOU.*

*Ela estava bem resolvida desse jeito: ela, “sua” máquina e sua liberdade. Ela queria mais, mas sabia que estava como que em um jogo, que ainda viriam outras fases mais agitadas. Foi quando, de repente, cinco rapazes bêbados surgiram no bar querendo problema, mas um deles parecia ser mais solução do que problema. Um homem tão proativo... já ela, insegura e medrosa, mal falava com os fregueses. Essas foram as pessoas com quem ela mais conversou desde que entrou no país. Essa insegurança impediu de contar para Jules, quando teve a oportunidade, que ela escrevia poemas. Mas ela sabia que teria outras oportunidades de dizer. Enquanto pensava sobre isso, após ter jogado sua cota diária e ter aberto o bar, surgiu o primeiro cliente: Jules. Logo ele... ela não estava preparada.*

*- Oi! Veio mais cedo hoje?*

*- Tava dando uma voltinha e te vi, Lou. (risos)*

*Envergonhada, Lou respondeu:*

*- Como você descobriu? Sou tão óbvia assim?*

*- Na verdade, não. Demorei muitos dias pra saber. Nem se passava pela minha cabeça até eu te ver por aqui mais cedo do que deveria e eu associar os nomes.*

*- Realmente... preciso trocar o meu apelido...*

- Não! Eu gosto de Lou... - disse Jules, se aproximando de Louise, que ficou assustada – esse é o apelido de um dos meus cantores favoritos.  
 - Sério?! Você também gosta do Velvet Underground?  
 - Com certeza! Lou Reed é uma das minhas maiores referências.

*Julian canta um trecho de Walk on the Wild Side, de Lou Reed, e Louise o acompanha.*

- Já que você sabe tanto, poderia me ensinar alguns truques! Que tal? – disse Jules  
 - Mas esse jogo é tão bobo, não há muito o que fazer. Venha, irei te ensinar algo, aproveitando que o bar ainda está vazio.

*E assim os dois se aproximaram...*

*Yasmin Viana – Quem foi a mãe de Jessica John Mother,*

*Capítulo 2*

Para começar a escrita desta dissertação de mestrado, procurei outras dissertações para me inspirar, seja nas palavras, seja nos autores usados, seja nos dispositivos criados. Li diversas dissertações, em especial, as dos *EduCibers*, que são os membros do Grupo de Pesquisa EduCiber.

A partir dos escritos dos meus colegas e da nossa orientadora Rosemary dos Santos, criei esse projeto, que pode ser considerado uma *fanfic* desses outros trabalhos que li, pois foram eles que me inspiraram, me ajudaram a escolher palavras mais sensíveis, a escolher autores mais apropriados para conversar com este texto, enfim, me ajudaram a amadurecer e a contar esta história.

Os *EduCibers* foram meus *cânones*, ou seja, foi a partir de suas obras originais que pude construir minha obra. Na Figura 19, vemos um *meme* que representa esse momento: a tentativa da nossa pesquisa convencer a nossos leitores a conhecer as *fanfics*.

Figura 19 - Meme que mostra alguém caracterizado de demônio tentando convencer alguém inocente a ler *fanfic*.



Fonte: Gerar Memes<sup>34</sup>, 2022.

Os fãs presentes nas redes, em sua maioria, são pessoas jovens e estudantes, ou seja, também vivem os cotidianos escolares ou acadêmicos. Eles tecem redes no ciberespaço, nos *fandoms* e em ambientes escolares físicos, que também são tecidas *online* em diversos ciberespaços, o que também pode incluir espaços escolares formais, mas também outros espaços culturais e de formação. É na busca de tentar entender os cotidianos dos fãs em rede que levamos em conta que fazemos parte de diversos cotidianos, cada qual com sua complexidade, o que nos traz optar como metodologia a bricolagem da ciberpesquisa-formação com os cotidianos.

A importância de se trazer a multirreferencialidade, de acordo com Santos (2014, p.179), é a de “contemplar nos espaços de aprendizagem uma leitura plural de seus objetos (práticos ou teóricos), sob diferentes pontos de vista”. Para a compreensão da multirreferencialidade da nossa pesquisa, é preciso reconhecer a leitura e a escrita de *fanfics* como um meio de aprendizagens diversas: as *fanfics* são escritos que conversam com outros autores, aqueles que criaram os enredos que vieram a inspirar a elaboração desses textos, assim como as *fanfics* conversam com a realidade de quem as escreve. Para Santos, Carvalho e Madallena (2017):

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://www.gerarmemes.com.br/meme/1201458-o-carioca-nas-eleicoes-roubou-mas-fez>>. Acesso em: 10 nov. 2022.



[...] conversar é um jogo de idas e de vindas entre negociações e buscas por significados e sentidos. Sendo, portanto, um jogo de tensões e problematizações, do qual emergem dados genuínos, complexos e ricos para a pesquisa. (Santos; Carvalho; Madallena, 2017, p.202)

A criação das *fanfics* requer uma pesquisa minuciosa, tanto sobre o cânone, quanto a ambientação da história e outros elementos que são trazidos para o texto. Trazemos como exemplo a *fanfic* que está sendo apresentada no começo das seções desse projeto de qualificação: para que pudesse escrevê-la, foi imprescindível que eu conhecesse a fundo a biografia da banda The Strokes e de seus membros, as suas músicas, que são citadas no decorrer da *fanfic* e trazidas como trilha sonora do texto, e também que eu conhecesse um pouco da cultura novaiorquina da década de 1980, assim como a história dos videogames, que tem presença marcada no enredo da minha *fanfic*. Na figura a seguir, apresentamos um *meme* que ironiza os diversos enredos que podem ser criados nas *fanfics*.

Figura 20 - *Meme* que usa a imagem dos personagens do desenho animado Kim Possible para ironizar as temáticas das *fanfics*.



Fonte: Dicionário Popular<sup>35</sup>, 2022.

Outro exemplo que trazemos é a *fanfic Into The Time*, escrita pela autora snakeoflaw<sup>36</sup> e republicada no site Spirit Fanfics em 2019, após criar outro *user*<sup>37</sup> por conta de pessoas do

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://www.dicionariopopular.com/fanfic/>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

<sup>36</sup> O nome da autora é estilizado em letras minúsculas, assim como o nome da autora bell hooks. hooks opta por esta grafia pois considera que sua obra tem mais importância do que o seu nome, por isso, o título de seus textos

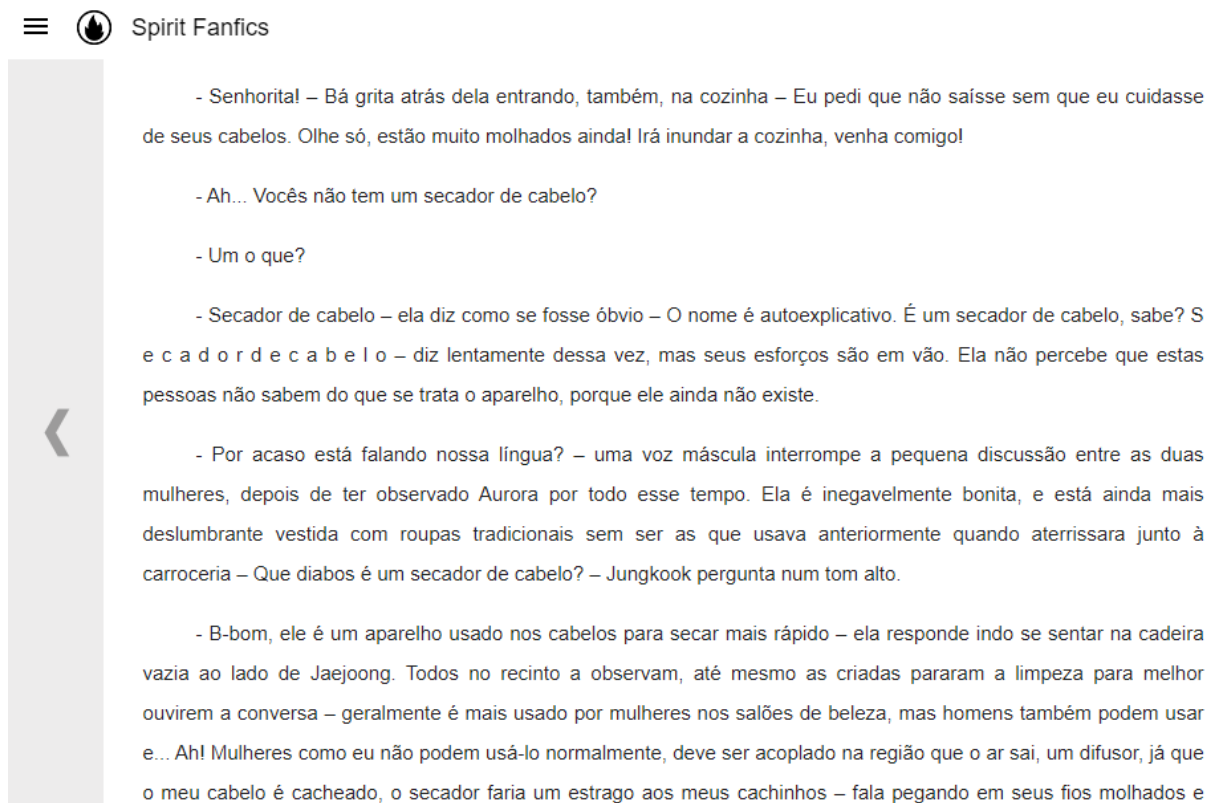
seu convívio social terem a encontrado no site. Em *Into The Time*, snakeoflaw traz como personagens os cantores do grupo pop sul-coreano BTS, tendo o cantor Jungkook como protagonista, junto de Aurora, personagem inédita. A autora reproduz a ambientação dos anos 1750, quando Aurora, uma jovem do nosso tempo, sofre um acidente de carro e cai em um portal que a transporta para tempos mais remotos, indo parar na fazenda de Jungkook, uma figura poderosa e autoritária, que reproduz machismo e outras ideias em suas falas que não seriam aceitáveis em nosso tempo. Para conseguir reproduzir a ambientação ideal para sua história, snakeoflaw precisou procurar informações sobre como era Seul, capital da Coreia do Sul, no século XVIII e como esse lugar é nos tempos atuais. Na Figura 21, podemos conferir as divergências entre o vocabulário dos personagens do século XVIII e o da personagem que veio do século XXI:

---

se inicia com letra maiúscula, enquanto o seu nome é escrito inteiramente em letras minúsculas, como uma crítica à valorização de grandes nomes da literatura.

<sup>37</sup> O termo ‘user’ vem da abreviação da palavra ‘username’, ou ‘nome de usuário’ em Português.

Figura 21 - Um dos trechos da *fanfic Into The Time* em que há conflito no linguajar dos personagens, por serem de épocas distantes.



Fonte: Spirit Fanfics<sup>38</sup>, 2019.

Na subseção a seguir, traremos um pouco da concepção de pesquisa com/nos/dos cotidianos, como relacionamos essa metodologia de pesquisa com a criação de *fanfics*, assim como também relacionamos essa forma de pesquisar com as práticas dos fãs presentes nos *fandoms* em rede.

## 2.1 Pesquisando com os cotidianos dos fãs em rede e nos formando com eles: uma ciberpesquisa-formação multirreferencial

Tomamos como inspiração os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos, apresentados por Andrade, Caldas e Alves (2019). Com esse modo de pesquisar, não buscamos estudar *sobre os cotidianos* desses fãs, mas sim o estudo *nos/dos/com os cotidianos* deles, buscando, em cada detalhe, ‘*conhecimentossignificações*’ criados por eles. Os reconhecemos como ‘*praticantespensantes*’, admitindo “a riqueza e complexidade desses

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/into-the-time-long-fic-jeon-jungkook-14038197>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

*espaçotempos*” (Andrade; Caldas; Alves, 2019) onde os fãs criam e cocriam. Por ‘*praticantespensantes*’ temos todos os envolvidos no campo desta pesquisa, que são jovens estudantes do primeiro ano do Curso Normal (CN 1001) do Colégio Estadual Arruda Negreiros (CEAN), onde eu também fui estudante durante alguns anos da minha vida. Também temos como ‘*praticantespensante*’ a Professora Maria de Fátima, conhecida popularmente pelos estudantes como Fatinha, que leciona a disciplina Língua Portuguesa e Literatura, que me recebeu com muito carinho em suas aulas para pesquisarmos juntas.

Não há como compreender as diversas lógicas dos cotidianos sem que estejamos mergulhados nelas por inteiro (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p.22-23). É com esse pensamento que seguimos o primeiro movimento das pesquisas com os cotidianos, que é *sentir o mundo* que os fãs criam, fazendo parte dele, e não apenas o olhar de longe, do alto da minha inexistente grandeza como pesquisadora, até porque

Pesquisar na cibercultura é atuar como praticante cultural produzindo dados em rede. Os sujeitos não são meros informantes, são praticantes culturais que produzem culturas, saberes e conhecimentos no contexto da pesquisa. Fazer pesquisa na cibercultura não é, para nós, apenas utilizar softwares para “coletar e organizar dados” (Santos, 2019, não paginado).

Com isso, chegamos à conclusão de que o fenômeno “precisa ser vivenciado, compreendido, interpretado e comunicado” (Santos, 2019, não paginado). Então, como antiga estudante do Arruda<sup>39</sup>, pertencente a diversos *fandoms*<sup>40</sup> e *fanfiqueira*<sup>41</sup>, mergulhamos<sup>42</sup> nestas práticas com grande identificação com os ‘*praticantespensantes*’, o que nos faz dedicar nossos sentidos de forma empática aos diferentes cotidianos possíveis, trazendo outros modos de pensar que sejam diferentes dos tidos como *oficiais*, dos que já foram feitos de outras maneiras: indo sempre além do que já se conhece, do que já foi pesquisado, atitude que é

---

<sup>39</sup> O Colégio Estadual Arruda Negreiros é apelidado como apenas Arruda, por seus estudantes e pela comunidade escolar. Como tratamos dos cotidianos, achamos interessante trazer a forma cotidianista de se referir a esta escola.

<sup>40</sup> Chamamos de “multifandom” aquele que participa de mais de um fandom, de diferentes obras, personagens e/ou artistas.

<sup>41</sup> Adjetivo para aquele que lê e/ou escreve fanfics. Pode ser usado popularmente também para se referir a alguém mentiroso, inventor de histórias.

<sup>42</sup> No contexto da nossa pesquisa, o mergulho envolve a habitação do “ciberespaço e as cidades, vivenciado usos táticos das tecnologias digitais em rede, para com estas compreendermos os processos educacionais, formativos e de pesquisa na cibercultura” (Santos, 2012, não paginado).

apresentada pelas Andrade, Caldas e Alves (2019) como o segundo movimento necessário às pesquisas com os cotidianos. Por isso, mesmo que já existam outras pesquisas sobre os ‘*conhecimentossignificações*’ dos ‘*autoresfãs*’ de *fanfics*, damos forma a esta pesquisa, que procura ouvir outras vozes diferentes das que já foram ouvidas antes, entre elas, as vozes periféricas.

Muitas dessas pesquisas anteriores contavam com ‘*praticantespensantes*’ de outras classes sociais, como, por exemplo, a pesquisa de Vargas (2005), até mesmo pela época em que sua pesquisa foi realizada, no início da década de 2000, quando a Cibercultura no Brasil ainda era algo que só podia ser vivido por uma parcela mínima de pessoas. Ou seja, pesquisar *fanfics* se mostrava como uma temática que pode ser considerada elitista, o que se difere desta proposta, que conta com ‘*praticantespensantes*’ da escola pública e da periferia.

Não é sobre “virar de ponta cabeça” o conhecimento que já existe sobre as *fanfics*, porque ele nos ajuda a entender melhor a relação dos fãs com a escrita em seu meio próprio, independente da classe social, mas sim trazer para o diálogo junto dos cotidianos das periferias conectadas. Pesquisas como a de Vargas (2005) contribuem grandiosamente com a nossa conversa, mas se faz necessário “fazer aparecer modos outros de ‘*fazerpensar*’ que atendam ao que ainda não foi ‘*feitopensado*’ e que precisa ser ‘*feitopensado*’ (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p.26-27).

Estes modos outros podem denunciar os limites do ‘*fazerpensar*’ hegemônico, que ignorou modos existentes para se tornar dominantes e hoje não consegue compreender suas existências e urgências. Por isso, pesquisar com/os/nos cotidianos se faz tão necessário em pesquisas de contexto periférico, no qual tantas vozes foram e são caladas diariamente, impedindo que suas palavras fossem replicadas, o que facilitou para a manutenção das desigualdades que sofremos. Isso se faz ainda mais necessário em tempos de Cibercultura, em que a hegemonia se mostra cada vez menos útil perante as autorias que são exercidas no ciberespaço.

Aqueles que têm estudado o cotidiano da escola - e da vida - sabem, no entanto, que as vozes, nos projetos dominantes, proibidas de falar, continuam falando, os sons interditados que neles circulam são ouvidos por alguém. [...] Do tão negado e temido caos pode emergir uma nova organização. E é isto que tanto assusta aos que ainda detêm o poder e que tanto se aferram à ordem. (Garcia e Alves, 2008, p.74-75)

É importante deixar nítido que todos os envolvidos nesta narrativa também são autores desse texto, o que faz com que eu não seja a única autora, como a capa deste trabalho supõe.

O crédito que é me dado aqui é de narradora e mediadora das conversas e experiências, porque aqui narro o que vivemos e faço a mediação das nossas atividades juntos, assim como também faço a mediação das conversas com os textos dos autores aqui citados. Procuramos trazer para este texto uma *escrita outra*, a partir de um *rigor outro* (Macedo, 2021), que possibilita “um movimento que aponta para a diferença” e com ele “estamos pluralizando esse debate e seus encaminhamentos” (Macedo, 2021, p.27), para além do que já estamos acostumados, expressada através das múltiplas linguagens, sem seguir exatamente uma linearidade e que também pergunta, não apenas traz respostas, se é que as trazemos.

A maioria das *‘praticantespensantes’* desta pesquisa é constituída por mulheres, sejam as estudantes do Curso Normal, as professoras e equipe pedagógica da escola com quem se faz a pesquisa, sejam as pesquisadoras do EduCiber, apesar das presenças masculinas. Por isso, propomos a feminilização das narrativas que trazemos aqui, assim como indica o quinto movimento necessário às pesquisas com os cotidianos, chamado *Ecce femina* (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p.34).

Optamos pela ciberpesquisa-formação porque a nossa pesquisa apresenta um fenômeno da Cibercultura como possível agregador de saberes, as *fanfics*, que são bastante conhecidas entre os jovens que estão na escola. É pensando nessa popularidade que trazemos uma proposta pedagógica envolvendo as *fanfics* e as múltiplas linguagens que a sua criação envolve. Não são só os estudantes do campo de pesquisa que se formam como professores com as nossas intervenções, mas suas intervenções também nos formam enquanto educadores. Para Dominicé (2007, p.122, apud Macedo, 2021, p.33):

Sem pesquisa, a formação se resume a uma constatação que não toma uma forma experiencial dialógica, dialética e reflexiva; sem formação, a pesquisa banaliza o sentido de uma narrativa de vida, privando-a da dinâmica compreensiva daquele que a redigiu.

Na busca de evitar constatações afastadas das vivências dos *‘autoresfãs’*, nos incluímos nessa pesquisa, sem tornar banais as narrativas de vida aqui trazidas e com as quais aprendemos. Macedo (2021, p.22) nos fala que “Formação é uma experiência aprendente ao mesmo tempo individual, social e cultural, inexplicável por padrões e apriorismos. Dessa forma, só é alcançável por um (in)tenso trabalho compreensivo e relacional com-as-pessoas e seus cotidianos”. É pensando em suas palavras que multirreferencializamos o rigor, tomando como referencial outros diálogos que possuem mesma importância que os autores acadêmicos

trazidos para essa conversa. Como nos diz Macedo (2021, p.31): “o saber em jogo está também além do saber universitário”.

Por que nos interessa pesquisar com as *fanfics*? Porque, nas práticas de pesquisa e de formação docente, precisamos de vivências que façam proveito do potencial das tecnologias digitais, como as vivências que os fãs em rede possuem diariamente. Isso é possibilitado ao unirmos esses potenciais aos princípios da pesquisa-formação, que, por si, potencializa a própria autoria e a de seus pares. Heni, Signor e Soares (2020, p.752) nos contam que, ao nos relacionarmos com o mundo e com os outros, somos provocados ao sentir-agir-pensar com eles, dialética essa que nos auto(trans)forma, na mesma medida em que atuamos como coautores da auto(trans)formação dos outros e do mundo.

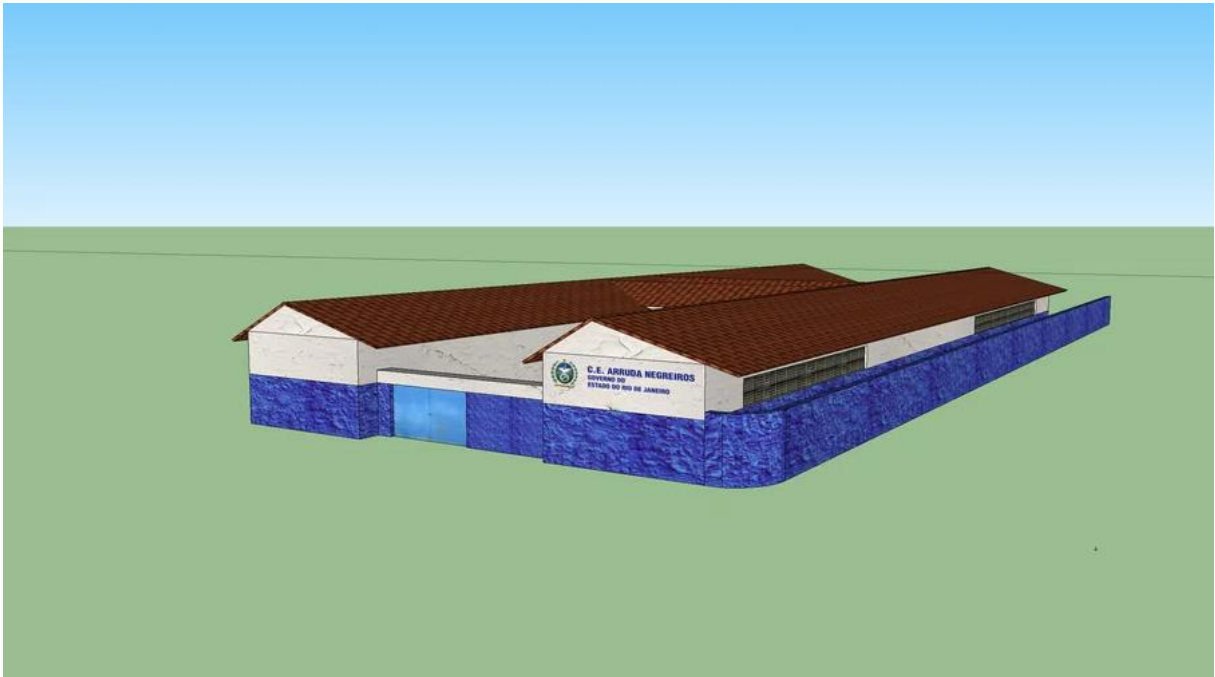
Para Josso (2004, p.274), o aprender é "descobrir novos meios de pensar e fazer diferente". Com isso, buscamos apresentar as *fanfics* como um dispositivo de diferentes aprendizagens e incentivar a prática da educação *online*, que propõe envolver as práticas presenciais com práticas formativas mediadas pelas tecnologias digitais, e que também é caracterizada por Santos (2019, não paginado) como um dos fenômenos da Cibercultura, ou seja, é algo que surgiu ou se ampliou através da Cibercultura.

Na próxima subseção, vamos dialogar sobre como foi retornar à escola onde fui estudante, mas agora na posição de ‘*professorapesquisadora*’, na qual permaneci com o sentimento de aprendiz. De fato, ser educadora é ter uma jornada aprendiz que nunca se esgota.

## **2.2 Ser membro da escola: minha participação como ‘*professorapesquisadora*’**

Seria complicado realizar essa pesquisa através dos modos tradicionais. Diríamos que impossível. Não há como deixar de me ver como aqueles estudantes que ocupam aquelas carteiras, aqueles pátios, aquela quadra esportiva, aquele jardim... Há não muito tempo, era eu quem estava ali, no lugar deles. E daqui a pouco tempo serão eles, professores em formação, que irão ocupar os nossos lugares como professores, e irão se surpreender ao notar que nunca se abandona a posição de aprendiz, nem mesmo quando deveríamos supostamente apenas ensinar.

Figura 22 - Simulação do espaço físico do Colégio Estadual Arruda Negreiros.



Fonte: 3D Warehouse<sup>43</sup>, 2020.

Optamos por pesquisar com uma turma do Ensino Médio, na modalidade Formação de Professores – Curso Normal (CN), por estes estudantes serem não somente jovens estudantes, mas também serem professores em formação. Com isso, poderíamos refletir sobre nossas práticas, tanto como estudantes quanto como educadores que aqui se formam e nos formam. Assim definimos o nosso campo: a turma de primeiro ano do Curso Normal, que é identificada pelo código CN 1001, do Colégio Estadual Arruda Negreiros, localizada no bairro Santa Eugênia, vizinho ao bairro onde eu residi por toda a vida, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Fundado no ano de 1966, é referência na nossa cidade por oferecer o curso de Formação de Professores (antigo Curso Normal), além do fato de a escola promover diversas atividades culturais com os seus estudantes e também contar com uma boa estrutura física, como a quadra de esportes, o centro cultural, o jardim com diversas plantações, e um grande número de salas de aula climatizadas e monitoradas por câmeras, cujas imagens são reproduzidas numa televisão disponível na sala da coordenação do colégio.

A escola também atende estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º Ano do Ensino Médio (Formação Geral), além do Curso Normal (Formação de

---

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://3dwarehouse.sketchup.com/model/da814be9-54e3-4c23-afcf-5fb1c089cf86/Colegio-Estadual-Arruda-Negreiros?hl=en>>. Acesso em: 24 nov. 2022.



Professores). Na época em que estudei nessa escola, era ofertado o primeiro segmento do Ensino Fundamental. Inclusive, foi nessa etapa que ingressei na escola, no ano de 2002. Há poucos anos, a escola também contava com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas, atualmente, apenas oferece vagas para o ensino regular. O espaço não possui conexão Wi-Fi disponível para os alunos e a sala de leitura não é usada porque não há um profissional responsável por essa função, espaço este que poderia ser ocupado por nós durante esta pesquisa.

Figura 23 - Um dos quatro corredores de salas de aula da escola.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Outro espaço que poderia ser primordial para o nosso uso durante a investigação é o laboratório de informática (Figura 24), que poderíamos usar para realizar a nossa proposta de atividade com as *fanfics*, mas este também se encontra fechado. Ao questionar sobre esse fato, a diretora adjunta e um dos inspetores me contaram que os computadores são muito antigos e possuem uma configuração inferior à necessária para se explorar o ciberespaço atual. Além disso, não há como ligar os aparelhos: os estabilizadores não funcionam mais. A diretora adjunta ressaltou que, com a pandemia e o ensino remoto emergencial, essas salas ficaram

sem uso durante muito tempo. Apesar disso, ela contou que a escola iria receber Chromebooks<sup>44</sup> para o uso dos estudantes, mas a disponibilização desses artefatos não ocorreu a tempo de os usarmos.

Figura 24 - Sala de informática da escola, com sua porta trancada.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

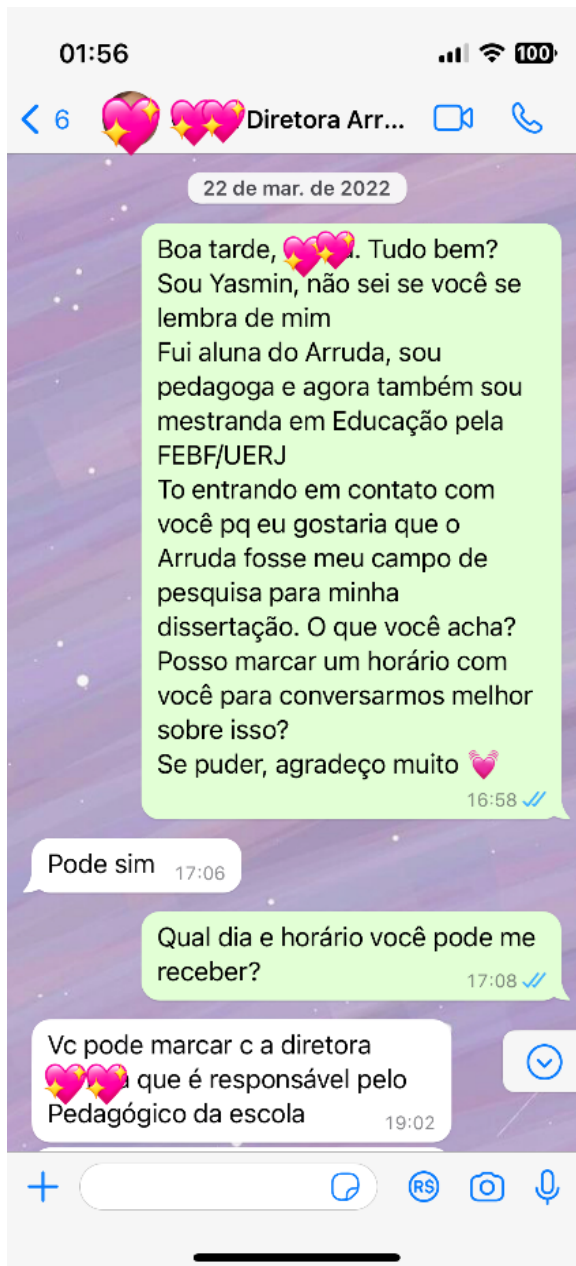
Meu primeiro contato com a escola para conversar sobre a possibilidade de pesquisarmos juntos se deu através de uma conversa pelo aplicativo WhatsApp com a diretora geral da escola (Figura 25). Eu já possuía o número do telefone da diretora, porque um familiar meu estudava nessa escola quando estávamos no auge da pandemia de COVID-19 e ele não possuía celular ou computador, então utilizava o meu celular para ter contato com a escola, tanto a respeito das atividades remotas quanto a respeito do *kit* alimentação que era

---

<sup>44</sup> Os Chromebooks são *notebooks* que executam o ChromeOS, que é um sistema operacional baseado no armazenamento em nuvem, o que não exige que tenham configurações de hardware muito avançadas.

fornecido pela escola, como uma substituição da merenda escolar que é oferecida nos intervalos do ensino presencial. Ao entrar em contato com a diretora geral, ela me recomendou que falasse com a diretora adjunta, que é responsável por receber os pesquisadores na escola. A diretora geral me encaminhou o número do celular da diretora adjunta e, assim, ao entrar em contato com ela, agendamos uma conversa presencialmente.

Figura 25 - Primeira conversa com a direção da escola a respeito da nossa pesquisa, via mensagens do aplicativo WhatsApp.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Em conversa com as diretoras e a coordenadora da escola, fui bem recebida, assim como a minha proposta de pesquisa também foi. Analisamos a grade de disciplinas das turmas do Curso Normal (CN) e da Formação Geral, mesmo eu já tendo preferência por um perfil de turma determinado, chegamos à conclusão de que a melhor opção seria mesmo a turma que idealizei, a do primeiro ano do CN, na disciplina Língua Portuguesa e Literatura, pois foi a única turma que estudou Literatura no Curso Normal. Porém, antes da Reforma do Ensino Médio, essa turma tinha uma disciplina pedagógica chamada Mídias, que a coordenadora pensou que também teria sido interessante para a minha pesquisa.

A professora da disciplina de Língua Portuguesa (LP), que se chama Maria de Fátima, popularmente conhecida como Fatinha, estava na escola, então optei por aguardar o fim de suas aulas para conversarmos o quanto antes sobre como seria a nossa proposta. A coordenadora me encaminhou para a sala dos professores, onde fiquei conversando com outros professores que apareciam na sala. Havia muitos professores recém-contratados que, nessa primeira conversa, pensaram que eu era um deles.

Ao encontrar a professora de LP, contei sobre minha proposta, que também foi bem recebida. Sua única sugestão foi a escrita das *fanfictions* em papel e caneta, por ela ter preferência em realizar atividades manuscritas. Apesar de priorizarmos a escrita digital, acreditamos que a maneira de fazermos pesquisa não deve ser imposta exclusivamente pela pesquisadora, mas também pelos *'praticantespensantes'* que constroem a pesquisa conosco. Como algumas pessoas que escrevem *fanfics* costumam escrever suas histórias inicialmente manuscritas, para depois reescrevê-las de forma digital, concordamos com a proposta da professora, que também me pediu para trazer um texto impresso sobre minha pesquisa, que poderia ser o pré-projeto apresentado na seleção de mestrado. Pedi o contato dela para nos comunicarmos por mensagens no aplicativo WhatsApp. Almoçamos juntas no refeitório, dando continuidade à nossa conversa. Fatinha pensou que eu havia sido sua aluna, mas infelizmente eu ainda não havia sido, não até agora. Logo no primeiro contato, a professora se mostrou muito compreensiva e interessada pelo que tínhamos a trazer.

Apesar de termos combinado uma data para que eu começasse a participar das suas aulas, não pude comparecer nos primeiros dias, por causa de uma enchente que atingiu a minha casa, no começo de abril de 2022, que me fez perder diversos pertences e fez com que eu me atrasasse com compromissos acadêmicos, inclusive, minha iniciação no campo de pesquisa.

Como dispositivo, acionamos o *site* Wattpad, que também possui um aplicativo para *smartphones* com sistema operacional Android ou iOS. Ao questionar qual seria o *site* em que publicaríamos as *fanfics* criadas, sugeri que fosse o Facebook, mas os estudantes contaram que não usavam mais a rede social. Na verdade, nem eu mesma uso mais o Facebook, mas carrego essa rede social como referência por conta da sua potência a respeito da criação de grupos, que possuem diversas funcionalidades, como carregamento de fotos, vídeos, além da possibilidade de emitir comentários e reações nas postagens e nos comentários. Sendo assim, os estudantes elegeram o Wattpad como o espaço mais popular para a criação e leitura de *fanfics* e o mais apropriado para as nossas criações.

Por eu já ter um perfil no Wattpad, simulei com antecedência como poderiam ser organizadas as *fanfics* que criaríamos, ainda sem saber que os estudantes optariam pelo Wattpad, mas reconhecendo sua relevância atual no cenário. Conheci a opção de criação de listas de leitura, que podem ser renomeadas da forma que escolhermos. Na Figura 26, trago uma demonstração de uma lista que criei:

Figura 26 - Lista de leitura intitulada *fanfic* criada no aplicativo do *site* Wattpad para smartphones como um teste para as nossas próximas andanças.



Fonte: Wattpad<sup>45</sup>, 2022.

Como nós contamos com a possibilidade de acrescentar histórias de diferentes autores em nossas listas de leitura, sugeri que cada estudante criasse um perfil no Wattpad, caso ainda não possuísse uma conta por lá. Apesar de algumas estudantes já possuírem perfil criado, a maioria deles se recusou a criar um perfil no *site* e optaram pela criação de um perfil que representasse a turma em sua totalidade. Questionei qual estudante poderia se oferecer para criar a conta de *e-mail* e o cadastro no *site* Wattpad, mas, novamente, a maioria pediu para que eu mesma criasse o perfil e o personalizasse.

Para fazer essa personalização, eu pedi para que trouxessem um título para o perfil que representasse a turma. Após muito pensarem, uma das estudantes deu a ideia de usar o nome do grupo que os estudantes integram no aplicativo WhatsApp, no qual apenas os estudantes

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/user/ayasminya>>. Acesso em: 19 fev. 2023.

participam, sem a presença de professores, chamado *Malucos da CN 1001*. Tive vontade de pedir para participar desse grupo, mas sabemos que os grupos fechados entre estudantes são ciberespaços onde eles podem compartilhar suas aflições, desabafos, revoltas (Jesus, 2019), entre outros sentimentos e vivências que preferem dividir com seus pares, sem o peso da hierarquia que há entre professores e estudantes. Para ilustrar o perfil, os estudantes escolheram uma foto onde a turma está reunida em uma organização de celebração de Natal. Podemos visualizar o perfil da turma no Wattpad na Figura 27, que mostramos a seguir:

Figura 27 - Perfil no aplicativo Wattpad criado com a turma CN 1001.



Fonte: Wattpad<sup>46</sup>, 2022.

Outro dispositivo que acionamos foi a roda de conversa ao final da nossa trajetória juntos, em que falamos sobre nossas preferências, quais partes das múltiplas linguagens mais nos encantam, nossa relação com as *fanfics*, com a proposta que fizemos, o que poderia ser aprimorado em nossa pesquisa, nossas vivências com a arte durante o auge da pandemia,

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/user/cn1001>>. Acesso em: 22 dez. 2022.



nossos usos das tecnologias digitais enquanto pessoas periféricas, enfim, foram diversos assuntos envolvendo a arte e a criação que se atravessam e entrelaçam.

Ressaltamos a importância de se conversar sobre a pandemia e do isolamento físico porque havia sido um evento recente que prejudicou as práticas escolares formais, especialmente diante da dificuldade de acesso à Internet que muitos possuíram naquele tempo. Nós consideramos que nossas pesquisas como educadores são importantes para “acompanhar os efeitos do novo coronavírus na vida em sociedade” (Velloso; Santos; Junior, 2022, p.70). Ainda que houvesse algum tipo de facilidade com o acesso às atividades remotas, esses foram tempos em que todos se encontravam fragilizados de alguma forma, seja por conta da doença ou pelo isolamento físico. Consideramos que a arte foi uma das formas de se tentar manter a sanidade emocional nesses tempos, Por isso, buscamos conversar sobre as vivências lúdicas que os estudantes tiveram nesse momento. Como nos diz Berino (2012, p.8): “A vida nas escolas é uma fantasia, também no melhor sentido”. Que não deixemos de fantasiar!

Outra roda de conversa também foi feita, junto com os ‘*praticantespensantes*’ que já eram autores de *fanfics* antes dessa pesquisa chegar até eles. Registramos o final dessa última roda de conversa na Figura 28. Os rostos não puderam ser exibidos nesse texto por se tratar de menores de idade. Para ocultar os rostos, optamos por usar *emojis*<sup>47</sup> de coração rosa com brilhos, muito usado pela ‘*professorapesquisadora*’ que vos escreve. Pensamos que simplesmente borrar os rostos com efeito quadriculado iria enfear o momento registrado.

A feiura é o antônimo da boniteza (Freire, 2015) que me inspira enquanto ‘*professorapesquisadora*’ a ver o mundo de forma coerente, sensível, justa e plural. “Não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensaio estético e ético”, como nos diz Freire (2015, p.46). Ao não querer tornar feias as imagens com um efeito quadriculado sobre o rosto dos ‘*praticantespensantes*’, me preocupo em não usar da mesma tática hegemônica que oculta rostos de jovens infratores em veículos midiáticos, o que pode passar uma impressão errônea. Esta preocupação foi instaurada em minha prática após uma conversa com a Professora Doutora Flávia Miller Naethe Motta, enquanto esta lecionava a disciplina Prática de Ensino na Educação Infantil durante a minha graduação em Pedagogia na UFRRJ/IM.

É na busca de tratar os ‘*praticantespensantes*’ com a dignidade e afeto devidos que recorro a uma prática frequente nas redes sociais, que é o uso do *emoji* para cobrir partes de uma imagem que não podem ser exibidas. A escolha do *emoji* de coração, para além de uma identificação pessoal, perpassa pela questão da demonstração de afeto (Berino; Viana, 2020)

---

<sup>47</sup> Emojis são pequenos ícones que expressam emoções, objetos ou pessoas.

por aqueles que estão representados na imagem, além da proposta da feminilização das narrativas, com inspiração no quinto movimento que se faz preciso para as pesquisas com os/nos/dos cotidianos (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p.34), chamado *Ecce femina*, como indicamos anteriormente. Já que é necessária a ocultação dos rostos, que seja da mesma forma carinhosa que fui recebida pelos estudantes e por toda a equipe pedagógica da escola: repleta de boniteza.

Figura 28 - Fotografia que tiramos após realizamos uma roda de conversa juntos. Estão presentes na fotografia: Rhavi Dion, S4njiGay, Eniol e Yasmin.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Enquanto se pensa estar na posição de *quem ensina*, aprendentes vivem e aprendem outras coisas que não estão nos livros, fora da escola e até mesmo dentro dela. Se nos abstermos da vida que acontece fora do que é planejado no currículo, além de perdemos a riqueza do que é viver outras realidades, nos distanciamos cada vez mais daqueles que mais deveriam interagir conosco em aula.

Conosco, ou apesar de nós, as coisas acontecem na sala de aula e fora da escola. Melhor será que participemos desse fascinante processo de criação coletiva, fazendo uma alegre aventura de conhecer o mundo e propor mudanças ao que percebemos de equivocado.

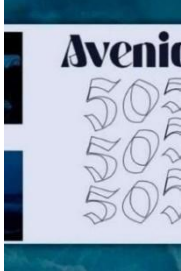
Desta maneira, é preciso admitir que mais que alunos e professoras, em sala de aula, somos colegas que podemos ensinar uns aos outros os tão variados saberes e conhecimentos que sabemos, a partir do que fazemos, lemos, ouvimos, sentimos,

conversamos, vemos, trançando nossos conhecimentos em processos que são sempre transversais, mesmos que não o percebamos. (Garcia; Alves, 2008, p.85-86)

Alguns chamam de espírito aventureiro, outros dizem que é necessário amadurecer e se impor perante os educandos. O que seria *se impor*? Uma educadora precisa mesmo *impor* a sua presença? Ou deve cativá-la? São questionamentos genuínos que trazemos todos os dias para a nossa prática. De todo modo, optamos por conhecer o que os estudantes têm a trazer.

A seguir, na Tabela 2, iremos conhecer um pouco sobre os ‘*praticantespensantes*’ dessa pesquisa. Como não podemos usar imagens dos rostos dos estudantes, por serem menores de idade, eles serão representados pela capa das *fanfics* que foi criada por eles para a nossa pesquisa, seguido do *user* que escolheram como codinome para representá-los como autores de *fanfics*. Temos como exceção o estudante Rhavi Dion, que é um rapaz transgênero que usou seu nome social, que, infelizmente, ainda não é o mesmo nome que consta em seus documentos, exatamente por ser menor de idade. Seu nome ainda não estava retificado nem mesmo nas listas de presença das aulas. Com isso, Rhavi *burlou o sistema* e é o único estudante a ter o nome verdadeiro divulgado em nossa pesquisa. Além de Rhavi, também incluímos o nome verdadeiro da Professora Fatinha e o meu nome, assim como nossos rostos.

Tabela 2 - ‘*Praticantespensantes*’ e suas autorias

	<p>Rhavi Dion, autor de Avenida 505. Já escreveu <i>fanfics</i> antes da nossa pesquisa acontecer. Já teve pretensões como autor literário mas, atualmente, é mais interessado em Design Gráfico e cria diversas imagens artísticas, incluindo a capa da sua <i>fanfic</i>.</p>
<p>Não criou uma capa.</p>	<p>Edward Kenway, autor de O Sumiço do Cascão. Não escrevia <i>fanfics</i> antes da pesquisa, mas já as conhecia, apesar de não ser leitor de <i>fanfics</i>. Tem maior interesse por jogos digitais.</p>

	<p>S4njiGay, autora de Eu Gosto de Você. Já escrevia <i>fanfics</i> antes da pesquisa e ainda escreve. Tem pretensões profissionais como escritora. Mantém um perfil ativo<sup>48</sup> no Wattpad com 17 textos já publicados.</p>
	<p>TT_loverr, autora de O Mistério da Garota Russa. Não escrevia <i>fanfics</i> antes da pesquisa, mas já as conhecia.</p>
	<p>Elisa, autora de Mulher Aranha - Um Crime no Tempo. Não escrevia <i>fanfics</i> antes da pesquisa, mas já as conhecia.</p>
<p>Não criou uma capa.</p>	<p>Eniol, não publicou sua <i>fanfic</i> mas participou da conversa. Já escrevia <i>fanfics</i> antes da pesquisa e ainda escreve.</p>
	<p>Lua, autora da <i>fanfic</i> Cadê o Cascão?. Não escrevia <i>fanfics</i> antes da pesquisa, mas já as conhecia.</p>
	<p>Analu, autora da <i>fanfic</i> De Vilão Para Herói. Não escrevia <i>fanfics</i> antes da pesquisa, mas já as conhecia.</p>

<sup>48</sup> Fonte: <<https://www.wattpad.com/user/S4njiGay>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

	<p>Sofia, autora da <i>fanfic</i> Presente de Natal. Não escrevia <i>fanfics</i> antes da pesquisa, mas já as conhecia.</p>
	<p>Rayssa, autora da <i>fanfic</i> Para Sempre Eu e Você. Não conhecia as <i>fanfics</i> antes da pesquisa.</p>
	<p>Sol, autora da <i>fanfic</i> O Encontro. Não conhecia as <i>fanfics</i> antes da pesquisa.</p>
	<p>Fatinha, professora de Língua Portuguesa e Literatura em todas as turmas do Curso Normal desta escola. Graduada em Letras e em Teologia, possui Pós-Graduação <i>lato sensu</i> em Língua Portuguesa e Mestrado em Teologia. Ela já conhecia as <i>fanfics</i> antes da pesquisa, mas não de maneira aprofundada.</p>

Fonte: Wattpad<sup>49</sup>.

Registramos os detalhes de cada dia que passamos juntos em um diário de pesquisa, com a intenção de que esse dispositivo nos auxiliasse a refletir sobre o que vivemos e conversamos (Barbosa; Hess, 2010), nos ajudando a investigar as nossas próprias “ações e reações, bem como seus sentimentos, impressões, interpretações, explicações, atos falhos, hipóteses e preocupações envolvidas nessas ações” por meio desses registros (Santos; Weber, 2019, p.30). Para além de meros registros pessoais, optamos pelo diário de pesquisa *online*,

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/user/cn1001>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

através do serviço Google Docs<sup>50</sup>, por poder incluir imagens no texto e formatá-lo. Imagens essas feitas com o meu celular.

O diferencial do diário de pesquisa *online* é a possibilidade de compartilhamento e coautoria. Apesar de o Google Docs não ser exatamente um serviço esteticamente convidativo para compartilhar esses textos registrados, como outras interfaces que podem ser usados para tal, como o Instagram, os *blogs*, entre outros, vemos no Google Docs uma potencialidade que transita entre a escrita acadêmica e a cotidianista, que pode ser compartilhada com outras pessoas que também podem ser convidadas a modificar e/ou acrescentar o/no texto. Concordamos quando Santos e Weber (2019, p.24) nos falam que “o diário se configura como um ato de fala”: nele, apresento uma *narrativa de si*, como protagonista dos eventos ocorridos.

Como é proibido o uso de celular em sala, por conta da Lei 4734/08<sup>51</sup>, fato que é sempre lembrado pela professora, achei mais coerente fazer uso de um caderno para anotar o que fosse necessário em sala, mas, posteriormente, as anotações eram repassadas para a interface Google Docs, seja através do aplicativo para celular, seja a partir do meu computador.

Na seção a seguir, iremos conhecer mais um capítulo da *fanfic Quem foi a mãe de Jessica John Mother*, que criei em 2012 e, em seguida, iremos conversar sobre os novos tipos de leitores e autores que surgem na nossa atual cena sociotécnica, junto de algumas problematizações relacionadas à criação e ao usufruto da literatura nos dias atuais. Convidamos os leitores a virem de coração aberto, porque isso será necessário para compreendermos as novas situações que estão sendo vividas nos cotidianos em rede.

---

<sup>50</sup> Site da empresa Google que consiste em um editor de textos em nuvem, que são armazenados instantaneamente, a cada modificação do texto, na conta do Google do usuário. No aplicativo para celular, é possível editar textos offline, assim como no navegador Google Chrome para computador. A versão do seu nome em português é Documentos Google, mas é popularmente conhecido por sua versão em inglês: Google Docs ou apenas “Docs”.

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/255337/lei-4734-08>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

### 3 CONHECENDO O PERFIL DOS LEITORES E ESCRITORES DAS FANFICS

- *O telefone do Bar Fliperama tocando... Ninguém costuma telefonar pra cá, já que não temos ninguém para fazer entregas. Já pensou se além de fazer tudo aqui eu ainda tivesse que fazer entregas?! Quem sabe assim eu aprenderia a andar por aqui... Sempre é o mesmo trajeto: de casa para o trabalho. Bom, vou atender esse telefone logo, senão a pessoa vai acabar desistindo, seja lá do que for, enquanto tô conversando comigo mesma... A-alô?*

- *Oi! Como está o trabalho hoje?*

- *O-oi, está bem... mas quem tá falando?*

- *Não reconheceu minha voz?*

- *Não... quem é?*

- *Aqui é o Jules! Pelo visto minha voz não é tão marcante assim... (longo silêncio) Tô brincando! Mas eu realmente gostaria que fosse, pra que meus fãs não me esquecessem (risos). Na verdade não me importo de ser lembrado ou não...*

- *Está tudo bem com você?*

- *Está sim! Eu só tô com umas frases na cabeça.*

- *Bom, deve surgir uma música nova então.*

- *Eu acho que vai ser isso mesmo, viu? Foi por isso que eu te liguei. Hoje vamos ensaiar mais tarde do que o normal e vamos até de manhã. Quer assistir depois do expediente?*

- *E-eu acho que não vai dar... saio daqui do Bar muito tarde e precisaria que alguém me levasse, porque ainda não aprendi a andar aqui. Não quero atrapalhar vocês.*

- *Que nada! Podemos passar por aí para te buscar antes do ensaio. Só começaremos hoje com você aqui! Se você aceitar, claro... Não podemos deixar uma menina do interior perdida na madrugada da Big Apple!*

- *Ei! Eu não sou do interior. Eu vim de uma cidade maior do que essa aqui.*

- *E existe uma cidade maior que essa?! (outro longo silêncio...) Tudo bem, daqui a pouco nos vemos!*

*(Lou desliga o telefone)*

- *Bem, acho que esse foi o maior telefonema da minha vida. Não sei como as pessoas conseguem ficar horas falando com alguém que não está vendo.*

*Depois de duas horas, Lou estava preparando o bar para fechá-lo, quando os rapazes chegaram e eles foram andando até um estúdio de baixo custo que havia ali perto.*

- *No final das contas, nem era isso tudo. Não sabia que era tão perto assim. Dava pra eu ter vindo sozinha. Desculpa por ter feito isso ser ainda mais difícil.*

- *Eu gostei do passeio – disse Jules, sorrindo sarcasticamente – mesmo sendo perto eu preferia que fôssemos te buscar. Você ainda terá que fazer coisas mais difíceis que isso por mim... Opa! Isso me deu uma ideia. Escute ...*

*“Eu quero ser esquecido  
E não quero ser lembrado  
Você me disse: por favor,  
não faça isso ser ainda mais difícil.  
Não, eu não irei ainda...”*

*Que tal?*

- *Eu não entendi bem que situação foi essa que você se colocou nessa música, mas quero conhecer mais. Você quer ser esquecido? Acho que você quer ser é admirado...*

*“Eu quero estar ao lado dele  
Ele quer ser admirado”*



*Assim ficaria melhor (risos)*

*- Você tem razão. Não sabia que você era compositora (risos). Desde quando? Ou foi só um improviso?*

*- Na verdade, eu tenho algumas coisas prontas...*

*- Que surpresa! Eu trouxe você aqui só pra que você conhecesse o nosso som e você sairá daqui como minha parceira... de composição, claro!*

*- Acho que você queria que ela saísse daqui como sua parceira de todo jeito – grita Alb enquanto afina a sua guitarra com um som alto*

*Todos fingem não escutar e o ensaio da nova música começa.*

*Yasmin Viana – Quem foi a mãe de Jessica John Mother,  
Capítulo 3*

Há muito tempo se fala da preocupação quanto ao “desaparecimento da cultura do livro” (Santaella, 2004, p.15): vimos isso acontecer quando a televisão se tornou popular e quando os computadores começaram a entrar nas casas de cidadãos comuns. Com o acesso a *smartphones*, vemos que a preocupação do abandono à leitura de livros se tornou parte do senso comum. O grande problema que envolve essa preocupação está no fato de que só é visto como meio de literatura válido esse tal livro, em seu formato tradicional, impresso em folhas de papel e devidamente encadernado com uma capa mais rígida do que as folhas que o integram, que pode ser armazenado em prateleiras, como podemos ver na Figura 29. Esse tipo de visão exclui outros tipos de literatura que já existiam e outras que vem surgindo com o avanço das tecnologias digitais.

Figura 29 - Representação do tipo de livro que descrevemos anteriormente.



Fonte: Super<sup>52</sup>, 2016.

Cândido (2011, p.176) entende literatura como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Essa última forma, infelizmente, vinha sendo a única considerada como significativa, especialmente nos espaços escolares, como nos conta o diálogo entre Bourdieu e Chartier (2011):

[...] autodidatas [...] testemunham uma espécie de necessidade de leitura que, de uma certa maneira, a escola destrói para criar outra, de uma outra forma. Há um efeito de erradicação da necessidade de leitura como necessidade de informação: aquele que toma o livro como depositário de segredos, de segredos mágicos, climáticos (com o almanaque para prever o tempo), biológicos, educativos, etc., que possui o livro como um guia de vida, como um texto ao qual se pergunta a arte de viver. [...] um dos efeitos do contato médio com a literatura erudita é o de destruir a experiência popular, para deixar as pessoas enormemente despojadas, isto é, entre duas culturas, uma cultura originária abolida e outra erudita que se frequentou o suficiente para não mais poder falar da chuva e do bom tempo, para saber tudo o que não se deve dizer, sem ter mais nada para dizer.” (Bourdieu; Chartier, 2011, p.241)

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://super.abril.com.br/coluna/cultura/20-livros-classicos-que-voce-pode-baixar-na-internet>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Percebemos uma mudança significativa na atitude das organizações educativas nos últimos anos, como, por exemplo, na inclusão de leituras outras como o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, em listas obrigatórias para exames de vestibular de universidades públicas (G1, 2017). O subtítulo já nos dá um *spoiler*<sup>53</sup> de que essa obra se trata de um manuscrito de Carolina, uma mulher que residia em uma favela, retratado em forma de diário. Carolina Maria de Jesus hoje é considerada uma das maiores escritoras periféricas brasileiras. Ter uma obra de uma *favelada* entre a seleção de leituras essenciais para o ingresso em universidades públicas é uma conquista a ser celebrada.

Apesar dessas pequenas conquistas, vemos literaturas outras que continuam a ser menosprezadas por seguirem estruturas diferentes se comparadas aos escritos hegemônicos, como se houvesse um só modelo de criação. É aqui que também entendemos que os modos de ler e escrever se modificam de acordo com os costumes de cada geração. Na próxima subseção, entenderemos melhor sobre diferentes modos de leitura, percepção e raciocínio. Essa conversa é essencial para entendermos o quanto é equivocado darmos valor a um tipo de leitura e menosprezarmos outro.

### 3.1 Como eu me torno leitora? A postura cognitiva dos diferentes tipos de leitores

Iniciamos essa subseção com essa inquietação: como eu me torno leitor? Eu não me lembro exatamente quando me tornei leitora: quando me dei conta disso, eu já lia. Me lembro que ainda não usava óculos e não tinha o diagnóstico de baixa visão. Foi exatamente por causa da leitura que descobri que eu não tinha uma visão normal. Até então, eu vivia como uma criança qualquer: com comportamentos estranhos, mas que são esperados de qualquer criança. Aprendi a ler em casa, com auxílio da minha mãe, e comecei a frequentar a escola, no quintal de uma vizinha que era professora, que percebeu que eu precisava de óculos. Não imaginávamos que a situação iria longe de ser apenas isso.

Me lembro de reconhecer algumas palavras em propagandas que via na televisão, à qual sempre assisti de muito perto, mas, novamente, minha família pensava que era apenas um costume infantil, já que crianças costumam gostar de ficar muito próximo das telas. Uma das recordações mais antigas da minha vida é a de eu ter passado em frente ao muro de uma outra vizinha, onde estava pichada a frase: “Vavá, o fodão”. Como eu ainda não conhecia

---

<sup>53</sup> Spoiler é uma gíria usada quando parte de um enredo é revelada antes do momento previsto, o que pode acontecer através de outros meios. É muito usada entre quem acompanha séries de televisão, filmes ou livros.

palavrões, comentei com o meu pai que aquela frase estava escrita errada: o certo seria “Vavá, o fogão”. A minha mente de menina foi tão longe que eu supus que o tal Vavá era botafoguense, assim como eu e meu pai.

Com o tempo, vieram os gibis, a busca por quadrinhos nos livros didáticos de Língua Portuguesa na biblioteca de onde minha mãe cursava o, na época, ensino supletivo, as visitas à biblioteca da minha própria escola e as revistas adolescentes pelas quais eu já me interessava em ler. A leitura no ciberespaço veio muito depois, já aos quatorze anos, como contei no começo deste texto.

Essa lembrança de infância que foi contada me remeteu a um dos tipos de leitores que Santaella (2004) traz em sua sistematização dos perfis dos diferentes leitores de acordo com o momento da história em que surgiram, considerando com a cultura daquele tempo. Apesar de a autora apresentá-los sequencialmente, ela deixa claro que um tipo de leitor não exclui o outro (Santaella, 2004, p.19). Hoje convivemos com diferentes tipos de leitores e vamos conversar sobre eles a seguir.

A autora chama de *leitor contemplativo* aquele que surgiu em decorrência da chegada do livro impresso e da imagem expositiva. Durante milênios, havia o hábito de se ler *falando verbalmente* o conteúdo lido para si, mas com o surgimento do livro impresso e das bibliotecas, a leitura silenciosa se tornou comum, o que, de certa forma, fez com que o leitor não gastasse tanto tempo em suas leituras, por sua leitura não precisar seguir o ritmo de sua fala (Santaella, 2004, p.21). É nesse momento que também surge a organização de texto em parágrafos, o que tornou os discursos mais legíveis (Santaella, 2004, p.22).

Aquele que ela caracteriza como *leitor movente* é representado pela figura de quem está na multidão, cercado de imagens de propagandas e signos. Foi com esse tipo de leitor que me identifiquei ao lembrar da leitura daquela pichação no muro da vizinha, o que é coerente com o tempo histórico em que me tornei leitora. Esse leitor surge com o aparecimento da fotografia e do cinema, após a Revolução Industrial: “tudo foi se transformando em mercadoria e com ela nascia um novo tipo de percepção do mundo, cada vez mais voltada para a proximidade, para o imediato, para a segurança contra os riscos da cidade grande” (Santaella, p.27-28). O *leitor movente*, que se ajustou a novos ritmos de atenção, acostumado com a aceleração do mundo, surge em decorrência da popularidade do jornal e é descrito como um leitor de fragmentos, “de tiras de jornal e fatias da realidade” (Santaella, 2004, p.29). A Figura 30 mostra uma representação de como seria este *leitor movente*:

Figura 30 - Representação do que é o leitor movente, inspirada na caracterização feita por Santaella (2004).



Fonte: Muitas Mídias<sup>54</sup>, 2015.

Podemos dizer que esse tipo de leitor *preparou o terreno* para o próximo tipo que iremos abordar: o *leitor imersivo* (Santaella, 2004, p.11), que é o tipo de leitor que protagoniza essa pesquisa. Vamos entendê-lo melhor a seguir.

Esse leitor possui diferentes habilidades de leitura, já *treinado* pelas habilidades que foram expostas anteriormente, mas que, ao mesmo tempo, diverge dessas habilidades. Esse leitor é uma pessoa integrada à Cibercultura, já habituado com os gestos necessários ao diálogo com o computador ou outro dispositivo conectado. Não se trata mais de uma leitura que segue uma determinada ordem, mas uma leitura que se conecta a outras leituras que não contém apenas texto escrito, mas que pode conter imagens, sons e vídeos, com o apoio da convergência de mídias.

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://muitasmidias.wordpress.com/2015/07/03/as-midias-impresas-no-mundo-digital/jornal/>>. 30 mar. 2023.

A leitura no ciberespaço traz uma linguagem que induz o leitor a seguir com outras leituras, que podem ser predeterminadas pelo autor, mas, principalmente, pelo próprio leitor, porque ele é quem está responsável pelo caminho a ser seguido a partir dali (Santaella, 2004, p.50). Até porque, ao terminar a leitura de uma página na Web, é necessário saber para onde vai seguir. É por isso que o *leitor imersivo*, tanto na era do computador de mesa quanto do *smartphone* e outros dispositivos móveis, tem em si a curiosidade ainda mais aguçada, o que é necessário para o manuseio destes novos artefatos culturais que se conectam à rede: para aprender a lidar com eles, se faz necessária a heurística e a dedução de quais opções seguir. Não há manual ou pessoa que irá dizer para este leitor como ele deve usar o aparelho conectado: em muitas das vezes, ele segue sua intuição com base nos seus conhecimentos prévios no ciberespaço para que possa caminhar para novos ciberespaços, que nem sempre serão iguais, mas terão suas proximidades.

Para caracterizar este leitor da nova era da Cibercultura, Santaella (2022, p.267) nos fala sobre o *leitor ubíquo*, que é aquele que pode ter acesso à informação, textos, imagens, áudios e vídeos, que também pode se comunicar através dessas linguagens a partir de qualquer lugar, desde que possua o artefato e a conexão necessários para isso. A Figura 31 retrata uma moça sorrindo enquanto lê algo em seu *smartphone* em um ambiente externo, o que ilustra o *leitor ubíquo*:

Figura 31 - Moça lendo em seu *smartphone* em uma área externa.



Fonte: Freepik<sup>55</sup>, 2023.

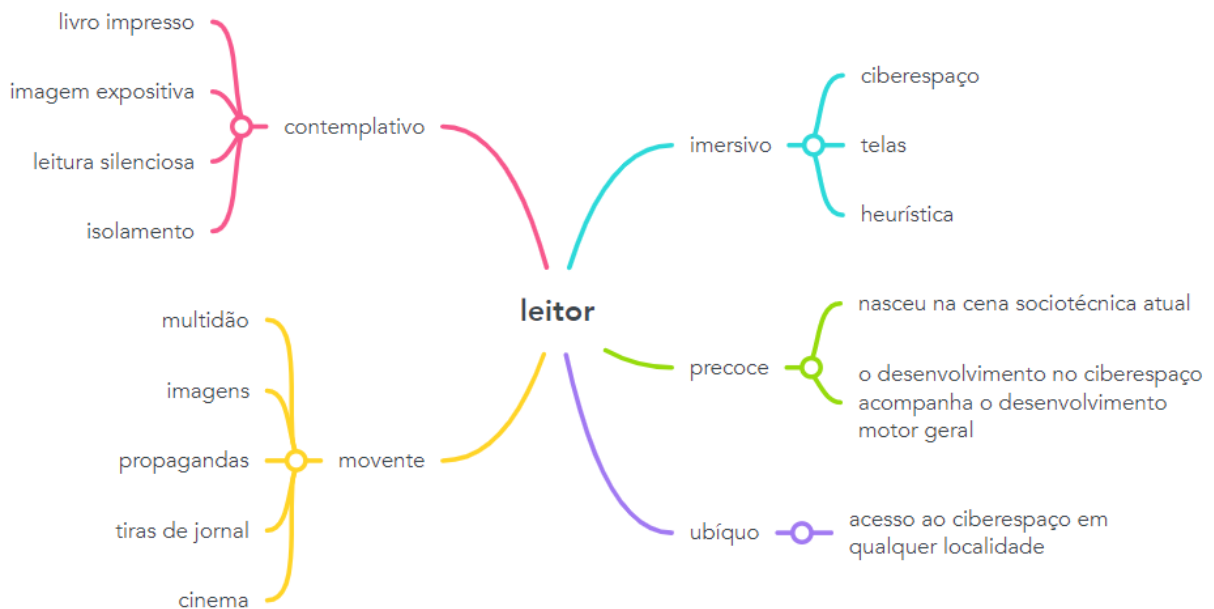
Podemos caracterizar, então, o perfil do leitor de *fanfic* como leitor imersivo. As gerações recentes de leitores são constituídas por pessoas que, assim como eu, começaram a frequentar o ciberespaço quando jovens e aprenderam um novo tipo de leitura, que é exibida na tela por comandos específicos cujos caminhos são determinados pelo próprio leitor, ainda que, muitas das vezes, com a ajuda dos algoritmos. Esse novo tipo de leitura, que chamamos de navegação, propõe um outro tipo de alfabetização para além das habilidades de ler e escrever “pois o alfabeto das interfaces é semioticamente complexo implicando uma compreensão geral do modo de operação do computador” (Santaella, 2004, p.101) ou do *smartphone*. Ou seja, não basta conhecer os signos e acioná-los, mas se requer um conhecimento mais profundo da máquina que intermedia a navegação.

Para além daqueles que experienciaram o acesso ao ciberespaço enquanto jovens, convidamos o leitor a pensar a situação dos *nativos digitais*, que nasceram já na cena sociotécnica contemporânea e conheceram o ciberespaço ainda bem pequenos. São pessoas que se desenvolveram motoramente com a presença do computador, do *tablet* e/ou do

<sup>55</sup> Disponível em: <[https://br.freepik.com/fotos-gratis/garota-usa-telefone-celular-faz-uma-pausa-apos-o-material-de-aprendizagem-e-se-prepara-para-poses-de-exame-com-diario-ao-ar-livre-em-ambiente-urbano-usa-macacao-casual\\_20131639.htm#query=lendo%20smartphone&position=15&from\\_view=keyword&track=ais](https://br.freepik.com/fotos-gratis/garota-usa-telefone-celular-faz-uma-pausa-apos-o-material-de-aprendizagem-e-se-prepara-para-poses-de-exame-com-diario-ao-ar-livre-em-ambiente-urbano-usa-macacao-casual_20131639.htm#query=lendo%20smartphone&position=15&from_view=keyword&track=ais)>. Acesso em: 30 mar. 2023.

*smartphone*, e desenvolveram essas habilidades ao mesmo tempo em que desenvolviam outras comuns, como a escrita manual, por exemplo. Pessoas como essas são os ‘*praticantespensantes*’ da nossa pesquisa. Já a geração de bebês que surge nesse exato momento no qual nos situamos consegue manipular o *smartphone* “não só com destreza, mas com operações cognitivas certas para aquilo que buscam” (Santaella, 2022, p.267). Foi pensando nisso que a autora está desenvolvendo um outro perfil de leitor, ao qual ela chama de *leitor precoce*.

Figura 32 - Mapa mental<sup>56</sup> dos perfis de leitores, segundo Santaella.



Fonte: Mindmeister<sup>57</sup>, 2023.

Nos inspiramos em Chartier, em diálogo com Bourdieu (2011), para entender que “assim como as capacidades de leitura postas em funcionamento num dado momento por determinados leitores frente a determinados textos, as situações de leitura são historicamente variáveis” (Bourdieu; Chartier, 2011, p.233). Vemos que as situações de leitura influenciam nas mudanças que foram e estão sendo feitas nos modos de se ler. O mapa mental da Figura

<sup>56</sup> Segundo a Wikipedia (2023), um mapa mental é “um tipo de diagrama, sistematizado pelo psicólogo inglês Tony Buzan, voltado para a gestão de informações, de conhecimento e de capital intelectual; para a compreensão e solução de problemas; na memorização e aprendizado; na criação de manuais, livros e palestras; como ferramenta de brainstorming (tempestade de ideias); e no auxílio da gestão estratégica de uma empresa ou negócio.” (não paginado). Também pode ser chamado de mapa da mente.

<sup>57</sup> Criado em: <<https://www.mindmeister.com>>. Acesso em: 11 abr. 2023.



32 nos ajuda a sintetizar o que descobrimos sobre os tipos de leitores pesquisados por Santaella (2004, 2022), que tanto nos auxiliaram a compreender o leitor que surge nos diferentes tempos da Cibercultura, assim como contribuíram para a compreensão da vivência literária dos leitores de *fanfics*. Ora, será que o leitor que dispõe de todas essas habilidades realmente deve ser considerado inferior ao leitor que manuseia um livro físico? Essa é uma de nossas inquietações. Dando continuidade ao texto, iremos abordar a autoria antes e depois da chegada da Cibercultura na próxima subseção.

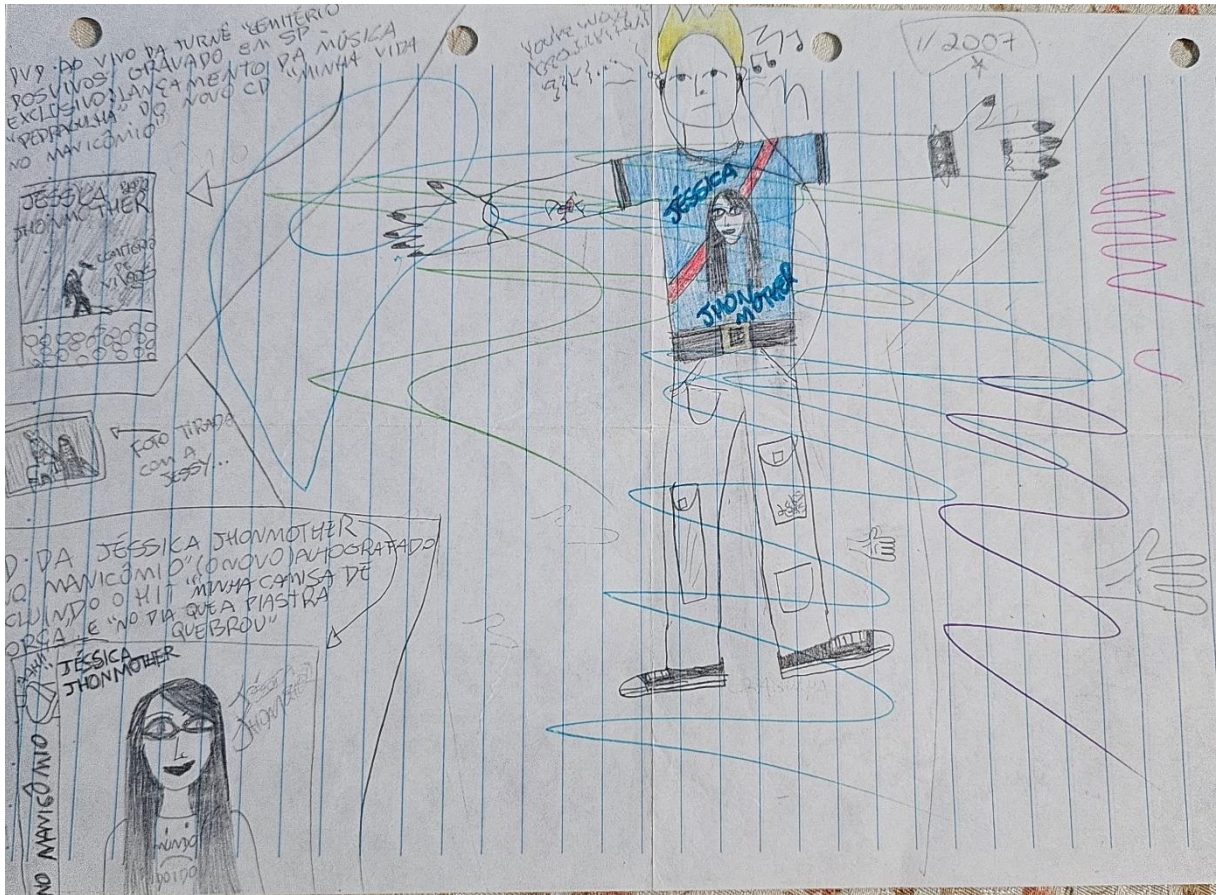
### **3.2 Como eu me torno autora? Os novos papéis de autoria na Cibercultura**

No começo da subseção anterior, contei um pouco de como percebi leitora. Mas e como eu me percebi autora? Talvez tenha sido por volta dos seis anos de idade, quando eu criei uma história em quadrinhos manuscrita e desenhada com os personagens da Turma da Mônica, em um domingo à noite em que estava na sala de casa com a minha família.

Se formos pensar em autoria de textos apenas escritos, penso nas redações que fazia na escola, que eram tão elogiadas pelas educadoras. Em uma reunião de responsáveis, a professora que me dava aulas naquele ano disse que, naquela reunião, havia o responsável de uma menina que seria uma grande autora na vida adulta. Minha mãe conta que continuou a ouvir, sem pensar que a professora se referia a ela, enquanto o pai de uma outra aluna, minha colega de classe, ficou de pé para receber o elogio. Acostumada a receber queixas sobre o comportamento da minha irmã e, posteriormente, do meu sobrinho, que é meu irmão de criação, minha mãe ficou surpresa quando a professora disse que a filha desse moço também seria algo grandioso, mas que ela estava se referindo a mim.

Apesar desses episódios, o que eu realmente considero o momento em que me percebi autora foi quando comecei a criar canções e poemas que poderiam se transformar em canções, mas meu interesse era a música. Eu fantasiava com uma carreira musical desde criança, mas foi somente após a minha aproximação com a Cibercultura que comecei a praticar a autoria e a composição, planos que foram deixados de lado conforme amadureci. Aos treze anos, criei a personagem Jessica Johnmother, que também nunca publicizei de alguma forma. Era algo só meu. Através da sua imagem, também desenhada manualmente por mim, criei canções e histórias vividas por ela.

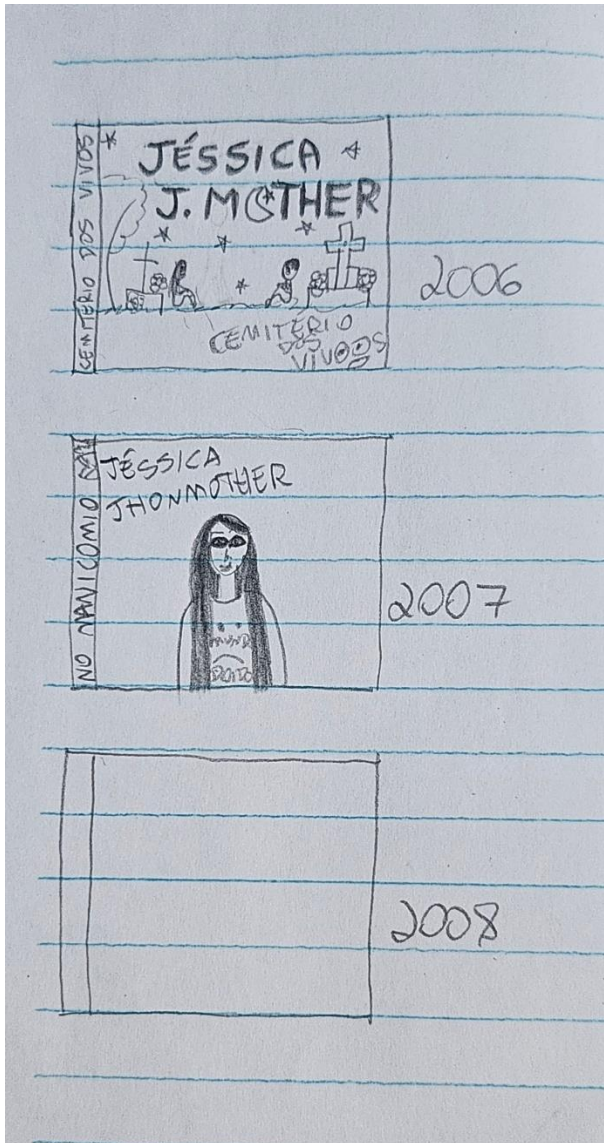
Figura 33 - Um dos desenhos de idealização da personagem Jessica Johnmother.



Fonte: Arquivo pessoal, 2007.

Jessica Johnmother era uma jovem revoltada, a típica rebelde sem causa, ou que se pensava ser sem causa em uma primeira impressão. Ao criá-la, baseei-me em mulheres que me inspiravam esteticamente, como Avril Lavigne, Pitty, Rita Lee, Madonna, Dulce María, Amy Winehouse e Britney Spears. Naquela época, eu não havia entendido que criara um *alter ego*, até porque eu nem sabia o que era um *alter ego* e, quando soube, também me recusei a interpretar dessa forma.

Figura 34 - Idealização dos álbuns da carreira fictícia de Jessica Johnmother.



Fonte: Arquivo pessoal, 2007.

Aos dezoito anos, passados três anos sem criar algo novo sobre Jessica, senti a necessidade de contar o motivo de sua revolta: Jessica nunca havia conhecido a sua mãe. Foi criada por seu pai, um músico que, apesar de ainda jovem, já havia se aposentado do ramo musical. Brasileira, mas com um sobrenome americano, ela sabia que seu pai era estrangeiro, até mesmo pelo sotaque ao falar em português brasileiro. Como a história de Jessica não se passava em um tempo em que a Cibercultura já era presente, ela não tinha recursos para saber a respeito de quem a trouxe ao mundo.

*Quem foi a mãe de Jessica John Mother* surge na tentativa de seu pai finalmente explicá-la toda a verdade. Sem criatividade para definir nomes para os personagens, eu trouxe os integrantes da banda novaiorquina The Strokes para representar os personagens, não apenas com seus nomes, mas também esteticamente. Esse talvez tenha sido meu primeiro escrito artístico por meio de um computador, usando o programa de criação e edição de texto Microsoft Word. Apesar disso, nunca havia visto esse escrito como uma *fanfic* e só vim entendê-la como tal quando comecei a pesquisar sobre *fanfics* academicamente. Ao pesquisar sobre o tema durante o mestrado, percebo que esse texto só não é uma *fanfic* porque nunca foi compartilhado na rede, para outros fãs lerem. Essa foi a motivação para eu trazê-la aqui, no início de cada seção, para também nos ajudar a pensar sobre as *fanfics* pelo contato direto com uma delas.

Se, a partir do ponto de vista desta pesquisa, no contexto da Cibercultura, quem se considera como fã se assume como crítico literário ao comentar as *fanfics* que leu, como conversamos na subseção 1.2, os ‘*autoresfãs*’ assumem uma identidade como autores quando publicizam seus textos. Entendemos que o termo *autoria* não é simplesmente a criação de uma obra: a autoria é uma função do sujeito que é correspondente não apenas à produção de linguagem e texto, mas à organização dessa produção. O autor normatiza sua fala através da escrita e determina um padrão estético para ela, com a preocupação de se fazer entender, possuindo objetivos determinados.

A identidade autoral é uma das que mais recebem influência do contexto histórico-social vivido pelo autor, assim como sua socialização. Podemos perceber isso ao ler uma *fanfic* inspirada em uma obra clássica: há uma dificuldade dos autores em manter uma linguagem rebuscada, como a dos cânones, porque não condiz com a linguagem do tempo em que vivem. Esses autores deixam transparecer seus costumes e formas de se comunicar.

Compactuando com Orlandi (2015, p.76), o conceito de assunção da autoria determina que o autor assume responsabilidade do que diz, da forma como diz e das circunstâncias das interpretações. Orlandi (2015) conta que não temos como determinar que certa pessoa seja autor, porque, para essa assunção da autoria, é preciso que a pessoa esteja inserida na cultura e traga um posicionamento no contexto histórico-cultural em que se insere. A pessoa que escreve *fanfics* costuma ser alguém engajado em seu próprio *fandom*, que está por dentro das problemáticas da contemporaneidade e que pode influenciar positivamente os seus leitores.

Para ilustrar o que Orlandi (2015) nos diz, trago uma *fanfic* chamada Sem Você, inspirada na obra Turma da Mônica Jovem, de Maurício de Sousa. Reconhecendo sua

responsabilidade social como autora, tmjmylove<sup>58</sup> traz para seu escrito uma cena que narra uma tentativa de violência sexual, com a intencionalidade de conscientizar seus leitores ao destacar a importância de se denunciar esse tipo de violência que infelizmente ocorre com maior frequência com as mulheres e pessoas LGBTQIAPN+. tmjmylove aparenta ser uma escritora bastante jovem e consciente de que o seu público, em maioria, talvez seja tão jovem quanto e possua pouco conhecimento sobre esse assunto delicado que, por opção de muitas famílias e escolas, ainda é tão pouco comentado nessa faixa etária, o que pode fazer com que pessoas que foram violentadas não saibam como agir perante a violência que sofreram. Vamos ler o trecho escrito por tmjmylove que destacamos na Figura 35:

---

<sup>58</sup> O nome da autora é estilizado em letras minúsculas, assim como o nome das autoras bell hooks e snakeoflaw, já anunciado anteriormente.

Figura 35 - Cena de violência sexual no enredo da história de tmjmylove com mensagem de conscientização.

- Oi meu amor - diz ele

- Você... sai sai SAI DAQUI - diz Mônica quase chorando

- Ai meu amor não grite você sabe que ninguém vai te ouvir - diz ele chegando perto de Mônica

- Saia - diz Mônica gritando com a esperança de alguém a escutar

- Cala a sua boca - diz ele tentando a beijar a força

- Sai de perto dela - diz Cebola puxando ele pelo ombro e dando um soco na cara dele

- Quem é você pra me dar ordem? - pergunta o homem com o nariz sangrando

- Eu sou um homem de verdade - diz Cebola dando outro soco fazendo o homem desmaiar - Você tá bem?

- Não, não to...ele...ele...ele... - Mônica gaguejando tenta explicar tudo para Cebola

- Não precisa explicar, enquanto eu estiver aqui você sempre vai estar protegida - Diz Cebola abraçando Mônica com força.

\*\*\*

ESTUPRO É CRIME! Se você passa por isso denuncie não guarde o que você passa para si mesma, denuncie, não deixe que isso aconteça com mais mulheres, denuncie faça tudo o que for preciso para esse verme que faz isso com você seja preso.

NÃO AO ESTUPRO

Fonte: Spirit Fanfics<sup>59</sup>, 2020.

Ao lerem a cena descrita por tmjmylove, algumas leitoras reagiram ao texto e decidiram dialogar com o escrito, trazendo suas impressões sobre o assunto e sobre a importância de o tema ser abordado na *fanfic*, como podemos ver nos comentários que estão na Figura 36. Em resposta a um desses comentários, a autora afirma sua intencionalidade de conscientizar quem lê o seu texto. Ao responder outro comentário, a autora desabafa sobre o seu medo de sair nas ruas durante a noite:

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/sem-voce--turma-da-monica-jovem-9713377>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

Figura 36 - Reação das leitoras após lerem a cena de estupro.

**talitacb**  
em 14/02/2018 23:10  
Vc é um ÍCONE... Adorei a mensagem NÃO AO ESTUPRO... Infelizmente muitas meninas passam por isso é tem medo de denunciar . Mas é preciso,pra evitar que mais meninas sejam abusadas  
\*BJS\*

**giihhTMJ**  
em 12/02/2018 23:25  
Amei a historia mais amei mais ainda o diga n ao estupro ❤️❤️❤️❤️❤️❤️

**MJANTONELLI**  
em 15/02/2018 00:27  
Isso é um problema de muitas meninas, tem vezes que tenho medo de sair nas ruas de noite mas parece que isso está virando uma realidade tão comum mas não devia...

**MJANTONELLI**  
em 12/02/2018 23:52  
Esse capítulo não foi so um capítulo eu estou tentando ao máximo consentizar às pessoas que estupro é crime

**MJANTONELLI**  
em 12/02/2018 23:52  
É Obrigada mesmo por acompanhar  
[Responder Comentário](#)

**talitacb**  
em 15/02/2018 00:49  
Infelizmente... 😞  
[Responder Comentário](#)

Fonte: Spirit Fanfics<sup>60</sup>, 2020.

Antes mesmo da chegada da Cibercultura, víamos a autoria de um texto como um processo inacabado, a ser concluído pelo leitor, que é quem irá empregar sentido ao texto. Esse fato é comentado por Bourdieu junto a Chartier (2011): “um livro, num escrito, tendo autoridade, sendo publicado, portanto publicável, portanto público, portanto visível e legível diante de qualquer um” (Bourdieu; Chartier, 2011, p.244) e, atualmente, editável por qualquer um. Com a Cibercultura, surge uma mudança na concepção hegemônica de autoria: antes o autor era tido como um gênio criador e, hoje em dia, se mostra como representante de outros discursos (Amaral; Veloso; Rossini, 2019, não paginado). Vemos nas escritoras de *fanfic* alguém que apresenta um discurso que também pertence a outras fãs que gostariam de alterar a história original de determinada maneira, o que gera identificação e interesse pela leitura de tais escritos.

Com as possibilidades de criação em rede oferecidas pelos aparatos tecnológicos, perde-se a tradicionalidade da autoria. Se antes apenas um autor era reconhecido por determinado discurso, hoje vemos diversas autorias empregadas a uma única obra e, como

<sup>60</sup> Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/sem-voce--turma-da-monica-jovem-9713377>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

exemplo, temos a criação das *fanfics*, que pode ser considerada como uma obra criada em coautoria com quem deu o *pontapé inicial* na conversa, ou seja, o cânone.

Mergulhados na Cibercultura, percebemos que a criação de texto em formato digital também é capaz de potencializar a produção textual, que antes era mais trabalhosa: precisávamos datilografar os textos em uma máquina de escrever, o que requeria papel e tinta, além da impossibilidade de apagar, mover ou modificar o que já havia sido datilografado. Isso sem contarmos se o registro se der de forma manuscrita. Com o computador, *smartphone* ou *tablet*, podemos contar com diversas opções de edição que ajudam a economizar tempo e a dinamizar a nossa criatividade (Amaral; Veloso; Rossini, 2019).

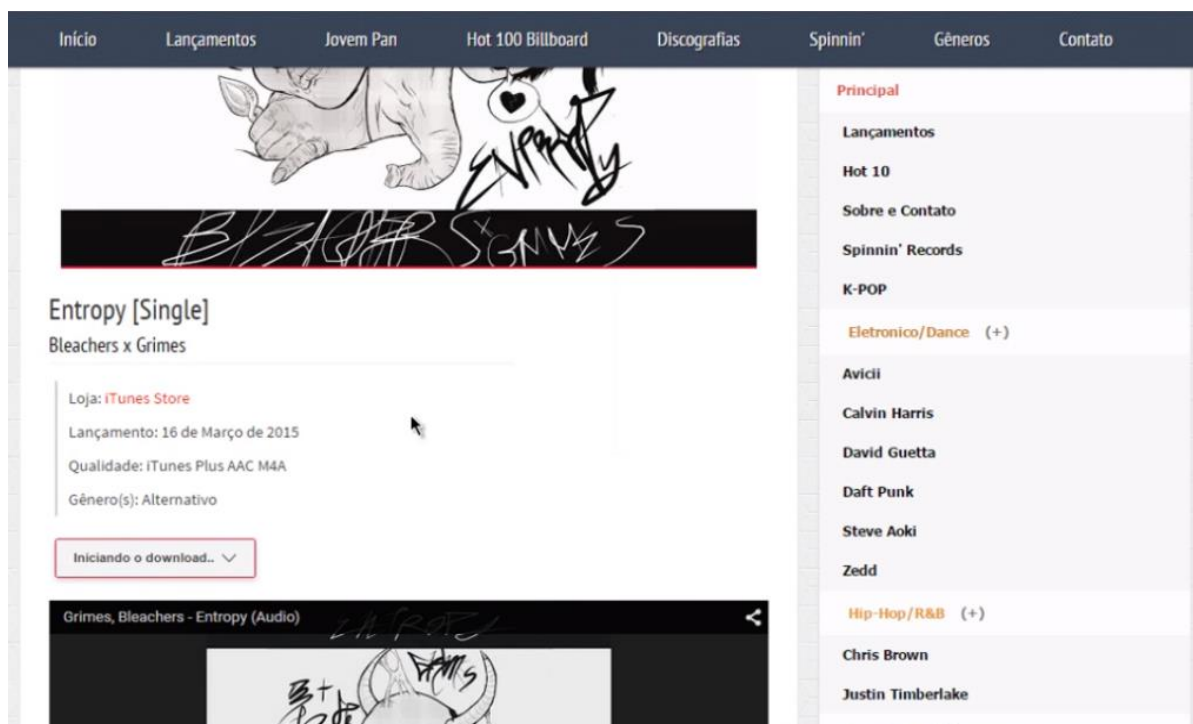
As autoras fazem uma comparação com o período entre a Antiguidade Clássica e a imprensa, em que não havia preocupação com a finalização da obra. Isso surgiu no século XV, a partir da Igreja Católica, que se posicionava contra discursos transgressores e buscava a identificação da autoria para efetivar punições pelos escritos. É aqui que a noção de autoria se firma como algo fechado a um criador. Quanto a essas mudanças na noção de autoria, Orlandi (2015) nos conta:

Não se é autor (ou leitor) do mesmo modo na Idade Média e hoje. Entre outras coisas, porque a relação com a interpretação é diferente nas diferentes épocas, assim como também é diferente o modo de constituição do sujeito nos modos como ele se individualiza (se identifica) na relação com as diferentes instituições, em diferentes formações sociais, tomadas na história. (Orlandi, 2015, p.77)

Se formos pensar sobre a reprodução e a recriação, vemos que estas não se iniciaram recentemente: “A partir da tipografia, do rádio, da fotografia, do cinema, da possibilidade de gravar em fitas magnéticas e vinil, além de outros meios, a prática da reprodução é ampliada, de forma significativa, demarcando a diferença entre o que é original e o que é reproduzido” (Amaral; Veloso; Rossini, 2019, não paginado). A Cibercultura contribuiu para que essas práticas de reprodução e recriação se tornassem mais acessíveis. São inúmeros os *sites* que fornecem *download* de conteúdos pagos de forma ilegal, como músicas, filmes, séries, livros, entre outros produtos culturais, o que pode ser benéfico para quem não possui condições financeiras de adquirir acesso a esses produtos de maneira legítima, mas que fere os direitos de artistas criadores das obras pirateadas. A Figura 37 mostra uma captura de tela do antigo *site* Hits e Beats, que foi popular entre jovens LGBTQIAPN+, dedicado a *downloads* de arquivos de música *pop* vendidos na loja de músicas oficial da Apple, a iTunes Store. O *site* deixou de oferecer *downloads* no ano de 2020:



Figura 37 - Captura de tela do *site* Hits e Beats.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Ao que tudo indica, a instituição autoral não entrará em desuso com a Cibercultura, por conta das leis de direitos autorais e *Creative Commons*, que permitem o uso das obras em algumas circunstâncias. Por exemplo, a legislação brasileira (Lei 9.610/1998<sup>61</sup>) proíbe a reprodução das obras na Internet, mas não é considerado plágio se o seu uso for sem fins comerciais ou seguindo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Com isso, podemos dizer que as *fanfics* não são consideradas plágio, por não possuírem fins comerciais.

As autoras Amaral, Veloso e Rossini (2019, não paginado) nos contam que a reprodução se torna condição básica da própria produção. Qualquer produção está à mercê da reprodução, “num processo contínuo de atualizações” (Amaral; Veloso; Rossini, 2019, não paginado). Temos aqui a *fanfic* como uma dessas reproduções.

Consideramos a criação de *fanfics* como um ato dialógico, de acordo com a teoria de Bakhtin através de Fiorin (2006, p.19): “O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. [...] Todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado

<sup>61</sup> Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19610.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm)>. Acesso em: 1 fev. 2024.

pelo discurso alheio”. Com isso, vemos que as *fanfics* são textos que dialogam com outros textos anteriormente criados. Na verdade, para Bakhtin, qualquer criação se mostra entrelaçada a outras ideias, pontos de vista, admirações. Para esse autor, nenhuma fala é totalmente original, mas possui sua entonação própria: “a partir do momento em que esses enunciados são exatamente iguais, não se trata mais de uma semelhança dialógica, e sim de um plágio”, como Félix (2008, p.123) traz para o nosso diálogo. Félix (2008, p.130) também nos conta que a dinâmica do dialogismo abre espaço para infinitas combinações: quem a escreve é que empregará sua singularidade no seu modo de criar *fanfics*. Não se faz *fanfics* apenas com o intuito de expandir a criação feita pelo cânone: quem as escreve entrega uma parte de si junto com a sua criação.

Apesar das tantas formas de autoria que trouxemos para essa pesquisa, a autoria individual ainda é o tipo mais validado de autoria pela sociedade em geral (Amaral; Veloso; Rossini, 2019). Pelo visto, ainda levará um tempo para que a autoria coletiva seja reconhecida.

Quanto a relação dos cânones com a criação de *fanfics* inspiradas em seus enredos, muitos autores canônicos repudiam essas criações, exatamente por modificar o que deveria ser dado de uma determinada maneira. Consideramos esse repúdio tolo, porque

O esforço desesperado de todos os autores para controlar a recepção, para impor as normas da percepção de seu próprio produto, esse esforço desesperado não deve mascarar que finalmente os livros que mais agem são os livros que agem de inconsciente a inconsciente. [...] Encontramos no livro o que colocamos nele e não saberíamos dizê-lo. Sem recair na mitologia da criação, do criador único. (Bourdieu; Chartier, 2011, p.245-246)

Apesar disso, alguns autores, como J. K. Rowling, criadora da saga Harry Potter, incentivam essas produções. No caso dessa autora, ela apenas não permite que essas criações tenham conteúdo sexual, o que não é surpreendente vindo de Rowling, que tem demonstrado um posicionamento conservador nas redes sociais nos últimos anos, como, por exemplo, as suas falas transfóbicas.

Apesar de proibições como essas, as *fanfics* continuam sendo criadas, inclusive, com conteúdo erótico: como textos escritos por autores que, em sua maioria, são mulheres e/ou pessoas LGBTQIAPN+, sendo boa parte deles adolescentes e jovens, as *fanfics* costumam refletir inquietações comuns a esta idade, fase de descobertas do mundo e de suas expectativas perante ele, conforme iremos conversar nos próximos passos dessa andança para conhecer o universo das *fanfics*, quem e como as escreve.

Essa faixa etária que citamos acima é justamente a mesma dos estudantes que são os ‘*praticantespensantes*’ dessa pesquisa, o que justificou a escolha do nosso campo de pesquisa, cujo qual iremos narrar de maneira mais detalhada ao partir para a quarta seção do nosso texto, que se chama **LITERATURIZANDO A CIÊNCIA COM AS FANFICS NA ESCOLA**, que leremos a seguir.

#### 4 LITERATURIZANDO A CIÊNCIA COM AS FANFICS NA ESCOLA

*- Eu não posso deixar o meu amigo cair nessa furada. Onde já se viu um cara nascido em berço de ouro se envolver com alguém que eu não faço ideia de onde nasceu. Nem sabe falar inglês, que é o básico do básico pra qualquer um no planeta. Eu tenho que dar um jeito de ajudar ele. Essa praga tem que voltar pro México ou seja lá de onde for que ela veio.*

*Nick conversava consigo mesmo. Por mais que seus amigos também não apreciassem muito a presença de Lou nos ensaios, nenhum deles ia concordar com o seu plano. Ele contatou o seu fornecedor de drogas e pediu uma grande quantidade.*

*- Vai dar outra festa daquelas, Nick? Quando tu vai me convidar?*

*- Só se for pra você fornecer mais (risos).*

*De hoje não passava. Nick colocou drogas onde percebeu que Lou guardava sua bolsa quando chegava ao estúdio. Antes de chegar no horário que foi marcado pro ensaio, Nick passou por um telefone público e fez uma denúncia anônima sobre uma traficante latina que estava distribuindo drogas num estúdio americano. Enquanto ensaiavam, ele já sabia que seria a estrangeira que seria detida, já que todos ali eram nativos americanos, exceto ela. Quando a polícia chegou e ele viu a forma que trataram a estrangeira, ele se arrependeu do que fez, mas já era tarde demais pra isso. Seu amigo, Jules, ficou desolado.*

*- Jules, se acalma.*

*- Ela vai ser levada de volta pro país dela.*

*- A gente pode buscá-la de volta.*

- Mas como? Não temos dinheiro nem mesmo pra pagar esse estúdio hoje.

- Vamos fazer essas músicas serem conhecidas e usar o dinheiro pra resgatar ela. O problema é sabermos de qual país que ela é.

- Ela me contou. Brasil. – respondeu Jules.

Após correr atrás de diversos produtores e gravadoras durante tantos meses de pouca esperança, *The Strokes* finalmente conseguiram gravar o seu primeiro álbum. As músicas de maior sucesso foram justamente as compostas por Lou junto do Jules, exceto uma: *New York City Cops*. O ano de 1984 chegava ao fim quando seu empresário conseguiu fechar um show no primeiro festival de rock brasileiro, o *Rock In Rio*. Jules saltou de alegria, porque a mídia americana inibia tudo o que ele falava sobre a apreensão de sua companheira latina. O jeito que ele teve de falar isso sem sofrer censura foi através da música:

“Policiais de Nova Iorque  
Policiais de Nova Iorque  
Policiais de Nova Iorque  
Eles não são muito inteligentes”

Jules havia dedicado os últimos dois anos a aprender Português. Seu sotaque ainda era bem ruim, mas compreensível o bastante para seus fãs o ouvirem no discurso que fez no palco do *Rock In Rio* de 1985. No Brasil, ele mobilizou a mídia a seu favor. Como eram a banda do momento, poderiam conseguir o que quisessem, menos o que mais queriam e o que os deu mais força de correr atrás do sucesso. Jules já não se importava com sua aparência, vivia embriagado e sujo, a fama não o importava

*mais como antes. Ele apenas a usava para buscar o seu bem mais precioso: o amor de sua vida.*

*Uma fã da banda que trabalhava como carcereira na prisão feminina não se ofendeu com a música que criticava os policiais e quis ajudar. Ela descobriu que Lou havia sido transferida para sua prisão no mesmo ano em que foi apreendida em Nova Iorque. Ela chegou a prisão grávida e não resistiu ao parto, apesar da criança ter sobrevivido. A criança foi enviada para a família de Lou, que já tinha 2 anos. Jules procurou essa família e pediu a guarda da criança, a quem a família já havia batizado como Jéssica, nome que Jules escolheu manter. Nick não soube guardar seu veneno e disse para a família fazer um teste de paternidade antes. Assim foi feito e foi provado que Jéssica era realmente filha de Jules.*

*Todo o dinheiro dos direitos autorais das músicas era reservado para o sustento de Jules e Jéssica, mas parte também era enviado para a família de Lou mensalmente, pois Jules achava que era muito dinheiro pra ficar guardado pra uma pessoa só.*

*Yasmin Viana – Quem foi a mãe de Jessica John Mother,  
Capítulo 4*

O presente trabalho se trata de um diálogo entre autores e leitor, que, conseqüentemente, também é autor, como vimos nas páginas anteriores. A arte de *literaturizar* a ciência, que é o quarto movimento das pesquisas com os cotidianos, como definem Andrade, Caldas e Alves (2019), e que também inspira o título da presente seção do nosso escrito, representa mais um rompimento com o modelo hegemônico de pesquisa: as narrativas possuem grande valor social, sejam orais, escritas ou de sinais, que expressam ‘*conhecimentossignificações*’ que nem sempre cabem no formato escrito e que muitas vezes são ignorados pelo modo hegemônico de se pesquisar, saindo de uma linguagem

supostamente neutra e de uma posição de poder que supostamente determina quem possui a autorização para falar.

Já que aqui me cabe o papel de narradora do que vivemos, *literaturizando* a ciência que produzimos, também produzo ‘*conhecimentossignificações*’ nesses cotidianos, com inspiração também em Conceição Evaristo, que traz o estilo de escrita *escrevivência* em sua obra *Becos da Memória* (2018). Na posição de narradora desta história, tranço as redes com os relatos que ouvi e incluo a minha própria fala, minhas próprias vivências, o que também ocorre com os escritores do gênero textual *fanfic*, que trançam suas redes com as redes dos autores dos cânones que os inspiram.

A arte de contar histórias é importante para o ‘*aprenderensinar*’, como dizem Andrade, Caldas e Alves (2019, p.34). Ao fazer ciência enquanto narramos as experiências, temos como desafio reconhecer as falas daqueles que não estão incluídos no meio acadêmico, mas “produzem em seus cotidianos os ‘*conhecimentossignificações*’ que dialogam, problematizam, tensionam e complementam aqueles produzidos nas universidades” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p.34).

Nessa seção do texto, iremos conhecer melhor os ‘*praticantespensantes*’ dessa pesquisa a partir das suas narrativas que emergiram das conversas com eles no campo de pesquisa, o Colégio Estadual Arruda Negreiros, na turma do primeiro ano do Curso Normal (antiga Formação de Professores). A maioria dos estudantes tinha entre 15 e 16 anos de idade na época em que convivemos, sendo que duas estudantes tinham 20 e 21 anos de idade. Nossas vivências se deram durante as aulas da disciplina unificada Língua Portuguesa e Literatura, na presença da Professora Fátima, mais conhecida como Fatinha.

O *site/app* Wattpad foi um dos dispositivos acionados, por escolha dos ‘*praticantespensantes*’, que consideraram este como o ciberespaço mais comum entre os leitores e escritores de *fanfics*. Também trazemos como dispositivo duas rodas de conversa realizadas com os ‘*praticantespensantes*’. O uso dos dispositivos se justifica no fato de que a pesquisa-formação não se limita a uma mera *coleta de dados*: esta “aciona dispositivos para a produção de dados com os praticantes culturais em suas práticas cotidianas” (Santos, 2019, não paginado). Já na pesquisa-formação em contexto *ciber*, o que chamamos de ciberpesquisa-formação, o ato de acionar dispositivos significa criar “ambiências formativas em que os praticantes culturais possam expressar suas autorias, cocriando o currículo e a pesquisa propriamente dita em interface com diversas redes educativas e ou espaços multirreferenciais de aprendizagem” (Santos, 2019, não paginado).

O conceito de ambiências formativas, desenvolvido por Rosemary dos Santos (2015), é constituído em “situações de aprendizagem cocriadas nos *espaçostempos* híbridos em que se articulam os ambientes físicos e digitais” (Santos, 2015, p.38), seja a sala de aula presencial, os AVAs ou as redes sociais. Santos (2015) nos mostra que cada pessoa “tece-se na multirreferencialidade dos outros e nega, ou afirma, suas escolhas a partir dessas referências” (Santos, 2015, p.33). As referências individuais se constituem no encontro com outras pessoas, em diferentes espaços e é com elas que suas aprendizagens se fazem. Dentre os espaços multirreferenciais de aprendizagem, contamos com o ciberespaço, que “engloba os diálogos e relações intencionais e os espaços de significação, que podem ser afetivos, estéticos, sociais, históricos, ideológicos, etc” (Santos, 2015, p.34). Ao compreender isso, vemos a nossa atividade como uma ambiência formativa, por se constituir tanto de forma presencial quanto *online* e envolver diferentes referenciais, ‘*dentrofora*’ do que é previsto em uma aula convencional.

Foi a partir das conversas com os ‘*praticantespensantes*’ e de suas criações que nossos dados foram produzidos e, para entendermos esses dados, foi necessária a organização destes em noções subsunçoras, que são categorias de análise e interpretação dos conteúdos pesquisados, “que emergem conjuntamente da competência teórico-analítica do pesquisador e da apreensão refinada da própria realidade pesquisada” (Santos, 2011, p.155). Uma noção subsunçora funciona da seguinte forma: a partir de um conceito definido, abre-se a possibilidade de criar conhecimentos que podem ser conectados a novos conceitos e nos ajudar a compreender o significado das novas informações trazidas (Santos, 2011, p.156). Cada subseção que constitui essa seção será referente a uma noção subsunçora desenvolvida em nossas conversas e vivências com a turma. A seguir, iremos conhecer a nossa primeira noção:

#### **4.1 *Fanfics* do gênero *hot*: devemos nos envergonhar?**

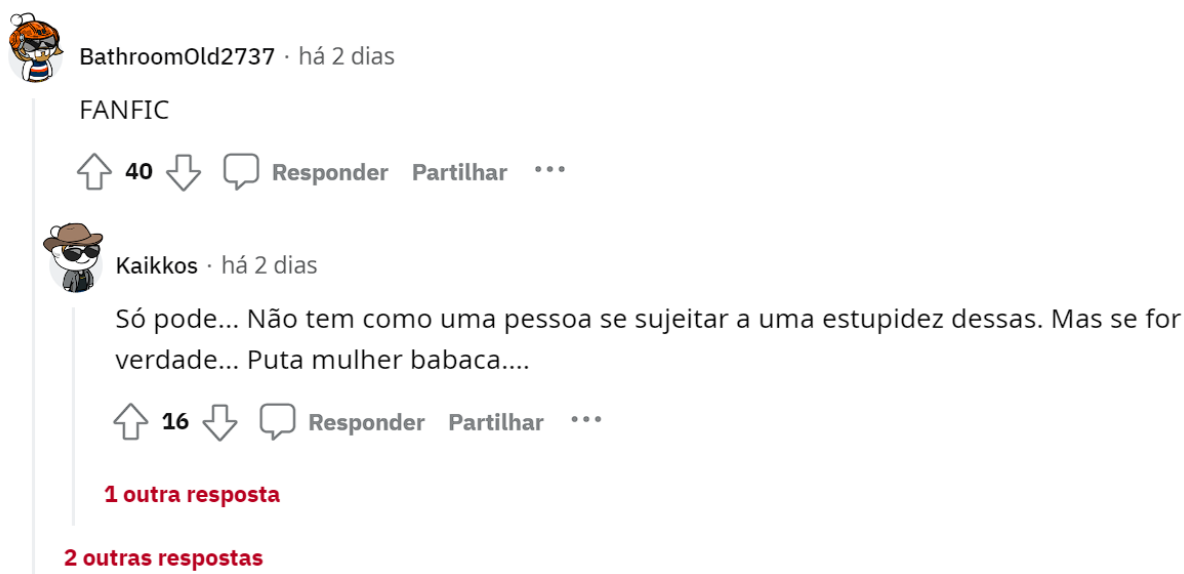
Ao me apresentar à turma, a Professora Fatinha contou brevemente sobre a minha história como estudante do ensino público e contou sobre a possibilidade de se chegar à universidade e ao mestrado, me citando como exemplo. Dando continuação à sua fala, me apresentei e falei sobre a minha trajetória acadêmica e das minhas dificuldades. Costurei a minha fala sobre a minha trajetória com a minha pesquisa, que nunca se desvincula da minha história de vida (Josso, 2004).



Quando iniciamos a nossa conversa em aula sobre as *fanfictions*, os ‘*praticantespensantes*’ afirmaram não conhecer o termo, até que uma das estudantes comunicou a todos que se tratava de *fanfic*, que é a abreviação da palavra *fanfiction*. Com isso, vimos a necessidade de adaptar este termo, que era anteriormente utilizado nessa pesquisa para denominar os escritos feitos por fãs inspirados em outras obras, para a sua abreviação *fanfic*, já que é o termo que se faz mais presente nos cotidianos dos jovens estudantes que são ‘*praticantespensantes*’ dessa pesquisa.

Ao entenderem sobre o que se tratavam as *fanfictions*, os estudantes ficaram empolgados e o barulho se instaurou pela sala. Foi um momento divertido. Alguns ‘*praticantespensantes*’ confundiram o significado do termo, que também vem sendo popularmente empregado ao se remeter a uma pessoa inventora de histórias mentirosas, num sentido pejorativo. Um exemplo do emprego da palavra *fanfic* com esse outro significado pode ser encontrado na figura a seguir:

Figura 38 - Duas pessoas questionam, incrédulos, se a história que foi contada em um tópico no fórum Reddit é verdadeira.



Fonte: Reddit<sup>62</sup>, 2023.

<sup>62</sup> Disponível em:

<[https://www.reddit.com/r/EuSouOBabaca/comments/1862c89/quero voltar com a ex mas ela s%C3%B3 a ceita se eu for/](https://www.reddit.com/r/EuSouOBabaca/comments/1862c89/quero_voltar_com_a_ex_mas_ela_s%C3%B3_a_ceita_se_eu_for/)>. Acesso em: 28 nov. 2023.

Ao questionar novamente quem já conhecia esses textos, muitos ficaram com vergonha de dizer. Por fim, dos 19 presentes na aula daquele dia, apenas duas estudantes afirmaram não conhecer o assunto, nesse primeiro diálogo. Expliquei, de forma breve, o que significava. Quanto a essa vergonha demonstrada quando conversamos sobre as *fanfics*, podemos justificar pelo fato de que, além de serem escritos de autoria majoritariamente feminina, como nos conta Rosa e Schlösser (2022), a escrita das *fanfics* propicia liberdade para fantasiar de diversas formas, o que inclui, também, expressões de sexualidade (Rosa; Schlösser, 2022). *Fanfics* com conteúdo erótico são categorizadas como *hot* entre os leitores e escritores e, frequentemente, são vistas como “leituras de que não podemos falar, inconfessáveis, que fazemos às ocultas”, como nos diz Bourdieu em conversa com Chartier (2011, p.238).

Por conta dessa vergonha demonstrada por parte da turma, vimos a necessidade de trazê-la como uma de nossas noções subsunçoras. No tempo em que eu pesquisava *fanfics* com o GEEDAI, orientada pela Profa. Dra. Carmen Pimentel, eu também senti vergonha em dizer, em alguns momentos, qual era o meu objeto de pesquisa em conversas com outros colegas graduandos, pois eram constantes as falas depreciativas sobre o tema. Com a maturidade, percebi que falar sobre esse objeto não é motivo de vergonha, já que a sexualidade também nos constitui como humanos e é um assunto a também ser falado por mulheres, não apenas por homens (Madonna, 1994).

Podemos dizer que essas falas contêm certa essência machista, já que essas histórias são escritas, em sua maioria, por pessoas do gênero feminino, que por vezes possuem o direito negado socialmente a tratarem de “questões que envolvem prazer, insegurança e o conhecimento acerca do próprio corpo” (Rosa; Schlösser, 2022, p.298), enquanto é permitido socialmente aos homens que se expressem quanto a questões sexuais. Trazer expressões sobre sexualidade é algo comum na arte e na mídia, o que se reflete na escrita das *fanfics*, que têm como inspiração em sua concepção outras obras populares midiaticamente. Na cena musical, temos como inspiração a cantora Madonna que, durante as décadas de 1980 e 1990, trouxe temáticas para suas músicas e videoclipes que abordavam a sexualidade e sofreu críticas pesadas naquele tempo. Apesar de ter se passado décadas que Madonna enfrentou esta situação, ainda vemos críticas semelhantes sobre mulheres que se expressam sexualmente de alguma forma, seja em sua vestimenta, forma de dançar, de interagir com outras pessoas,

entre outras ações, o que também se inclui o ato de escrever. Na canção *Human Nature*<sup>63</sup>, a cantora questiona:

Eu disse algo errado?  
 Oops, eu não sabia que não podíamos falar sobre sexo  
 Eu devia estar louca  
 Eu tive um ponto de vista?  
 Oops, eu não sabia que não podia falar o que não penso  
 O que eu estava pensando?

[...] Você me puniu por falar as minhas fantasias  
 Estou quebrando todas as regras que eu não criei

[...] Isso soaria melhor se eu fosse um homem?  
 (Madonna, 1994, tradução nossa)<sup>64</sup>

Em outro momento, durante a roda de conversa que fizemos com os ‘*praticantespensantes*’ que já escreviam *fanfics* antes da nossa pesquisa, ocorreu o seguinte diálogo sobre o gênero *hot* e o significado generalizado que acabou sendo atrelado às *fanfics*:

**S4njiGay:** Eu gosto. Depende de quais são, como elas são. Eu gosto.

**Eniol:** Assim, eu (gostar) depende. Tem casos e casos. Tem algumas que eu não gosto tanto, não é tão confortável de ler, mas tem outras que pode ter certo teor sexual ou algo do tipo, mas (gosto) não por aquilo exatamente, mas pela história, acaba sendo muito boa. Eu gosto.

**Yasmin:** Você acha que tem algumas que são muito exageradas? Fora da realidade...

**Eniol:** É, aquilo acaba sendo o (foco) principal e diminuí um pouco a história, só que tem outras que, tipo assim, pode ter conteúdo sexual durante a história, mas o importante não é esse ato, o importante é a história em si. Nesse caso, eu gosto, na maioria dos casos (risos).

**Rhavi:** Eu acho que são casos e casos porque, pra conteúdo sexual, a literatura, *fanfic*, livros e escrita no geral, você colocar só aquilo como foco da história em si, de todo o enredo, fica uma coisa que tu fica encucado. Não, não... mas nada contra e

---

<sup>63</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=XPL\\_qGqSJxA&pp](https://www.youtube.com/watch?v=XPL_qGqSJxA&pp)>. Acesso em: 22 mar. 2024.

<sup>64</sup> “Did I say something wrong?  
 Oops, I didn't know I couldn't talk about sex  
 I must have been crazy  
 Did I stay too long?  
 Oops, I didn't know I couldn't speak my mind  
 What was I thinking?”

[...] You punished me for telling you my fantasies  
 I'm breaking all the rules I didn't make

[...] Would it sound better if I were a man?”

nem nada a favor. Já consumi? Já consumi, mas... Não me interessa, não. Tipo, não me é interessante, assim... não é realmente uma coisa interessante. Eu só penso assim: tu vai ficar excitado por causa de palavras?! Cara, você está lendo, você está imaginando, você está se excitando com aquilo, tipo... é a mesma coisa para terror, você está se assustando com palavras, mas assim, tem todo um cenário, aquilo, pra criar as emoções. Mas, tipo, indo para um raciocínio muito lógico, assim, tu fica meio... Mas falando de uma parte muito mais lógica assim, tu fica “caraca, moleque... me perdi na batatinha” (risos). [...]

**S4njiGay:** Sinceramente, eu não me importo se a pessoa vai achar que você tá sendo uma tarada que só gosta de ver isso na *fanfic*, entendeu? Não, pode me falar, eu gosto de escrever, eu gosto de escrever sobre tal assunto e se você não gosta, o problema é teu. A pessoa que lê a minha *fanfic* gosta e eu também. Não acho que a maioria das pessoas criam só por causa do conteúdo +18 e nem leem só por causa disso. A maioria das pessoas que leem realmente gostam da história. E, quando tem as cenas +18, elas leem, tipo, normal, tipo, é só uma passagem na história. Mas tem aquelas histórias que já são feitas só de um capítulo único, que são focadas mais nisso, entendeu? Tipo essas, eu acho que se deveria só botar um aviso que vai ser sobre aquilo.

**Eniol:** Eu não tenho direito de ter vergonha, mas eu não tenho o costume de falar muito (sobre escrever *fanfics*), mas se me perguntar, sim, eu escrevo. E, realmente, eu acho que tem muito isso, das pessoas acharem que *fanfic* é literalmente só conteúdo sexual. Só que não é. Você fala que é *fanfic* e a pessoa já olha tipo “hum, sei o que tu tá lendo”, só que não é nada em relação a isso, mas eles não entendem que existem vários tipos, existem vários gêneros. Eu acho que isso sofre um pouquinho de preconceito, só que eu não ligo tanto porque é algo que eu gosto, é algo interessante para mim. Não vai mudar nada na minha vida se você não gosta, entendeu? (risos).

Em continuidade a aquela primeira conversa com os estudantes, na chegada ao campo de pesquisa, eu os disse que entendi o motivo de terem vergonha e que não era necessário, até mesmo por não pretendermos criar *fanfics* numa perspectiva sexualizada. Apesar disso, entendemos que essa insegurança com o tema era algo a ser vencido e que a confiança só seria conquistada com o tempo e, em consideração a isso, seguimos com a nossa convivência com a turma, conforme narramos, a seguir, em nossa segunda noção subsunçora.

#### 4.2 As máscaras caíram, e agora? Como recomeçar depois do isolamento?

A frase que denomina essa noção subsunçora é de cunho popular e significa que uma pessoa deixou de esconder o seu rosto, revelando sua verdadeira face. Costuma ser usada quando alguém finge ser de um determinado jeito e, posteriormente, deixa de esconder como realmente é. Consideramos interessante fazer essa comparação ao ensino remoto emergencial e as ocorrências envolvendo a proibição do uso dos aparatos digitais no retorno ao ensino presencial, como veremos mais à frente.

O que deveria ser um formato de ensino acessível em um momento em que não era possível nos reunirmos presencialmente, tornou-se um pesadelo para os educadores que tentavam manter as atividades escolares enquanto muitos estudantes não possuíam acesso à Internet e aos artefatos necessários para essa conexão. Com a chegada das vacinas contra a COVID-19, as aulas puderam acontecer novamente no formato presencial e as máscaras de proteção foram gradualmente deixando de serem usadas. Com isso, foi perceptível que o momento em que vivemos com essa doença à solta, de maneira descontrolada, não nos causou apenas problemas de saúde física.

Durante aquele primeiro encontro com a turma, estava sendo aplicada a prova referente ao conteúdo estudado no primeiro bimestre, que constitui parte majoritária da avaliação bimestral. Ao aplicar as provas, a professora pediu que se posicionasse um estudante por fileira de carteiras. Antes, estavam agrupados nas duas fileiras das laterais, com poucos alunos na fileira central, que, com o tempo, percebemos que constantemente estão vazias, como podemos ver na imagem a seguir. As avaliações foram entregues e Fatinha me ofereceu uma cópia para acompanhamento, assim como passou a oferecer em outras ocasiões em que foram usados materiais impressos. O tema da prova foi *Reverendo Substantivo e Adjetivo* e, apesar de Fatinha afirmar, em primeiras conversas, que pouco entende sobre os usos das tecnologias digitais, suas propostas pedagógicas já pareciam bem alinhadas com a nossa pesquisa nesses primeiros momentos.

Figura 39 - Um dia qualquer nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Enquanto os estudantes respondiam às questões, a Professora Fatinha me contou que os estudantes ainda não estavam com o material didático porque são a primeira turma de 1º ano a estudar no recém implantado formato do Novo Ensino Médio e houve demora na entrega do material novo. Com isso, não foi utilizado o material novo nesse primeiro bimestre, mas passou a ser usado como base para o segundo bimestre. Fato esse que não ocorreu com turmas de 2º e 3º ano, que ainda não estudavam pelo novo formato do Ensino Médio e puderam aproveitar o material didático das turmas do ano anterior. Com a falta desse material, optou-se por fazer uma revisão de temas de Língua Portuguesa estudados nas séries

anteriores, até mesmo por conta da necessidade gerada pelas dificuldades enfrentadas no ensino remoto emergencial. De acordo com Professora Fatinha, todos os outros professores fizeram uma dinâmica semelhante com essa turma, como mostra a narrativa a seguir:

**Professora Fatinha:** O primeiro bimestre foi um bimestre que a escola toda teve que trabalhar uma espécie de revisão, de buscar alguns conteúdos assim. Todas as turmas, todos os professores e todas as disciplinas. No primeiro bimestre não se deu o conteúdo que tinha que ser trabalhado, foi feito esse trabalho de revisão no apanhado geral. Ficou muita coisa sem recuperar. A defasagem agora está muito grande. Quem não tem hábito de estudar, disciplina, de fazer as atividades, de ter aquele horário e tem isso por gosto, tem essa aplicação... está indo, só Deus sabe como. Porque a pandemia fez com que os alunos perdessem um pouco desse hábito de ter uma tarefa para fazer em casa, voltar com aquela tarefa pronta para ser discutida, para ser avaliada. Isso emperrou cada vez mais, porque, quando você tem uma turma que você explica o conteúdo, você dá uma atividade em sala de aula, aí você complementa com uma atividade para fazer em casa, para, no retorno, você poder retornar aquele assunto ou corrigir aquela atividade, aí você tem a turma que não fez nada, não fez uma vírgula daquilo que você pediu. O caderno volta do jeito que ficou na sua aula. Se você parou na questão 3, na letra A, pronto. Fica ali, para ali. Então você tinha que fazer com eles, você perdia em sala de aula muito tempo para dar conta de atividades que eles podiam dar (conta) em casa. Você tirava as dúvidas e você podia fluir mais, com uma quantidade maior de conteúdos.

Conversando com a narrativa de Fatinha, percebo que, de fato, os estudantes haviam deixado de ter certos hábitos de estudo que, antes da pandemia, faziam parte dos seus cotidianos. Foi notado que a maioria dos estudantes teve dificuldade em realizar a prova, apesar de serem apenas questões sobre substantivo e adjetivo. A professora fez uma outra explicação sobre o tema e alguns estudantes pediram para refazer a prova. Fatinha sugeriu que utilizassem uma folha de caderno para reescreverem as respostas e a grande maioria o fez, mas uma das educandas, que não conseguia fazer nenhuma das questões, teve dificuldade ainda assim e foi questionada se esteve presente nas aulas, o que respondeu de maneira afirmativa. Na semana seguinte, Fatinha trouxe uma avaliação de recuperação para os estudantes, já planejada por ela, que já esperava que haveria um baixo desempenho nas provas. Como resultado da avaliação de recuperação, Fatinha percebeu que são poucos que dão conta do conteúdo gramatical: a maioria se deu melhor com a recuperação por se tratar de interpretação de texto. Nos casos em que a nota da avaliação de recuperação fosse maior do que a nota da prova, a nota da prova seria substituída pela nota da avaliação de recuperação, o que aconteceu com a maioria dos estudantes.

Com esse ocorrido envolvendo a avaliação de recuperação, percebemos que, de fato, houve a necessidade de estudarem temáticas das séries anteriores, apesar de acreditarmos que

“falar em recuperação de aprendizagens é falar na desvalorização de todo o trabalho realizado por alunos, professores e famílias” (Bento, 2021, não paginado), já que, de toda forma, naquele tempo em que ocorria o ensino remoto emergencial “aconteceram aprendizagens, [...] diferentes, mas fundamentais e enriquecedoras para todos”, conforme nos diz Bento (2021, não paginado), que também nos aconselha a não “procurar classificações de alunos, mas sim olhar para a aferição a ser construída, como um processo de diagnóstico para se saber de onde partir e não onde se chegou. Não se perderam aprendizagens, apenas se desenham planos a partir do ponto que um aluno precisa” (Bento, 2021, não paginado). Essa foi a mesma estratégia da Professora Fatinha para *driblar* a falta do apoio fornecido pelo material didático. Sobre essas diferentes aprendizagens obtidas durante a pandemia, o ‘*praticantepensante*’ Rhavi Dion nos conta:

**Rhavi:** Eu sumi da escola nesse tempo de pandemia. A pandemia chegou e eu não sabia de nada, assim, e eu tenho problema de *déficit* de atenção desde sempre. Foi uma desgraça na minha vida, porque me distraia muito. Tipo, estava lá na página, não sei nem como que eu entrava lá, aí tava lá o exercício, lista de presença, eu (pensava): “vou marcar aqui”. Aí depois eu vi o anúncio, mas lembrei de uma coisa e me distraí, larguei pra lá, e depois eu começava lá, no dever de Educação Física, dos Jogos Olímpicos, aí eu já estava com umas mil abas abertas e no final tava mostrando algo do tipo “como me tornar um *designer* gráfico”. Pronto. Era passar de escola para qualquer outra coisa em segundos. Tanto que, depois de uns meses, recebi intimação lá da escola me mandando apostila. Fiz no começo? Fiz assim, depois de... quase no final, assim, do meio para o final, fiz apostila, só umas poucas coisas. Fiz, não entreguei, passei mesmo assim, não sei nem como, graças a Deus. [...] Eu aprendi muita coisa assim, comigo me distraindo e não indo para EAD<sup>65</sup>. Só que eu percebo que eu também pirei. O que, olha, foi uma desgraça. Eu não sei coisa do oitavo, nono ano e agora eu tenho que recuperar tudo.

Em diálogo com as narrativas de Rhavi e da Professora Fatinha, Bento (2021, não paginado) nos sugere outra estratégia para *preencher a lacuna* que o ensino remoto deixou, em meio às dificuldades que estudantes e educadores tiveram com esse formato: “a aposta nos apoios educativos, criando a figura dos mentores e tutores, que podem assumir par pedagógico com os titulares de turma, apoiando e desenvolvendo atividades diferenciadas nos alunos que manifestam dificuldades de aprendizagem”. É com esse foco em atividades diferenciadas que idealizamos nossa atividade envolvendo as *fanfics* para nos ajudarem a encontrarmos conhecimentos outros que possam ser partilhados com os estudantes e, para isso, tomamos inspiração em Garcia (2008, p.50): “a sala de aula pode ser um espaço de

---

<sup>65</sup> Os ‘praticantepensantes’ se referiram ao ensino remoto emergencial como a modalidade Educação à Distância (EAD) de forma errônea, já que a modalidade remota de ensino e EAD possuem propostas diferentes.



imenso prazer e alegria e que não são incompatíveis o aprender e o prazer, ao contrário, talvez o que de melhor se aprenda na escola seja o prazer de aprender”. Após entendermos o contexto vivido pelos nossos ‘*praticantespensantes*’ no momento de nossa vivência no campo, partiremos para a próxima seção subsunçora, que irá nos ajudar a compreender o processo de criação da nossa atividade.

### 4.3 Entre cópia e inspiração: o desenvolvimento da atividade

No começo de nossa estadia no campo de pesquisa, percebemos que as atividades de pesquisas da disciplina estavam sendo copiadas pelos ‘*praticantespensantes*’ através de conteúdos pré-existent na Internet, o que fez com que a professora verificasse cada atividade no *site* de buscas Google. Amaral, Veloso e Rossini (2019) nos ajudam a entender a questão da prática da cópia, em especial, se considerarmos que estes estudantes são de uma geração que viveu no contexto da Cibercultura desde o início de suas vidas:

A facilidade de acesso à Internet e, ao que nela é produzido, aumenta, de forma expressiva, a prática da cópia, o que torna tênue a fronteira entre o que é próprio e o que é alheio. [...] Essas questões nos levam a refletir sobre práticas sociais na cibercultura, a partir da formação de sujeitos que possam atuar como agentes, atores e autores, na perspectiva de uma educação livre, autônoma e plural. (Amaral; Veloso; Rossini, 2019, não paginado)

Houve uma atividade de escrita livre em que a professora incentivou que os estudantes se inspirassem em textos já existentes: Fatinha disse que todos que produziram a atividade com suas próprias palavras receberiam sua devida pontuação, porque considera a todas como atividade escrita. Em nossa concepção, toda expressão do pensamento que se manifeste a partir da realidade em que estamos inseridos, seja através do texto escrito, imagens, *performance*, entre outros, sendo atravessado por diversas vozes dessa cultura, recriando-a, atualizando-a, consciente de que nenhuma dessas vozes é absoluta (Amaral; Veloso; Rossini, 2019, não paginado) é considerada como autoria e essa concepção dialoga com o pensamento da Professora Fatinha. Na atividade *Poema do Dia das Mulheres*, dois estudantes copiaram um poema e uma música na íntegra. Fatinha disse a eles que poderiam ter escrito algo com inspiração nessas obras, em vez de copiar. A respeito disso, temos a seguinte narrativa da professora:

**Professora Fatinha:** Por isso eu não aceito os resumos digitados, porque é só copiar e colar. Não põe nem a fonte. Então vai fazer à mão. A mão vai doer, vai ter que resumir, vai ter que ler. Tem coisa que dá para copiar. Tem tipo de coisa que eu falo literalmente, é para copiar e colar. Por quê? Porque eu quero apenas que você leia. Meu objetivo é que você vá lá, pegue, leia esse material, selecione, copia o que está bom ali, mas não era para copiar o *site* inteiro. A proposta é consultar dois *sites*, tirar o que está importante ali, juntar as informações, mas colocar fonte. Você vai achando que leu, não leu nada. O quê que eu faço? Eu falo: não, volta lá, vai procurar as fontes disso aí (risos).

Nas respostas de atividades em sala, era comum ver a Professora Fatinha incentivando os estudantes a responderem da forma que preferirem. Em uma dessas vezes, disse: “foi-se o tempo em que tinha que copiar de professor”. Essa fala da Professora Fatinha dialoga com Carvalho e Pimentel (2020), que nos dizem:

Quando trazemos a ideia de aluno-autor, estamos nos referindo a formar estudantes criativos, que se sintam autorizados a expressar/manifestar/materializar uma autoria engajados em condutas e valores democráticos e éticos; acreditamos que esse seja um dos grandes desafios do nosso tempo. Esse é um movimento difícil de ser realizado, pois requer mudanças de nossas práticas didáticas, altera as relações de conhecimento-poder no interior de nossas aulas, requer uma mudança do nosso entendimento sobre o que seja educar e qual o nosso papel enquanto professores. (Carvalho; Pimentel, 2020, não paginado)

Nesse momento, percebemos que a Professora Fatinha possui consciência da mudança necessária no papel do professor em tempos de Cibercultura. Sua forma de pensar sobre as criações se assemelha à criação de *fanfics* e aos nossos modos de pesquisar, o que nos fez ver que teríamos momentos proveitosos ao criarmos a nossa atividade juntos.

Em sua prática, a professora costumava fazer anotações no quadro e pedia que os estudantes escrevessem no caderno, para que continuassem as discussões. Fatinha enfatizou que prefere que os estudantes mantenham registros da aula por escrito, por já ter enfrentado problemas em um passado que, apesar de distante, ela teme que se repita. Esse temor pode ser entendido, já que há cobranças de movimentos políticos conservadores sobre o funcionamento das aulas, movimentos estes que se tornaram mais populares nos últimos anos (Politize, 2018)<sup>66</sup>.

Após a entrega dos livros didáticos dessa turma, a professora permitia que os estudantes que não trouxeram o livro formassem duplas com estudantes que haviam trazido e

---

<sup>66</sup> Disponível em: <<https://www.politize.com.br/escola-sem-partido-entenda-a-polemica>>. Acesso em: 27 nov. 2023.

fotografassem as páginas a serem usadas naquele dia, para possibilitar a consulta, e depois apagassem as imagens para não ocupar memória no celular. O uso do celular é proibido em sala de aula, mas havia momentos, como o citado acima, em que a professora autorizava o uso. Essa proibição do uso do celular é incentivada pela UNESCO em seu mais recente relatório de monitoramento global da educação (UNESCO, 2023), que afirma que há poucas evidências de que a tecnologia digital agregue valor, se comparado ao possível prejuízo que seu uso pode causar para o aprendizado em sala de aula, discurso que repudiamos completamente. Em reação a esta publicação da UNESCO, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro publicou em seu perfil na rede social Instagram<sup>67</sup> que a sua rede municipal de escolas irá aderir às recomendações desse relatório. Para ilustrar a postagem, foi utilizada a imagem que trouxemos na Figura 40:

---

<sup>67</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cvpk4jeuJe6/>> Acesso em: 7 ago. 2023.

Figura 40 - Publicação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro em reação ao Relatório da UNESCO.



Fonte: Instagram<sup>68</sup>, 2023.

Apesar de o nosso campo de pesquisa ser em uma escola da rede estadual de ensino, consideramos necessário pontuar a crítica à postagem da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, cuja imagem induz o leitor a acreditar que o fato de o celular da pessoa estar ligado é sinônimo de que não ocorrerá aprendizado algum, fato que é refutado por nossa pesquisa.

Ao questionar o motivo de alguns estudantes não trazerem o livro didático, estes esclareceram que possuem aulas de diferentes disciplinas em um único dia, por estudarem em turno integral, o que resulta em muito peso para ser transportado para a escola. Os estudantes

---

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cvpk4jeuJe6/>> Acesso em: 7 ago. 2023.

confessaram à Professora Fatinha que gostariam de usar o armário presente na sala de aula, que, em tese, é de uso dos estudantes, mas que o material poderia ser roubado. Eles lembraram que uma aluna teve o livro roubado em sua mesa em uma outra ocasião. Com incentivo da professora, os estudantes decidiram unir forças para comprar um cadeado e arrumar a fechadura do armário da sala para poderem usar na próxima semana. Posteriormente, a Professora Fatinha sugeriu que os alunos deixassem o livro na escola e fotografassem as páginas que usariam, para consultarem as imagens em casa.

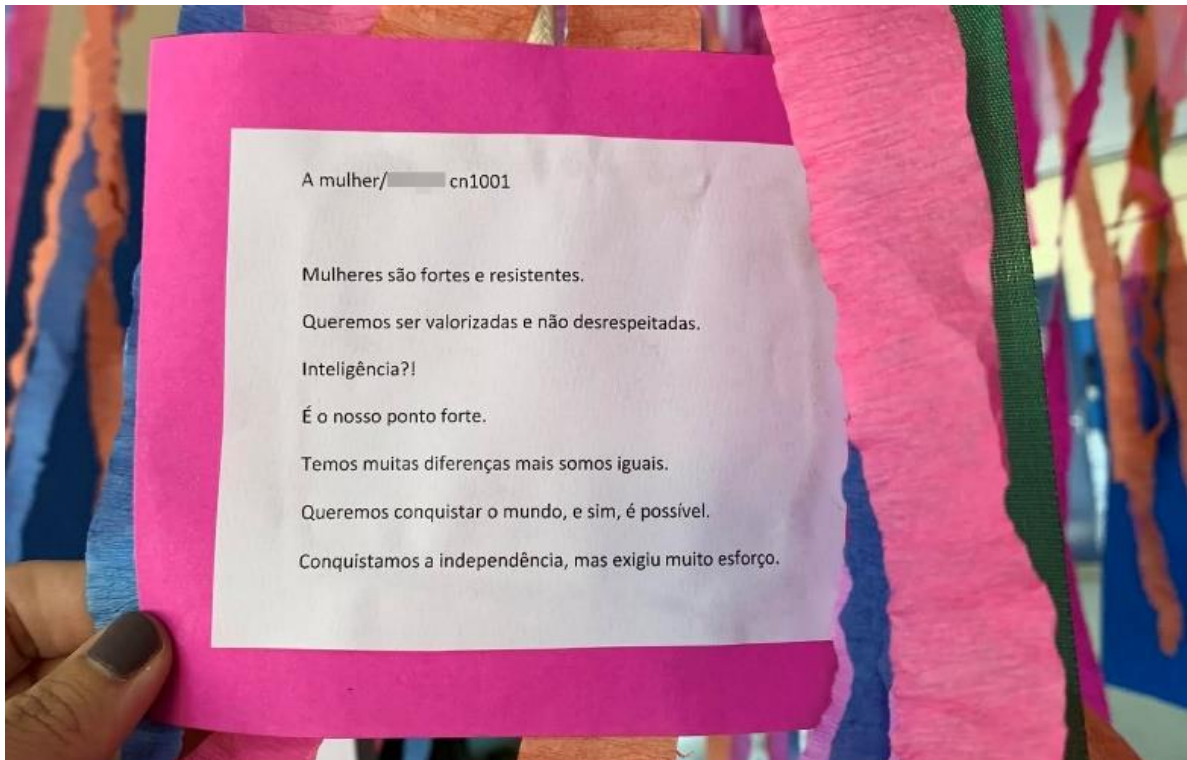
A Professora Fatinha pediu para os estudantes digitarem os poemas manuscritos com a seguinte formatação: fonte Calibri, Tamanho 12 e Título em tamanho 14. O estudante Edward Kenway, como optou por ser chamado, ficou de receber os textos, organizá-los em um único documento, com o nome dos estudantes em ordem alfabética, e enviá-los para Fatinha, se oferecendo para enviar em qualquer formato de arquivo ou meio, inclusive via mensagem no aplicativo WhatsApp. Edward perguntou se ganharia nota extra pelo esforço em organizar os textos. Quanto a esse hábito de os estudantes questionarem sobre ganhar pontos em suas notas, a Professora Fatinha nos contou, em um momento distante fisicamente dos estudantes: “O aluno só faz (uma atividade) se for para ganhar ponto. Se passa atividade, pergunta se está valendo ponto. Eu falo que está, porque se você não fizer, você vai perder”. Mesmo dessa afirmação, no momento da pergunta feita por Edward, a professora o respondeu que não: “isso seria uma gentileza com os seus colegas”, disse. Apesar dessa atitude, Edward se mostrou proativo em diversos outros momentos de colaboração, inclusive, durante a nossa atividade juntos. O estudante foi eleito como representante da turma. Já os textos criados foram usados na Feira das Profissões, como mostram as figuras a seguir:

Figura 41 - Exposição dos poemas.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 42 - Poema exposto na Feira das Profissões.



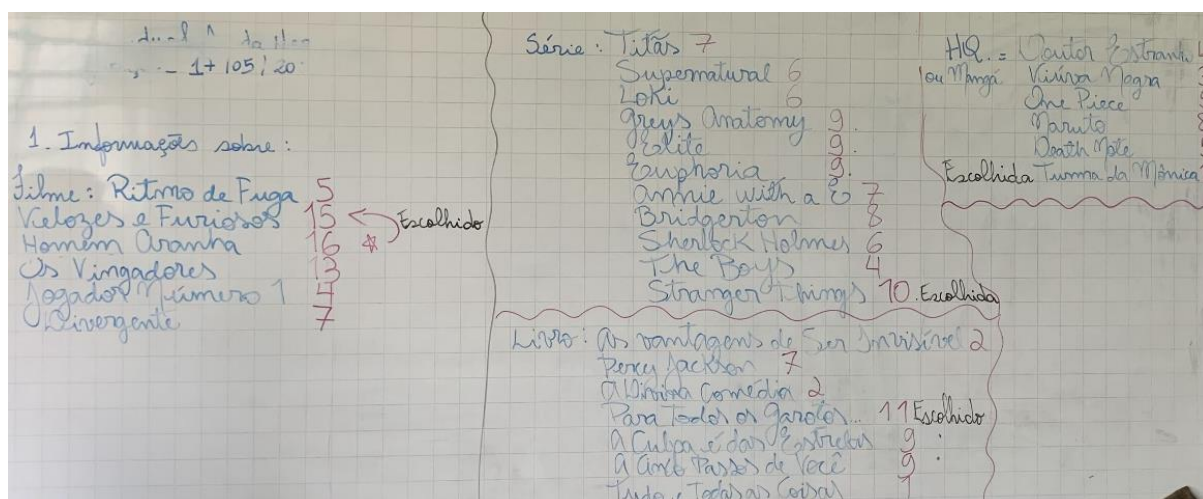
Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Eu costumava conversar bastante com a Professora Fatinha antes, durante e após as aulas. Às vezes, ficávamos na sala de professores, conversando durante o intervalo, que acontecia exatamente após as aulas da CN 1001. Foi assim que planejamos a nossa atividade.

A Professora Fatinha demonstrou muito interesse em pesquisar conosco desde o início. Seu único adendo à proposta era que houvesse cânones fixos para as *fanfics* e que elas fossem inicialmente manuscritas, para que passassem por uma revisão feita pela professora e, posteriormente, irem para a rede. Essa proposta de termos cânones fixos veio da vontade da Professora Fatinha ter a oportunidade de conhecer cada cânone usado pelos estudantes para a criação dos escritos. Consideramos que, para se pesquisar com os Cotidianos, os ‘*conhecimentossignificações*’ criados por seus ‘*praticantespensantes*’ possuem a mesma importância que o que é trazido pela pesquisadora ou pelos teóricos em que a pesquisa se baseia. É necessário “admitir a riqueza e complexidade desses *espaçostempos*” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p.19).

Com isso, a sugestão da Professora Fatinha foi colocada em prática: fizemos um levantamento de quais obras eram as favoritas entre os estudantes, como filmes, séries, livros, HQs e mangás. Esse levantamento pode ser visto na figura a seguir. Os estudantes votaram, entre as opções geradas por eles, para escolher uma obra de cada tipo, convidando-os a escolher entre obras que tiveram empate na votação. As respostas foram dadas com empolgação pela maioria dos que estavam presentes. No caso do filme, o mais votado foi o filme Homem-Aranha, mas os estudantes preferiram trocar por Velozes e Furiosos, que foi o segundo colocado. A série escolhida foi Stranger Things, o livro escolhido foi a saga Para Todos os Garotos que Já Amei e a HQ selecionada foi a nacional Turma da Mônica.

Figura 43 - Levantamento das obras a serem escolhidas para criarmos as *fanfics*.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

A Professora Fatinha conhecia a maioria dos filmes que os estudantes escolheram, até mesmo os que eu não conhecia. Quanto a séries, ela não conhecia nenhuma, por ter preferência por filmes e não possuir o hábito de assistir séries, assim como não conhecia os mangás que os estudantes apontaram. A professora disse que se alguém não quiser fazer sobre nenhuma das obras escolhidas pela turma, que escolhesse então, dentro dessa seleção, a obra que mais se aproxima do seu gosto.

Ao ver que alguns estudantes estavam desanimados com as aulas em um geral, a professora conversou um pouco sobre saúde mental e física, explicando sobre resiliência, que

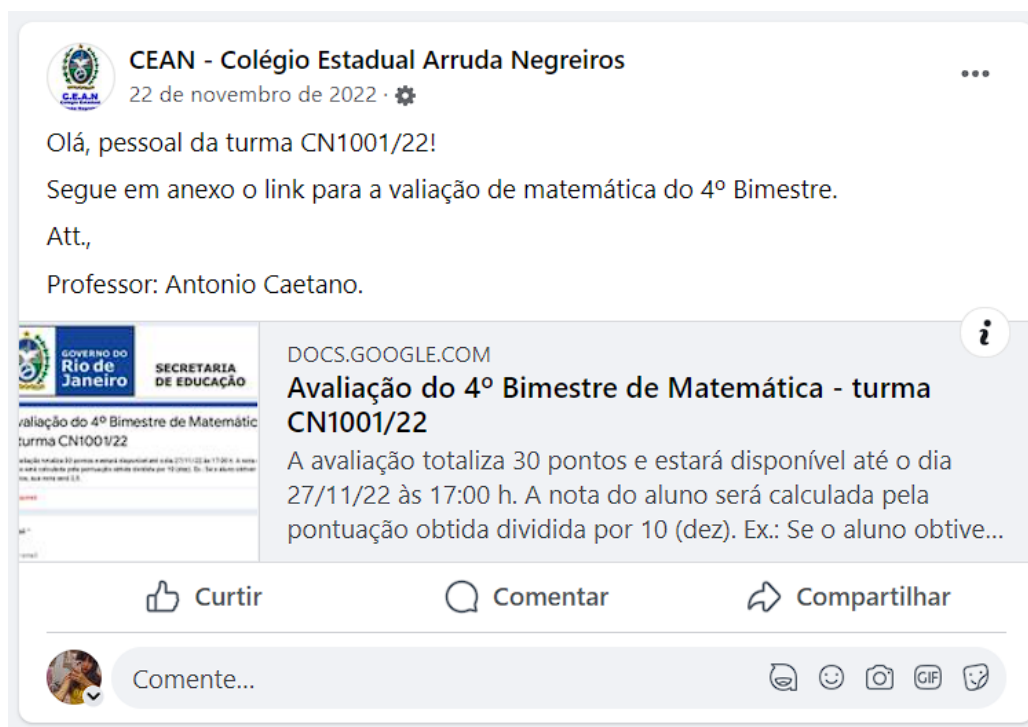


seria enfrentar os problemas e seguir sua vida. Ela ressaltou para os presentes o quanto está gostando da nossa prática e que teremos a *fanfic* como principal meio avaliativo do semestre, valendo mais pontuação do que a prova. O ‘*praticantepensante*’ Rhavi me disse, de forma reservada, que não se sentia contemplado pelas opções escolhidas pelos colegas, então combinamos de ele escrever sua *fanfic* com inspiração no filme Homem-Aranha, que havia sido, inicialmente, o filme mais votado pela turma, e era uma obra que a Professora Fatinha já conhecia.

Foi proposto que os estudantes escolhessem uma obra entre as selecionadas e escrevessem uma *fanfic* de cerca de duas páginas, no estilo *one-shot*. Em um segundo momento, após o texto manuscrito passar por revisão da professora, o texto seria digitado e enviado para a Professora Fatinha, para, posteriormente, ser publicado em rede.

A decisão sobre em qual ciberespaço publicaríamos as *fanfics* também passou pela Professora Fatinha, com quem conversei em um momento na Sala de Professores. Ela também pouco usa a rede social Facebook, mas considerou essa a melhor opção. Ela cogitou o uso do Instagram, mas ressaltou que o foco não são imagens. Pensei em postar foto dos manuscritos ou dos personagens para ilustrar... Foram diversas as ideias. Um dos professores, que estava presente na sala nesse momento, sugeriu e nos mostrou a página oficial da escola no Facebook, onde outros professores também costumam publicar informações. Na Figura a seguir, podemos ver um destes comunicados. Apesar de esse professor não participar de nossa pesquisa, a EduCiber Rosana Sales de Jesus (2019) nos faz entender em sua pesquisa que “Seja nos corredores da escola, na sala dos professores, nos encontros pedagógicos, de forma declarada ou tímida, a todo momento estamos expostos e sendo atravessados por discussões trazidas por outros interlocutores de outras/nossas redes” (Jesus, 2019, p.96). Mesmo que, em conversa com os ‘*praticantepensantes*’ em sala de aula, tenha sido escolhido o *site/app* Wattpad, como foi contado anteriormente nesse texto, esta foi a forma de descobrir que o colégio ainda mantém um perfil na rede social Facebook, apesar de os jovens estudantes pouco a acessarem atualmente.

Figura 44 - Comunicado publicado por um professor na página oficial da escola na rede social Facebook.



Fonte: Facebook<sup>69</sup>, 2023.

A professora achou interessante o uso do celular para a atividade, mas não gostaria que fosse em sala, e sim em casa. Ela não considerava que *pega bem* o uso do celular na sala, porque seria melhor fazermos uso dos recursos da escola. Em conversa com a Diretora Adjunta da escola, sobre o uso do laboratório ou dos *Chromebooks* novos, recebemos a resposta de que o uso ainda não foi liberado, se referindo a isso como um “elefante branco” na escola, expressão popular que, segundo Nogueira (2013), remete a um presente grandioso, porém sem serventia alguma e que não pode ser dispensado por quem o ganhou.

Com a convivência, os alunos se sentiram mais à vontade para conversar, tirar dúvidas, mostrar seu texto e até mesmo perguntar como era escrita uma *fanfic*. A ‘*praticantepensante*’ Rayssa me disse que chegou a não dormir direito preocupada com a atividade, com receio de seu texto ter ficado ruim. Nesse momento, pensamos em Larrosa

<sup>69</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/ColegioEstadualArrudaNegreiros/posts/pfbid0CdrRReCkmJQqVsXcrg4D13aSF88gM3vsjLzW683zXnXDphWwDrenzBFDhJzfn5d3l>>. Acesso em: 27 nov. 2022.

(2003, p.43): “Só o estudo ameaça o estudante. Em seu abandonar-se ao estudo, o estudante renunciou a tudo o que poderia torná-lo seguro”.

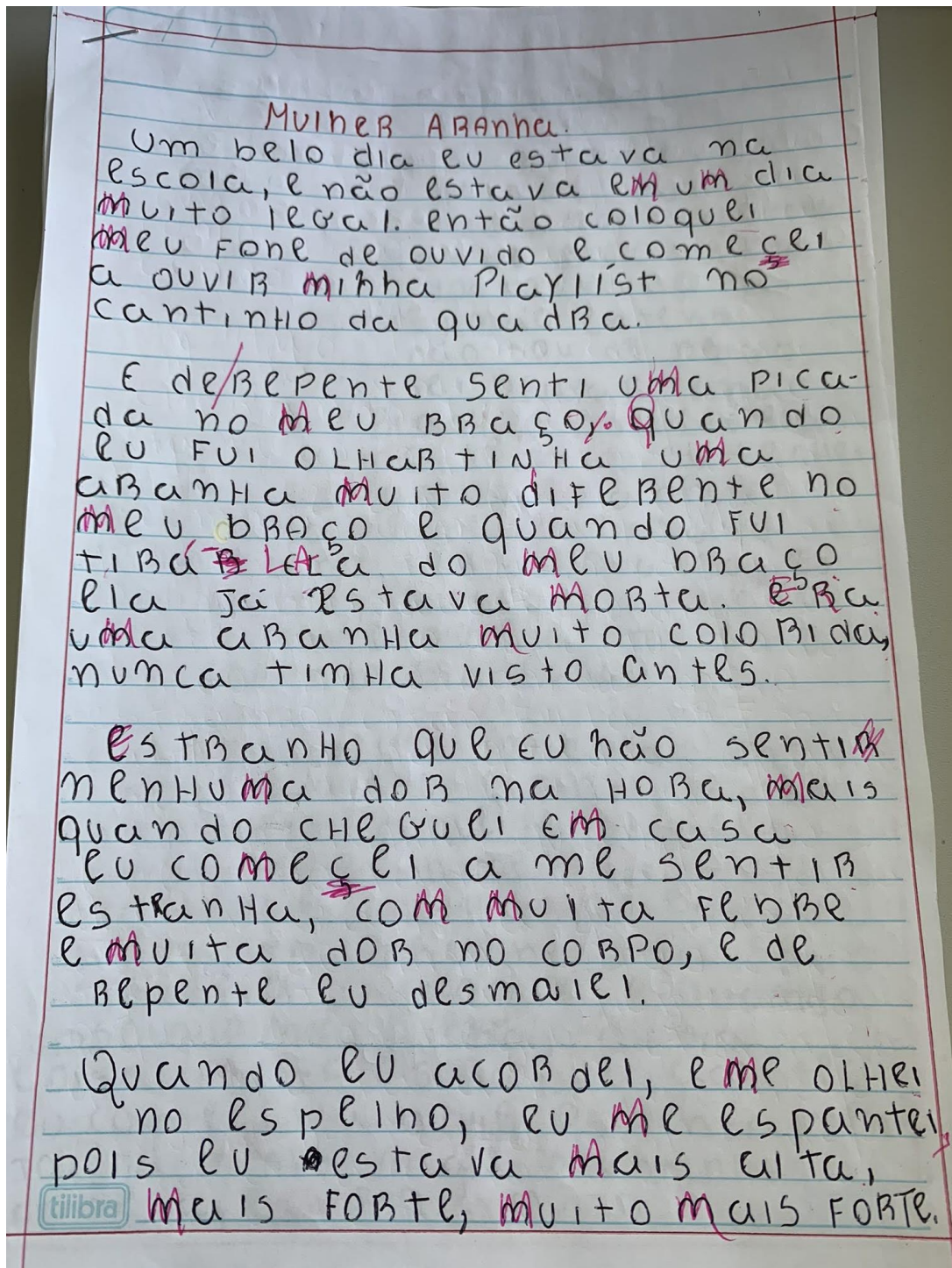
Um grupo de quatro estudantes estava com dificuldades em iniciar suas escritas, então a Professora Fatinha sugeriu que fôssemos para uma sala ao lado para conversarmos. Inicialmente, pedi sugestão dos estudantes para os colegas, já que as dificuldades eram sobre bloqueio criativo e desenvolvimento da estrutura do texto. Esse momento nos remeteu ao texto *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke (2013), que expõe correspondências entre Rilke e Franz Xaver Kappus, enquanto este, ainda, era um jovem poeta que buscava de Rilke alguns ensinamentos sobre a escrita poética. Em meio a essas cartas, tomamos para nós o seguinte aconselhamento:

[...] não lhe posso dar outro conselho fora este: entrar em si e examinar as profundidades de onde jorra a sua vida; na fonte desta é que encontrará a resposta à questão de saber se deve criar. Aceite-a tal como se lhe apresentar à primeira vista sem procurar interpretá-la. [...] O criador, com efeito, deve ser um mundo para si mesmo e encontrar tudo em si e nessa natureza a que se aliou. (Rilke, 2013, p.24)

Percebemos o reflexo desse *entrar em si* em diversas *fanfics* disponíveis em rede, por serem enredos diretamente ligados ao vínculo pessoal que o fã possui com a obra que o inspira a escrever. Com esse pensamento, conversamos sobre séries e filmes que inspiram nossas vidas e sobre como escrever uma *fanfic*. Um dos estudantes presentes nesse momento disse: “eu até tinha visto tutorial no YouTube sobre como criar uma *fanfic* e, mesmo assim, não consegui criar nada”. Eu o incentivei a escrever o que viesse à mente e relacionar com a obra e, assim, a escrita dos estudantes fluiu. Como diz Larrosa (2003, p.75): “Começar a escrever é criar uma voz, deixar-se levar por ela e experimentar as suas possibilidades”.

Outra aluna me pediu para que mostrasse um exemplo de *fanfic* para ela, porque estava sem conexão à Internet e não possuía boa conexão em casa. Emprestei o meu celular a ela e a mostrei a *fanfic* Sem Você (tmjmylove, 2020). Pouco tempo depois, percebi que ela estava copiando diretamente a *fanfic* anteriormente publicada por tmjmylove (2020). Ao ser questionada, ela disse que estava alterando o texto, e eu expliquei que não era essa a nossa proposta. Para incentivar a criatividade, li a *fanfic* manuscrita *Mulher-Aranha*, de Rayssa, uma das ‘*praticantespensantes*’ que já havia entregado a atividade manuscrita, que pode ser vista nas Figuras 45 a 49. Não revelei o nome da autora, mas alguns alunos reconheceram o nome de outra colega que era personagem do enredo dela.

Figura 45 - Primeira página da *fanfic Mulher Aranha*, escrita por Rayssa.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 46 - Segunda página da *fanfic Mulher Aranha*, escrita por Rayssa.

Até aí tudo bem, o problema  
 foi quando cheguei na  
 escola, e uma garota que  
 não gostava de mim passou  
 do meu lado e derrubou a minha  
 mochila. Quando eu olhei pra  
 ela, ela não gostou e veio pra  
 cima de mim. Eu não entendi  
 nada por que não sou de briga,  
 por que não sei brigar, e não  
 gosto de briga. Quando ela  
 veio pra cima de mim eu fechei  
 os olhos. Quando eu abri,  
 misteriosa mente eu estava  
 lá no cantinho da quadra. Eu  
 fiquei muito assustada, não  
 entendi muito o que aconteceu e  
 fui correndo pra casa.

Quando cheguei em casa entrei  
 no meu quarto, e fiquei tentan-  
 do entender o que aconteceu.  
 Quando entrei no meu quarto,  
 logo depois, minha mãe entrou  
 no quarto perguntando se  
 eu queria almoçar, e quando  
 disse que não queria, outra  
 coisa muito estranha aconteceu.  
 Eu comecei a ouvir os pensa-  
 mentos da minha mãe na minha  
 cabeça, e fiquei muito

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 47 - Terceira página da *fanfic Mulher Aranha*, escrita por Rayssa.

assustada, porque eu não  
 sabia ~~porque para~~ ~~esta~~  
 ouvindo isso e não sabia  
 como isso estava aconte-  
 cendo.

Então fui na casa da  
 minha amiga Anaciana,  
 chegando lá contei para  
 ela tudo o que aconteceu  
 hoje, e ela disse para mim:  
 "amiga, com um mês pode-  
~~mas~~ você terá ~~as~~ novas res-  
 ponsabilidades: no dia se-  
 guinte fui ~~para~~ o colégio, todo  
 mundo ~~me~~ olhando meio  
 estranho, então fui lá ~~para~~ meu  
 cantinho na quadra. Quando  
 cheguei lá, ouvi um choro  
 bem baixinho. Quando eu  
 olhei ~~para~~ o lado, era a Fernan-  
 da e o garoto que não  
 gosta de mim. Então che-  
 guei perto dela e perguntei  
 o que aconteceu. Ela não  
 quis ~~me~~ falar, ~~mas~~ comeci  
 a ouvir os pensamentos dela,  
 e ela estava muito triste e  
 desesperada.

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 48 - Quarta página da *fanfic Mulher Aranha*, escrita por Rayssa.

~~POB~~ que ela estava da ~~quele~~  
 jeito ~~POB~~ que o PAI dela estava  
 abusando dela sexualmente,  
 e ela já estava ficando  
 sem saber o que fazer, pois o  
 PAI dela obrigava ~~ela~~ a  
 fazer as coisas e machuca-  
 va ~~ela~~ e a ~~m~~peçava a ela  
~~ta~~ ~~m~~ bem.

Então ~~a~~ abracei ~~a~~ ~~ela~~, ela  
~~se~~ ~~m~~ entende ~~r~~ o ~~POB~~ que  
 perguntou "POB que você está  
 me abraçando, eu ~~se~~ ~~m~~pre-  
 impliquei contigo. Era ~~para~~  
 você ~~me~~ odiar". Eu ~~oi~~ ~~me~~ ~~para~~  
 ela e respondi "Fica tran-  
 quila agora eu sei o que  
 você está passando. Eu  
 vou ~~te~~ ajudar". Então per-  
 guntei ~~a~~ ~~ela~~ ~~POB~~ que ela  
 não denunciava seu PAI, e ela  
~~me~~ disse que tinha ~~muito~~  
~~medo~~ de denunciá-lo PAI  
~~dela~~ e ele não ser pre-  
 so, pois a justiça do Bra-  
 sil é muito falha. ~~Então~~  
 tive uma ideia, vamos ~~para~~  
 casa dela, me escondi e  
 gravei o PAI ~~dela~~ tentando  
 abusar dela.

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 49 - Quinta página da fanfic Mulher Aranha, escrita por Rayssa.

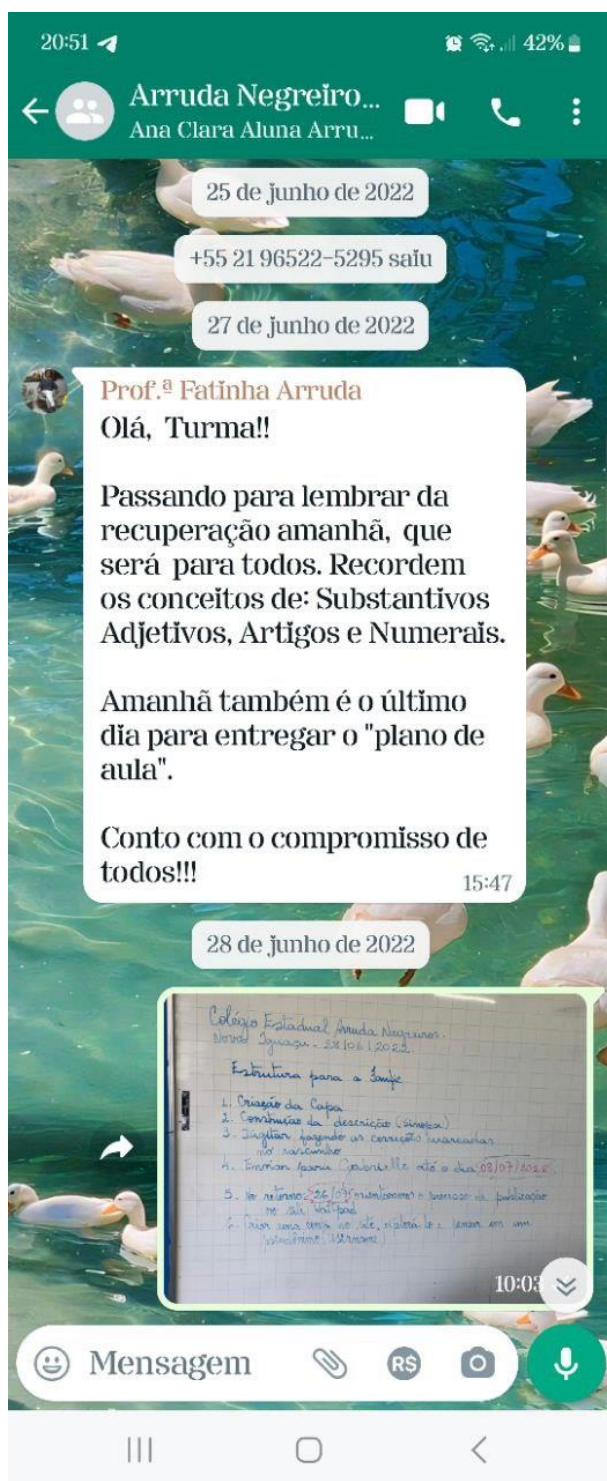
APARECI DE SURPRESA; ELE  
 MUITO ASSUSTADO PERGUNTOU  
 QUE EU ESTAVA FAZENDO LÁ, ENTÃO  
 RESPONDI "EU VIEM SALVAR MINHA  
 AMIGA". IMEDIATAMENTE USEI  
 MEU PODER DE TELETRANSPORTE  
 E MEU FOMOS PARA A DELEGACIA.  
 CHEGANDO LÁ APRESENTEI AS  
 PROVAS PARA A DELEGADA E  
 IMEDIATAMENTE ELE FOI PRESO  
 PARA O BEM DE TODOS. ENTÃO  
 TUDO MUDOU NA VIDA DA FERNANDA.  
 HOJE ELA MORAVA COM OS AVÓS E  
 É MUITO FELIZ LÁ. E ALÉM DISSO,  
 HOJE SOMOS MELHORES AMIGAS.  
 FIM!  
 Abuso sexual é crime! Denuncie!!!

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Os textos revisados pela Professora Fatinha foram entregues e partimos para a próxima etapa: trazer os textos para o formato digital. Os textos deveriam conter as alterações sugeridas pela Professora Fatinha, em formato Word, com as especificações do trabalho anterior, mas, dessa vez, seria S4njiGay quem receberia os textos: por já ser escritora de *fanfics* anteriormente, ela tomou a iniciativa de receber os textos dos colegas via WhatsApp. As orientações para a digitação dos textos foram registradas no quadro. Eu fotografei o quadro e enviei a foto no grupo do WhatsApp que reunia estudantes e professores da turma. Podemos ver, na Figura 50, uma captura de tela do grupo da turma no aplicativo WhatsApp. A fotografia com as orientações pode ser vista na Figura 51.

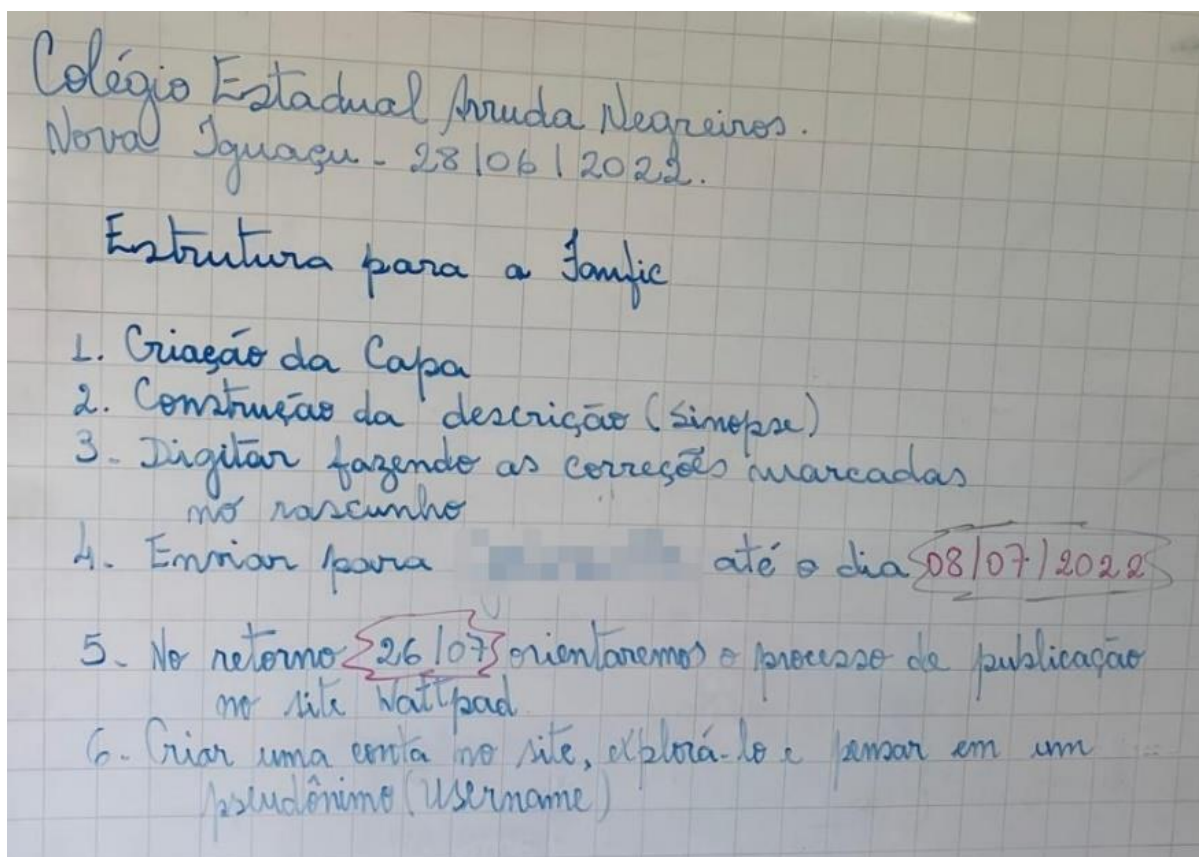


Figura 50 - Captura de tela do grupo da turma CN 1001 no WhatsApp.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 51 - Orientações para a digitação das *fanfics*.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

A temática da nossa pesquisa *andou* pelos corredores da escola, a ponto de outros estudantes se interessarem pelo assunto. Um aluno do terceiro ano do CN esteve na nossa turma para convidar os colegas para participarem de um desfile de moda que aconteceria durante uma cena de uma peça de teatro que seria apresentada na próxima semana por sua turma. Ao me ver na sala, cochichou com a Professora Fatinha em um canto e perguntou se era eu quem havia trazido a atividade com as *fanfics*. A professora explicou a ele sobre a minha pesquisa e me chamou para participar da conversa, apresentando-me a ele.

No encerramento do segundo bimestre, foi realizada a Festa Junina, com o tema #Gentileza. A Professora Fatinha aproveitou essa oportunidade de estar na escola como um último momento para entrega de trabalhos e pendências do bimestre, assim como a prova de recuperação. A participação na festa e em sua organização foi opcional, mas contou como

carga horária de atividades complementares necessária à conclusão do Curso Normal. Eu compareci à escola pela manhã para encontrar Fatinha e para ajudar na organização da festa. Na Figura 52, há um registro da Festa Junina que foi realizada. Na Figura 53, há uma fotografia minha durante a organização do evento.

Figura 52 - Registro da Festa Junina realizada pela escola.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 53 - Uma fotografia minha durante a organização da Festa Junina.



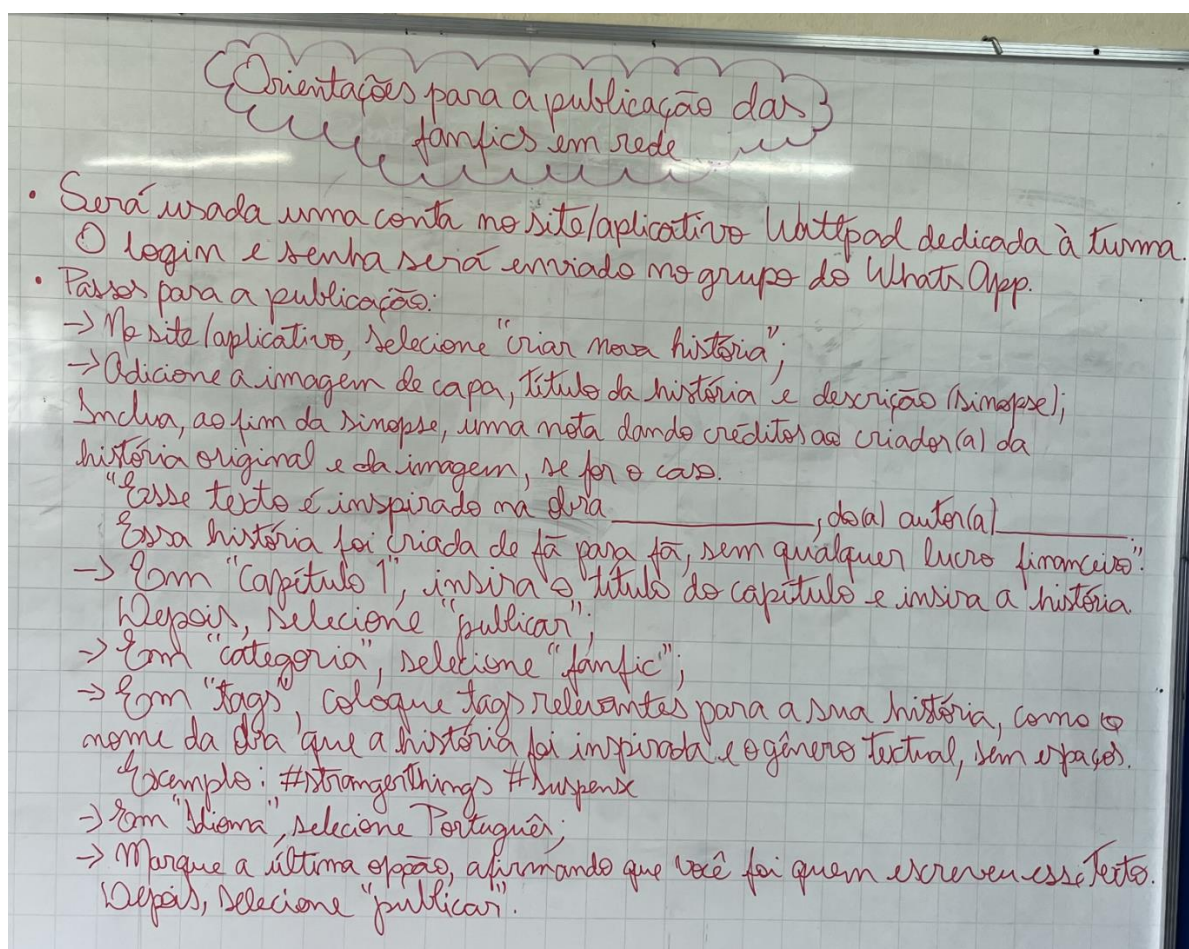
Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Ao retornarmos do período de férias, recebemos uma nova estudante na turma: Eniol, que já escrevia *fanfics* antes e se interessou em participar da nossa atividade. Os textos foram publicados no Wattpad e, ao redigirem os comentários, a professora pediu que estes também fossem manuscritos antes e revisados por ela, para então, posteriormente, serem publicados nos textos no Wattpad.

Durante uma aula sobre como construir um resumo, Fatinha falou sobre o uso do celular: “temos muitas informações a partir dele, mas nem todas as informações estão ali disponíveis, o que torna necessário aprender técnicas manuais”, segundo ela, que também citou a importância do resumo e fichamento para a permanência na universidade. Ela considera esses aprendizados importantes para a turma, que afirmou: “eu acredito que todos aqui irão para a universidade”. Ela me convidou para a conversa, para contar algumas experiências acadêmicas minhas.

A professora sugeriu que fosse feita uma ilustração para ser usada como capa dos escritos. Sugestão interessante, já que há um campo de preenchimento no *site/app* Wattpad para inserir a capa da história. É comum que os ‘autoresfãs’ criem capas para suas *fanfics* ou solicitem a terceiros a criação da capa. Duas estudantes haviam levado a imagem no celular, que foi produzida por computador, para mostrar à professora. A professora circulou pela sala para exibir as imagens para os estudantes através do celular da aluna, para inspirá-los a criarem suas próprias imagens, e pediu para os criadores lerem suas *fanfics* em voz alta, com a intenção de motivar outros colegas a criarem suas imagens. Esquematizei no quadro o passo a passo para a publicação das *fanfics* no Wattpad, incluindo uma *disclaimer*<sup>70</sup> sobre a autoria das *fanfics*, que pode ser visualizada na figura a seguir:

Figura 54 - Orientações para a publicação da *fanfic* no site Wattpad.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

<sup>70</sup> Declaração feita por ‘autoresfãs’ ao publicarem suas fanfics, que explica que a obra que originou aquele escrito não é de propriedade intelectual sua.

Na semana anterior à prova do terceiro bimestre, dedicamos a aula para a finalização da digitação das *fanfics*, para quem não havia terminado, e produzir a imagem que seria usada como capa da história. Poucos '*praticantespensantes*' haviam enviado o texto digitado e apenas três pessoas haviam publicado sua história no Wattpad. Os alunos utilizaram seus celulares em sala para realizarem as etapas que faltavam. Quem estava sem celular, pegou emprestado com algum colega, assim como eu emprestei o meu celular para duas alunas. Enquanto uma usava, a outra ficou conversando comigo.

Alguns '*praticantespensantes*', como o Rhavi Dion, demoraram a entregar o texto manuscrito, alegando estar com bloqueio criativo. "O estudante tem que começar a escrever. O mais difícil é começar" (Larrosa, 2023, p.73). Essa demora dos estudantes atrasou o processo que havíamos planejado, mas estávamos cientes de que a nossa atividade estava sujeita a imprevistos, "instabilidades, acasos e surgimento do novo mas, nem por isso, se traduzem em desordem no sentido mais restrito da palavra, ou seja, no sentido de bagunça, confusão e permanente irregularidade. Como parte do processo da desordem entrópica, há a criação da ordem" (Ferraço, 2008, p.108). Nesse momento, podemos dizer que Ferraço (2008) está em diálogo com a narrativa da Professora Fatinha:

**Professora Fatinha:** Todo o processo é lento. Você vê que é lento. Uma coisa que faz hoje, amanhã que está pronto. É lento porque te devolve, você corrige, você devolve, depois você tem que corrigir de novo... Mas, mesmo diante dessa, que não é uma dificuldade, porque já faz parte do processo mesmo, eu considero que o trabalho foi muito importante e muito positivo.

Em uma conversa reservada, Rhavi me contou que não escrevia *fanfics* desde 2019 e que percebeu que sua escrita fluiu melhor no formato manuscrito. Contou também que voltou a usar o programa de edição Photoshop para criar a capa de sua *fanfic* e que, com isso, acabou criando outras imagens, que me mostrou. Rhavi também se prontificou a criar imagens para os colegas que ainda não tivessem uma capa para suas *fanfics*.

Tirei dúvidas dos alunos e li suas histórias com eles, em busca de erros. Conversei como uma estudante sobre a diferença entre *mas* e *mais*, comparando a sinônimos dessas palavra, *porém* e *menos*, pra uma melhor associação. Ela disse que dessa forma finalmente conseguiu aprender a diferença.

No dia da prova referente ao terceiro bimestre letivo, também resolvemos as pendências do bimestre, incluindo a *fanfic*. Conforme os estudantes acabavam a prova, fomos completando o que faltava. Algumas pessoas produziram a capa ali na hora ou buscaram uma imagem na Internet e foram orientadas a incluir a fonte da imagem na sinopse de seus textos. Alguns escritos foram revisados ali na hora, pela Professora Fatinha ou por mim. Três ou mais alunos perderam o texto manuscrito revisado, então reescreveram a *fanfic* no editor de texto do celular e tivemos que revisar o texto novamente. Emprestei o meu celular para quem não possuía um, mas tive que emprestar também para quem tinha, mas não possuía o aplicativo, já que o *site* Wattpad em sua versão para navegadores móveis não permitia realizar a publicação e descobrimos isso no momento da prática.

A maioria dos erros de escrita era apenas a respeito da pontuação, como ponto, vírgula e travessão para organização das falas. Deixei que eles próprios corrigissem por minha indicação, apesar de eles quererem que eu mesma publicasse para eles depois de me enviarem o texto pelo WhatsApp. Deixei que usassem meu WhatsApp para receber os textos e imagens de capa de seus telefones, para eles mesmos publicarem. Outros '*praticantespensantes*' também emprestaram o celular ou buscaram uma imagem para a capa da *fanfic* dos colegas. Autoria coletiva!

No começo de uma das últimas aulas juntos, fui recebida calorosamente por dois '*praticantespensantes*', que me abraçaram e me perguntaram como eu estava. Nesse dia, pude entender sobre a identidade de gênero de Rhavi, que se identifica com o gênero masculino, depois de um aluno me dizer que faria uma prova em dupla com *ele*. Eu já havia perguntado anteriormente, em diversas situações, sob o pretexto de ter esquecido o seu nome, por qual nome deveria chamá-lo. Ele sempre dizia o nome que constava na lista de presença das aulas, mas após ele me passar seu Instagram para ver algumas fotos artísticas que ele faz, vi que ele se referia com um nome masculino nessa rede social e colocou pronomes masculinos em seu perfil, o que me remeteu a uma fala de Berino (2016, p.43): “Aqui também vivem duplamente – é o nome na chamada e suas projeções em todo o prédio escolar”. Para a lista de chamada e para seus professores, Rhavi era conhecido com outro nome, que representava uma identidade feminina que pouco dizia sobre ele. Nos corredores, pátios e outros cantos da escola, era visto um rapaz com outro nome.

Na nossa conversa, ele disse: “não quero obrigar ninguém a usar o gênero masculino, nem ficaria magoado se não usassem”. Insisti em perguntar qual pronome ele preferia e tive a

resposta. Me explicou que seu nome é composto e, dali em diante, passei a chamá-lo assim. As aulas das disciplinas Corpo e Educação e Tópicos Especiais em Educação Infantil I, lecionadas pela Professora Doutora Joyce Alves, mulher trans e travesti, no curso de Pedagogia na UFRRJ/IM, assim como a minha participação na disciplina Masculinidades e Feminilidades em Debate: Uma Perspectiva Interseccional, lecionada pelos Professores Doutores Ivan Amaro e Jane Felipe no PPGECC, me ajudaram a compreender melhor sobre essa situação.

Envolvendo um termo do meio ficcional, Felipe (2019) nos traz o conceito de *scripts* de gênero, no qual ela exemplifica que, assim como um roteiro de ficção, a sociedade espera que as pessoas atuem de acordo com a genitália com a qual nasceu e essa expectativa é tida como regra comportamental. Ou seja, se a pessoa nasce com um pênis, é esperado que ela desempenhe um papel *de macho*, repudiando atitudes que sejam aproximadas ao feminino (Silva Júnior; Brito, 2018), como o ato de cuidar do outro, de se embelezar, exercer profissões designadas ao seu gênero, entre outros. Se caso ocorrer *o contrário*, a pessoa tenha nascido com uma vagina, é esperado que ela não desempenhe atitudes dadas como masculinas. O uso da palavra *script* entrega que gênero se trata de performance. Em tempos de Cibercultura, essas performances vêm sendo cada vez mais questionadas, como nos fala Coradini (2021):

[...] definir gênero, contudo, é muito mais complexo do que seguir padrões biológicos, uma vez que os fatores que presidem a adesão ao feminino ou ao masculino são subjetivos, múltiplos e complexos. Assim, a identidade de gênero não está diretamente relacionada à estrutura física. Ela se torna uma moldura mediada pelas convivências experimentadas, individuais, subjetivos e em um coletivo social. (Coradini, 2021, p.5)

Consideramos, junto com Coradini (2021), que as expressões de gênero são um fenômeno emergente da Cibercultura: “seres repletos de repertórios de vivências puderam expressar as suas demandas, anseios, perturbações, militâncias, análises, enfim, a rede permitiu que as vozes ciberculturais fossem reconhecidas como instrumentos de empoderamento” (Coradini, 2021, p.6). Para além do compartilhamento de conhecimentos pessoais e suas subjetividades, “Por serem *compartilhamentos de significados e representações*, elas são *multipluridimensionais, pessoais e referenciais*. Sua *objetividade*



está nas *multiplurissubjetividades*. Elas pertencem a todos e a ninguém ao mesmo tempo”, como nos diz Ferraço (2008, p.119). Com isso, entendemos que as atuais juventudes, que vivem o contexto da Cibercultura desde a infância, podem encontrar maior facilidade em entender suas questões de gênero e sexualidade, em comparação às gerações anteriores, o que nos faz entender que não será incomum que jovens como Rhavi estejam presentes em nossos cotidianos escolares, o que ressalta a importância de termos uma sensibilidade maior ao interagirmos com os nossos estudantes em busca de não desvincular sua identidade em sala de aula de sua identidade fora dela, o que pode causar o afastamento ou até mesmo evasão escolar. No nosso caso, respeitar a identidade de gênero de Rhavi, além de ser o mínimo a se fazer, nos auxiliou no fortalecimento do vínculo ‘*alunoprofessor*’: o estudante se interessou ainda mais pela pesquisa e demonstrou maior proatividade em *fazer dar certo*, incentivando os colegas a participarem e a formalizarem a nossa pesquisa através dos termos de consentimento.

Em nossa pesquisa, consideramos o uso do termo *juventudes* de forma plural, por acreditarmos que não existe somente um tipo de juventude, que acaba por ser tornar apenas uma palavra, como nos diz Bourdieu (1983): perpassa o significado de marco temporal na vida de uma pessoa e torna-se uma construção social. Para nos ajudar a compreender o significado de *juventudes*, recorreremos a Sousa e Costa (2019), que nos explicam:

[...] ao observar as juventudes, pode-se perceber que estas diferenciam-se umas das outras, mostrando-se múltiplas e exclusivas, onde cada uma, dentro do seu contexto sociocultural, político e econômico, vivencia experiências de vida diferentes umas das outras, experimentando, reagindo e lidando com estas experiências de maneiras diferentes. Cada juventude possui o seu próprio modo de vida social. (Sousa; Costa, 2019, não paginado)

Com isso, entendemos que esta palavra não deveria resumir as vivências e aprendizados à idade individual, já que seu significado se dá no coletivo, nem deveria “ser uma fase da vida vista apenas como período de teste para a fase adulta, reduzindo as práticas socioculturais das juventudes a um momento da vida que apenas precede a idade adulta” (Sousa; Costa, 2019, não paginado), como costuma ser retratada.

Percebemos que houveram pesquisas que retratavam o ato de escrita de *fanfics* como uma prática das juventudes como possível preparação para o mercado de trabalho editorial, em textos também meus (Viana, 2019; Viana, 2022) e talvez esse discurso surja novamente ao

decorrer desta dissertação, mas devemos lembrar das *fanfics* não apenas por um caráter utilitarista e transitório: quem escreve *fanfics* não se tornará autor, pois já é autor, e não precisa, necessariamente, ser uma prática rentável. É uma prática de expressão artística e esta não precisa ser justificada ou possuir alguma serventia. Essa análise nos auxiliou a captar o sentido de se usar o termo *juventudes* de forma plural. Já a respeito da profissionalização dos escritores de *fanfics*, a seguinte narrativa de alguns dos nossos ‘*praticantespensantes*’ nos diz:

**S4njiGay:** Tem muita gente que começa a escrever quando ela passou por alguns problemas. Eu comecei a escrever no Wattpad quando eu estava passando por diversos problemas pessoais e a *fanfic* foi como uma porta para mim. Ela me fez acabar saindo de certas situações, porque eu consegui me acalmar escrevendo, isso até hoje. Então eu acho que escrever *fanfic* pode se abrir umas portas para você, tipo, no Wattpad às vezes tem algumas premiações que acontecem, sabe? E, vamos dizer, uma pessoa que escreve uma *fanfic* acaba ganhando uma premiação. Tem vezes que essa pessoa pode ser chamada para uma editora. Isso já aconteceu uma vez, com uma amiga minha e eu acho que realmente ajuda às vezes.

**Eniol:** Eu acho que, realmente, é uma porta de entrada, por assim dizer. Porque dá chance para muitas pessoas que provavelmente tem muito talento, mas talvez não conseguiriam ser escritores publicados assim, de mostrarem o trabalho dele para os outros, de serem reconhecido por algo que eles fazem bem, só que, provavelmente, sem esse aplicativo, não terem uma chance de mostrar o trabalho deles, de mostrar pros outros o que eles conseguem fazer e como são bons nisso. Então eu acho que *fanfic* é uma porta de entrada, não só para isso, mas... e ela também é uma certa válvula de escape, porque às vezes muitas pessoas escrevem histórias muito boas sobre realidades em que elas gostariam de viver. Isso pode ser muito diferente da delas, porque às vezes elas têm uma realidade não tão boa, na qual não se sentem muito confortáveis. E a *fanfic* dá a elas, como vou dizer, o poder de viver aquela realidade, que seria a ideal, que ela tanto quer, através de uma simples história.

**Rhavi:** Eu acho que é a mesma coisa que ela falou, como uma porta. Muita gente começa antes de acabar se tornando um escritor, já escreveu umas *fanfics* e coisa assim, mesmo que nem saiba realmente que o nome do que ela estava escrevendo era uma *fanfic*. Eu sou uma pessoa assim... Falo pela minha experiência: escrever *fanfics* me ajudou, porque eu já tive oportunidade de escrever livros, assim... então, eu já tenho, só que eu só tô procrastinando, mesmo pra escrever. Mas não é nenhuma editora, não. É algo mais individual, por conta própria. Enfim, escrever *fanfics* te dá muitas possibilidades, para a pessoa seguir a carreira de escritor, caso seja aquilo que ela realmente queira. Abre muitas oportunidades de escrever livros, se mesmo que você não queira ser, realmente, escritor, mas só escrever um livro que você quer ter o prazer de escrever.

**S4njiGay:** Eu quero muito ser uma escritora profissional. Eu gostaria de ser isso desde criança, mesmo antes de escrever. Eu acho uma profissão bem legal e digna. Eu aprecio muito as pessoas que escrevem. Então eu acho que sim, é uma profissão que eu gostaria muito de seguir no futuro.

**Eniol:** Eu não sei se ser escritora seria uma possibilidade de vocação para mim, mas é porque eu acho que escrever, para mim, não é algo tão sério. Eu diria que é algo que eu faço porque eu me sinto bem, é divertido. Mas não veria problema seguir como uma profissão, porque, realmente, é algo muito, muito interessante e eu gosto muito.

**Rhavi:** Eu acho que eu não seguiria, de forma alguma, uma carreira de escritor profissional, porque eu comecei escrevendo por diversão, pra entreter os outros e me

entreter. Tipo, escrever para virar um escritor profissional demanda tempo, você ter que pensar em lucros, em gastos, em “eu tenho que ter esse prazo aqui para escrever tal livro até agora, pra editora fazer, usar essas coisas”. Então, acho que não me veria como escritor realmente profissional, escrever porque é meu trabalho, mas sim escrever porque eu gosto de escrever e se eu publicar em alguma editora, pronto. Sem compromisso, realmente, de tornar aquilo a minha vida. [...] Eu tô até começando a escrever uma história, assim, que talvez tenha uma mínima possibilidade de eu querer tornar um livro. Eu acho que eu deixo como *hobby*, porque há motivações extrínsecas e intrínsecas, e eu escrevi por uma motivação intrínseca, porque eu gosto, porque isso me diverte, porque isso daí as pessoas também gostam. Mas se eu tomar isso daí como uma motivação extrínseca, de tipo “vou escrever porque eu vou ficar famoso, vou escrever porque eu vou ganhar dinheiro”. Aí vai perder um pouquinho daquela sensação... daquela essência do começo.

Para realizarmos a personalização do perfil da turma no Wattpad, foi proposto que os ‘*praticantepensantes*’ escolhessem um nome para o perfil e uma imagem que os representasse. A ‘*praticantepensante*’ TT\_loverr sugeriu que usássemos o nome do grupo no WhatsApp que era exclusivo para os estudantes da turma, sem a presença dos professores. O nome do grupo era Malucos da CN 1001. A foto do perfil foi tirada em uma aula sobre o Natal, em que todos estão fantasiados com o tema, como podemos ver na figura a seguir, em que exibimos uma captura de tela do perfil da turma no Wattpad, em versão para computador. Os ‘*praticantepensantes*’ não se interessaram em manter o aplicativo baixado para acessarem em outros momentos, com exceção de quem já possuía o aplicativo anteriormente.

Figura 55 - Captura de tela do *site* Wattpad, exibindo o perfil da turma.



Fonte: Wattpad<sup>71</sup>, 2022.

No desenvolvimento da atividade, reconhecemos o Wattpad como dispositivo que “potencializa a articulação dos saberes, rompe com a noção de que a sala de aula é um lugar fixo, sendo o único *espaçotempo* possível de construção de conhecimento” (Weber; Santos; Santos, 2012, p.68). Com o entendimento de como a atividade foi criada, iremos conhecer, a seguir, um pouco das histórias que foram criadas na atividade.

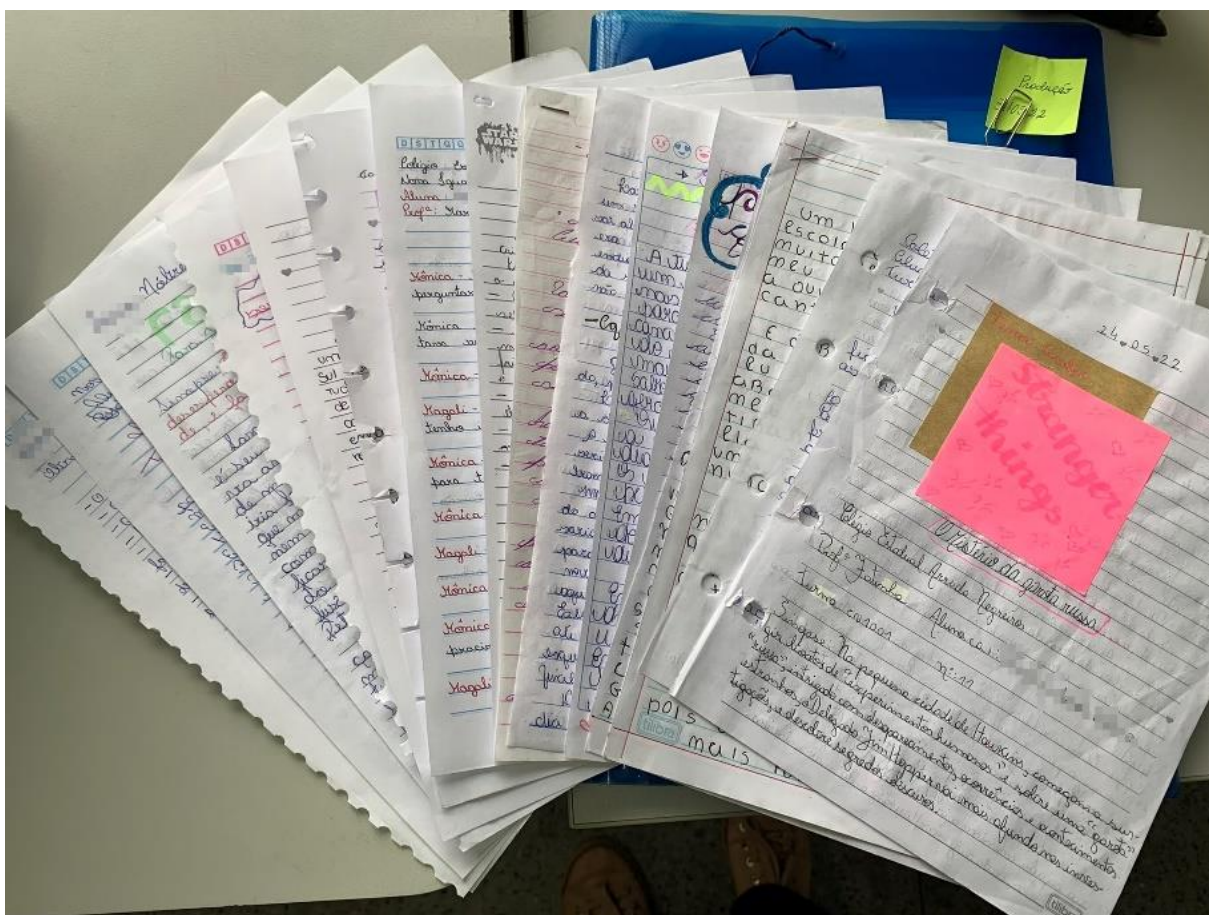
#### 4.4 Alcançar a própria escrita: as escritas de *fanfics* possíveis

“O que o estudo quer:  
a escrita,  
demorar-se  
na escrita,  
alcançar  
talvez  
a própria escrita.” (Larrosa, 2003, p.27)

<sup>71</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/user/cn1001>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

É na busca de alcançar a própria escrita que nossa atividade se constitui. Tendo em vista que muitos estudantes tiveram dificuldades com o processo de escrita, nos inspiramos neste trecho acima, escrito por Larrosa (2003) para intitular este momento em que apresentamos a escrita dos estudantes e fazemos uma análise sobre elas, não como mera crítica avaliativa, mas no sentido de conhecê-las. É como nos diz Rilke (2013, p.22): “Não há nada menos apropriado para tocar numa obra de arte do que palavras de crítica, que sempre resultam em mal-entendidos mais ou menos felizes. [...] a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou”. Na Figura 56, apresentamos as *fanfics* que foram entregues em formato manuscrito como parte inicial da nossa atividade.

Figura 56 - *Fanfics* manuscritas que foram entregues nesta etapa da atividade.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

O texto manuscrito que pode ser visto no topo dos outros textos se chama O Mistério da Garota Russa, foi escrita por TT\_Loverr e manteve sua versão idêntica à publicada no

Wattpad, que veremos nas Figuras 57 e 58. A história conta que “intrigado com desaparecimentos, ocorrências e acontecimentos estranhos, o Delegado Jim Hopper vai mais fundo nas investigações, e descobre segredos obscuros” (TT\_Loverr, 2022, não paginado). Percebemos, na escrita de TT\_Loverr, a intenção de manter o jeito de se expressar do personagem Hopper em sua fala:

Figura 57 - Trecho inicial da *fanfic* O Mistério da Garota Russa, de TT\_Loverr.

## Capítulo 1

👁 3 ★ 0 💬 1

---

Hopper - Aqui sempre foi muito parado, sabe como é..Cidade pequena; Mas de uns dias pra cá, esses boatos de supostas aparições de "seres que abrem o rosto" ah! não esquece da garota com super poderes, tá assustando todo mundo.

Policial- Delegado o senhor realmente acha que essa história toda é verdade? Tá me parecendo ser falsa..kkk

Hopper- Seja como for, continuem com as buscas pelo menino; Joyce Byers esta muito preocupada com seu filho.

Policial-Ok, delegado.

Ao sair do local, o Delegado ouve barulhos estranhos vindo de trás dos arbusto; curioso com aquilo resolve acabar de uma vez por todas com o suspense. Ao se aproximar, percebe algo que se parece com uma criança agachada chorando abraçada a si mesma. Era a menina que tanto falavam. Com a cabeça raspada, se não fosse pelos traços delicados não daria pra perceber que era uma menina, aparentemente com roupa de hospital.

Fonte: Wattpad<sup>72</sup>, 2022.

---

<sup>72</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/324648669-o-mist%C3%A9rio-da-garota-russa>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Figura 58 - Trecho final da *fanfic* O Mistério da Garota Russa, de TT\_Loverr.

Hopper; Ei menina! Fica calma, eu vim ajudar, tabom ? Toma o casaco.

**\*\*A menina pega e veste na mesma hora, mas foge por medo.\*\***

Hopper; O que será que deu nela ? Parecia muito assustada, o que será que aconteceu com você menina ?...

Depois disso, confusso e pensativo, com o acontecimento, foi para casa, mas não conseguia parar de pensar naquilo; Como, por que aquela menina agia assim? Muitas perguntas e poucas respostas; E cada vez mais, Hawkins anda mais misteriosa.

Fonte: Wattpad<sup>73</sup>, 2022.

Na Figura 59, é possível ver um comentário redigido por S4njiGay, que o publicou através de sua conta pessoal. O comentário faz uma crítica construtiva à história da colega TT\_Loverr. Como S4njiGay já escrevia *fanfics* num momento anterior à nossa atividade, ela usa de seus conhecimentos sobre a escrita de *fanfics*, que obteve diretamente da sua vivência e prática no *site* Wattpad, para fazer uma análise sobre o texto de sua colega, que Rojo (2012) chamaria de *novas estéticas*, que seguem critérios próprios. Os ‘*autoresfãs*’ que vivem essa prática em seu cotidiano costumam ser criteriosos a respeito dos textos escritos, já que muitos procuram um caminho profissional na escrita, como é o caso de S4njiGay.

---

<sup>73</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/324648669-o-mist%C3%A9rio-da-garota-russa>>. Acesso em: 17 jan. 2024.



Figura 59 - Comentário de S4njiGay

**S4njiGay**

Achei legal, mas existem pontos não necessários, como, por exemplo, usar o "kkk" sem estar em uma conversa, o que fica estranho e deixa a narrativa não natural. O capítulo foi curto e rápido demais, sendo que poderia ter mais desenvolvimento textual.

Mas a história é legal, os detalhes também.

Há 1a [Responder](#)

Fonte: Wattpad<sup>74</sup>, 2022.

S4njiGay possui uma conta no Wattpad onde publica as *fanfics*. A escritora autorizou a publicação de seu perfil<sup>75</sup> nesta pesquisa e optou por usar o seu *username* no Wattpad para ser retratada aqui. Ela nos conta como foi conhecer o mundo das *fanfics* e como decidiu dar início a sua escrita:

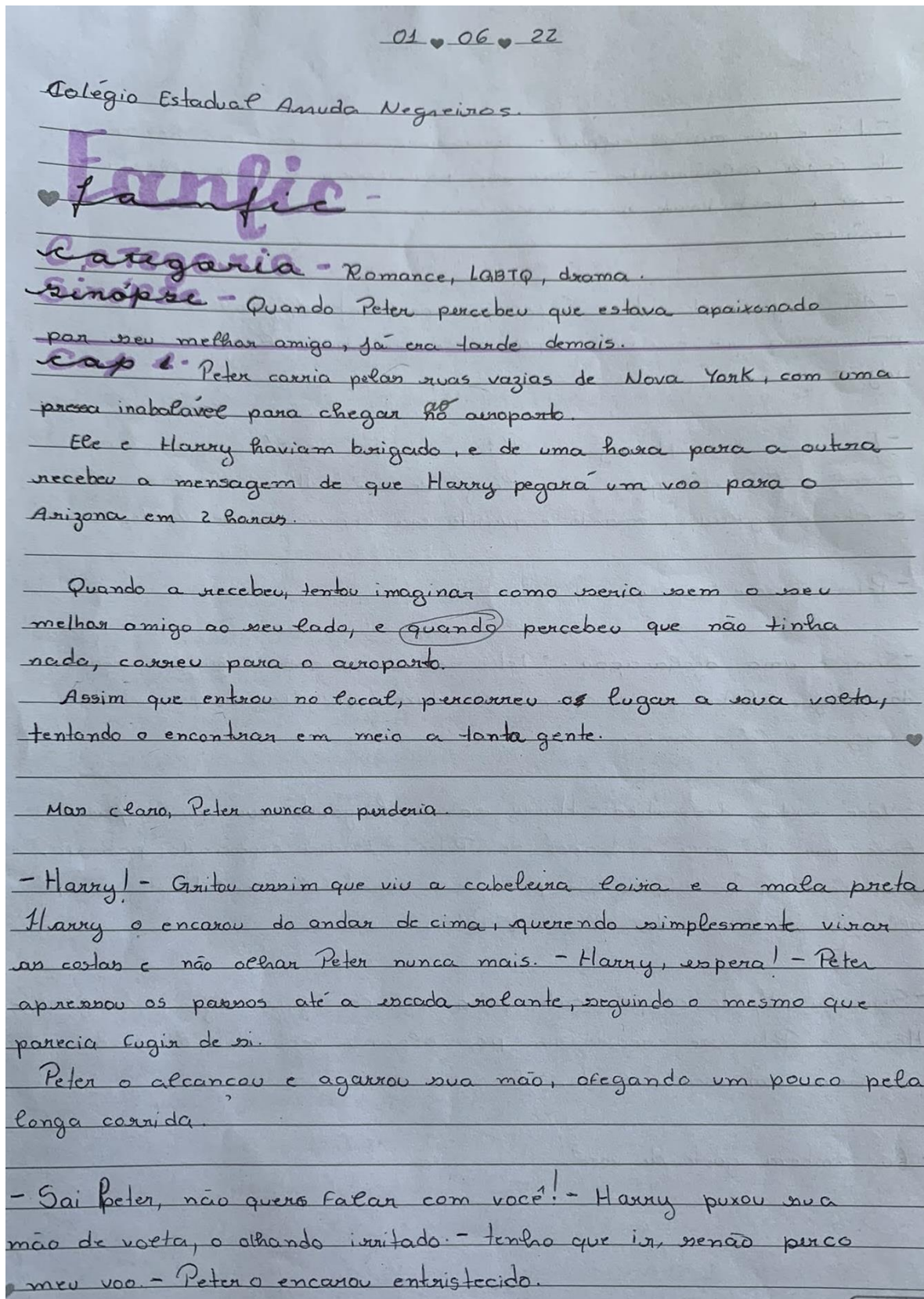
**S4njiGay:** Eu tinha 11 anos e eu estava vendo um site que falava sobre os melhores sites para você ler livros originais, aí eu conheci o Wattpad. [...] Desde meus 6 anos, eu gostava muito de escrever história. Pegava o caderno, ficava escrevendo umas coisas. Então, quando eu conheci o Wattpad e eu vi que tinha essa oportunidade de não só eu poder ler (o que escrevi), ou os meus parentes, eu falei: “ah, eu acho que vou publicar alguma história aqui minha” [...] *Fanfic* normal, assim, comecei a escrever com uns 8 ou 9. Postar só foi com 11 ou 12.

Em sua *fanfic* inspirada no filme Homem-Aranha, ela trouxe uma nova abordagem para o personagem Peter: o protagonista declara sua paixão por Harry, rompendo com as expectativas impostas a um super-herói, que, segundo expectativas sociais, deve exalar o ápice da masculinidade, com orientação sexual heterossexual, reprodutor e com corpo torneado, exercendo uma força descomunal. Apesar de Peter já romper com alguns dos *scripts* de gênero (Felipe, 2019) no enredo original, o personagem vive um romance heterossexual nesta primeira versão. A escrita de S4njiGay pode surpreender a quem possui essas expectativas.

<sup>74</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/1278775547-o-mist%C3%A9rio-da-garota-russa-cap%C3%ADtulo-1>>. Acesso em: 16 jan. 2024.

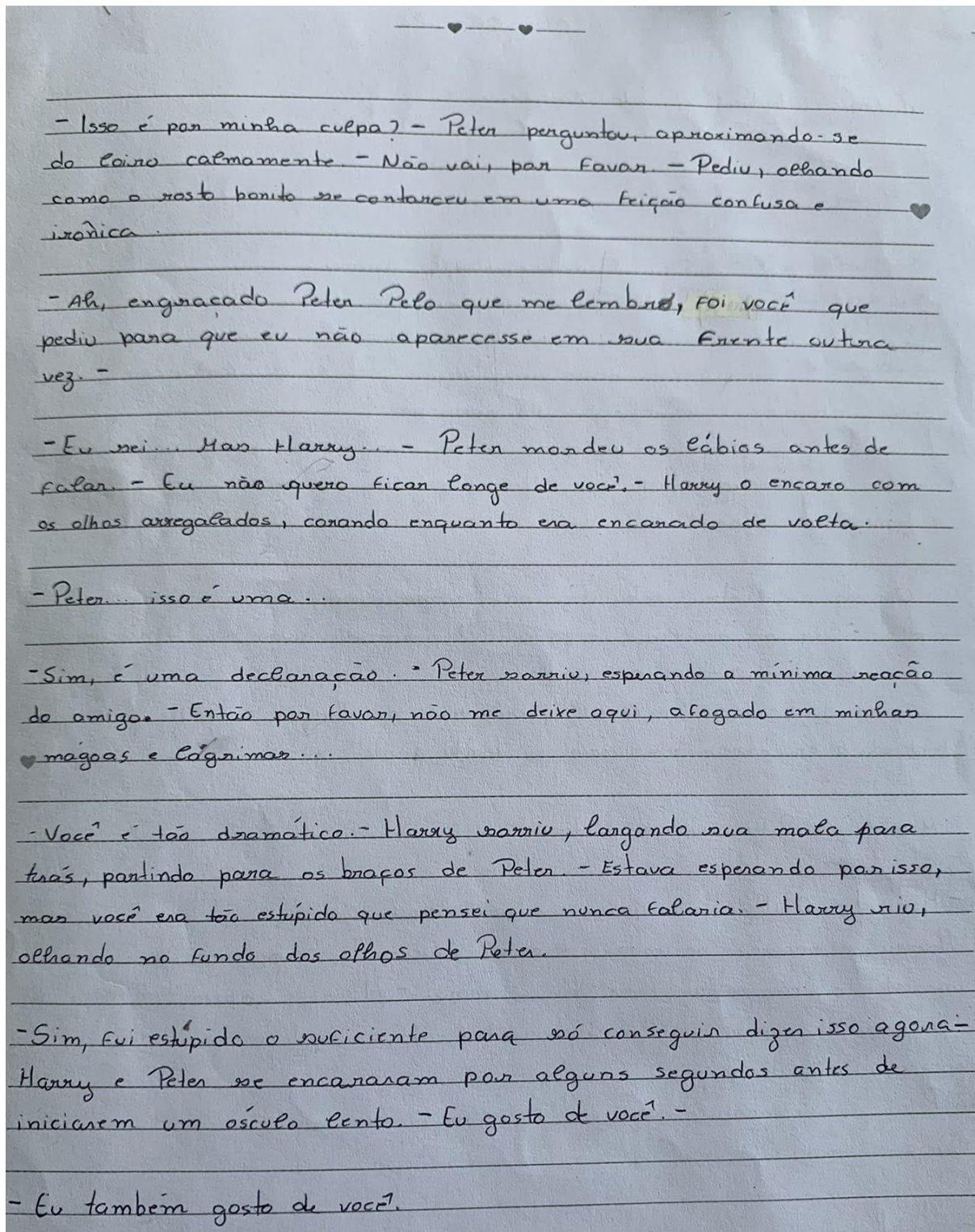
<sup>75</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/user/S4njiGay>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Figura 60 - Primeira página da versão manuscrita da *fanfic* *Eu Gosto de Você*, de S4njiGay.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 61 - Segunda página da versão manuscrita da *fanfic* *Eu Gosto de Você*, de S4njiGay.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 62 - Primeira parte da *fanfic* escrita por S4njiGay.



## Capítulo Único

👁 18 ★ 1 💬 0



Peter corria pelas ruas vazias de Nova York, com uma pressa inabalável para chegar ao aeroporto.

Ele e Harry haviam brigado, e de uma hora para a outra recebeu a mensagem de que Harry pegará um voo para o Arizona em duas horas.

Quando a recebeu, tentou imaginar como seria sem o seu melhor amigo ao seu lado, e quando percebeu que não tinha nada, correu para o aeroporto.

Fonte: Wattpad<sup>76</sup>, 2022.

---

<sup>76</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/321389533-eu-gosto-de-voc%C3%AA>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Figura 63 - Segunda parte da *fanfic* escrita por S4njiGay.

Ele e Harry haviam brigado, e de uma hora para a outra recebeu a mensagem de que Harry pegará um voo para o Arizona em duas horas.

Quando a recebeu, tentou imaginar como seria sem o seu melhor amigo ao seu lado, e quando percebeu que não tinha nada, correu para o aeroporto.

Assim que entrou no local, percorreu o lugar a sua volta, tentando o encontrar em meio a tanta gente.

Mas claro, Peter nunca o perderia.

— Harry! — Gritou assim que viu a cabeleira loira e a mala preta. Harry o encarou do andar de cima, querendo simplesmente virar as costas e não olhar para Peter nunca mais. — Harry, espera! — Peter apressou os passos até a escada rolante, seguindo o mesmo que parecia fugir de si.

Peter o alcançou e agarrou sua mão, ofegando um pouco pela longa corrida.

— Sai Peter, não quero falar com você. — Harry puxou sua mão de volta, o olhando irritado. — Tenho que ir, senão perco meu voo. — Peter o encarou entristecido.

— Isso é por minha culpa? — Peter perguntou, aproximando-se do loiro calmamente. — Não vai, por favor. — Pediu, olhando como o rosto bonito se contorceu em uma feição confusa e irônica.

— Ah, engraçado Peter. Pelo que me lembro, foi você que pediu para que eu não aparecesse em sua frente outra vez.

Fonte: Wattpad<sup>77</sup>, 2022.

---

<sup>77</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/321389533-eu-gosto-de-voc%C3%AA>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Figura 64 - Terceira e última parte da *fanfic* escrita por S4njiGay.

— Eu sei... Mas Harry... — Peter mordeu os lábios antes de falar. — Eu não quero ficar longe de você. — Harry o encarou com os olhos arregalados, corando enquanto era encarado de volta.

— Peter.. Isso é uma...

— Sim, é uma declaração. — Peter sorriu, esperando a mínima reação do amigo. — Então por favor, não me deixe aqui, afogado em minhas mágoas e lágrimas...

— Você é tão dramático. — Harry sorriu, larfando sua mala para trás, partindo para os braços de Peter. — Estava esperando por isso, mas você é tão estúpido que pensei que nunca falaria. — Harry riu, olhando no fundo dos olhos de Peter.

— Sim, fui estúpido o suficiente para só conseguir dizer isso agora. — Harry e Peter se encararam por alguns segundos antes de iniciarem um ósculo lento. — Eu gosto de você.

— Eu também gosto de você.



↔ ***Sim, o Dane DeHaan é de outro filme. Porém, eu acho ele lindo e quis colocar ele com o Tom Holland. Mas o contexto é o mesmo, Peter e Harry.***

Fonte: Wattpad<sup>78</sup>, 2022.

A escritora deixa uma nota ao fim do texto publicado no Wattpad, que justifica a escolha por fazer um *crossover* entre duas histórias distintas da saga Homem-Aranha.

<sup>78</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/321389533-eu-gosto-de-voc%C3%AA>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Percebemos uma maior preocupação estética da parte de S4njiGay em usar símbolos que demarcam o início e fim do conteúdo escrito, tal qual em um livro impresso ou digital publicado formalmente. Essa preocupação também é percebida na escolha de uma capa também para o capítulo da história, além da capa que já representava a *fanfic*. Todos esses elementos citados são facilmente encontrados em *fanfics* de maior acesso no Wattpad, que possuem uma escrita e formatação mais semelhantes às profissionais. Berino (2012) reconhece que, nas produções juvenis, há a possibilidade de busca de um tom poético, que contém uma certa preocupação estética que demonstra os autores querem ser vistos, o modo que suas criações poderão cativar quem tem contato com elas, ainda que não possuam exatamente o domínio da escrita no modelo hegemônico, que, na maioria das vezes, é o único modelo visto com seriedade, atitude que pode ser explicada por Rufino (2021):

No Brasil, a educação escolar comeu na gamela da colonização, foi investida para perpetuar as dimensões de saber e poder do modelo dominante. A catequese operou como escola, e a escolarização da colônia pela metrópole plasmou um currículo que não é restrito aos herdeiros do seu protetorado. Pelo contrário, seu conteúdo está em todos os lugares e em diferentes bocas, disseminando as linguagens que sustentam o padrão de existência que divide o mundo em opressores e oprimidos, colonizadores e colonizados. (Rufino, 2021, p.60)

Já na *fanfic* intitulada Avenida 505, seu autor, Rhavi Dion, traz um *crossover* entre a obra Homem-Aranha e a canção 505, da banda britânica Arctic Monkeys, para ambientar a saudade de um jovem rapaz por sua amada e seu amigo. A escolha de utilizar uma canção da banda dialoga com a nossa pesquisa, já que, durante a adolescência, os integrantes da banda Arctic Monkeys eram fãs da banda The Strokes, que trouxemos para esta pesquisa, e criaram sua própria banda com inspiração em The Strokes. Já Rhavi conheceu as *fanfics* aos onze anos de idade e nos conta como foi a sua iniciação na escrita de *fanfics*:

**Rhavi:** Você conhece mais quando está com uns 10 ou 11 anos. Tipo, eu estava lá no quarto ano do fundamental, aí fui começando a me envolver, porque eu gostava bastante de escrever já. Eu sempre fui uma pessoa muito criativa, eu gostava de escrever, conheci, fui escrevendo. Tô voltando, assim, até hoje, mas enfim... porque às vezes eu dou uma pausa e não escrevo nada, por causa do bloqueio criativo e depois eu volto, depois pauso e depois volto. Voltei depois da atividade. Não sei ao certo como é que eu comecei a escrever, só era uma pessoa bastante criativa, sempre fui e ainda sou, e só escrevia as histórias e criava assim. Eu não postava, nem sabia que eram *fanfics*, igual a S4njiGay. Só fazia para mim, depois esquecia, depois eu voltava de novo, fazia, esquecia e ficava esse ciclo. Eu acho que eu comecei a postar lá no quarto ano, quando eu comecei a conhecer *fanfic* e foi porque uma amiga minha daquela época deu a ideia, tipo “ah, porque são, não cria essa história aí?” Ela apresentou realmente o que era *fanfic*. Tanto que era da época do Spirit Fanfics.



Conheço (essa amiga) até hoje, só que a gente não, não tem muito contato. Eu gostei mais pelo fato de que tinha a possibilidade de criar novos mundos, de criar novas versões de história que eu não gostei do final, que eu gostaria de ter mudado alguma coisa pra ficar mais agradável. Sim, novas divisões, novas possibilidades.

Podemos contemplar o escrito de Rhavi Dion de forma manuscrita na Figura 65. A versão da história que foi enviada para o Wattpad teve as últimas linhas de texto eliminadas, como podemos ver na Figura 66.

Figura 65 - Versão manuscrita da *fanfic* Avenida 505, de Rhavi Dion.

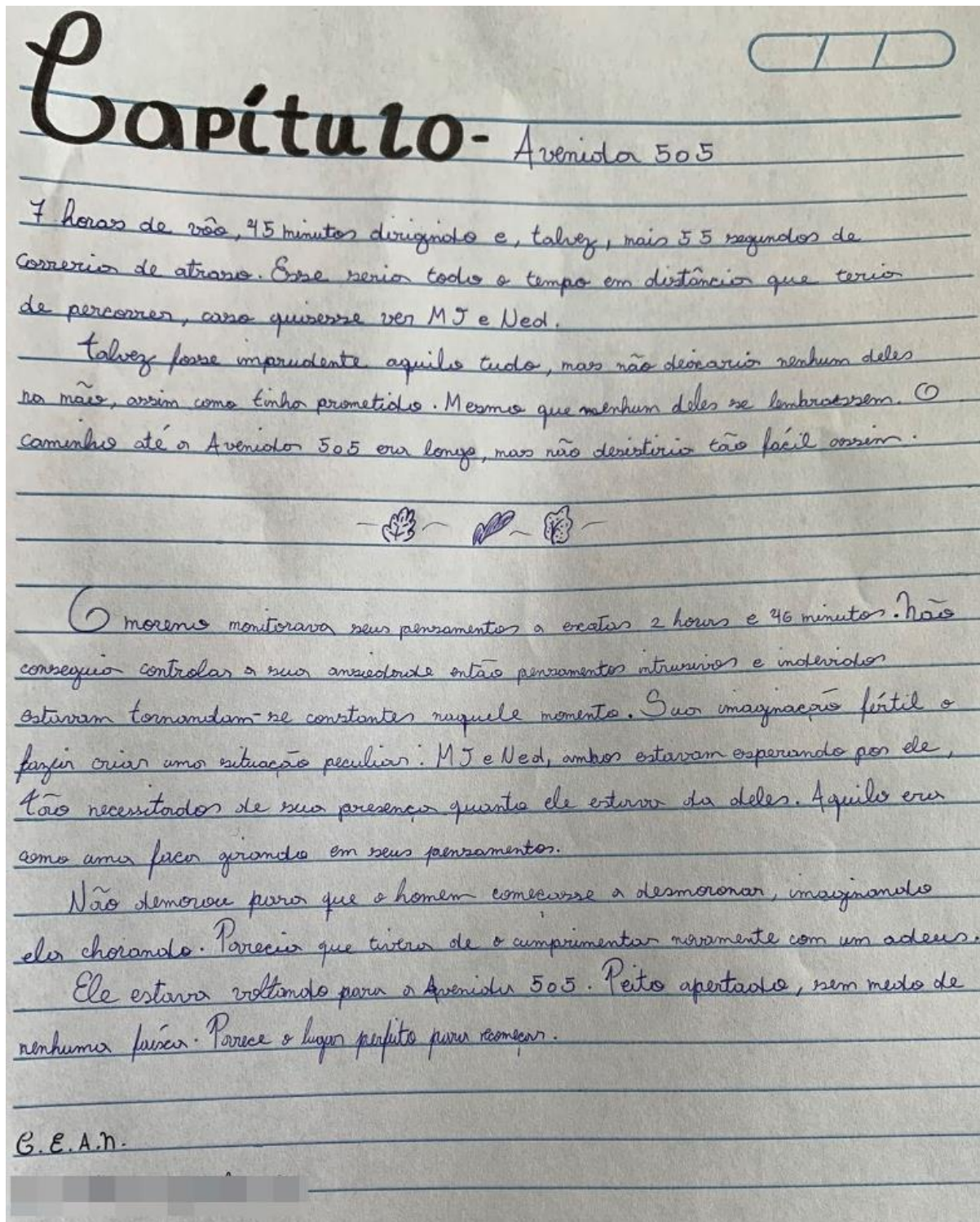


Figura 66 - Avenida 505, de Rhavi Dion, em sua versão para o Wattpad.

## Capítulo Único - Avenida 505

👁 4 ★ 0 💬 0

**Sete horas de voo, 45 minutos dirigindo e, talvez, mais 55 segundos de correria de atraso.** Esse seria todo o tempo em distância que teria de percorrer, caso quisesse ver MJ e Ned.

Talvez fosse imprudente aquilo tudo, mas não abandonaria nenhum deles, assim como prometera. Mesmo que nenhum deles se lembrassem. O caminho até a Avenida 505 era longo, mas não desistiria tão fácil assim.

◦◦◦◦

O moreno monitorava seus pensamentos a exatas *2 horas e 46 minutos*. Não conseguiu controlar a sua ansiedade, então pensamentos intrusivos e indevidos estavam tornando-se constantes naquele momento. Sua imaginação fértil o fazia criar uma situação peculiar: MJ e Ned, ambos estavam esperando por ele, tão necessitados de sua presença quanto ele estava da deles. Aquilo era como uma faca girando em seus pensamentos.

Não demorou para que o homem começasse a desmoronar, imaginando ela chorando. Parecia que tivera de o cumprimentar novamente com um adeus.

Fonte: Wattpad<sup>79</sup>, 2022.

A ‘*praticantepensante*’ Elisa criou a história Mulher Aranha: Um Crime No Tempo, para sua criação no Wattpad, mas não participou da etapa inicial, com a criação do manuscrito a ser revisado pela Professora Fatinha e por mim, como os colegas participaram. A *fanfic* de

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/322439877-avenida-505>>. Acesso em 17 jan. 2024.

Elisa se trata de uma ficção científica protagonizada por uma mulher que tenta salvar não apenas o seu amigo, mas toda a cidade dos efeitos do ataque de um robô feminino. Essa escrita novamente transpassa o padrão de poder masculino: tanto a heroína quanto a vilã são do gênero feminino, enquanto a figura mais fraca é masculina, o que é importante quando reconhecemos “o *fandom* como espaço feito por e para mulheres”, como nos diz Oliveira (2022, p.43). Podemos conferir um trecho da história nas Figuras 67 e 68:

Figura 67 - Trecho inicial da *fanfic* de Elisa, intitulada Mulher Aranha - Um Crime No Tempo.

# Capítulo 1

👁 4 ★ 0 💬 0

---

Um crime no tempo

A mulher aranha estava no avião que já estava quase caindo . NÃO devo cair no sono tenho que PARAR o avião \_ela conseguiu pousar-lo o avião e disse :Graças a Deus sou meio aranha ou certamente teria dormido.

Sono doloroso não consigo acordar o bylly eu acho q é hora da mulher aranha por um fim nesse sono induzido e esquisito .

E ela se transformou em aranha ,saiu do avião para salvar seu amigo que tinha sido induzido por um sono de uma robô que estava induzindo toda a cidade

Robô : Excelente ,a minha tarefa a minha tarefa está quase terminada

Mulher aranha: pena que nunca terá chance de termina- lá

Robô: eu estava esperando por vc aranha. Quando eu fizer vc adormecer o mundo inteiro estará sobre o meu domínio: o mundo do sonho

A mulher aranha encarou e disse

Fonte: Wattpad<sup>80</sup>, 2022.

---

<sup>80</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/321388803-mulher-aranha-um-crime-no-tempo>>. Acesso em 17 jan. 2024.

Figura 68 - Trecho final da *fanfic* de Elisa, intitulada *Mulher Aranha - Um Crime No Tempo*.

Mulher aranha: A única que está sonhando aqui é vc

A mulher aranha jogou o seu poder em cima da robô e ela ficou presa, não estava conseguindo saí

Reclamando a mulher robô disse robô:seus poderes são inúteis logo vc adormecera e quando isso acontecer eu a visitarei o seu sonho

A mulher robô jogou o poder do sono na mulher aranha e a mulher aranha disse:

Mulher aranha: Não vai conseguir me adorme cer facilmente

E quando olhou para a parede a mulher aranha tinha visto q ela tinha sumido e conseguiu adormecer a cidade inteira

E a mulher aranha antes tinha entrado no avião e sentiu um sono pesado e adormeceu .

E seu amigo bylly estava gritando : mulher aranha!!! mulher aranha!!! acorde e ela acordou e disse mulher aranha o que aconteceu ??? e o bylly disse a mulher robô adormeceu a cidade inteira . Mulher aranha disse : o que vc está falando bylly vc deve ter tido um pesadelo ruim

mulher aranha disse: bocejou e me acorde quando chegar revista da Justiça e boA noite

Fonte: Wattpad<sup>81</sup>, 2022.

Dando continuidade às nossas análises, partimos para a *fanfic* Presente de Natal, escrita pela ‘*praticantepensante*’ Sofia. Tanto a versão manuscrita quanto a versão publicada digitalmente no Wattpad são idênticas, apesar da versão manuscrita (Figuras 69 e 70) possuir um desenho de uma carta, feito à mão, que remete à história que deu origem a esta *fanfic*: Para Todos os Garotos que Já Amei (To All the Boys I’ve Loved Before). No enredo, a protagonista Lara Jean tinha o costume de escrever cartas de amor para seus interesses

---

<sup>81</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/321388803-mulher-aranha-um-crime-no-tempo>>. Acesso em 17 jan. 2024.

românticos, mas jamais havia as enviado, até uma confusão acontecer e todas serem enviadas a seus destinatários (Han, 2015).

Inicialmente, esta obra havia sido votada pelos estudantes para representar a categoria *livros*, mas, posteriormente, ouvimos das estudantes que optaram por esta obra que elas haviam criado suas *fanfics* com base na adaptação para filmes da produtora e plataforma de *streaming* Netflix<sup>82</sup>. As estudantes encontraram a possibilidade de *burlar* uma norma anteriormente criada, ainda que em conjunto com os '*praticantespensantes*'. Em vez de nos desapontarmos com esse fato, nos inspiramos em Oliveira (2023) com o seu conceito de desobediência:

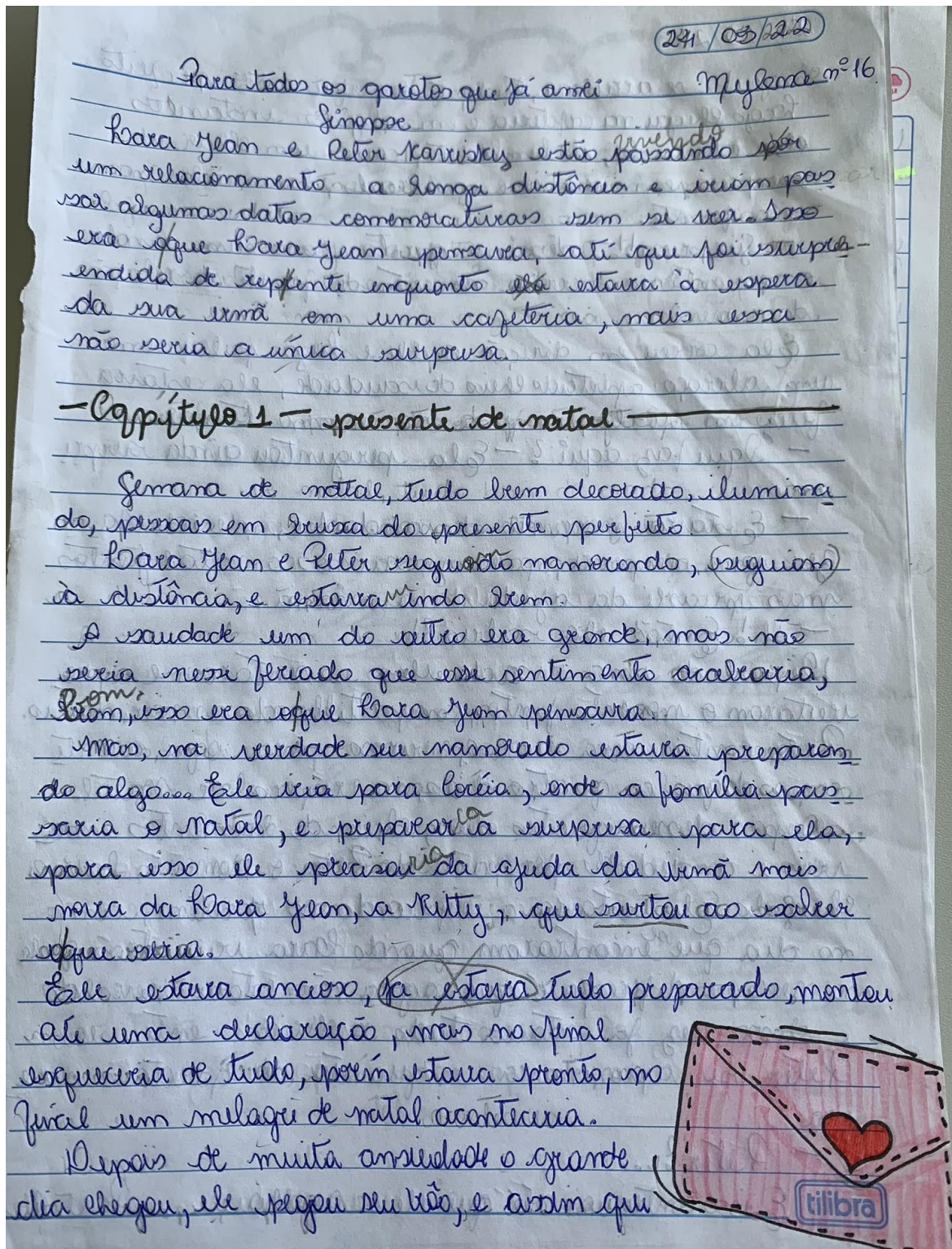
Para haver obediência total seria necessário que nós, seres humanos, fôssemos capazes de não interferir naquilo que fazemos, como máquinas não inteligentes, que seguem ordens porque não pensam ou sentem. Sendo, por natureza, seres inteligentes e reflexivos – mesmo que não formalmente – não conseguimos não intervir sobre normas e ordens que nos chegam, já que tudo o que nos chega como norma, chega em sujeitos vivos e ativos, com conhecimentos e compreensões de mundo já tecidas por meio das interações sociais vividas. (Oliveira, 2023, p.112-113)

Se a intenção da nossa pesquisa é, de fato, a intervenção dos estudantes, professores em formação, na criação de nossa atividade, percebemos em Oliveira (2023) que era necessário recebermos esse ato de desobediência e rebeldia. A norma anteriormente imposta foi recriada e tornou disponível mais uma opção de filmes entre as categorias selecionadas, o que não significa que a nossa tarefa deixou de ser cumprida, como podemos ver nas Figuras 69 a 73:

---

<sup>82</sup> Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/80203147>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

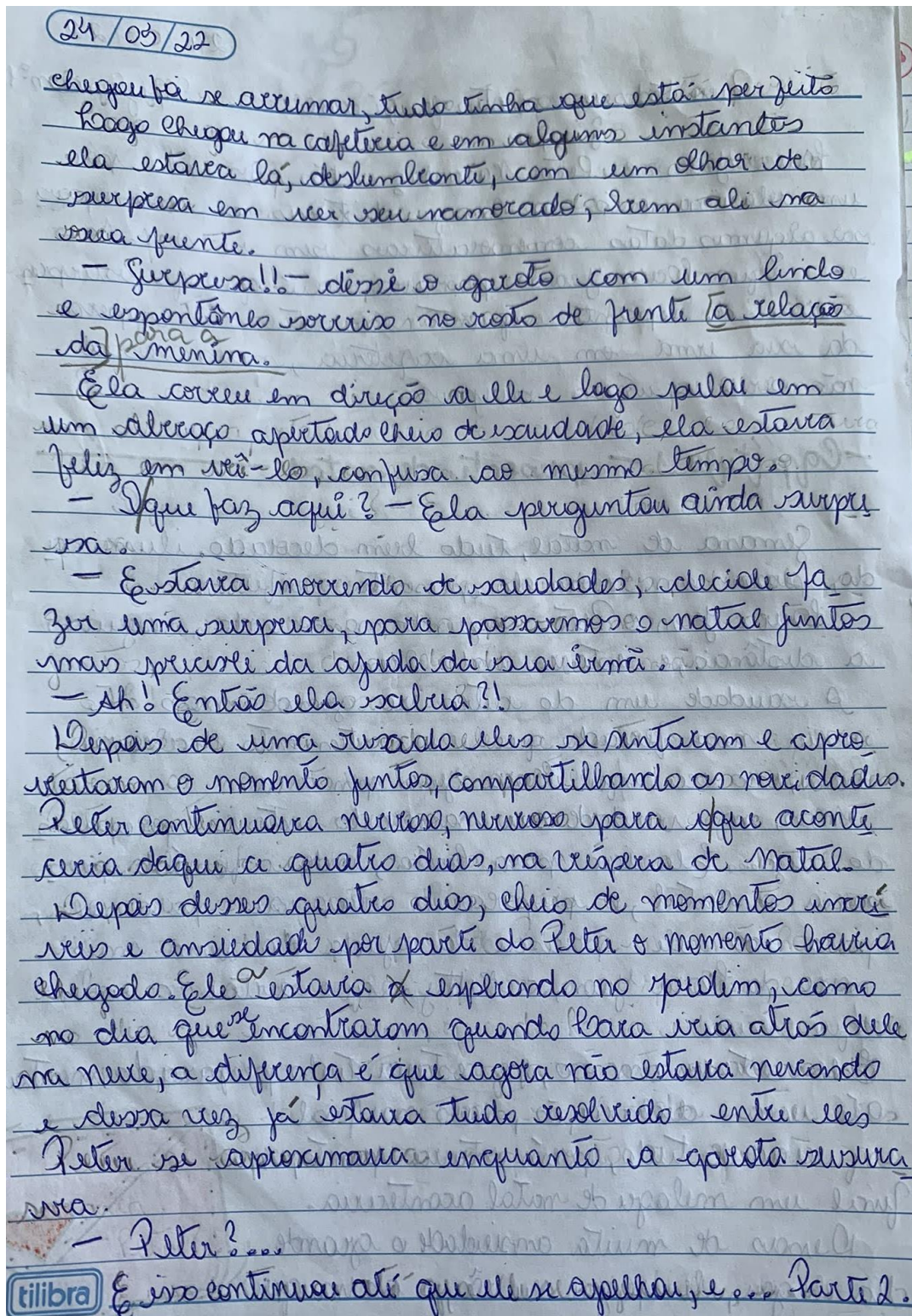
Figura 69 - Primeira página da versão manuscrita da *fanfic* de Sofia.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.



Figura 70 - Segunda e última página da versão manuscrita da *fanfic* de Sofia.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 71 - Primeira parte da *fanfic* de Sofia publicada no Wattpad.

## Capítulo 1 - Presente de Natal

👁 9 ★ 1 💬 1

Semana de natal, tudo bem decorado, iluminado, pessoas em busca do presente perfeito.

Lara Jean e Peter seguiam namorando á distância, e estavam indo bem.

A saudade um do outro era grande, mas não seria nesse feriado que esse sentimento acabaria, bom, isso era o que Lara Jean pensava.

Mas, na verdade seu namorado estava preparando algo... Ele iria para Coréia, onde a família de Lara Jean passaria o natal, e prepararia a surpresa para a sua amada, para isso ele precisaria da ajuda da irmã mais nova da Lara, a Kitty, que ficou super empolgada ao saber o que seria.

Ele se sentia ansioso, estava tudo preparado, montou até uma declaração, mas no final esqueceria de tudo, porém, estava pronto, tudo daria certo, ele esperava que um milagre de natal aconteceria.

Depois de muita ansiedade, o grande dia chegou, ele pegou seu vôo, e assim que chegou, foi logo se arrumar, afinal, tudo tinha que estar perfeito.

Fonte: Wattpad<sup>83</sup>, 2022.

---

<sup>83</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/1266441347-para-todos-os-garotos-que-ja-amei-cap%C3%ADtulo-1>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

Figura 72 - Segunda parte da *fanfic* de Sofia publicada no Wattpad.

Logo chegou na cafeteria e em alguns instantes ela estava lá, deslumbrante, com um olhar de surpresa ao vê-lo, bem ali na sua frente.

- SURPRESA!! - Disse o garoto com um lindo e espontâneo sorriso no rosto de frente para a menina ainda em choque.

Ela correu em direção a ele e logo pulou em um abraço apertado cheio de saudade, ela estava feliz em vê-lo, e confusa ao mesmo tempo.

- O que faz aqui ? - Ela perguntou ainda surpresa.

- Estava morrendo de saudade, decide fazer uma surpresa antes da data que planejamos, e agora podemos passar o natal juntos, mas precisei da ajuda da sua irmã.

- Ah!! Então ela sabia?!

Depois de uma risada eles se sentaram e aproveitaram o momento juntos, compartilhando as novidades.

Peter continuava nervoso, para o que aconteceria daqui a alguns dias, na véspera de natal.

Os dias se passaram, cheios de momentos incríveis e ansiedade por parte do Peter, mas ele sabia que tudo daria certo, afinal, ele estava ao lado da pessoa mais importante da vida dele.

Fonte: Wattpad<sup>84</sup>, 2022.

---

<sup>84</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/1266441347-para-todos-os-garotos-que-ja-amei-cap%C3%ADtulo-1>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

Figura 73 - Terceira parte da *fanfic* de Sofia publicada no Wattpad.

O momento havia chegado. Ele a estava esperando no jardim, como no dia que se encontraram quando Lara Jean foi atrás dele na neve, a diferença é que agora não estava nevando e dessa vez já estava tudo resolvido entre eles.

Finalmente, Peter se aproxima enquanto a garota sussurrava.

- Peter ?!

E isso continuou, até que ele se ajoelhou segurando a mão de Lara Jean, e...

PARTE 2



Fonte: Wattpad<sup>85</sup>, 2022.

Na captura de tela presente na Figura 73, é possível perceber que há um ícone de um balão com o número 1 dentro do mesmo. Esse ícone indica que foi realizado um comentário naquele trecho do texto. Se uma linha de texto recebe mais de um comentário, esse número dentro do ícone de balão se altera para o número correspondente aos comentários. Neste caso, foi incluído um comentário ao final do texto, mas poderia ter sido feito em qualquer outro trecho. Com isso, os textos deixam de ser unidirecionais e os comentários podem se tornar verdadeiras conversas, assim como Ferrazo (2008) se referiu ao bate-papo:

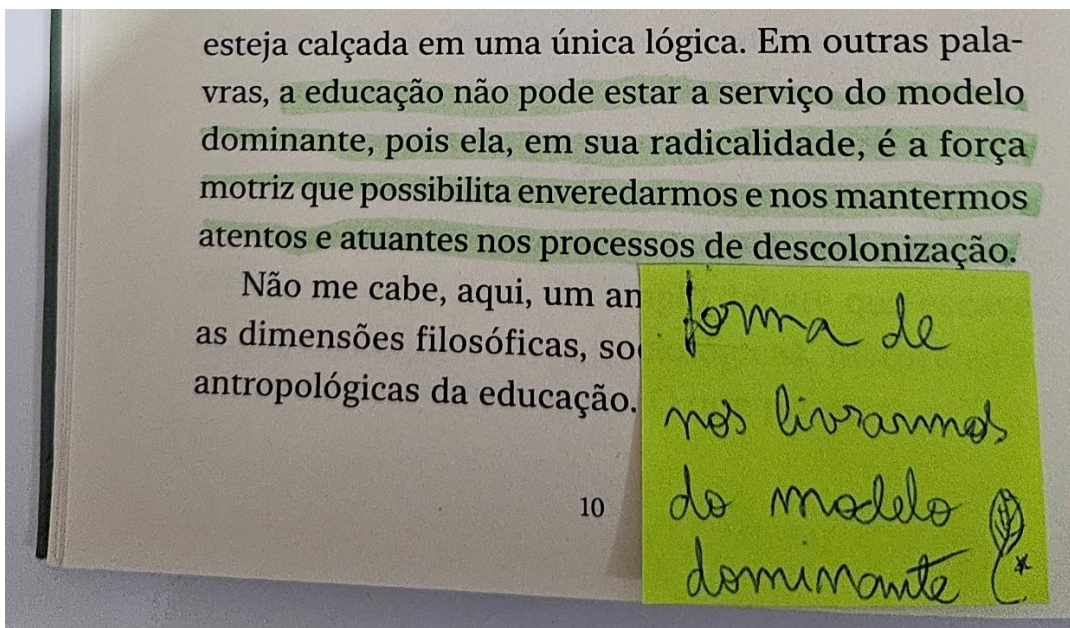
[...] assumimos a conversa ordinária (o bate-papo) como prática transformadora das situações da palavra acreditando, como Habermas, no poder potencial da conversação dialógica de transformar tanto os participantes, quanto o que está sendo discutido. Com isso, investimos na arte de conversar, de trocar opiniões, de contar casos, como forma de identificação de aspectos das redes de significados ali compartilhadas”. (Ferrazo, 2008, p.107)

Essa possibilidade de dialogar com o texto através de comentários que ficam localizados diretamente ao texto nos remete também a Larrosa (2003): “Não há espaços em branco entre as linhas, ou os espaços em branco já foram ocupados pelos comentários” (Larrosa, 2003, p.53). Essa função do Wattpad, também disponível nos aplicativos para dispositivos móveis, como *tablets* e *smartphones*, remete a inclusão de comentários que se

<sup>85</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/1266441347-para-todos-os-garotos-que-ja-amei-cap%C3%ADtulo-1>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

costuma fazer durante a leitura de um livro impresso. Consideramos interessante a forma como o Wattpad procura reproduzir a experiência da leitura de um livro físico ou faz uso de recursos que se assemelham a leitores de *e-books* usados para intermediar a venda através de editoras, como, por exemplo, o Kindle. Temos como exemplo a Figura 74, que mostra um comentário que fiz em uma página da versão física do livro *Vence-demanda: Educação e Descolonização* (Rufino, 2021):

Figura 74 - Anotação feita no livro *Vence-demanda: Educação e Descolonização*, de Luiz Rufino.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Percebemos certa dificuldade, por parte dos *'praticantespensantes'*, em criar um fim para seus escritos, ainda que a proposta tenha sido de criarmos uma *fanfic* no estilo *one-shot*, ou seja, que houvesse um capítulo único, sem continuação. Muitos optaram por deixar o fim de suas histórias em aberto, com a possibilidade de uma segunda parte, como foi o caso de Sofia.

Escrever sem  
poder escrever sem  
saber escrever sem outro fim  
que o sem-fim  
da escrita

que se faz  
 leitura  
 que se faz  
 escrita sem  
 poder sem  
 saber sem  
 outra finalidade  
 que escrever sem fim  
 em direção à leitura  
 em direção à escrita.

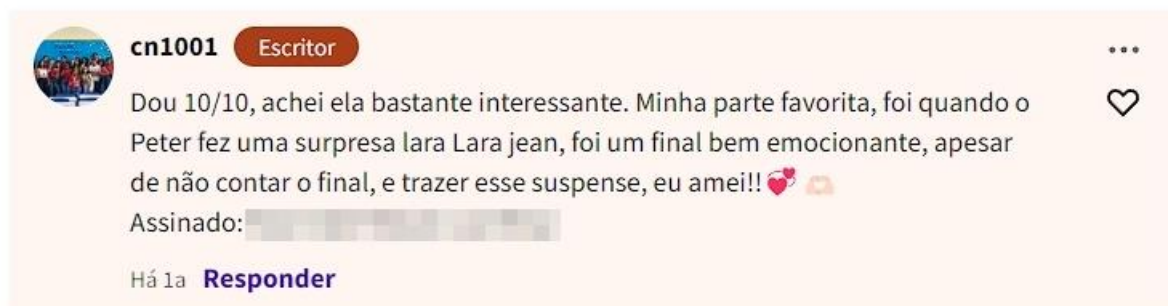
Algo (se) passa. Sem  
 propriedade sem  
 apropriação.

Algo (se) passa. Sem  
 término.

Interminavelmente. (Larrosa, 2003, p.29)

Apesar da possibilidade dos ‘*praticantespensantes*’ retornarem ao perfil da turma no Wattpad para publicar a continuação da história, isso não ocorreu até o momento da revisão final deste texto de dissertação. A falta de um final foi percebida por Lua, que deixou um comentário elogiando o texto e, apesar de não conter um final, a leitora classificou o texto como nota dez, numa escala de dez pontos, como veremos na Figura 75:

Figura 75 - Comentário escrito por Lua na *fanfic* de Sofia no Wattpad.



Fonte: Wattpad<sup>86</sup>, 2022.

<sup>86</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/1266441347-para-todos-os-garotos-que-ja-amei-cap%C3%ADtulo-1>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

No escrito da ‘*praticantepensante*’ Analu, foi recriada uma história baseada nos filmes do Homem-Aranha: dessa vez, “o Homem-Aranha é o vilão e o Doende Verde é o nosso herói” (Analu, 2022, não paginado). Quando iniciou a sua escrita manuscrita, Analu me questionou como a palavra *duende* era escrita, se possuía a letra *O* ou se continha a letra *U*. Nas Figuras 76 e 77, podemos ver a versão manuscrita revisada pela Professora Fatinha e por mim, antes da publicação no *site/app* Wattpad:

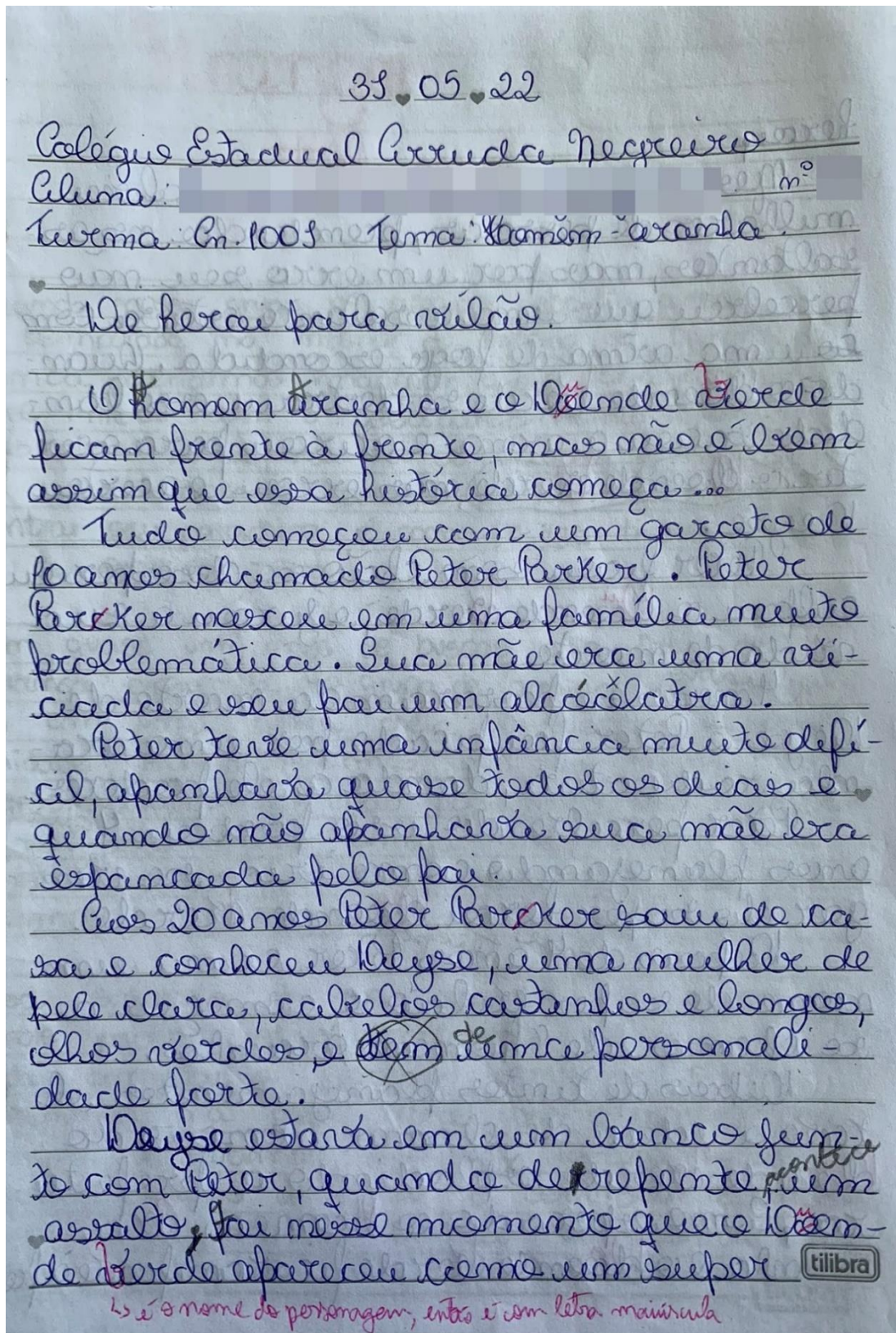
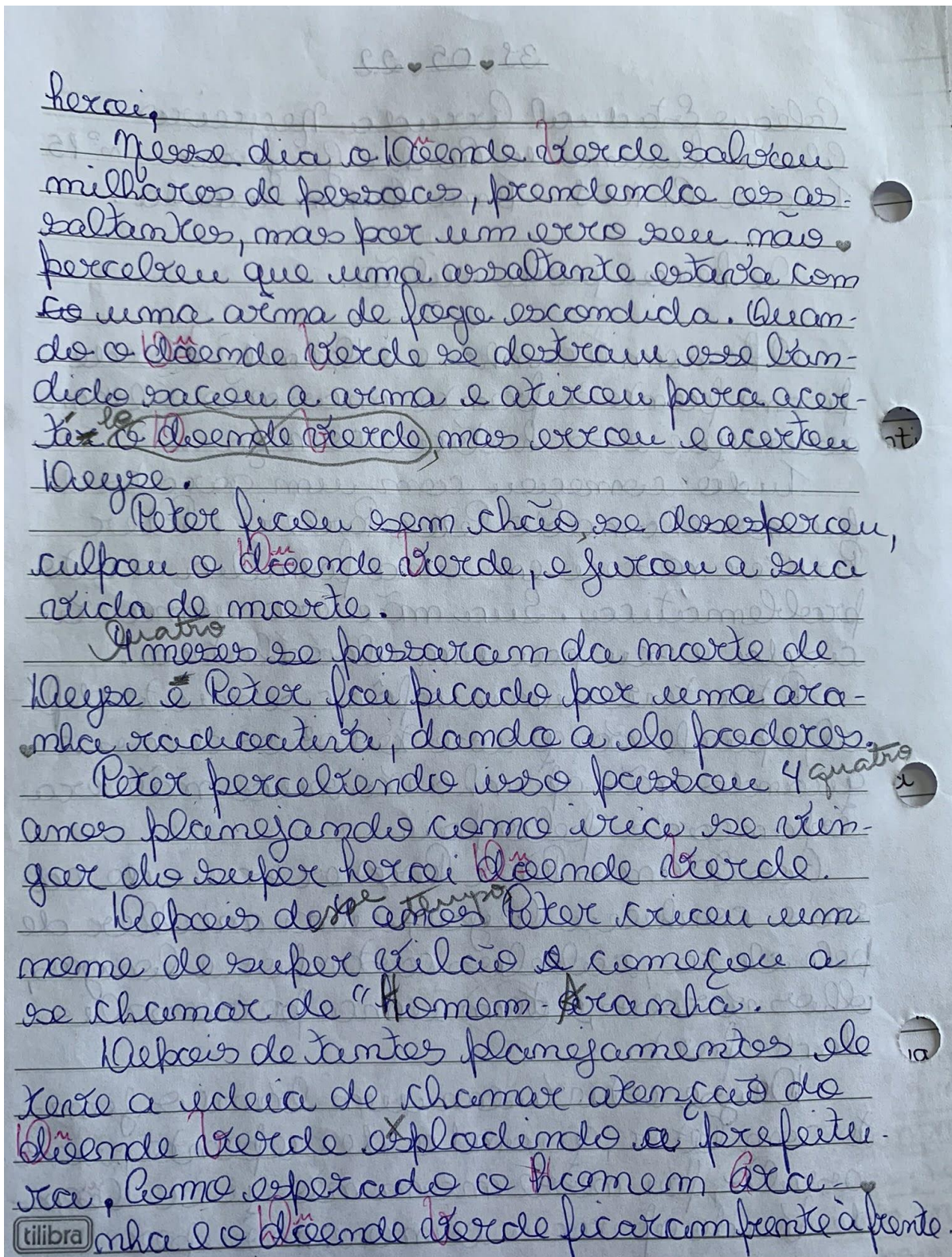
Figura 76 - Primeira página da versão manuscrita da *fanfic* de Analu.



Figura 77 - Segunda página da versão manuscrita da *fanfic* de Analu.

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Por fim, Analu teve, por opção estética, vontade de manter o nome do personagem como Doende Verde na versão final de sua escrita e me perguntou sobre essa possibilidade, que foi acolhida como licença poética. Aqui entendemos que licença poética possibilita “uma subversão da linguagem e uma conseqüente subversão do sentido da palavra em seu estado de dicionário” (Amoedo, 2012, p.49). Também percebemos, com o apoio de Oliveira (2023), que a desobediência da grafia correta do nome do personagem significa que esta ‘*praticantepensante*’ transforma uma relação de poder/saber que se pensa ser a correta a ser seguida. A versão manuscrita e a versão digital do seu texto, publicada no Wattpad, são idênticas, como podemos ver nas Figuras 78 e 79:

Figura 78 - Trecho inicial da *fanfic* De Vilão Para Herói, de Analu.

---

## Como tudo começou.

👁 3 ★ 0 💬 0

---

De herói para vilão

O homem-aranha e o Doende Verde ficou frente a frente mas não é bem assim que essa história começa...

Tudo começa com um garoto de 10 anos chamado Peter Park. Peter nasceu em uma família muito problemática. Sua mãe era viciada e seu pai é alcoólatra.

Peter teve uma infância muito difícil, apanhava quase todos os dias e quando não apanhava sua mãe era espancada pelo seu pai.

Aos 20 anos, Peter Park saiu de casa e conheceu uma mulher de pele clara, cabelos castanhos e longos, olhos verdes, e de uma personalidade forte. Ela se chamava Deise.

Deise estava em um banco junto com Peter quando de repente aconteceu um assalto. Foi nesse momento que o Doende Verde apareceu como um super-herói.

Nesse dia o

Doende Verde salvou milhares de pessoas, prendendo os assaltantes, mas por um erro seu não percebeu que um assaltante estava com uma arma de fogo escondida. Quando o Doende Verde se distraiu esse bandido sacou a arma e atirou para acertá-lo, mas errou e acertou Deise.

Fonte: Wattpad<sup>87</sup>, 2022.

---

<sup>87</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/322442950-de-vil%C3%A3o-para-her%C3%B3i>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Figura 79 - Trecho final da *fanfic* De Vilão Para Herói, de Analu.

Peter ficou sem chão se desesperou, culpou o Doende Verde, e jurou a sua morte.

Quatro meses se passaram da morte de Deise e Peter foi picado por uma aranha radioativa, dando a ele poderes.

Peter percebendo isso passou quatro anos planejando como iria se vingar do super-herói Doende Verde.

Depois desse tempo Peter criou um nome de super vilão e começou a se chamar de "Homem-aranha".

Depois de tanto planejamento teve a ideia de chamar atenção do Doende Verde explodindo a prefeitura. Como esperado o homem-aranha e o Doende Verde ficaram frente a frente.....

Fonte: Wattpad<sup>88</sup>, 2022.

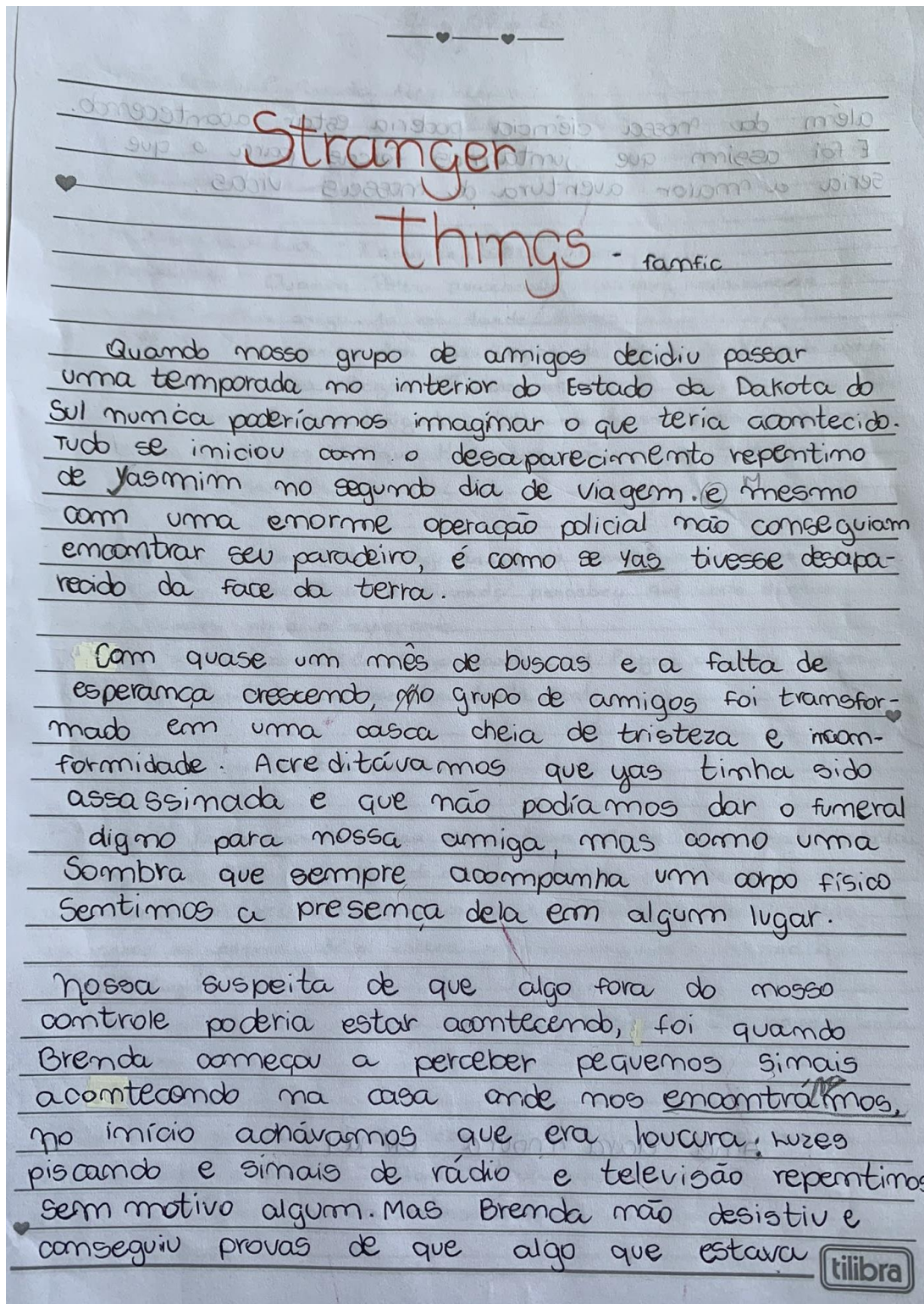
Enquanto isso, durante a etapa manuscrita da atividade, a *'praticantepensante'* Lua escreveu uma *fanfic* inspirada na série *Stranger Things*, produzida pela plataforma de *streaming* Netflix<sup>89</sup>, sem definir um novo título para o escrito. Nesse texto, que podemos visualizar na íntegra na Figuras 80 e 81, a estudante recriou o cenário da série que, originalmente, retrata o desaparecimento de uma criança de forma misteriosa. Porém, na versão criada por Lua, quem desaparece é Yasmin, uma personagem que possui o mesmo nome que eu.

---

<sup>88</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/322442950-de-vil%C3%A3o-para-her%C3%B3i>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

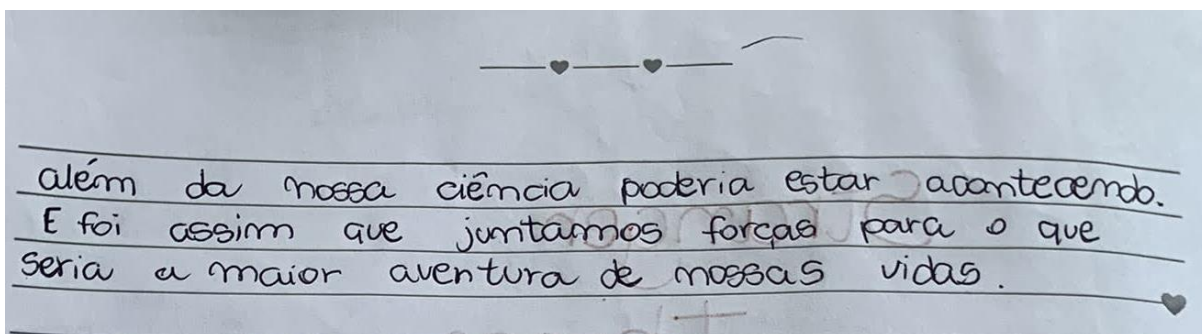
<sup>89</sup> Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/80057281>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Figura 80 - Primeira página da versão manuscrita da *fanfic* escrita pela estudante Lua.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 81 - Segunda página da versão manuscrita da *fanfic* escrita pela estudante Lua.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Já na etapa em que as *fanfics* foram publicadas no Wattpad, Lua recriou a história, assim como o estudante Edward Kenway (Figura 85), que, durante a passagem entre as etapas da atividade, perdeu o papel em que a história estava manuscrita. Assim nasceu a *fanfic* *Cadê o Cascão?*, da 'praticantepensante' Lua. Nessa nova versão, Cascão também desaparece de forma misteriosa e é reencontrado no lixão, lugar favorito do personagem. Vejamos a história completa nas Figuras 82 e 83:

Figura 82 - Trecho inicial da *fanfic* da estudante Lua, que foi publicada no Wattpad.

## capítulo 1

👁 8 ★ 1 💬 2

---

Tudo se iniciou com o desaparecimento repentino de Cascão no segundo dia de viagem, depois de uma tempestade. Algo realmente preocupante, pois o cascão tem PAVOR de água, não há dúvidas disso. Mesmo com uma operação policial, não conseguiam encontrar seu paradeiro, o que é óbvio, pois ninguém conhece mais o cascão do que a gente. Afinal, aonde esse moleque se meteu?

Com quase um dia inteiro de buscas, estávamos extremamente nervosos, por conta de nossos pais não deixarem a gente se meter em mais uma aventura maluca nossa, mas, ao mesmo tempo, paramos para pensar com a cabeça de Cascão. Será que ele se esconderia? Será que ele fugiria para o bairro do limoeiro para encontrar seus pais? O que cascão faria?

A turma pensou direitinho e assim criamos um plano não muito bom, mas, na nossa cabeça, parecia dar certo, pois já estávamos muito nervosos e ansiosos para achá-lo. O plano funcionava da seguinte forma: a gente ia andar por toda a roça e pelo bairro do limoeiro inteirinho. Fizemos tudo isso, andamos cada pedacinho da roça, e nenhum sinal de Cascão pela roça. Então fomos para o bairro do limoeiro, onde obviamente ele estaria, interrogamos um por um, cada

Fonte: Wattpad<sup>90</sup>, 2022.

---

<sup>90</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/322443608-cad%C3%AA-o-casc%C3%A3o>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Figura 83 - Trecho final da fanfic da estudante Lua, que foi publicada no Wattpad.

morador do bairro, mas, infelizmente, não achamos nada, nem um sinal do Cascão.

Foi quando Magali disse:

- Essa agonia toda tá me deixando com mais fome do que o normal, sei lá, comeria até um daqueles hambúrgueres, que vem com tudo o que tem direito, tipo um podrão.

Depois que a Magali disse isso, eu e Cebolinha nos olhamos e gritamos:

- O LIXÃO!!

O lugar era óbvio, né? E a gente não tinha pensado nisso antes. Sem nem pensar duas vezes, corremos para lá o mais rápido o possível. O que não esperávamos era que aquele lugar era enorme, e o cheiro era insuportável, mas estávamos tão ansiosos e preocupados e nem ligamos para esses obstáculos.

Passamos horas lá e não achamos nada. Sentamos no chão e só sabíamos chorar, até que escutamos uns passos e uma risada assustadora vindo em nossa direção. Ficamos mais desesperados ainda, então nós três, Cebolinha, Magali e eu, seguramos forte na mão um do outro, fechamos os olhos e escutamos a seguinte frase:

- Por que vocês estão desse jeito, gente? Não precisam ficar assustados. Sou eu!!

Graças a Deus era o Cascão. Nem acreditávamos no que estávamos vendo, pois já tínhamos perdido a esperança. O Cascão nos contou TODOS os detalhes, mas isso fica para uma outra história... Levamos o Cascão para casa e fizemos uma festa no bairro para comemorarmos a volta de um menino tão querido no bairro.



Fonte: Wattpad<sup>91</sup>, 2022.

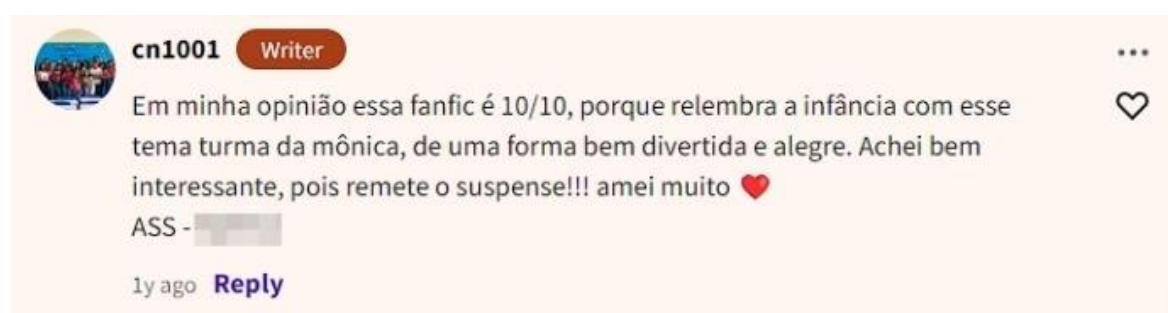
Percebe-se que, novamente, a história deixa em aberto uma possibilidade de continuação. Como indica o ícone ao final da publicação no Wattpad, a *fanfic* recebeu um

<sup>91</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/322443608-cad%C3%AA-o-casc%C3%A3o>>. Acesso em: 17 jan. 2024.



comentário, que pode ser visto na Figura 84, redigido por Sofia através da conta da turma CN 1001 no Wattpad. Numa escala de 10, ela categoriza a *fanfic* como 10, e elogia o suspense presente na história. É importante ressaltar que não foi solicitado por nós, Yasmin e Fatinha, que fosse incluída uma nota aos comentários: essa foi uma iniciativa das ‘*praticantespensantes*’, de forma independente. É um costume que, em interações nas redes sociais, a expressão *10/10* seja usada como uma forma de elogio, mas, para nós, educadores, esse pode ser o reflexo da convivência com métodos avaliativos somatórios.

Figura 84 - Comentário feito por Sofia na *fanfic* *Cadê o Cascão?*.



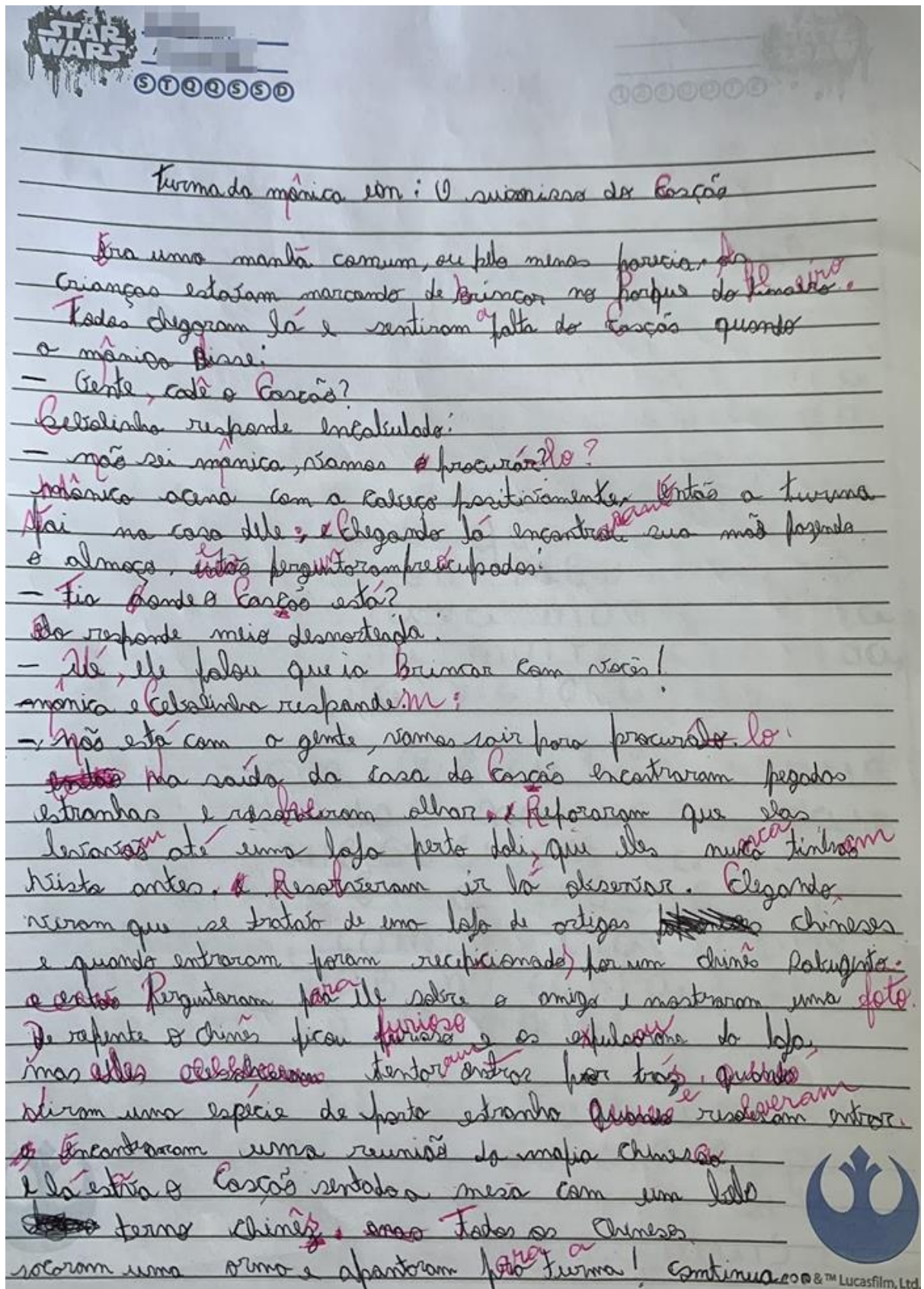
Fonte: Wattpad<sup>92</sup>, 2022.

Com uma temática bastante semelhante à de Sofia, Edward Kenway, cujo codinome é inspirado na franquia de jogos digitais *Assassin's Creed*, também traz uma narrativa que retrata o sumiço de Cascão, personagem da Turma da Mônica. Edward foi um dos alunos que mais conversava comigo, seja sobre a atividade, a pesquisa, sua vida, problemas pessoais, produtos culturais que gosta... Ele havia perdido a *fanfic* manuscrita entre suas coisas em casa, mas afirmou que se lembrava exatamente do que escreveu. Eu falei que seria importante ele usar a revisão que a professora havia feito. Ele reafirmou que se lembrava de tudo, então recomendei que ele reescrevesse o texto. Ao questionar a professora, ela recomendou o mesmo a ele. Ainda assim, ele não se concentrou na reescrita e ficou conversando. A professora o chamou para escrever ao seu lado, ao mesmo tempo que ela revisava o que era escrito. Ao finalizar, ele veio ao meu encontro e comemoramos ironicamente. Mesmo que essa reescrita em formato digital tenha sido revisada pela professora, o estudante não a publicou no *site* Wattpad.

<sup>92</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/1270780914-cad%C3%AA-o-casc%C3%A3o-cap%C3%ADtulo-1>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Em sua história, ele retrata Cascão como vítima de desaparecimento. Conforme o enredo se desenvolve, sua narrativa nos faz pensar que Cascão havia sido sequestrado por uma máfia chinesa, mas, na realidade, descobre-se que Cascão lidera esta máfia fictícia. Novamente, percebemos a predisposição a uma continuação para esta história, que não foi continuada. Apesar da promessa, a história cumpre o seu propósito, com um final resolvido, mas que mantém o desejo de continuação. Na Figura 85, podemos conferir uma fotografia do manuscrito de Edward:

Figura 85 - Texto manuscrito de Edward Kenway.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Apesar de Rayssa ter escrito, no começo de nossa atividade, uma *fanfic* inspirada nas diversas personagens da editora Marvel Comics que usam o nome Mulher-Aranha (Spider-Woman), seu texto manuscrito também acabou por se perder. Como solução, ela criou a história Para Sempre Eu e Você, que, segundo ela, foi inspirada no livro Casados Para Sempre. A obra que encontramos com mesmo nome na loja de livros Amazon<sup>93</sup>, indisponível para compra no momento desta escrita, se tratava de um livro religioso com aconselhamentos matrimoniais. Tivemos a suspeita de que a história de Rayssa não fosse inspirada em uma história existente, mas a *'praticantepensante'* tornou a afirmar que se tratava de um livro que possuía em sua casa. Veremos a sua escrita na Figura 86:

---

<sup>93</sup> Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Casados-Para-Sempre-Derek-Prince/dp/8573438142>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Figura 86 - Publicação de Rayssa no *site* Wattpad.

## Capítulo único

👁 1 ★ 0 💬 0

Uma história de amor entre um casal que era feliz ,. Eles riam e brincavam muito. Eles eram unidos um ao outro,.  
 Só que passou um momento que eles não estavam a mesma coisa. Não conversavam mais , por que o marido (David) tinha arrumado um grande trabalho e era cansativo para ele. Passou um grande tempo que eles começaram a brigar e discutir. Um dia, no trabalho de David, um amigo estava conversando com ele e falou para largar ela. Foi nisso que ele pensou e começou a olhar para o lado bom , pensando " eu não vou largar minha linda mulher." E eles voltaram a se falar ,. Um dia chegou uma notícia ruim ! a Raquel descobre um câncer no útero, . David ficou desesperado e ansioso. Levou- a no hospital , e cuidou muito bem dela. A mãe de Raquel descobre a doença. Quer leva lá. Por isso , que a Raquel piora mais ainda e passou uns dias muito mal, por tanta perturbação dos pais, que achavam que David não tinha condições de cuidar de Raquel. Eles leva ela é, depois de muito tempo, eles se encontram . Raquel estava fraca , desfalecendo. Chorou conversando e disse : " David te amo muito " e abraçou David . Depois disso , a Raquel veio a falecer. No enterro de Raquel David só fala uma coisa: " Ame sua esposa antes que seja tarde"

Fonte: Wattpad<sup>94</sup>, 2022.

Apesar de a maioria dos ‘*praticantes pensantes*’ não ter participado da etapa de redigir comentários sobre os textos dos colegas, consideramos esse momento importante, já que a

<sup>94</sup> Disponível em: <<https://www.wattpad.com/1280844371-para-sempre-eu-e-voc%C3%AA-cap%C3%ADtulo-%C3%BAnico>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

produção das *fanfics* foi utilizada como uma forma de avaliação formativa, e pensamos que nesta “cada sujeito que é avaliado deve também ser um sujeito que pode e deve avaliar” (Santos, 2019, não paginado), assim cada ‘*praticantepensante*’ que participou dessa etapa pode atuar como autor de suas criações e também de seus colegas.

É como se Larrosa (2003) pudesse descrever o nosso processo de criação das *fanfics* com a CN 1001: muitos dos que se sentiam sem inspiração, com *bloqueio criativo*, ou que simplesmente não sabiam como escrever uma *fanfic*, conseguiram realizar belas escritas; textos reescritos a partir de outras obras, que precisaram ser reescritos outra vez quando suas versões manuscritas foram perdidas, que seriam lidos por outros colegas, que os reescreveriam através de comentários, num processo interminável. Textos próprios, mas que não foram de propriedade exclusiva de quem escreveu. “Suas próprias palavras. As que nunca serão suas”, como nos diz Larrosa (2003, p.61).

Como avaliação da atividade, convidamos os ‘*praticantepensantes*’ a formarmos uma roda de conversa para dialogarmos a respeito de pontos positivos e/ou que precisam ser melhorados em uma atividade envolvendo a autoria de *fanfics* na escola. Abaixo, podemos conferir alguns pensamentos dos ‘*praticantepensantes*’ a respeito de como a atividade foi feita:

**S4njiGay:** Eu achei inovador, porque nem sempre eu falei: nossa, eu acho que como professora, eu vou ensinar alguma coisa que tem a ver com *fanfic*, com história desse tipo. Então, quando você contou que faria alguma coisa assim, eu achei bem legal. Eu achei bem chato o fato de você ter que escolher uma das opções que tinha, porque eu não sou muito da pessoa que... Eu quase não via nenhuma via das coisas que eu tinha ali no quadro, então foi difícil, para mim, escrever algo que eu realmente gostasse, mas que seria mais fácil se fosse como tema que você realmente gosta.

**Eniol:** Na verdade, eu gostei bastante, porque foi legal trabalhar com algo que nós reconhecíamos, porque, por mais que muita pessoa não conheça, foi muito bom ter uma atividade na escola que também seja algo que nós fazemos, que nós temos prazer em fazer no nosso tempo livre, entendeu? E a única coisa que, tipo assim, não foi tão... não diria que foi ruim, mas poderia poder ter sido melhor se fosse diferente, foi o fato da gente ter que escolher temas específicos, porque pode ajudar algumas pessoas que não tinham muita noção de como fazer algo do zero, mas, também acho que atrapalha um pouco porque é bom trabalhar com a própria criatividade, porque até mesmo criar uma história do nada pode ser um pouco difícil, mas também pode facilitar bastante se você já tem uma ideia na cabeça, se você é bom, é criativo, se você consegue criar algo do nada, porque, às vezes, pegar um tema que já é feito pode atrapalhar um pouquinho o que você já imaginava. Se você tira algo da sua própria cabeça, às vezes você consegue desenvolver melhor a história do que com algo que você já tem pronto.

**Rhavi:** No fundo, me trouxe nostalgia, esse projeto. E no fundo, também, eu fiquei, tipo “hã? Tem que fazer a *fanfic*, mas não tem a história, só com isso...”. O povo decidiu Homem-Aranha, depois mudaram... Mas, no final, gostei bastante, tipo, escrever até mais capítulos do que era preciso naquela história.

**S4njiGay:** Eu deixaria eles fazerem com os temas que eles quisessem, acho que só isso, porque o resto gostei bastante.

**Eniol:** É, eu também gostei do trabalho assim. Eu só deixaria eles exercerem a criatividade deles com temas que eles preferiram, sabe? Sem gêneros específicos, sem tema... Querer que eles trabalhassem com o que eles quisessem. Que eles trabalhassem a criatividade deles.

**Rhavi:** Eu acho que mudaria o fato de que eu não deixaria só pra filme, séries, livros e essas coisas. Eu deixaria algo mais encarado como um desafio para dar uma motivação para a pessoa. Tipo “não, vou escrever pra cumprir isso daqui, porque é pra minha atividade. Eu mudaria o fato de que eu não deixaria só naqueles temas, só naquelas categorias de HQ, de livro... Tipo, o tema: escreve sobre romance. Aí deixaria livre pra pessoa escrever o romance que ela quiser, com base no livro que ela quiser, sem ser só aquelas opções.

Em conversa com a Professora Fatinha, após a finalização da atividade e das conversas, refletimos sobre esse ponto, como pode ser visto a seguir, no diálogo com professora:

**Professora Fatinha:** A gente restringiu porque eu fiquei com receio de não ter condições de acompanhar todo o processo. Se a gente abrisse muito o leque... Mas, pela produção, a gente viu que dá pra deixar em aberto, para que eles tenham uma produção mais livre, mais aberta, mais espontânea, que não tenha tantas restrições como nós fizemos...

**Yasmin:** Eles podem escolher a temática. Seria legal abrir. Claro que a gente não dá conta de todos os temas, mas eles podem fazer um resumo da história original... Até porque, a gente também trabalha o resumo, que foi uma coisa que você trouxe bastante.

**Professora Fatinha:** É.

**Yasmin:** A gente podia ter feito assim, mas eu não pensei nisso. E eu também queria que fosse uma coisa que todo mundo desse conta. Não adianta eu e os alunos darmos conta e você ficar de fora. Eu queria de um jeito que todo mundo ficasse incluído.

Nesse momento, pensamos no aconselhamento trazido por Freire e Shor (1986) de que, mesmo que não seja a nossa intenção manter um posicionamento autoritário, as práticas libertadoras não devem deixar os educandos entregues a si mesmos: estas necessitam da mediação do professor, não a respeito dos estudantes, mas, sim, do processo pelo qual estão atuando juntos, de forma democrática, responsável e diretiva (Viana, 2022). E essa foi a intenção da Professora Fatinha: ter a oportunidade de conhecer os cânones das histórias para acompanhar a criação das novas histórias com maior proximidade dos assuntos abordados.

Com a opinião dos ‘*praticantespensantes*’, vimos que a sugestão deles se torna mais adequada para esta atividade.

Alguns dos ‘*praticantespensantes*’ também nos contaram que o processo de realizar a tarefa em casa tornou a atividade mais demorada, já que eles estudam em turno integral e os resta pouco tempo de seu dia para realizar tarefas em casa, assim como muitos estudantes não possuem artefatos como computador ou *smartphone* e/ou acesso à Internet para a realização. Durante a conversa, os estudantes estavam em acordo de que a atividade teria melhor rendimento se fosse feita em sala, com o uso do celular e conexão móvel, seja com recursos próprios ou emprestados de colegas.

Através de nossas análises, descobrimos nossas noções subsunçoras, que nos auxiliaram a entender melhor o processo de criação dos ‘*praticantespensantes*’ de nossa pesquisa, em todas as características que movem. Também dialogamos sobre os nossos achados junto aos ‘*praticantespensantes*’, que tiveram muito a nos dizer a respeito da educação que desejamos para o futuro, que, por si, como nos diz Rufino (2021), não está a serviço de salvação de algo ou de alguém, mas para garantir a “vivacidade das existências e suas inscrições no tempo” (Rufino, 2021, p.14-15). Considerando que estes estudantes são jovens professores em formação, contamos com eles para aprender a criar novas educações apropriadas ao nosso tempo.

Percebemos as *fanfics*, tanto as produzidas pelos ‘*praticantespensantes*’ quanto as dos ‘*autoresfãs*’ em rede, como textos que fogem da normatividade dominante e, apesar de não terem surgido inicialmente em países colonizados, notamo-las como uma tática de *desaprender do cânone*, que, para Rufino (2021), não significa uma mera “negação de determinadas presenças e saberes, mas pelo destronamento” (Rufino, 2021, p.23) da hegemonia. O autor, que inspira o título da nossa conclusão, que será apresentada a seguir, considera essa prática de desaprender como uma etapa para a descolonização.

Vemos nas *fanfics*, em especial em enredos brasileiros, a possibilidade de desconstruir uma história criada dentro de uma norma dominante, no caso da criação de S4njiGay, um romance homoafetivo inspirado em uma obra que é dada com narrativas heteronormativas, tal qual imposto pela colonização europeia. Esse rompimento se vê necessário em uma educação para/com/nas periferias, já que, para a colonização, não foi o bastante ter ocorrido “genocídio, a tortura, o estupro, o encarceramento e a escravidão” (Rufino, 2021, p.21): as suas



consequências ainda são visíveis e, além dos assassinatos dos corpos físicos, também podem assassinar nossas subjetividades e controlar nossas questões sensíveis. Se essas consequências permanecem visíveis e sentidas por nós, ainda precisam ser combatidas e nos fazem pensar quais meios estão ao nosso alcance para esse combate.

Buscamos inspiração em Chartier, junto a Bourdieu (2011) na percepção da leitura atualmente conhecida por nós como estrutural, que leva em conta um texto pelo significado que é dado, dotado de autossuficiência e de sua própria verdade, sem levar em conta a nossa visão sobre o que é lido. É um tipo de leitura que nos induz a ignorar nossas próprias percepções e que nos foi habituada em tempo relativamente recente. Os autores dialogam com Rufino (2021) ao nos aconselharem a historicizar a nossa relação com a leitura como uma forma de desapegar do que nos foi imposto como um aspecto natural e inconsciente.

Sendo os ciberespaços onde atualmente encontramos as *fanfics* como “um espaço próprio de apropriação jamais redutível ao que é lido” (Bourdieu; Chartier, 2011, p.244), vemos, no desapego ao cânone através de suas novas escritas e respectivas leituras, uma possibilidade de subverter esse modo de leitura que nos foi instaurado pelo olhar colonizador. Com isso, convidamos o leitor a aprender com as práticas do *fandom*, que tanto compartilham conhecimentos diversos quanto histórias de vida e formação (Josso, 2004), e desaprender do cânone que nos foi imposto colonialmente, para que possamos reescrever nossas histórias através de nossas próprias perspectivas, sonhos e desejos.

Em continuidade à nossa conversa, partimos para a finalização dessa dissertação, na conclusão que intitulamos como APRENDER COM O *FANDOM* E DESAPRENDER DO CÂNONE: NOSSAS ÚLTIMAS PERCEPÇÕES (POR ENQUANTO...), na qual perpassamos pelas conversas que tivemos e o que descobrimos a respeito da criação de *fanfics* ‘*dentrofora*’ da escola.

## APRENDER COM O FANDOM E DESAPRENDER DO CÂNONE: NOSSAS ÚLTIMAS PERCEPÇÕES (POR ENQUANTO...)

*Jules não lançou mais nenhuma canção, nem os Strokes fizeram qualquer show desde aquele show do Rock In Rio. Jules passou a viver um luto sem fim, enquanto criava sua filha que, já na adolescência, mostrava ser talentosa como a mãe para compor canções, embora fossem músicas muito melancólicas. O pai permitiu que Jessica estreasse no cenário musical o quanto antes, o que não fez muito bem a ela, que teve sua adolescência vigiada e incomodada pelos paparazzi. Não demorou muito para que ela surtasse e precisasse de um médico, fatos que ela contou nos seus álbuns. Mas isso já está superado porque seu pai a contou a verdade e ela começou a escrever um livro com a história, que será lançado em breve.*

*Hoje a mídia cria uma nova rivalidade na música: Jessica Johnmother estava sendo muito comparada a Lovefoxxx, uma cantora brasileira que estava fazendo enorme sucesso no exterior com a sua banda CSS: Cansei de Ser Sexy.*

*A internet toda falava sobre Lovefoxxx e deixavam a vida de Johnmother um pouco mais em paz. A fofoca que corria era que Lovefoxxx havia sido presa por anos e havia sofrido um aborto espontâneo na cadeia. Ao cumprir sua pena e já conformada do aborto, ela recebeu um dinheiro alto de sua família, que não especificou pra ela de onde o dinheiro veio, mas ela nem quis saber, pegou o dinheiro e fez diversas plásticas no rosto para parecer asiática e mais nova, porque queria voltar aos EUA pra realizar o sonho de trabalhar com música e não queria ser reconhecida, mesmo que as pessoas que a conheceram por lá ainda sejam completos desconhecidos de pouca influência, mas vai saber o que o destino reserva? Ela*

*não queria sofrer boicote no cenário. Isso e o que dizem na internet, já que Lov nunca negou ou afirmou nada disso.*

*Ela passou muitos anos sem se atualizar sobre o cenário musical, então suas referências são do começo dos anos 80. Com uma nova cara e nome artístico, Lovefoxxx conseguiu seu sucesso com sua banda, que também eram brasileiros morando no exterior.*

*Apesar das comparações e da fama de brigona que Johnmother carregava, ela não sentiu vontade de brigar com Lovefoxxx, igual já fez com inúmeros outros artistas que a mídia envolvia seu nome. Ela ate afirmou gostar do trabalho do CSS, apesar de seu pai não conseguir ouvir as canções por a voz lembrar de alguém do seu passado.*

*Yasmin Viana – Quem foi a mãe de Jessica John Mother,  
Capítulo final*

Assim como essa dissertação se conclui, também é concluída a história da origem da personagem Jessica Johnmother, de criação minha, através da *fanfic* que pudemos ler acima, assim como seus capítulos anteriores puderam ser lidos ao início de cada seção desta dissertação, com a finalidade de exemplificar a prática da escrita de *fanfics* e trazer uma certa leveza a esta leitura através da apresentação de uma expressão artística, como nós, *EduCibers*, costumamos fazer em nossas pesquisas.

Essa *fanfic* foi criada no intuito de narrar uma história pré-existente, assim como a nossa dissertação pôde narrar situações já vividas no ciberespaço por alguns dos ‘*praticantespensantes*’ da pesquisa, jovens professores em formação, que nos ajudaram a compreender melhor as práticas que integram o universo das *fanfics*, como também nos auxiliaram a entender a Educação pela perspectiva de uma formação docente que melhor condiz com o tempo que vivemos: o da Cibercultura.

Esta dissertação foi dividida em quatro seções, que buscaram sintetizar como a pesquisa foi desenvolvida, o que foi vivido, quem nos acompanhou nessa caminhada e como emergiram os conhecimentos que aqui trazemos. Introduzimos nossa trajetória sob o título **COMPREENDENDO AS CRIAÇÕES DE FANFICS NO BRASIL E NO MUNDO**, que trouxe a nossa inquietação em compreender o gênero literário *fanfic* como prática de autorias entre os fãs no contexto da Cibercultura. Este se tornou o nosso objetivo geral de pesquisa. Nos primeiros momentos de reflexão, encontramos apoio no seguinte aconselhamento de Rilke (2013): “Não busque por enquanto respostas que não lhe podem ser dadas, porque não as poderia viver. Pois trata-se precisamente de viver tudo. Viva por enquanto as perguntas. Talvez depois, aos poucos, sem que o perceba num dia longínquo, consiga viver a resposta” (Rilke, 2013, p.38). Então, para que o objetivo da pesquisa fosse cumprido, desenvolvemos algumas questões norteadoras para nos auxiliarem a sintetizar o que gostaríamos exatamente de investigar.

A primeira seção do nosso texto, intitulada **SER MEMBRO NO CIBERESPAÇO: CONHECENDO AS FANFICS E OS FÃS**, surgiu da necessidade de viver os cotidianos daqueles que publicam *fanfics* em rede para descobrir como os ‘*autoresfãs*’ estão produzindo *fanfics* atualmente, além de conhecermos melhor sobre a história passada de suas produções. Tivemos a oportunidade de conhecer melhor sobre os grupos de fãs, os *fandoms*, que se organizam em prol do compartilhamento de informações e conhecimentos, e quais foram as mudanças vividas nas práticas dos fãs com o advento da Cibercultura. Também navegamos pelos ciberespaços onde se encontram as *fanfics* e compreendemos como elas são produzidas e publicadas em rede, suas formas de serem categorizadas e organizadas no ciberespaço.

Em nossa segunda seção, que batizamos como **UMA FANFIC DE OUTRAS DISSERTAÇÕES TENDO OS EDUCIBERS COMO CÂNONES**, foi aprendido com os colegas de grupo de pesquisa, os *EduCibers*, novas formas de se pesquisar, ainda não tão conhecidas por mim. Com isso, idealizamos quais práticas metodológicas são apropriadas para quem pesquisa *fanfics* por um ponto de vista periférico e não tão privilegiado quanto em outras pesquisas envolvendo este objeto. Aqui percebemos que a bricolagem das metodologias ciberpesquisa-formação (Josso, 2004; Santos, 2019; Macedo, 2021) com as pesquisas nos/dos/com os cotidianos (Andrade; Caldas; Alves, 2019) se tornou mais adequada ao nosso caso, já que, enquanto nossa pesquisa se faz numa perspectiva *ciber*, me formo como professora, enquanto formo aos outros ‘*praticantespensantes*’ desta pesquisa, ao mesmo

tempo em que também pesquiso e me formo ao conhecer os cotidianos destes ‘*praticantespensantes*’, junto de suas práticas e seus modos de pensar. Também introduzimos o nosso campo de pesquisa aos leitores desse texto, assim como os nossos ‘*praticantespensantes*’, o dispositivo acionado por eles e suas potencialidades.

Ao longo da terceira seção, intitulada CONHECENDO O PERFIL DOS LEITORES E ESCRITORES DAS *FANFICS*, conversamos com Santaella (2004, 2022) para aprendermos sobre como os novos modos de leitura se dão na nossa prática cotidiana com a popularização da Cibercultura. Traçamos uma linha do tempo para compreendermos sobre a evolução das práticas de leitura conforme o passar do tempo nas sociedades urbanas. Também procuramos entender sobre os novos significados de autoria, que se reformularam nos últimos anos como fenômeno da Cibercultura.

Trago, também, minhas vivências pessoais a respeito da prática de leitura e autoria, vivências essas que sempre dialogam com a minha forma de pesquisar, que representa quem eu sou: uma professora formada na educação pública e na/da periferia, que, em sua formação, foi beneficiada por diversas políticas públicas voltadas à permanência estudantil, desde o Bolsa Escola, no ensino primário, à política de cotas estudantis na Pós-Graduação. Cheia de sonhos, alguns já realizados através do meu acesso à Educação, mas com a consciência de que, ainda assim, é um privilégio vivido por poucos *dos meus*<sup>95</sup>.

Tendo em mente que boa parte dos ‘*autoresfãs*’, são pessoas que estão em idade escolar, vimos a oportunidade de entender melhor essas práticas cotidianas que envolvem as *fanfics* através do olhar dos estudantes de uma escola pública situada na Baixada Fluminense, junto da Professora Fatinha, que lecionou a disciplina Língua Portuguesa e Literatura, sendo estes os que se constituem como os ‘*praticantespensantes*’ de nossa pesquisa, em uma turma de Curso Normal (antiga Formação de Professores), para responder como as *fanfics* podem criar redes de autorias docentes/discentes entre os estudantes. Para isso, desenvolvemos algumas noções subsunçoras.

Na primeira noção subsunçora, conversamos sobre um certo envergonhamento que surgiu durante a proposta de pesquisa com os estudantes e discorremos sobre os fundamentos desse sentimento de vergonha, que está relacionada ao fato de que muitas *fanfics* em rede retratam expressões da sexualidade, na maioria das vezes, feminina, que são percebidas pela

---

<sup>95</sup> Expressão que simboliza pessoas parecidas ou de um mesmo grupo social.

sociedade em geral como inadequadas, especialmente se compararmos às expressões masculinas.

Durante a segunda noção subsunçora, vivenciamos as dificuldades de um ensino remoto emergencial que não foi suficiente para atender a maior parte dos estudantes, por conta da chegada de uma pandemia que impediu a aproximação física da população em geral durante quase dois anos. Além da falta de formação docente para lidar com uma Educação *online*, presenciemos políticas públicas que restringem o uso das tecnologias digitais no espaço físico escolar, mesmo após os momentos de ensino remoto, com certa hipocrisia, como se nada houvesse acontecido anteriormente. Apesar de precisar lidar com as proibições no espaço escolar, vimos o esforço da Professora Fatinha em se aliar a esses aparatos durante as suas aulas.

Já na terceira noção subsunçora, fizemos algumas reflexões sobre práticas de cópia nas atividades corriqueiras da disciplina e como podemos inspirar em outras autorias, no lugar de simplesmente copiar textos já prontos. Desenvolvemos, junto a Professora Fatinha e a Turma CN 1001, uma atividade com as *fanfics* e contamos com eles, professores em formação, para nos auxiliarem a pensar maneiras ideais de se formular uma atividade como esta. A turma produziu escritos deste gênero literário, que foram analisados por nós em nossa quarta noção subsunçora.

Ao final da estadia no campo, os nossos achados nos levaram a entendermos que, para que a escrita de uma *fanfic* cumpra o seu sentido, é necessário ser fã do *canon* usado como inspiração para a escrita. É preciso um envolvimento afetivo de quem escreve pelo objeto que o inspira a escrever. Portanto, os estudantes da CN 1001 nos ensinaram que uma atividade protagonizada pela escrita de *fanfic* precisa ter cânones à escolha de quem escreve, sem que haja uma limitação de temáticas, como fizemos durante a nossa atividade.

Também foi exposta a necessidade de que a atividade seja realizada na escola, com presença marcada dos artefatos digitais e conexões necessários à realização dos escritos em rede, seja em sala de aula com o uso de *smartphones*, *tablets* ou afins, ou ocupando o Laboratório de Informática da escola, se for possível que este espaço seja ocupado pelos estudantes e possua equipamentos atualizados para o acesso ao ciberespaço contemporâneo que está em constante mudança, o que, infelizmente não foi o nosso caso, já que o Laboratório

de Informática do CEAN estava inacessível para nós, por possuir artefatos defasados e ainda não haver novos artefatos disponíveis para o nosso uso naquele momento da pesquisa.

Ao levarmos em conta tudo o que foi vivido e aprendido em nossa pesquisa, notamos que a preocupação de entender melhor os cotidianos das juventudes da contemporaneidade auxiliou para uma maior aproximação com os ‘*praticantespensantes*’, que demonstraram maior interesse pela atividade e se sentiram mais livres para expressar suas opiniões a respeito das práticas educativas e das vivências juvenis em rede.

Com o objetivo geral de compreender o gênero literário *fanfic* como prática de autoria entre os fãs no contexto da Cibercultura, descobrimos como se dão as redes de autoria dos fãs no atual momento, com as possibilidades de acesso através dos dispositivos móveis, que reorganizam estruturas antes conhecidas. Percebemos o quanto os fãs se inspiram através de seus ídolos e obras admiradas, mas também como se inspiram em si mesmos para suas criações. No reino dos fãs, o *fandom*, há espaço para todos os presentes serem protagonistas.

Considerando isso, vemos que o significado de autoria se modifica constantemente nos ciberespaços frequentados pelos fãs: em um momento inicial, se é leitor, depois, autor e, em continuação ao movimento, outro leitor pode se inspirar em sua autoria e constituir sua própria autoria. Compreendemos este gênero literário tão fluído quanto o lugar em que ele se faz presente: o ciberespaço.

Nossa pesquisa nos revela como as juventudes escrevem, mas em espaços desconhecidos por muitos educadores e escolas, que ainda seguem um modelo hegemônico de leitura e escrita, como se fosse um modelo imutável. Se fôssemos definir um gênero literário que menos combina com esse modelo, este gênero é a *fanfic*. O que as instituições educativas desconhecem, geralmente é tratado como inexistente por elas, ainda que existam diferentes cotidianos fora da escola.

Por isso, essa pesquisa vem revelar a necessidade de nós, educadores, ouvirmos aos jovens com quem convivemos na escola: seus desejos, anseios, inspirações, práticas culturais, entre outras características primordiais à compreensão do outro. É nessa compreensão que encontramos meios de criarmos uma *educação outra*, com base em um *rigor outro* (Macedo, 2021), que seja interessante, também, para as novas gerações que ocupam os espaços escolares na atualidade. É necessário se desprender da negação de novas práticas culturais,

tidas como inferiores, mas que nos possibilitam conhecimentos tão proveitosos quanto os que são impostos nos livros didáticos. Só é possível descobrirmos essas novas práticas culturais ao dialogarmos com seus praticantes, que são, no contexto desta pesquisa, os jovens.

Da mesma forma que muitos dos '*praticantespensantes*' desta pesquisa encontraram dificuldades em dar um fim às narrativas de suas *fanfics*, eu também não consigo dar um fim a este texto. Se trata de uma pesquisa que vivi durante muito tempo, antes mesmo antes de ingressar ao mestrado, com minhas pesquisas com o GEEDAI, orientado por Professora Doutora Carmen Pimentel, onde ganhei de brinde amizades que permaneceram em minha vida para além da graduação. Aqui, nesta pesquisa, finalmente tive a realização de trazer meu objeto de investigação para a escola e ter o tão sonhado diálogo que gostaria de ter com os estudantes, agora amparada pela Professora Doutora Rosemary dos Santos. Pude encontrar com os estudos em Educação e Cibercultura que eu pensava serem possíveis apenas em distantes localidades, mas não sabia que estariam tão próximos de mim, aqui na Baixada Fluminense, através do PPGECC. Se trata de um sonho realizado, do qual não quero acordar. Apesar disso, este é um momento de despedida, ainda que temporária, já que, como vimos nesta pesquisa, as *fanfics* são narrativas infundáveis, que se conectam umas às outras, assim como se conectam a outros elementos culturais.

Ao recém iniciar as aulas do curso de mestrado e me apresentar no campo de pesquisa, uma enchente invadiu a minha casa e me causou prejuízos materiais, conforme narrado anteriormente, situação que se repetiu no exato momento em que eu estava concluindo esse texto. Precisei desligar o computador para socorrer alguns pertences e retornei alguns dias depois, já com o ambiente mais organizado e razoavelmente limpo. Coincidência ou não, interpreto este momento como o início e fim de um ciclo que foi enfrentado com muitas dificuldades, mas também com tantas alegrias e conquistas. E, assim, me despeço desse texto, com a consciência de que ele não se esgota aqui, mas dá início a muitas outras possibilidades que estão a surgir. Quem sabe, a partir dessa escrita, se inicia uma nova escrita, mais uma vez?



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wallace Carriço de; SANTOS, Rosemary dos; SANTOS, Edméa Oliveira dos. A Discursividades dos Memes – Memetizando-se Nas Redes Educativas. **Revista Periferia**, v. 11, n. 2, p.57-89, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/39246>. Acesso em: 12 set. 2022.
- AMARAL, Mirian Maia; VELOSO, Maristela Midlej Silva de Araujo; ROSSINI, Tatiana Stofella Sodré. A autoria coletiva no contexto da educa o em tempos de cibercultura. In: SANTOS, Edméa O.; PIMENTEL, Mariano; SAMPAIO, Fábio F. (Org.). **Informática na Educa o: autoria, linguagens, multiletramentos e inclusão**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computa o, 2019. (Série Informática na Educa o CEIE-SBC, v.2) Disponível em: <https://ieducacao.ceie-br.org/autoriacoletiva>. Acesso em 16 set. 2022.
- AMOEDO, Silvia Helena Facó. Licença poética na lógica da interpreta o: "psicanarte". **Stylus**, Rio de Janeiro, n. 24, p.49-56, jun. 2012. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2012000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2012000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 31 jan. 2024.
- ANALU. De Vilão Para Herói. **Wattpad**, 2022. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/322442950-de-vil%C3%A3o-para-her%C3%B3i>. Acesso em: 17 jan. 2024.
- ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; S SSEKIND, Maria Luiza (Org.) **Estudos do cotidiano, currículo e forma o docente: Questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: 2019.
- ARAGÃO, Sabrina Moura. Scanlation e o poder do leitor-autor na tradu o de mangás. **TradTerm**, v. 27, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/121372>. Acesso em 3 jan. 2024.
- ASANO, Inio. **Solanin, 1**. Tradu o: Adriana Kazue Sada. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- BARBIER, Rene. **A pesquisa-a o**. Brasília: Plano, 2002.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves; Hess, Remi. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo**. Brasília: Liberlivro, 2010.
- BENTO, Marco. Em busca das aprendizagens perdidas. **Público**, 17 abr. 2021. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/04/05/impar/opiniao/busca-aprendizagens-perdidas-1957177?fbclid=IwAR32gXmN6jLHCyPpkYIUg83cbAf-E0HIiXHI2jz26SjC9eN1-GE9cLXrT1Q>. Acesso em: 29 ago 2023.
- BERINO, Aristóteles. Iconografia escolar: algumas imagens para conversas sobre as juventudes. In: Gawryszewski, Alberto (org.). **Olhares sobre narrativas visuais**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p.97-106.
- BERINO, Aristóteles. Juventudes, estetiza o da escola e artealiza o do cotidiano: olhar e imagens na pesquisa em educa o. **Visualidades**, Goiânia, v. 14, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/43064>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BERINO, Aristóteles. Linha de passe: juventudes e os jogos da vida. **RETTA** - Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas, Seropédica, vol. 1, nº 2, p.151-163, jul./dez., 2010. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/Retta/N02-2010.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BERINO, Aristóteles; VIANA, Yasmin do Nascimento. Matisse agora é uma menina e mora em Nova Iguaçu: Imagens que pensam o cotidiano escolar. **REMEA** - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Rio Grande, v. 37, n.2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11358/7497>. Acesso em 27 de set. de 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: Chartier, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. Introdução de Alcir Pécora. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CAMPINAS E REGIÃO, G1: Livro de Carolina Maria de Jesus é resgatado em vestibulares da UFRGS e Unicamp 40 anos após morte de escritora. Campinas, **G1**, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/livro-de-carolina-maria-de-jesus-e-resgatado-em-vestibulares-da-ufrgs-e-unicamp-40-anos-apos-morte-de-escritora.ghtml>. Acesso em 08 mai. 2023.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CARVALHO, Felipe; PIMENTEL, Mariano. Atividades autorais online: aprendendo com criatividade. **SBC Horizontes**, nov. 2020. ISSN 2175-9235. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/11/atividadesautorais>. Acesso em: 15 fev. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CINTAS, Jorge Díaz; SÁNCHEZ, Pablo Muñoz. Fansubs: Tradução Audiovisual em um Ambiente Amador. Tradução: Willian Henrique Cândido Moura. **Cadernos de Tradução**, v.42 n.1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/80264>. Acesso em: 3 jan. 2024.

CORADINI, Fábio dos Santos. Cibercultura queer: a autoria LGBTQI+ no digital em rede. **Anais V Desfazendo Gênero**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79353>. Acesso em: 3 mar. 2023.

DIANA, Daniela. Tragédia Grega. **Toda Matéria**, [S.I]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/tragedia-grega/>. Acesso em 16 mar. 2023.

Escola sem Partido: entenda a polêmica. **Politize**, [S.I], 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/escola-sem-partido-entenda-a-polemica/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

ESTADÃO, Redação: J.K. Rowling: Autora acusada de transfobia afirma que ‘muitos fãs’ apoiam seus comentários. **Estadão**, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/gente/jk-rowling-autora-acusada-de-transfobia-afirma-que-muitos-fas-apoiam-seus-comentarios/>. Acesso em 08 mai. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FANDUB. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Fandub&oldid=65281238>. Acesso em: 25 abr. 2023.

FANSUB. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Fansub&oldid=64779673>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FELIPE, Jane. Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. ALBUQUERQUE, Simone; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana V. (Org.). **Para pensar a docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evangraf, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/189727>. Acesso em: 16 nov. de 2022.

FÉLIX, Tamires Catarina. O dialogismo no universo fanfiction: uma análise da criação de fã a partir do dialogismo bakhtiniano. **Ao pé da letra**: revista dos alunos da graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, v. 10, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/article/view/231642>. Acesso em 19 out. 2022.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículo e conhecimentos em redes: as artes de dizer e escrever sobre a arte de fazer. In: GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda (orgs.). **O Sentido da Escola**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Mauricio Piatti. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 123, dez. 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/11193>. Acesso em: 17 fev. 2024.

GARCIA, Regina Leite. Do baú da memória: histórias de professora. In: GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda (orgs.). **O Sentido da Escola**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. In: GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda (orgs.). **O Sentido da Escola**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

HAN, Jenny. **Para todos os garotos que já amei**: (Trilogia Para todos os garotos que já amei vol. 1). Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

HENZ, C.; SIGNOR, P.; SOARES, I. Andarilhando: movimentos que se entrelaçam em Marie-Christine Josso e Paulo Freire. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 27, n. 3, p.750-775, 16 mar. 2021.

JESUS, Rosana Sales. **Conversas docentes no WhatsApp**: uma pesquisa multirreferencial com os cotidianos. 2019. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. **Estudar** = Estudar. Tradução: Tomaz Tadeu, Sandra Corazza. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOVE, Pam. Gêneros de Fanfics e seus significados. **Amino**, 2018. Disponível em: [https://aminoapps.com/c/fanficworld0/page/blog/generos-de-fanfics-e-seus-significados/GzRa\\_25cnuzw55EYPpBZb601D0W54wMD26](https://aminoapps.com/c/fanficworld0/page/blog/generos-de-fanfics-e-seus-significados/GzRa_25cnuzw55EYPpBZb601D0W54wMD26). Acesso em: 10 mai. 2023.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisa-Formação/Formação-Pesquisa**: criação de saberes e heurística formacional. Campinas: Pontes Editores, 2021.

MADONNA. **Human Nature**. Nova Iorque: Maverick, 1994. 1 CD (4:51).

MAGNONÍ, Antônio Francisco; MIRANDA, Giovani Vieira. Novas formas de comunicação no século XXI: o fenômeno da cultura participativa. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 12, n. 23, jan-jun 2013. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/2226/1511>. Acesso em: 7 set. 2022.

MAPA MENTAL. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mapa\\_mental&oldid=65294927](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mapa_mental&oldid=65294927). Acesso em: 22 nov. 2023.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Vozes, 2015.

MIQUEL-VERGÉS, Joan. La universidad como instituciónfrontera en el ámbito de la traducción multimedia. **Opción**, v. 31, n. 3, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31045567044>. Acesso: em 3 jan. 2024.

MPV PABLO VITTAR. Pablllo Vittar falando dos vittarlovers. **TikTok**, 15 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@mpvpabllovittar/video/7177206191217577221>. Acesso em: 14 mar. de 2023.

NEVES, André de Jesus. A literatura marginal na internet: o fenômeno fanfiction como instrumento de disseminação e divulgação das/nas margens. **A invasão da cultura nos estudos de língua e literatura**, Alagoinhas, v. 1, n. 1, p.158-172, jan./jun. 2011. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1436#:~:text=O%20presente%20texto%20constitui%2Dse,pensamento%20sobre%20a%20literatura%3B%20analisar%3C%20A1%2C>. Acesso em: 12 mai. 2022.

NOGUEIRA, Sérgio. Você sabe de onde vêm o elefante branco e o bode expiatório? **Dicas de Português** - G1, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/voce-sabe-de-onde-vem-o-elefante-branco-e-o-bode-expiatorio.html>. Acesso em: 28 nov. 2023.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Contribuições de Boaventura de Souza Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos *pensadospraticados*. **E-curriculum**, São Paulo, v. 8, n.2. Agosto, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/766/76623546004.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2023.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Pesquisando com os cotidianos**: uma trajetória em processo. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2023.

OLIVEIRA, Luíza Simões de. **Um questionamento ao caráter interpretativo da fanfiction**. 2022.152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2015.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta** e A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke. Tradução de Paulo Rónai, Cecília Meireles. São Paulo: Globo, 2013.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Diversidade cultural e de linguagens na escola. In: Rojo, Roxane; Moura, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROSA, Larissa; SCHLÖSSER, Adriano. A percepção de leitores de *fanfictions* românticas acerca do amor e sexualidade. **Revista Panorâmica online**, [S. l.], v. 35, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1491>. Acesso em: 22 nov. 2023.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: Primo, Alex (org.): **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. Os algoritmos sonham por nós. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.19, n. 2, jul./dez. 2022.

SANTOS, Edméa. Aprender em rede: notas multirreferenciais na cibercultura. In: Torres, Patrícia Lupion (org.): **Complexidade**: redes e conexões na produção do conhecimento. Curitiba: SENAR - PR, 2014.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. E-book Kindle.

SANTOS, Edméa. Pesquisando com a mobilidade ubíqua em redes sociais da internet: um case com o Twitter. **Revista Com Ciência**, 2012. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=74&id=932>. Acesso em: 13 mai. 2022.

SANTOS, Rosemary dos. **A tessitura do conhecimento via mídias digitais e redes sociais: itinerâncias de uma pesquisa-formação multirreferencial**. Rio de Janeiro, 2011. 232f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SANTOS, Rosemary dos. **Formação de Formadores e Educação Superior na cibercultura: itinerâncias de Grupos de Pesquisa no Facebook**. 2015. 183 f. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Rosemary dos; CARVALHO, Felipe; Madallena, Tania Lucía. Conversas ubíquas no WhatsApp: ambiências formativas multirreferenciais In: PORTO, C.; OLIVEIRA, K. E.; CHAGAS, A. (Orgs.). **WhatsApp e educação: entre mensagens, imagens e sons**. Bahia: Edufba, 2017.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; BRITO, Leandro Teófilo de. Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões. **Áskesis - Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 7, n. 1, 2018). Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/308>. Acesso em: 16 nov. 2022.

SILVA, Marco. Interatividade na educação híbrida. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa; SAMPAIO, Fábio F. (orgs.). **Informática na educação: interatividade, metodologias e redes**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. (Série Informática na Educação, v.3). Disponível em: <https://ieducacao.ceie-br.org/interatividade>. Acesso em: 05 mai. 2023.

SNAKEOFLAW. Into The Time (Long-fic Jeon Jungkook). **Spirit Fanfics e Histórias**, 2019. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/into-the-time-long-fic-jeon-jungkook-14038197>. Acesso em: 12 mai. 2023.

SOUSA, Luciano de Melo; COSTA, Marcos Rangel de Sousa. Juventude e juventudes: percebendo além do senso comum. **Humanismo Caboclo**, Teresina, 2019. Disponível em: <https://www.humanismocaboclo.com/post/juventude-e-juventudes-percebendo-al%C3%A9m-do-senso-comum#:~:text=A%20palavra%20juventude%2C%20usualmente%2C%20remete,numa%20determinada%20idade%20da%20vida>. Acesso em: 15 jan. 2024.

TMJMYLOVE. Sem Você. **Spirit Fanfics e Histórias**, 2020. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/sem-voce--turma-da-monica-jovem-9713377>. Acesso em: 12 mai. 2022.

TT\_LOVERR. O Mistério da Garota Russa. **Wattpad**, 2022. Disponível em: <https://www.wattpad.com/1278775547-o-mist%C3%A9rio-da-garota-russa-cap%C3%ADtulo-1>. Acesso em: 16 jan. 2024.

UNESCO. **Tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem?**, 2023. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por). Acesso em: 15 ago. 2023.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

VELLOSO, Luciana; SANTOS, Rosemary dos; JUNIOR, Dilton Ribeiro Couto. “Quantas vidas você vai salvar agora?” Sobre a importância das ciências humanas e sociais em tempos de COVID-19. **Revista Humanidades e Inovação**, v.9, n.05, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4277>. Acesso em: 28 jun. 2022.

VIANA, Yasmin do Nascimento. **Fanfiction e letramento digital: a importância da mídia e da tecnologia na educação**. Nova Iguaçu, 2019. 48p. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar. Disponível em: <https://cursos.ufrj.br/grad/pedagogiani/files/2020/06/Monografia-Yasmin-Viana.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

VIANA, Yasmin do Nascimento. O ato de ler e escrever *fanfictions* como uma prática educativa libertadora. In: BERINO, Aristóteles; RODRIGUES, Janaína; CABRAL, Talita (orgs.). **Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo**. Petrópolis: DP et Alii, 2022.

VIANA, Yasmin do Nascimento; SANTOS, Rosemary dos. As fanfics e suas práticas de autorias entre fãs na cibercultura. **EmRede - Revista de Educação a Distância**, [S. l.], v. 10, 2023. DOI: 10.53628/emrede.v10i.972. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/972>. Acesso em: 21 mar. 2024.

WATTPAD. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Wattpad&oldid=65367119>. Acesso em: 10 mai. 2023.

WEBER, Aline; SANTOS, Rosemary dos; SANTOS, Edméa. Caiu na rede é peixe: o currículo no contexto das redes sociais. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, n. 8, p.56-75, jul./dez. 2012. Disponível em: [https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento\\_diversidade/article/view/972](https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/972). Acesso em: 26 jan. 2023.

**ANEXO A – Carta de Anuência**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,

CULTURA E COMUNICAÇÃO EM PERIFERIAS URBANAS – PPGECC

**CARTA DE ANUÊNCIA**

Declaro para os devidos fins que o Colégio Estadual Arruda Negreiros sabe do interesse na realização da pesquisa intitulada “A relação da cultura de fã e da cibercultura com as práticas literárias através da *fanfiction* entre estudantes de periferia”, sob responsabilidade da pesquisadora principal Yasmin do Nascimento Viana, sob orientação de Rosemary dos Santos, do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação – Centro de Educação e Humanidades da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF-UERJ) e não se opõe à realização desta.

Declaro estar ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa acima citada e concedo a anuência para seu desenvolvimento nesta instituição.

<hr/> <p>Nome da responsável pela instituição e função atribuída</p>	<hr/> <p>Assinatura e carimbo da responsável pela instituição</p>	<p>Data:</p> <p>___/___/___</p>
--	---	---------------------------------



**ANEXO B** – Declaração de isenção de custos

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,

CULTURA E COMUNICAÇÃO EM PERIFERIAS URBANAS – PPGECC

**DECLARAÇÃO DE ISENÇÃO DE CUSTOS****Instituição/Departamento:** Centro de Educação e Humanidades da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense**Local da coleta de dados:** Colégio Estadual Arruda Negreiros

Eu, Yasmin do Nascimento Viana, declaro para os devidos fins que a pesquisa intitulada “A relação da cultura de fã e da cibercultura com as práticas literárias através da *fanfiction* entre estudantes de periferia”, está sob minha responsabilidade e não irá gerar custo de qualquer natureza para a instituição envolvida, nem tampouco a qualquer participante.

<hr/> Nome da pesquisadora responsável	<hr/> Assinatura da pesquisadora	Data: <hr/> / /
--	----------------------------------	--------------------

**ANEXO C** – Termo de assentimento livre e esclarecido

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,

CULTURA E COMUNICAÇÃO EM PERIFERIAS URBANAS – PPGECC

### **TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “A relação da cultura de fã e da cibercultura com as práticas literárias através da *fanfiction* entre estudantes de periferia”<sup>96</sup>. Queremos saber como a *fanfic* pode ser usada em uma atividade da disciplina Língua Portuguesa e Literatura no 1º ano do Ensino Médio – Curso Normal; como é possível aproximar os interesses dos estudantes ao conteúdo que é estudado em aula; como a valorização da cultura apreendida através das mídias, por parte da escola, pode tornar o ato de aprender-ensinar mais interessante. Também temos como objetivo conhecer a dinâmica das aulas de Língua Portuguesa e Literatura, assim como seus estudantes, professora e equipe pedagógica, mediante participação da pesquisadora nas aulas da disciplina e em outras atividades pedagógicas.

A pesquisa será feita no Colégio Estadual Arruda Negreiros. Durante a pesquisa, você irá produzir um texto no estilo *fanfic* de forma manuscrita, passando por revisão da professora responsável pela disciplina, depois irá publicar o texto no site *Wattpad*, assim como irá ler os textos dos colegas participantes e redigir comentários sobre os textos deles no *Wattpad*. Também participará de conversas sobre o uso das *fanfics* na Educação e sobre a sua experiência com o assunto. Os textos e comentários produzidos serão utilizados na pesquisa. Para isso, será usado caneta, lápis, papel e um aparelho conectado à Internet (*smartphone*, *tablet*, *notebook* ou computador). O procedimento é considerado seguro, mas é possível que você se sinta emocionalmente desconfortável em divulgar os seus escritos e experiências em uma ou mais atividades. Caso aconteça algo errado, você pode procurar a pesquisadora Yasmin do Nascimento Viana pelo telefone (21) 97933-3812. Mas há coisas boas que podem acontecer, pois essa pesquisa pode contribuir para a valorização dos textos que você escreve, pode contribuir para que as *fanfics* possam ser mais conhecidas entre outros educadores, assim como pode ajudá-los a conhecer melhor sobre o uso de atividades como esta, que

---

<sup>96</sup> Título inicial da pesquisa, usado na época do preenchimento das autorizações pelos estudantes.

envolvam a cibercultura e outras culturas, o que pode ajudar a fazer com que o ato de aprender seja mais divertido e lúdico.

Você não precisa participar desta pesquisa se não quiser. Ninguém ficará irritado(a) ou chateado(a) com você se você disser “não”: a escolha é sua. Você pode pensar nisto e falar depois, se você quiser. Você pode dizer “sim” agora e mudar de ideia depois e tudo continuará bem. É importante que você converse com seus responsáveis sobre a sua decisão. Saiba o que eles acham, fale a eles o que pretende fazer, se quer ou não participar. Você tem o tempo que precisar para isso. Também pode discutir com a pesquisadora, quando quiser. Ela responderá todas as suas dúvidas, em qualquer momento.

Você não receberá nenhum dinheiro nem terá que pagar nada para participar da pesquisa. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as pessoas que participaram da pesquisa.

### ASSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, li este termo e aceito participar da pesquisa.

- Sim, autorizo a divulgação da minha imagem, voz e/ou escritos.
- Não, autorizo a divulgação da minha imagem, voz e/ou escritos.

_____ Assinatura do(a) participante	Data: ___/___/___
--	-------------------

Eu, Yasmin do Nascimento Viana, obtive de forma apropriada e voluntária o Assentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa.

_____ Assinatura da pesquisadora	Data: ___/___/___
-------------------------------------	-------------------

**ANEXO D** – Termo de confidencialidade

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,

CULTURA E COMUNICAÇÃO EM PERIFERIAS URBANAS – PPGECC

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

**Título da Pesquisa:** A relação da cultura de fã e da cibercultura com as práticas literárias através da *fanfiction* entre estudantes de periferia

**Pesquisadora responsável:** Yasmin do Nascimento Viana

**Instituição/Departamento:** Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação – Centro de Educação e Humanidades da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF-UERJ)

**Telefone:** (21) 97933-3812

**Local da coleta de dados:** Colégio Estadual Arruda Negreiros

A pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa acima referido se compromete a preservar a privacidade dos participantes, cujos dados serão coletados por meio de gravações de áudio, fotografias e escritos no Colégio Estadual Arruda Negreiros. A pesquisadora declara que as informações provenientes da pesquisa serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas sob a posse e guarda da pesquisadora responsável pelo projeto por um período mínimo de 5 anos. Após este período, os dados serão destruídos.

<hr/> Nome da pesquisadora responsável	<hr/> Assinatura da pesquisadora	Data: ____/____/____
--	----------------------------------	-------------------------

**ANEXO E** – Termo de Consentimento de Livre Esclarecido (Para Maiores de Idade)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,

CULTURA E COMUNICAÇÃO EM PERIFERIAS URBANAS – PPGECC

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MAIORES DE IDADE**

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa denominada A relação da cultura de fã e da cibercultura com as práticas literárias através da *fanfiction* entre estudantes de periferia, realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação – Centro de Educação e Humanidades da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF-UERJ) e que diz respeito a uma dissertação de mestrado.

1. OBJETIVO: O objetivo do estudo é saber como a *fanfic* pode ser usada em uma atividade da disciplina Língua Portuguesa e Literatura no 1º ano do Ensino Médio – Curso Normal; como é possível aproximar os interesses dos estudantes ao conteúdo que é estudado em aula; como a valorização da cultura apreendida através das mídias, por parte da escola, pode tornar o ato de *aprenderensinar* mais interessante. Também temos como objetivo conhecer a dinâmica das aulas de Língua Portuguesa e Literatura, assim como seus estudantes, professora e equipe pedagógica, mediante participação da pesquisadora nas aulas da disciplina e em outras atividades pedagógicas.

2. PROCEDIMENTOS: a sua participação consistirá em: produzir um texto no estilo *fanfic* de forma manuscrita; publicar o texto no site *Wattpad*, assim como a leitura dos textos dos colegas participantes e realizar comentários sobre os textos deles no *Wattpad*. Também participará de conversas sobre o uso das *fanfics* na Educação e sobre a sua experiência com o assunto. Os textos e comentários produzidos serão utilizados na pesquisa.

3. POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS: Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, isto é, o participante pode apresentar desconforto emocional em divulgar os seus escritos e experiências. Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de não divulgar seu verdadeiro

nome ou qualquer outra informação que o identifique. Por outro lado, são esperados os seguintes benefícios da participação na pesquisa: contribuir para a valorização dos textos que você escreve; contribuir para que as *fanfics* possam ser mais conhecidas entre outros educadores, assim como pode ajudá-los a conhecer melhor sobre o uso de atividades como esta, que envolvam a cibercultura e outras culturas, o que pode ajudar a fazer com que o ato de aprender seja mais divertido e lúdico.

4. GARANTIA DE SIGILO: os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a sua privacidade será respeitada e o seu nome ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o (a) identificar, será mantida em sigilo. A pesquisadora responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

5. LIBERDADE DE RECUSA: a sua participação neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa, você não sofrerá qualquer prejuízo.

6. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO: a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido a sua participação no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

7. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES: você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com a pesquisadora. Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pela pesquisadora. A pesquisadora garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso à pesquisadora Yasmin do Nascimento Viana pelo telefone (21) 97933-3812.

## CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, li e concordo em participar da pesquisa.

_____ Assinatura do(a) participante	Data: ___/___/_____
--	---------------------

Eu, Yasmin do Nascimento Viana, obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do(a) participante da pesquisa.

_____ Assinatura da pesquisadora	Data: ___/___/_____
-------------------------------------	---------------------

**ANEXO F** – Termo de Consentimento de Livre Esclarecido (Para Menores de Idade)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,

CULTURA E COMUNICAÇÃO EM PERIFERIAS URBANAS – PPGECC

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEL  
LEGAL**

Prezado(a) responsável/representante legal:

Gostaríamos de solicitar o seu consentimento para o(a) menor \_\_\_\_\_ participar como voluntário(a) da pesquisa denominada “A relação da cultura de fã e da cibercultura com as práticas literárias através da *fanfiction* entre estudantes de periferia”, realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação – Centro de Educação e Humanidades da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF-UERJ) e que diz respeito a uma dissertação de mestrado. A pesquisa será realizada no Colégio Estadual Arruda Negreiros e as atividades consistirão em produzir um texto no estilo *fanfic* de forma manuscrita; publicar o texto no site *Wattpad*, assim como a leitura dos textos dos colegas participantes e realização de comentários sobre os textos deles no *Wattpad*. Também ocorrerão conversas sobre o uso das *fanfics* na Educação e sobre a experiência dos estudantes sobre o assunto. Os textos e comentários produzidos serão utilizados na pesquisa.

**1. OBJETIVO:** O objetivo do estudo é saber como a *fanfic* pode ser usada em uma atividade da disciplina Língua Portuguesa e Literatura no 1º ano do Ensino Médio – Curso Normal; como é possível aproximar os interesses dos estudantes ao conteúdo que é estudado em aula; como a valorização da cultura apreendida através das mídias, por parte da escola, pode tornar o ato de *aprenderensinar* mais interessante. Também temos como objetivo conhecer a dinâmica das aulas de Língua Portuguesa e Literatura, assim como seus estudantes, professora e equipe pedagógica, mediante participação da pesquisadora nas aulas da disciplina e em outras atividades pedagógicas.

**2. PROCEDIMENTOS:** a forma de participação do(a) menor consistirá em: produzir um texto no estilo *fanfic* de forma manuscrita; publicar o texto no site *Wattpad*, assim como a



leitura dos textos dos colegas participantes e realização de comentários sobre os textos deles no *Wattpad*. Também ocorrerão conversas sobre o uso das *fanfics* na Educação e sobre a experiência dos estudantes sobre o assunto. Os textos e comentários produzidos serão utilizados na pesquisa.

**3. POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS:** Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, isto é, o participante pode apresentar desconforto emocional em divulgar os seus escritos e experiências. Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de não divulgar seu nome ou qualquer outra informação que o identifique. Por outro lado, são esperados os seguintes benefícios da participação na pesquisa: contribuir para a valorização dos textos que você escreve; contribuir para que as *fanfics* possam ser mais conhecidas entre outros educadores, assim como pode ajudá-los a conhecer melhor sobre o uso de atividades como esta, que envolvam cibercultura e outras culturas, o que pode ajudar a fazer com que o ato de aprender seja mais divertido e lúdico.

**4. GARANTIA DE SIGILO:** os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a privacidade do(a) menor será respeitada e o nome dele(a) ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o(a) identificar, será mantida em sigilo. A pesquisadora responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

**5. LIBERDADE DE RECUSA:** a participação do(a) menor neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a permitir que ele(a) participe do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar que o(a) menor saia da pesquisa, ele(a) não sofrerá qualquer prejuízo.

**6. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO:** a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido à participação do(a) menor no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

**7. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES:** você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com a pesquisadora. Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pela pesquisadora. A pesquisadora

garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso à pesquisadora Yasmin do Nascimento Viana pelo telefone (21) 97933-3812.

### CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_ li e concordo com a participação do(a) menor \_\_\_\_\_ na pesquisa.

Assinatura do(a) responsável /representante legal	Data: ___/___/___
---	-------------------

Eu, Yasmin do Nascimento Viana, obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do(a) responsável/representante legal pelo(a) menor participante da pesquisa.

Assinatura da pesquisadora	Data: ___/___/___
----------------------------	-------------------